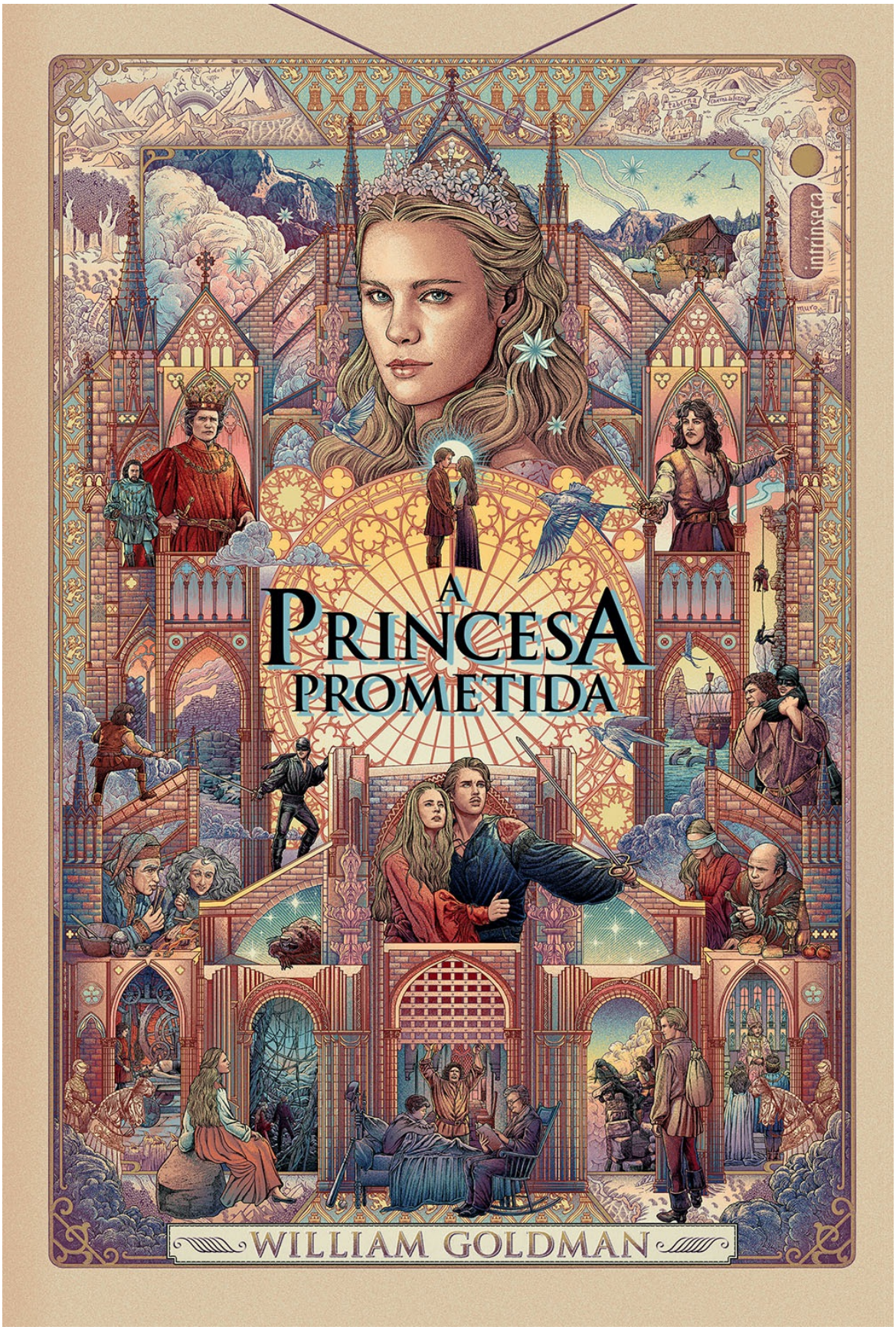

intrínseca
A
PRINCESA
PROMETIDA
WILLIAM GOLDMAN


intrínseca
A PRINCESA PROMETIDA
WILLIAM GOLDMAN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

A PRINCESA PROMETIDA

Um conto clássico de
amor verdadeiro e grandes
aventuras, de S. Morgenstern

Versão só com as "partes boas", editada por
William Goldman

tradução de alice mello

intrínseca

Copyright © 1973, 1988, 2003, by William Goldman
Copyright do mapa © 2007 by Harcourt, Inc.

TÍTULO ORIGINAL
The Princess Bride

PREPARAÇÃO
Débora Dutra Vieira

REVISÃO
Ulisses Teixeira
Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

ARTE DE CAPA
Antonio Rhoden | ô de casa

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Ise Ananphada

REVISÃO DE E-BOOK
Marina Góes

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0322-0

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

A PRINCESA PROMETIDA

O BEBÊ DE BUTTERCUP: UM ESCLARECIMENTO

O BEBÊ DE BUTTERCUP

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO COMEMORATIVA DE 25 ANOS

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO COMEMORATIVA DE 30 ANOS


CANAL de FLORIN
GUILDER
FLORIN
vilarejo
choupana
fazenda
trilha das carroças
carvalho
emboscada
duelo
corda
Rochedos da Perdição
piquenique
ravina
areia nevada
navio dos sequestradores
navio perseguidor
enseada
pântano de fogo
armada
irrupções de chamas
castelo
Zoológico da Morte
carrinho de mão
RTD
Vingança
Baía da Enguia Gigante
vilarejo de pesca
caverna de Fezzik
CANAL de GUILDER
Cidade de Florin
grande praça
Quarteirão dos Larápios
taberna Falkbridge
choupana de Max Milagreiro
N
S

A PRINCESA PROMETIDA



Este é meu livro preferido no mundo inteiro, embora eu nunca o tenha lido.

Como isso é possível? Farei tudo que estiver ao meu alcance para explicar. Quando criança, eu não tinha nenhum interesse em livros. Odiava ler, lia muito mal e não entendia como alguém poderia perder tempo lendo, com tantas outras atividades melhores para se praticar. Basquete, beisebol, bolinha de gude… eu nunca me cansava. E nem era muito bom em nada disso, mas, se tivesse à minha disposição uma bola de futebol e um pátio vazio, encenava vitórias que emocionariam qualquer um. A escola era uma tortura. A srta. Roginski, que foi minha professora do terceiro ao quinto ano, não parava de chamar minha mãe ao colégio. "Acredito que Billy não está explorando todo o seu potencial." Tinha também o discurso: "Billy se sai excepcionalmente bem nas provas, levando-se em consideração seu desempenho em sala de aula." E o mais frequente: "Sra. Goldman, não sei o que fazer com Billy."

O que fazer com Billy? Essa frase me assombrou por dez anos. Eu fingia não me importar, mas por dentro estava apavorado. Todos desistiam de mim. Eu não tinha nenhum amigo de verdade, nenhuma pessoa que se interessasse por esportes tanto quanto eu. Eu parecia ocupado, ocupado, ocupado, mas acho que na primeira oportunidade teria admitido que, apesar de toda a inquietação, me sentia completamente sozinho.

— O que faço com você, Billy?

— Não sei, srta. Roginski.

— Como pode ter se saído tão mal na prova de leitura? Já ouvi você pronunciar todas essas palavras.

— Sinto muito, srta. Roginski. Acho que não pensei direito.

— Você sempre pensa direito, Billy. Só não estava pensando na prova.

Não tive escolha senão concordar.

— O que foi dessa vez? — insistiu a professora.

— Não sei. Não lembro.

— Foi Stanley Hack de novo?

(Stan Hack era o terceira base do Cubs naquele ano, e o foi durante muitos outros anos. Certa vez, assisti a um jogo seu da arquibancada, e mesmo daquela distância vi que ele tinha o sorriso mais simpático do mundo, e até hoje posso jurar que sorriu para mim diversas vezes. Eu o endeusava. E ele também rebatia como ninguém.)

— Não, foi Bronko Nagurski. Jogador de futebol americano. Um ótimo jogador, e li no jornal ontem à noite que ele talvez volte a jogar pelo Bears. Ele se aposentou quando eu era pequeno, mas se voltasse a jogar e eu conseguisse ir a um dos jogos, eu poderia vê-lo em campo. E imagine só se por acaso o adulto que me levasse o conhecesse? Eu poderia ser apresentado a ele depois do jogo, e se ele estivesse com fome, eu daria a Bronko um sanduíche que teria na bolsa. Eu estava pensando de que tipo de sanduíche Bronko Nagurski deve gostar.

Ela afundou na cadeira.

— Você tem uma imaginação, Billy...

Não sei o que eu disse. Provavelmente "obrigado" ou algo do tipo.

— Mas não consigo explorá-la — prosseguiu ela. — Por que será?

— Acho que é porque preciso de óculos e não leio porque as letras ficam todas embaçadas. Isso explicaria por que estou sempre forçando a vista. Se eu fosse a um oftalmologista e ele me mandasse usar óculos, talvez eu virasse o melhor leitor da sala, e aí a senhora não teria que me segurar depois da aula tantas vezes.

Ela apenas apontou para trás.

— Comece apagando o quadro-negro, Billy.

— Sim, senhora.

Eu era o melhor apagador de quadros.

— Você vê as letras embaçadas? — perguntou a srta. Roginski, depois de um

tempo.

— Não, eu inventei isso.

Eu também nunca forçava a vista. Mas ela parecia muito preocupada comigo. O tempo todo. Já fazia três anos.

— Eu não consigo fazer você melhorar.

— Não é culpa sua, srta. Roginski.

(Não era mesmo. Eu a idolatrava. Ela era baixinha e gorda, e eu desejava que fosse minha mãe. Mas isso era impossível, a não ser que ela tivesse se casado com meu pai antes, eles tivessem se divorciado e depois meu pai tivesse se casado com minha mãe, o que seria perfeito, porque a srta. Roginski precisava trabalhar, então meu pai teria ficado com minha guarda — tudo encaixava certinho. Só que, ao que tudo indicava, eles nem se conheciam, meu pai e a srta. Roginski. Sempre que se encontravam (todo ano, na apresentação de Natal, a que todos os pais compareciam), eu não tirava os olhos dos dois, torcendo para notar um brilho secreto ou uma troca de olhares que só poderia significar "Ora, ora, como vai você, como anda sua vida desde o divórcio?", mas era em vão. Ela não era minha mãe, era apenas minha professora, e eu era seu pior e mais fracassado projeto profissional.)

— Você vai se sair bem, Billy.

— Espero que sim, srta. Roginski.

— Você é só um talento incompreendido. Winston Churchill, por exemplo, demorou anos para revelar seus talentos.

Eu estava prestes a perguntar em que time ele jogava, mas algo no tom da voz dela me disse que era melhor não fazer isso.

— Assim como Einstein.

Esse eu também não conhecia. Muito menos entendi o que ela quis dizer com aquilo de talento incompreendido. Mas, nossa, como eu queria que ela estivesse certa.

* * *

Aos vinte e seis anos, lancei meu primeiro romance, The Temple of Gold, *pela Alfred A. Knopf. (Que agora faz parte da Random House, que agora faz parte da RCA, que, por sua vez, faz parte de tudo que há de errado no mercado editorial dos Estados Unidos nos dias de hoje, que não faz parte desta história.) Enfim: antes da publicação, o pessoal do marketing da Knopf veio falar comigo, tentando descobrir o que poderiam fazer para justificar seus salários, e perguntaram para quem eu gostaria de enviar as provas finais, nomes de possíveis formadores de opinião, ao que respondi que não conhecia ninguém do tipo, e eles disseram: "Pense. Todo mundo conhece alguém." Fiquei todo animado porque tive uma ideia na hora, e falei: "Então tá, mande uma prova para a srta. Roginski." Achei a sugestão lógica e incrível porque, se tem alguém que formou minhas opiniões, esse alguém foi ela. (Ela aparece muito em* The Temple of Gold, *aliás, só que a chamei de srta. Patulski — já naquela época eu era criativo.)*

— Quem? — perguntou a moça do marketing.

— Uma antiga professora minha. Envie uma prova que eu vou assinar, talvez até escreva uma dedicatória…

Eu estava muito empolgado, até que um cara do marketing me interrompeu:

— Estávamos pensando em alguém com um nome conhecido nacionalmente.

De um jeito muito delicado, falei:

— Mande uma prova para a srta. Roginski, por favor.

— Sim. Sim, claro.

Lembra que o tom de voz da srta. Roginski me fez desistir de perguntar para que time Churchill jogava? Devo ter usado aquele mesmo tom com o rapaz do marketing. Só sei que algo deve ter acontecido, porque na mesma hora ele anotou o nome dela, perguntando se terminava com i *ou* y.

— Com i *— respondi, já viajando no tempo, tentando encontrar a dedicatória perfeita para ela. Algo que fosse inteligente, modesto, brilhante e perfeito.*

— Primeiro nome?

Aquilo me trouxe de volta à realidade com um solavanco. Eu não sabia o primeiro nome dela. Sempre a chamara apenas de "professora". Também não sabia o

endereço. Nem se estava viva. Não visitava Chicago havia dez anos; eu era filho único, com ambos os pais já falecidos, o que faria em Chicago?

— Envie para a escola Highland Park — falei.

Primeiro, pensei em escrever "Para a srta. Roginski, de um talento enfim compreendido", mas depois achei que seria muito presunçoso, então achei que "Para a srta. Roginski, de um antigo talento incompreendido" seria mais humilde. Humilde demais, concluí em seguida, e foram essas minhas ideias brilhantes do dia. Não consegui pensar em mais nada. Depois, pensei: E se ela nem se lembrar de mim? Centenas de alunos em anos e anos, por que se lembraria? Então, finalmente, como um ato desesperado, escrevi: "Para a srta. Roginski, de William Goldman — a senhora me chamava de Billy e dizia que eu era um talento incompreendido. Este livro é para a senhora, espero que goste. Fui seu aluno no terceiro, no quarto e no quinto anos, muito obrigado. William Goldman."

O livro foi lançado e massacrado pela crítica; fiquei em casa e fiz o mesmo comigo, tentando me adaptar. Além de não ter sido reconhecido como o mais jovem talento desde Kit Marlowe, meu romance não foi lido por ninguém. Ou melhor, foi lido por um bocado de pessoas, todas conhecidas minhas. No entanto, acredito que seja seguro dizer que nenhum estranho gostou. Foi uma experiência conflituosa, e reagi como descrevi agora há pouco. Então, quando recebi, tardiamente, o bilhete da srta. Roginski — foi enviado à Knopf, e eles não tiveram pressa em repassá-lo a mim —, eu estava mais que pronto para receber qualquer elogio.

"Caro sr. Goldman, obrigada pelo livro. Ainda não encontrei tempo para lê-lo, mas tenho certeza de que é um empreendimento e tanto. Claro que me lembro do senhor. Eu me lembro de todos os meus alunos. Saudações, Antonia Roginski."

Que decepção. Ela não fazia ideia de quem eu era. Fiquei sentado ali, segurando o bilhete, arrasado. As pessoas não se lembram de mim. É sério. Não é paranoia; eu tenho esse hábito de passar despercebido nas lembranças dos outros, mas não me incomoda tanto assim. Que grande mentira. Incomoda, sim. Não sei por quê, estou no topo do ranking de esquecibilidade.

Então, quando a srta. Roginski me enviou aquele bilhete mostrando que eu era

só mais um na multidão, fiquei feliz por ela não ter se casado, eu nunca tinha gostado dela mesmo, era uma professora terrível e merecia se chamar Antonia.

— Eu não quis dizer isso — falei em voz alta. Eu estava sozinho, no cubículo mais conhecido como meu escritório no glamoroso West Side de Manhattan, falando com os meus botões. — Me perdoe, srta. Roginski.

O que tinha acontecido, claro, foi que eu finalmente lera o P.S. Estava no verso do bilhete e dizia o seguinte: "Idiota. Nem mesmo o imortal S. Morgenstern poderia se sentir mais maternal do que eu."

S. Morgenstern! A princesa prometida. *Ela lembrava!*

Flashback.

Outono de 1941. Estou um pouco mal-humorado porque meu rádio não pega os jogos. Northwestern está jogando contra Notre Dame, começou à uma, e à uma e meia ainda não consigo ouvir. Músicas, notícias, novelas, tudo, menos o jogo. Chamo minha mãe. Ela aparece. Digo que meu rádio está quebrado, não consigo encontrar a transmissão do Northwestern vs. Notre Dame. Ela pergunta se estou falando de futebol americano. Sim sim sim, eu digo. Hoje é sexta, ela diz; achei que eles jogassem no sábado.

Tenho cara de idiota?!

Fico ouvindo as novelas e depois de um tempo tento encontrar o jogo mais uma vez, só que meu rádio idiota sintoniza todas as estações de Chicago menos a que está transmitindo o jogo. Nesse momento, dou um verdadeiro berro, e mais uma vez minha mãe vem correndo. Vou jogar o rádio pela janela, digo; não pega, não pega, não consigo sintonizar. Sintonizar o quê?, pergunta ela. O jogo de futebol, *digo; deixa de ser burra, o jogoooooo. Hoje é sábado, e veja como fala, rapazinho, responde ela. Eu já disse, é sexta. Ela vai embora de novo.*

Será que um dia existiu uma anta maior?

Humilhado, troco as estações do meu fiel Zenith, tentando encontrar o jogo. É tão frustrante que estou deitado, suando, minha barriga se revirando que nem louca e eu batendo no aparelho tentando fazer com que funcione direito, e foi assim que descobriram que eu estava delirando de pneumonia.

A pneumonia de hoje não é a mesma que a de antigamente, em especial a que eu tive. Mais ou menos dez dias no hospital e, depois, um longo período de repouso em casa. Acho que foram três semanas de cama, talvez um mês. Eu não tinha energia para nada, nem mesmo para jogos. Era apenas um pedaço de carne recuperando as forças, e nada mais.

E é assim que você precisa pensar em mim quando me deparei com A princesa prometida.

Era minha primeira noite em casa. Eu estava acabado; ainda muito doente. Meu pai entrou no quarto, achei que ele fosse me dar boa-noite. Ele se sentou na beira da cama.

— Capítulo um. "A noiva" — começou ele.

Foi só então que olhei para meu pai, e vi que ele segurava um livro. Aquilo por si só já era surpreendente. Meu pai era semianalfabeto. Em inglês. Ele era de Florin (cenário de A princesa prometida*), onde não tinha sido nem um pouco bobo. Disse uma vez que teria sido advogado, e era bem possível. O caso é que, aos dezesseis anos, ele teve uma chance de vir para os Estados Unidos, apostou na terra das oportunidades e perdeu. Nunca houve muito para ele por aqui. Meu pai não era atraente aos olhos, muito baixo e careca desde jovem, além de lento no aprendizado. Depois que aprendia uma nova lição, jamais esquecia, mas o tempo que levava para tal coisa atravessar seu crânio era inacreditável. O inglês dele sempre ficou em um nível absurdamente imigrante, e isso também não o ajudou. Ele conheceu minha mãe no navio a caminho dos Estados Unidos. Casaram-se posteriormente, e, quando acharam que tinham condições financeiras, eu nasci. Trabalhou a vida toda como a segunda cadeira da barbearia mais fracassada em Highland Park, Illinois. Perto do fim, cochilava o dia inteiro nessa cadeira. E assim ele se foi. E o número um só percebeu uma hora depois; o homem achou que meu pai estava apenas tirando uma boa soneca. Talvez estivesse. Talvez tudo se resuma a isso mesmo. Quando me contaram, fiquei chateadíssimo, mas, ao mesmo tempo, achei que foi uma forma de partir que comprovava toda a sua existência até ali.*

— Hein? O quê? Não ouvi — falei.

Eu estava muito fraco, exausto.

— Capítulo um. "A noiva". — Ele ergueu o livro. — Vou ler para você relaxar. — Ele estava quase esfregando o livro na minha cara. — De S. Morgenstern. Grande escritor florinense. A princesa prometida. *Ele também veio para a América. S. Morgenstern. Morto agora em Nova York. O inglês é dele próprio. Ele falava oito línguas. — Meu pai baixou o livro e mostrou todos os dedos.* — Oito. *Uma vez, na Cidade de Florin, eu estava no café dele. — Então ele balançou a cabeça; ele sempre fazia isso, balançava a cabeça quando falava errado. — Não* dele. *Ele estava no café e eu também, ao mesmo tempo. Eu vi. S. Morgenstern. Ele tinha cabeça desse tamanho, enorme assim. — E ele formou um grande círculo com as mãos. — Grande homem na Cidade de Florin. Nem tanto na América.*

— Tem algum esporte na história?

— Esgrima. Luta. Tortura. Veneno. Amor verdadeiro. Ódio. Vingança. Gigantes. Caçadores. Homens maus. Homens bons. As moças mais bonitas. Cobras. Aranhas. Criaturas de todos os tipos e formas. Sofrimento. Morte. Homens corajosos. Homens covardes. Os homens mais fortes. Perseguições. Fugas. Mentiras. Verdades. Paixões. Milagres.

— Parece legal — falei, e fechei os olhos. — Vou fazer o possível para ficar acordado… mas estou com muito sono…

Quem pode saber quando seu mundo está prestes a mudar? Quem pode dizer, previamente, que todas as experiências anteriores, todos os anos, foram uma preparação para… nada. Imagine o seguinte: um velho semianalfabeto lutando contra uma língua inimiga, um garoto praticamente exaurido lutando contra o sono. E nada entre eles além de palavras de outro forasteiro, penosamente traduzidas de sons nativos para estrangeiros. Quem poderia imaginar que na manhã seguinte despertaria um novo Billy? Eu só me lembro de lutar contra o cansaço. Mesmo uma semana depois, não tinha noção do que havia se iniciado naquela noite, as portas que se fechavam enquanto outras se abriam. Talvez eu devesse ao menos ter percebido algo, talvez não; quem consegue sentir uma revelação se aproximando?

O que aconteceu foi o seguinte: fiquei hipnotizado pela história.

Pela primeira vez na vida fiquei de fato interessado em um livro. Eu, o fanático por esportes; eu, o obcecado por videogames; eu, o único garoto de dez anos em Illinois que odiava o alfabeto, queria saber o que aconteceria em seguida.

O que acontecia com a bela Buttercup e o pobre Westley e Inigo, o maior espadachim da história da humanidade? E até onde iria a força de Fezzik? Havia limites para a crueldade de Vizzini, o siciliano do mal?

Todas as noites meu pai lia para mim, capítulo após capítulo, sempre se esforçando para pronunciar as palavras corretamente, para acertar o sentido. E eu ficava deitado, os olhos quase fechados, meu corpo começando a recuperar as forças aos poucos. Como disse, demorei mais ou menos um mês para voltar à forma, e nesse período ele leu A princesa prometida *para mim duas vezes. Mesmo quando eu já podia ler por conta própria, o livro permaneceu com ele. Eu jamais teria ousado abri-lo. Queria a voz dele, os sons dele. Mais tarde, talvez anos depois, às vezes eu dizia: "E aquele duelo no precipício entre Inigo e o homem de preto?" E meu pai resmungava e grunhia e pegava o livro, lambia o polegar, virava as páginas até que a maior das batalhas começasse. Eu amava aquilo. Ainda hoje, é assim que convoco meu pai quando a necessidade aparece. Curvado, forçando a vista, tropeçando nas palavras, me oferecendo a melhor versão possível da obra-prima de Morgenstern.* A princesa prometida *pertencia a meu pai.*

Todo o restante era meu.

Não havia nenhuma história de aventura, em qualquer lugar, que estivesse imune a mim.

— Por favor — eu falava para a srta. Roginski, já recuperado. — Stevenson, Stevenson... a senhora não para de falar de Stevenson, eu já terminei Stevenson. O que mais eu leio?

— Bem, tente Scott, veja se gosta.

Então, tentei o velho sir Walter, e gostei a ponto de devorar meia dúzia de livros em dezembro (grande parte no recesso de Natal, quando não precisei interromper minhas leituras por nada além de um pouco de comida de vez em quando).

— Quem mais? Quem mais?

— Cooper, talvez.

Então lá fui eu ler The Deerslayer *e todos os contos de Leatherstocking, até que certo dia, por conta própria, esbarrei em Dumas e D'Artagnan, e toda a trupe me ocupou durante fevereiro inteiro.*

— Você se transformou em um leitor ávido bem diante dos meus olhos — disse a srta. Roginski. — Já percebeu que agora passa mais tempo lendo do que passava vendo jogos? Sabia que suas notas de aritmética estão piorando?

Eu nunca me importava quando ela me repreendia. Estávamos sozinhos na sala de aula, e fui atrás dela procurando uma boa recomendação para devorar.

— Você com certeza está revelando seu talento, Billy. E estou acompanhando essa transformação. Só não sei ainda que talento é esse.

Fiquei parado, esperando que ela me indicasse algum novo autor.

— Você não tem jeito, parado aí, só esperando. — Ela pensou por um instante. — Tudo bem. Tente Victor Hugo. O corcunda de Notre Dame.

— Victor Hugo. Corcunda. Obrigado. — Eu me virei, pronto para correr até a biblioteca.

Ouvi as lamúrias dela atrás de mim.

— Isso não vai durar muito. Não é possível.

Mas durou.

E continua durando. Hoje, sou tão fã das histórias de aventura quanto naquela época, e isso jamais vai mudar. Aquele meu primeiro livro que mencionei, The Temple of Gold*: sabe de onde surgiu o título? De* Gunga Din*, ao qual já assisti dezesseis vezes e que ainda considero o maior filme de aventura de todos os tempos. (Um fato sobre* Gunga Din*: quando fui dispensado do Exército, fiz uma promessa de nunca mais pisar em uma base militar. Nada de mais, apenas uma promessa de vida. Pois então. Ao chegar em casa no dia seguinte à minha dispensa, liguei para um amigo de Fort Sheridan, numa cidade próxima à minha, procurando saber como ele estava. Meu amigo disse: "Ei, adivinha o que vai passar na base hoje?* Gunga Din*." "Nós vamos", falei. "É complicado, você é civil." Resumo: na minha primeira*

noite fora das Forças Armadas, voltei a vestir o uniforme e entrei escondido em uma base militar para ver o filme. Entrei escondido. *Como um larápio. Coração acelerado, suor, tudo.)*

Sou viciado em ação/aventura/chame como quiser, de todos os gêneros e estilos. Nunca perdi um filme com Alan Ladd ou Errol Flynn. E continuo sem perder nenhum do John Wayne.

Minha vida só começou mesmo quando eu tinha dez anos e meu pai leu Morgenstern para mim. Fato: Butch Cassidy *é, sem dúvida, o projeto mais popular do qual participei. Quando eu morrer, se o* Times *fizer meu obituário, será por causa desse filme. Muito bem, mas qual é a cena de que todos falam, aquele momento único que fica para sempre na cabeça das pessoas? Resposta: o salto do precipício. Bem, quando escrevi aquilo, lembro-me de pensar que o precipício de onde saltaram Butch e Sundance eram os Rochedos da Perdição que todos tentam escalar em* A princesa prometida. *Na minha mente, quando escrevi* Butch, *eu estava vasculhando minha memória, lembrando-me do meu pai lendo a cena da escalada dos Rochedos da Perdição com a corda e da morte que assombrava aquele momento.*

A princesa prometida *foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida (foi mal, Helen; Helen é minha esposa, a famosa psicanalista infantil), e muito antes de me casar eu já sabia que o leria para meu filho. Também sabia que teria um filho. Então, quando Jason nasceu (se tivesse sido menina, se chamaria Pamby; dá para acreditar em uma psicanalista infantil que daria um nome desse à própria filha?), prometi a mim mesmo que me lembraria de comprar para ele um exemplar de* A princesa prometida *para seu décimo aniversário.*

E esqueci completamente.

Anos depois: hotel Beverly Hills, dezembro passado. Estou enlouquecido fazendo reuniões para tratar da adaptação cinematográfica de Mulheres perfeitas, *de Ira Levin. Ligo para minha esposa na hora do jantar, como sempre (isso faz com que ela se sinta desejada), estamos conversando, e no final ela diz:*

— Ah, vamos dar uma bicicleta de dez marchas para Jason. Comprei hoje. Acho

que combina com a ocasião, não acha?

— Por quê?

— Ah, vai, Willy. Dez anos, dez marchas.

— Ele vai fazer dez anos? Tinha esquecido.

— Ligue amanhã na hora do jantar para desejar a ele um feliz aniversário.

— Helen, me faça um favor. Ligue para a livraria Nove-nove-nove e encomende A princesa prometida.

— Vou pegar um lápis. — Ela sumiu por um tempo. — Muito bem. Diga. A princesa o quê?

— Prometida. De S. Morgenstern. É um clássico juvenil. Diga que vou fazer perguntas sobre o livro quando voltar, semana que vem, e que ele não precisa gostar nem nada, mas, caso não goste, avise que vou me matar. Diga exatamente com essas palavras, por favor; não gostaria que ele se sentisse ainda mais pressionado nem nada do tipo.

— Mande um beijo, seu bobo.

— Smack!

— Nada de aspirantes a estrelas.

Ela sempre dizia isso antes de desligar quando eu estava sozinho e à solta na ensolarada Califórnia.

— Elas entraram em extinção, bobinha.

E eu sempre respondia isso. Desligamos.

Na tarde seguinte, aconteceu que surgiu mesmo, de algum lugar, uma jovem bronzeada, cheia de suspiros e de fato aspirante a estrela de cinema. Estou estirado à beira da piscina e ela passa, espetacular, de biquíni. Tenho a tarde livre, não conheço ninguém, então começo a brincar de como poderia puxar assunto com aquela garota sem que ela ria de mim. Não chego a fazer nada, mas só olhar já é um ótimo exercício, e sou profissional em olhar mulheres. Não consigo pensar em nenhuma abordagem que possa ser posta em prática, então começo minha rotina de natação. Nado quatrocentos metros por dia, porque tenho um disco ruim na base da coluna.

De um lado para o outro, de um lado para o outro, dezoito voltas, e quando

termino fico relaxando no lado fundo, ofegante, e a jovem estrela do cinema se aproxima. Ela também se apoia na borda da parte funda, a no máximo quinze centímetros de mim, o cabelo completamente molhado e reluzente, o corpo embaixo da água — mas sem dúvida ali —, e ela diz (isso de fato aconteceu):

— Com licença, mas você não é William Goldman, que escreveu Boys and Girls Together*? É meu livro favorito.*

Aperto a borda da piscina e assinto; não lembro o que falei exatamente. (Mentira: lembro muito bem, mas foi estúpido demais para botar no papel; poxa, eu tenho quarenta anos. "Goldman, sim, Goldman, sou eu." Saiu tudo como se fosse uma palavra só, então não dá para saber qual língua ela achou que eu falava.)

— Sou Sandy Sterling. Oi.

— Oi, Sandy Sterling — consegui dizer, o que foi bem sutil, para mim ao menos; eu diria de novo, caso surgisse outra situação como essa.

Então chamaram meu nome.

— Os Zanuck não me deixam em paz — falei, e ela caiu na gargalhada. Então corri até o telefone me perguntando se de fato tinha sido engraçado e, quando atendi a ligação, concluí que sim, tinha sido, e, com o aparelho no ouvido, falei: — Engraçado. — Nada de "oi". Nem "Bill Goldman". Apenas "engraçado".

— Você disse "engraçado", Willy? — Era Helen.

— Estou numa reunião de roteiro, Helen, nos falamos à noite, na hora do jantar. Por que está me ligando na hora do almoço?

— Que hostil.

Nunca discuta sobre hostilidade com sua esposa se ela for uma freudiana de carteirinha.

— Estão me enlouquecendo com ideias absurdas aqui na reunião de roteiro. O que houve?

— Nada grave, só que Morgenstern está fora de catálogo. Confirmei com a Doubleday. Pelo jeito que você falou, pareceu importante, então achei melhor avisar que Jason terá que se contentar com a bicicleta incrível de dez marchas.

— Não é importante — falei. Sandy Sterling estava sorrindo. Lá do fundo da

piscina. Olhando para mim. — Obrigado mesmo assim. — Eu estava prestes a desligar quando falei: — Bom, já que fez isso tudo, ligue para a Argosy, na rua 59. Eles são especializados em obras fora de catálogo.

— Argosy. Rua 59. Ok. A gente se fala à noite.

Ela desligou.

Sem dizer "Nada de aspirantes a estrelas". Ela terminava toda ligação assim, mas dessa vez não. Será que me entreguei pelo tom de voz? Helen é muito sagaz com essas coisas, por ser psicanalista e tal. Feito sopa fervendo, a culpa começou a borbulhar no fundo da minha mente.

Voltei para minha cadeira à beira da piscina. Sozinho.

Sandy Sterling deu algumas voltas na piscina. Peguei meu New York Times *para ler. Certa tensão sexual pairando.*

— Acabou de nadar? — perguntou ela.

Coloquei o jornal de lado. Dessa vez, ela estava na borda da piscina, próxima à minha cadeira.

Fiz que sim, olhando para ela.

— Qual dos Zanuck, Dick ou Darryl?

— Era minha esposa — respondi. Enfatizando a última palavra.

A resposta não a abalou. Ela saiu da piscina e se deitou na cadeira ao lado da minha. Robusta na parte de cima, mas divina. Se fizer seu tipo, impossível não gostar de Sandy Sterling. E ela fazia meu tipo.

— Está aqui por causa do Levin, não está? Mulheres perfeitas*?*

— Estou escrevendo o roteiro.

— Eu amei o livro. Tipo, é meu preferido. Eu ia amar participar de um filme como esse. Escrito por você. Eu faria qualquer coisa para ter uma oportunidade como essa.

Então, era isso. Ela estava apostando todas as fichas.

Naturalmente, esclareci tudo muito rápido:

— Veja bem, não faço esse tipo de coisa. Se fizesse, toparia, porque você é muito bonita, não há dúvida quanto a isso, e lhe desejo felicidades, mas a vida já está

complicada demais para piorarmos tudo.

Foi o que imaginei que diria. Mas então pensei: Espere um minuto, qual lei diz que preciso ser o exemplo de puritanismo do show business? Eu tinha trabalhado com gente que guardava registro desse tipo de coisa. (Verdade; perguntem a Joyce Haber.)

— Já trabalhou em muitas produções? — me ouvi dizendo.

Você sabe que eu estava muito interessado na resposta para aquela pergunta.

— Nada que tenha de fato expandido meus horizontes, se é que você me entende.

— Sr. Goldman?

Olhei para cima. Era o salva-vidas assistente.

— Para o senhor de novo.

Ele me passou o telefone.

— Willy?

O simples som da voz da minha esposa enviou um alerta invisível de mau comportamento a cada poro do meu corpo.

— Sim, Helen.

— Você está com uma voz engraçada.

— O que foi, Helen?

— Nada, mas…

— Se não fosse nada, você não teria ligado.

— O que houve, Willy?

— Não houve nada. Eu estava tentando ser objetivo. Afinal, foi você quem ligou. Eu estava apenas tentando compreender o motivo.

Quando quero, consigo ser bem frio.

— Você está escondendo alguma coisa.

Se tem uma coisa que me tira do sério é isso que Helen faz. Porque, sabe, com todo esse maldito conhecimento psicanalítico, ela só me acusa de esconder coisas quando estou mesmo escondendo alguma coisa.

— Helen, estou no meio de uma conferência. Diga logo por que ligou.

Mais uma vez, era isso. Eu estava mentindo para minha esposa por causa de

outra mulher, e a outra mulher sabia disso.

Sandy Sterling, na cadeira ao lado, me encarava com um sorriso.

— A Argosy não tem o livro, ninguém tem. Tchau, Willy.

Ela desligou.

— Era sua esposa de novo?

Fiz que sim e botei o telefone na mesa ao lado da minha espreguiçadeira.

— Estou vendo que vocês se falam bastante.

— Pois é. É uma tortura para conseguir escrever.

Acho que ela sorriu.

Eu não conseguia me acalmar.

"Capítulo um. 'A noiva'", disse meu pai.

Eu devo ter balbuciado ou algo do tipo, porque ela retrucou:

— Oi?

— Meu pa… — comecei. — Eu pen… — comecei. — Nada.

— Calma — disse ela, com um sorriso muito gentil.

Sandy Sterling colocou a mão sobre a minha por um instante, um gesto muito delicado e reconfortante. Eu me perguntei se era possível que ela também fosse compreensiva. Linda e compreensiva? Isso devia ser proibido por lei. Helen jamais era compreensiva. Vivia dizendo: "Entendo por que está dizendo isso, Willy", mas por dentro estava analisando minhas neuroses. Não, na verdade acho que ela era compreensiva; só não era empática. E, claro, também não era linda. Magra, sim. Brilhante, sim.

— Conheci minha esposa na pós-graduação — contei a Sandy Sterling. — Ela estava fazendo doutorado.

Sandy Sterling estava com dificuldade de acompanhar meu raciocínio. Prossegui:

— Éramos crianças. Quantos anos você tem?

— Quer minha idade real ou a profissional?

Ri muito daquilo. Linda, compreensiva e engraçada?

"Esgrima. Luta. Tortura", disse meu pai. "Amor verdadeiro. Ódio. Vingança. Gigantes. Criaturas de todos os tipos e formas. Verdades. Paixões. Milagres."

Eram 12h35.

— Uma ligação, ok? — falei.

— Ok.

— Central de informações de Nova York — disse ao telefone. — Poderia me dar os nomes de algumas livrarias na Quarta Avenida, por favor? Devem existir umas vinte. — A Quarta Avenida é o centro dos livros de segunda mão e fora de catálogo publicados em língua inglesa do mundo civilizado. Enquanto a telefonista fazia a pesquisa, eu me virei para a criatura na espreguiçadeira ao lado e falei: — Meu filho está fazendo dez anos hoje, e eu queria dar esse livro para ele de presente. Não vou demorar.

— Joia — disse Sandy Sterling.

— Localizei uma loja chamada Livraria da Quarta Avenida — informou a telefonista, e me passou o número.

— Não consegue me informar sobre as outras? Ficam todas no mesmo lugar.

— Se me fornecer o nome, senhor, poderei estar ajudando — respondeu a telefonista, com aquele discurso de telemarketing.

— Essa serve — falei, e em seguida pedi à telefonista do hotel que fizesse a ligação. — Olha, estou ligando de Los Angeles e estou procurando A princesa prometida*, de S. Morgenstern.*

— Não temos. Desculpe — disse o rapaz, e antes que eu pudesse perguntar "Bem, pode me dar o nome de outras livrarias aí perto?", ele desligou. — Ligue de novo, por favor — pedi à telefonista do hotel, e em seguida me dirigi ao atendente: — Quem fala é seu amigo de Los Angeles, não desligue tão rápido dessa vez.

— Eu não tenho o livro, senhor.

— Isso eu entendi. O que gostaria de pedir, estando na Califórnia, é que você me dê nome e contato de outras livrarias aí perto. Elas podem ter o exemplar que eu quero, e não tenho um monte de listas telefônicas de Nova York à minha disposição por aqui.

— Não ajudo a concorrência.

Ele desligou de novo.

Fiquei sentado ali, com o aparelho na mão.

— Que livro tão especial é esse? — perguntou Sandy Sterling.

— Nada de mais — falei, e desliguei o telefone. — Na verdade, é especial, sim.

Peguei o aparelho mais uma vez e finalmente consegui falar com minha editora em Nova York, a Harcourt Brace Jovanovich, e, depois de mais alguns longos instantes, a secretária do meu editor me passou nome e contato de todas as livrarias próximas à Quarta Avenida.

"Caçadores", dizia meu pai agora. "Homens maus. Homens bons. As moças mais bonitas." Ele estava acampado na minha mente, curvado, careca e forçando a vista, tentando ler, tentando me agradar, tentando manter o filho vivo e os lobos distantes.

Eram 13h10 quando recebi a lista completa da secretária.

Comecei a telefonar para as livrarias.

— Olá, estou ligando de Los Angeles à procura de um livro de Morgenstern, A princesa prometida, *e…*

— … sinto muito…

— … sinto muito…

Linha ocupada.

— … faz muitos anos…

Mais uma linha ocupada.

13h35.

Sandy nadando. E ficando também um pouco irritada. Ela deve ter achado que eu estava enrolando. Não era o caso, mas era o que parecia.

— … sinto muito, tive um exemplar em dezembro…

— …nenhuma ficção, sinto muito…

— Esta é uma mensagem automática. O número para o qual você ligou não existe. Por favor, desligue e…

— … não…

Sandy estava muito incomodada agora. Com um olhar fuzilante, pegando suas coisas.

— … quem lê Morgenstern hoje em dia?…

Sandy indo embora, linda, indo embora, foi.

Adeus, Sandy. Sinto muito, Sandy.

— … desculpe, estamos fechando.

13h55. Em Nova York, 16h55.

Pânico em Los Angeles.

Ocupado.

Ninguém atende.

Ninguém atende.

— Acho que tenho a edição florinense. Está em algum lugar no estoque.

Tirei as costas do encosto da espreguiçadeira. O sotaque do vendedor era carregado.

— Preciso da edição em inglês.

— Não recebo muitos pedidos de Morgenstern atualmente. Já não sei mais o que tenho no estoque. Venha amanhã e dê uma olhada.

— Estou na Califórnia.

— Mashuganuh — *disse ele, me chamando de doido em iídiche.*

— Se você pudesse dar uma olhada, me ajudaria muito.

— Vai esperar na linha? Não vou pagar por essa ligação.

— Não tenha pressa — falei.

Ele demorou dezessete minutos. Fiquei na linha, aparelho no ouvido. De tempos em tempos, ouvia passos ou o ruído de livros caindo ou um gemido de "ai, ai".

Finalmente:

— Bem, como eu suspeitava, tenho a edição florinense.

Foi quase.

— E nada da edição em inglês?

De repente, ele começou a gritar comigo:

— Como assim? Você está maluco? Dei um jeito nas costas e ele diz que não tenho?! Sim, tenho, sim. Está bem aqui, e pode ter certeza de que vai custar uma grana.

— Ótimo. Sério, não estou brincando. Agora, preste atenção, faça o seguinte, chame um táxi e diga para o motorista levar os livros direto para a Park e…

— Sr. Califórnia Mashuganuh, preste atenção você… Tem uma nevasca chegando, eu não vou a lugar algum e esses livros não saem daqui sem o dinheiro… seiscentos e cinquenta cada um, e se quiser a edição em inglês, vai levar a original. Fecho a loja às seis. Os livros não saem daqui sem mil e trezentos dólares na minha mão.

— Não saia daí — falei, desligando.

E para quem se deve ligar depois do horário comercial, com o Natal virando a esquina? Ninguém menos do que seu advogado.

— Charley, preciso que me faça um favor. Vá até a Abromowitz, na Quarta Avenida, pague mil e trezentos dólares por dois livros, pegue um táxi até minha casa e peça ao porteiro que leve os livros para meu apartamento. Sim, sei que está nevando, mas pode fazer isso?

— É um pedido tão bizarro que só me resta concordar.

Liguei mais uma vez para Abromowitz.

— Meu advogado está a caminho.

— Nada de cheques — avisou o livreiro.

— O senhor é tão solícito.

Desliguei e comecei a fazer as contas. Mais ou menos cento e vinte minutos de ligações interurbanas pelo custo de um dólar e trinta e cinco centavos pelos primeiros três minutos mais mil e trezentos pelos livros mais uns dez pelo táxi de Charley mais uns sessenta pelos honorários somavam… Uns dois mil e quinhentos. Tudo isso para que meu querido Jason tivesse Morgenstern. Eu me recostei na cadeira e fechei os olhos. Dois mil e quinhentos sem contar as duas horas de puro tormento e angústia, e não podemos esquecer Sandy Sterling.

Uma pechincha.

Eles me ligaram às sete e meia da noite. Eu estava no quarto.

— Ele amou a bicicleta — disse Helen. — Está enlouquecido.

— Supimpa.

— E seus livros chegaram.

— Que livros? — perguntei; mais casual, impossível.

— A princesa prometida. *Em várias línguas, uma delas, por sorte, inglês.*

— Ah, que bom — falei, ainda indiferente. — Quase esqueci que tinha encomendado.

— Como conseguiu?

— Liguei para a secretária do meu editor e pedi a ela que desse uma procurada. Vai ver eles tinham alguns por lá. — (Eles de fato tinham exemplares na Harcourt; dá para acreditar? Falarei sobre isso nas próximas páginas, provavelmente.) — Passe o telefone para o garoto.

— Oi — disse ele, um segundo depois.

— Olha, Jason, pensamos em te dar uma bicicleta de aniversário, mas mudamos de ideia.

— Cara, você está muito enganado, eu ganhei uma.

Jason herdou da mãe a absoluta falta de senso de humor. Não sei; talvez ele seja engraçado, e eu, não. O que sei é que não costumamos rir das mesmas coisas. Meu filho é um garoto incrivelmente bonito — se o pintassem de amarelo, ele faria testes para a equipe de sumô do colégio. Um balão. Passa o tempo todo se enchendo de comida. Cuido do meu peso, e a boa e velha Helen é tão magra que some se ficar de lado, além de ser a psicanalista infantil mais famosa de Manhattan, mas nosso filho rola mais rápido que anda. "Ele está se expressando por meio da comida", Helen vive dizendo. "São ansiedades. Quando ele estiver pronto para enfrentá-las, vai emagrecer."

— Então, Jason, sua mãe disse que chegou um livro aí. O da princesa. Eu ficaria muito feliz se você desse uma lida enquanto estou viajando. Gostei muito dele quando era criança e quero saber qual vai ser sua reação.

— Eu também tenho que gostar muito?

Jason realmente era filho da mãe dele.

— Não, Jason. Diga apenas a verdade, sua opinião. Estou com saudade, garotão. Falo de novo com você no seu aniversário.

— Cara, você está muito enganado. Meu aniversário é hoje.

Brincamos um pouco mais, passando do ponto em que não havia mais nada a dizer. Depois, fiz o mesmo com minha esposa e então desliguei, prometendo voltar dali a uma semana.

Demorei duas.

As reuniões se arrastaram, os produtores tiveram inspirações que precisavam ser cuidadosamente recusadas, os diretores precisaram de alguém para dar uma segurada no seu ego. Assim, fiquei mais tempo do que gostaria na ensolarada Califórnia. Quando finalmente fui autorizado a retornar ao carinho e à segurança da família, corri para o aeroporto de Los Angeles antes que alguém mudasse de ideia. Cheguei lá cedo, algo que sempre faço quando volto, porque precisava encher os bolsos de bugigangas para Jason. Toda vez que volto de viagem, ele corre (na medida do possível) até mim, gritando "deixeuver, deixeuver os bolsos", e vasculha todos os meus bolsos retirando o conteúdo, e assim que o saque termina, ele me dá um grande abraço. Não é terrível o que somos capazes de fazer para nos sentirmos queridos?

— Deixeuver os bolsos! — gritou Jason, indo me receber na porta.

Era hora do jantar de quinta-feira; enquanto ele cumpria seu ritual, Helen saiu da biblioteca e me deu um beijo na bochecha, dizendo:

— Que elegante, esse meu marido.

Isso também faz parte do ritual. Carregado de presentes, Jason me abraçou e correu (na medida do possível) para o quarto.

— Angelica está terminando de preparar o jantar — disse Helen —, você não podia ter chegado em hora melhor.

— Angelica?

Helen levou o dedo à boca e sussurrou:

— É o terceiro dia dela, mas acho que pode ser um tesouro.

Sussurrei de volta:

— O que havia de errado com o tesouro que a gente tinha quando viajei? Ela só estava com a gente fazia uma semana.

— Ela acabou se revelando uma decepção — disse Helen. E só.

(Helen é uma mulher brilhante; na faculdade, fez parte da Phi Bete, uma prestigiada sociedade de honra, recebeu todos os méritos acadêmicos possíveis, tem um intelecto impressionante e muitas conquistas, mas não consegue manter uma empregada. Em primeiro lugar, acho que ela se sente culpada, porque a maioria das empregadas disponíveis hoje em dia é negra ou hispânica, e Helen é ultrassuperliberal. Em segundo lugar, ela é tão eficiente que assusta as moças. Consegue fazer tudo melhor que as profissionais, sabe disso e sabe que elas sabem. Em terceiro lugar, quando ficam apavoradas, Helen tenta explicar, com seu discurso de analista, que não precisam ter medo dela, e depois de uma boa meia hora de análise elas ficam aterrorizadas. Nossa média vem sendo de quatro "tesouros" por ano.)

— Estamos em uma fase ruim, mas isso vai mudar — falei, no meu tom mais otimista.

Eu sempre a provocava por causa do problema com as ajudantes, mas aprendi que isso não era necessariamente inteligente.

O jantar ficou pronto logo depois, e, com um braço em volta da minha esposa e o outro em volta do meu filho, segui na direção da sala de jantar. Naquele instante, eu me senti seguro, protegido, tudo de bom. O jantar estava servido: creme de espinafre, purê de batatas, carne assada com molho; ótimo, se não fosse por eu não gostar de carne assada, uma vez que sou do tipo que gosta de carne malpassada, mas sou doido por creme de espinafre, então, no final, tínhamos uma refeição bem satisfatória. Nos sentamos à mesa. Helen serviu a carne, os demais pratos passamos de mão em mão. Minha fatia de carne assada não estava muito macia, mas o molho compensava. Helen chamou a empregada. Angelica apareceu. Tinha cerca de dezoito a vinte anos, morena, lenta.

— Angelica, este é o sr. Goldman.

Sorri e disse "oi", acenando com o garfo.

— Angelica, não quero que veja isso como uma crítica, uma vez que é culpa minha, mas no futuro temos que nos esforçar muito para lembrar que o sr. Goldman

gosta de rosbife malpassado…

— Isso era rosbife? — perguntei.

Helen olhou para mim.

— Veja bem, Angelica, isso não é um problema e eu deveria ter repetido as preferências do sr. Goldman, mas, na próxima vez que servirmos rosbife, vamos nos esforçar para deixar o centro rosado, pode ser?

Angelica voltou para a cozinha. Outro "tesouro" que se ia ladeira abaixo.

Lembre-se, nós três começamos a refeição felizes. Dois permaneceram naquele estado, e Helen ficou claramente incomodada.

Jason estava empilhando purê no prato com um movimento preciso e repetitivo.

Sorri para meu filho.

— Ei, vamos com calma, hein, rapaz?!

Ele jogou mais uma colherada cheia.

— Jason, é muita coisa — falei.

— Estou com muita fome, pai — disse ele, sem olhar para mim.

— Então por que não coloca mais carne? — sugeri. — Coma toda a carne que quiser e não vou falar nada.

— Não vou comer nada! — Jason empurrou o prato para longe e cruzou os braços, encarando o nada.

— Se eu fosse uma vendedora de móveis — disse Helen para mim —, ou quem sabe uma caixa de banco, eu entenderia. Mas como você pode ter passado todos esses anos casado com uma psicanalista e ainda assim falar desse jeito? Você é um homem das cavernas, Willy.

— Helen, o garoto está acima do peso. Sugeri apenas que ele deixe um pouco de batata para o resto do mundo e se empanturre com essa carne assada de primeira que seu tesouro preparou para meu retorno triunfal.

— Querido Willy, não quero chocá-lo, mas Jason não só é muito inteligente como também tem uma visão perfeita. Posso garantir que quando ele se olha no espelho, não vê uma figura esguia. E isso porque ele escolhe, nesta fase, não ser esguio.

— Não falta muito para ele começar a namorar, Helen. Como será então?

— Jason tem dez anos, querido, e, nesta fase, não está interessado em garotas. Nesta fase, está interessado em foguetes. Que diferença faz estar um pouco acima do peso para um entusiasta de foguetes? Quando escolher ser esguio, posso garantir, ele tem inteligência e força de vontade para ser esguio. Até lá, por favor, quando estiver na minha presença, não deixe a criança frustrada.

Sandy Sterling dançava de biquíni na minha mente.

— Não vou comer e pronto — disse Jason.

— Meu amor — disse Helen para o garoto, em seu tom reservado para momentos como aquele —, seja racional. Se você não comer a batata, vai ficar chateado, e eu vou ficar chateada. Seu pai, claramente, já está chateado. Se comer a batata, eu vou ficar satisfeita, você vai ficar satisfeito, sua barriga vai ficar satisfeita. Não há nada que possamos fazer em relação ao seu pai. Você tem o poder de chatear todos ou apenas um, a respeito de quem, como falei, não há nada que possamos fazer. Portanto, a conclusão deveria ser clara, mas confio na sua habilidade de chegar até lá sozinho. Faça como quiser, Jason.

Ele começou a se empanturrar.

— Está transformando esse garoto em um boiola — falei, mas não alto o suficiente para que alguém, além de mim e Sandy ouvisse.

Depois, respirei muito fundo, porque sempre que volto de viagem acontece alguma briga, isso porque, segundo Helen, sempre volto com muita tensão, sempre demando uma quantidade desumana de provas de que sentiram minha falta, de que ainda sou querido, amado etc. Sei apenas uma coisa: odeio viajar, mas a volta é ainda pior. Nunca temos aquele papo do "e então, o que aconteceu enquanto eu estava fora?", porque Helen e eu nos falamos todas as noites.

— Aposto que você manda muito bem na bicicleta — falei. — A gente pode dar um passeio no final de semana.

Jason tirou os olhos da batata.

— Gostei muito do livro, pai. É ótimo.

Fiquei surpreso ao ouvir isso, porque, naturalmente, eu estava preparando o terreno para entrar no assunto. Mas, como Helen vivia dizendo, Jason não era

nada bobo.

— Fico feliz — falei. E como estava!

Jason assentiu.

— Talvez seja o melhor que já li na vida.

Comi uma garfada do creme de espinafre.

— Qual foi sua parte favorita?

— Capítulo um. "A noiva".

Aquilo me surpreendeu de verdade. Não que o capítulo um seja uma droga nem nada, mas é bem parado em comparação com as coisas incríveis que acontecem depois. Buttercup só cresce no livro.

— E o que achou da escalada nos Rochedos da Perdição? — perguntei.

Isso acontece no capítulo cinco.

— Ah, muito bom — disse Jason.

— E do Zoológico da Morte, do príncipe Humperdinck?

Isso acontece no segundo capítulo.

— Ainda melhor — respondeu Jason.

— O que me impressionou foi que, mesmo que o Zoológico da Morte seja mencionado brevemente, a gente sabe que ele vai aparecer de novo depois. Você teve a mesma sensação?

— Ahaaam — concordou Jason. — Muito legal.

A essa altura, eu sabia que ele não tinha lido.

— Ele tentou ler — interferiu Helen. — E realmente leu o primeiro capítulo. O segundo foi impossível para ele, então, quando Jason já tinha feito um esforço razoável, mandei que parasse. As pessoas têm gostos diferentes. Eu disse a ele que você entenderia, Willy.

Claro que eu entendia. Mas fiquei arrasado.

— Não gostei, pai. Eu queria ter gostado.

Sorri para ele. Como podia não ter gostado? Paixões. Duelos. Milagres. Gigantes. Amor verdadeiro.

— Não vai comer o creme de espinafre? — perguntou Helen.

Eu me levantei.

— Jet lag. Não estou com fome.

Ela não disse nada até me ouvir abrindo a porta de casa.

— Aonde está indo?

Se eu soubesse, teria respondido.

Vaguei pelas ruas no inverno. Sem casaco. No entanto, nem percebi que estava com frio. A única coisa que estava na minha cabeça era que eu tinha quarenta anos e não queria estar naquela posição àquela altura da vida, preso a uma esposa expert em psicanálise e a um filho gorducho. Deviam ser nove da noite, e eu estava sentado no meio do Central Park, sozinho, sem ninguém por perto, nenhum outro banco ocupado.

Foi quando ouvi um barulho nos arbustos. Parou. Começou de novo. Muuuuito de leve. Mais próximo.

Eu me virei gritando "Não venha me encher o saco!", e o que quer que fosse — amigo, loucura, imaginação — foi embora. Ouvi os passos velozes e percebi: bem ali, naquele instante, eu era perigoso.

Então, esfriou. Fui para casa. Helen estava revisando algumas anotações na cama. Normalmente, ela teria feito algum comentário sobre eu estar um pouco velho para surtos de comportamento infantil, mas eu ainda devia estar com um ar ameaçador. Dava para ver nos olhos inteligentes de Helen.

— Ele realmente tentou — disse ela, enfim.

— Nunca duvidei disso — respondi. — Onde está o livro?

— Na biblioteca, acho.

Eu me virei para sair.

— Posso ajudar em alguma coisa?

Respondi que não. Em seguida, fui até a biblioteca, me fechei lá dentro, cacei A princesa prometida. *Estava em condições bem boas, percebi assim que conferi a lombada, e foi quando notei que o livro havia sido publicado pela minha editora, Harcourt Brace Jovanovich. Eles ainda nem se chamavam Harcourt, Brace & World, apenas Harcourt, Brace. Abri na folha de rosto, o que era engraçado, porque*

eu nunca tinha feito isso antes; era sempre meu pai quem manuseava o livro. Tive que rir quando vi o título verdadeiro, porque bem ali estava escrito:

A PRINCESA PROMETIDA

Um conto clássico de amor verdadeiro e altas aventuras

S. Morgenstern

Há de se admirar um cara que chama seu livro inédito de clássico antes mesmo de ser publicado e antes que qualquer pessoa tenha a oportunidade de lê-lo. Talvez Morgenstern tivesse percebido que, se não fizesse isso, ninguém o faria, ou talvez estivesse tentando dar uma ajuda aos críticos; não sei. Passei os olhos pelo primeiro capítulo e era basicamente como eu lembrava. Depois, fui para o segundo, que contava sobre o príncipe Humperdinck e fazia uma breve e instigante descrição do Zoológico da Morte.

E, naquele momento, comecei a perceber o problema.

Não que a descrição não estivesse ali. Estava, e mais uma vez era basicamente como eu lembrava, mas antes de chegar nessa parte havia pelo menos umas sessenta páginas de texto sobre os ancestrais do príncipe Humperdinck e sobre como sua família assumiu o controle de Florin e sobre um casamento e uma criança gerando outra criança que então se casou com outra pessoa; então pulei para o terceiro capítulo, "A conquista", e era inteiro sobre a história de Guilder e como o país havia alcançado seu lugar no mundo. Quanto mais eu virava as páginas, mais claro ficava: Morgenstern não estava escrevendo um livro para crianças; estava escrevendo uma versão satírica da história de seu país e do declínio da monarquia na civilização ocidental.

Mas meu pai tinha lido apenas as cenas de ação, as partes boas. Ele nunca deu bola para as partes sérias.

Por volta de duas da madrugada, liguei para Hiram Haydn, meu editor fazia mais de dez anos, desde Soldier in the Rain*; havíamos passado por muita coisa juntos, mas nunca por telefonemas às duas da madrugada. Mesmo hoje, sei que ele*

não entendeu por que eu não podia esperar até amanhecer. Ele não parava de perguntar: "Tem certeza de que está tudo bem, Bill?"

— Oi, Hiram — falei depois de seis toques. — Olha, vocês publicaram um livro logo após a Primeira Guerra Mundial. Acha que pode ser uma boa ideia eu fazer uma nova edição?

— Tem certeza de que está tudo bem, Bill?

— Absoluta. E, olha, eu usaria apenas as partes boas. Cortaria as voltas que a narrativa dá e deixaria só as partes boas. O que acha?

— Bill, são duas horas da manhã aqui. Você ainda está na Califórnia?

Fingi que estava chocado e surpreso, para que ele não achasse que eu era doido.

— Sinto muito, Hiram. Meu Deus, que idiota eu sou. São onze da noite em Beverly Hills. Mas acha que poderia perguntar ao sr. Jovanovich?

— Agora?

— Amanhã ou depois de amanhã, não tem importância.

— Posso perguntar qualquer coisa, mas não sei se estou entendendo muito bem o que você quer fazer. Tem certeza de que está tudo bem, Bill?

— Estarei em Nova York amanhã. Ligo para você e explico direito, pode ser?

— Pode ligar, durante o horário comercial?

Eu ri, desligamos e liguei para Zig, na Califórnia. Evarts Ziegler é meu agente de cinema há mais ou menos oito anos. Foi quem fechou o negócio de Butch Cassidy *para mim, e eu também o acordei.*

— Oi, Zig, pode conseguir um adiamento no Mulheres perfeitas*? Surgiu outro projeto.*

— Segundo o contrato, você começa agora. Adiamento de quanto tempo?

— Não sei. Nunca fiz uma versão editada antes. O que acha que eles podem fazer?

— Acho que se for um adiamento longo, vão ameaçar entrar com um processo e você pode acabar perdendo o trabalho.

Aconteceu basicamente o que ele disse; eles ameaçaram me processar e quase perdi o trabalho, além de um pouco de dinheiro, e não fiz nenhum amigo na "indústria",

como nós do show business chamamos os filmes.

Mas a edição foi feita e está em suas mãos. A versão com as "partes boas".

Por que fiz tudo isso?

Helen me pressionou muito para que eu pensasse em uma resposta. Ela achou importante não que ela *soubesse, mas que* eu *soubesse. "Você agiu feito um lunático, meu querido Willy", disse ela. "Fiquei muito assustada."*

Então, por quê?

Nunca tive um pingo de senso crítico. Tudo que escrevo é por impulso. Isso me parece bom, aquilo me parece ruim; bem assim. Não consigo analisar, pelo menos não minhas próprias ações.

Não espero que isso mude a vida de ninguém, do jeito que mudou a minha.

No entanto, tomemos as palavras do subtítulo, "amor verdadeiro e altas aventuras" — eu acreditei *nisso um dia. Acreditei que minha vida fosse seguir aquela trilha. Rezei por isso. Claro que não aconteceu, mas não acredito que ainda existam grandes aventuras. Hoje em dia, ninguém mais saca uma espada e grita: "Olá. Meu nome é Inigo Montoya. Você matou meu pai, prepare-se para morrer!"*

Quanto a amor verdadeiro, pode esquecer também. Não sei se amo mais nada de verdade além do bife do Peter Luger's e da enchilada de queijo do El Parador. (Foi mal, Helen.)

Enfim, eis a versão só com as "partes boas". Escrita por S. Morgenstern, lida para mim por meu pai. E agora entregue a você por mim. Aguardamos ansiosamente para saber o que fará com ela.

Nova York
Dezembro de 1972

1
A NOIVA



No ano em que Buttercup nasceu, a mulher mais bonita do mundo era uma criada francesa chamada Annette. Annette trabalhava em Paris para o duque e a duquesa de Guiche, e não passou despercebido ao olhar do duque que uma mulher extraordinária estava polindo a prataria. O olhar do duque também não passou despercebido pela duquesa, que não era muito bonita nem muito rica, mas bastante inteligente. A duquesa pôs-se a estudar o comportamento de Annette e logo descobriu o trágico ponto fraco de sua adversária.

Chocolate.

Munida de sua arma, a duquesa entrou em ação. O Palácio de Guiche se transformou em um castelo de doces. Havia bombons por todo lado. Pilhas de pastilhas de menta com cobertura de chocolate na sala de visita, cestas de torrones com cobertura de chocolate na sala de estar.

Annette não tinha para onde fugir. A estação mudou, e, de moça delicada, ela passou a gigantesca, e o duque nunca mais olhou para ela sem um triste viés de espanto. (Annette, é importante dizer, parecia cada vez mais contente com seu engrandecimento. Por fim, casou-se com o confeiteiro, e os dois comeram bastante até que a velha idade os reivindicou. Importante dizer também que as coisas não correram de forma tão alegre para a duquesa. O duque, por motivos alheios à compreensão geral, encantou-se em seguida com a própria sogra, o que causou úlceras na duquesa, só que ainda não existiam úlceras. Ou melhor, existiam, as pessoas sofriam desse mal, mas não era chamado de "úlcera". A medicina da época chamava de "dor estomacal" e acreditava que o melhor remédio era café misturado com conhaque, duas

vezes ao dia, até que passasse. A duquesa tomava suas doses religiosamente, assistindo, com o passar dos anos, a seu marido e sua mãe jogarem beijinhos um para o outro pelas suas costas. Como não era de surpreender ninguém, o azedume da duquesa tornou-se notório, como Voltaire retratou de forma tão hábil. Só que isso foi antes de Voltaire.)

No ano do décimo aniversário de Buttercup, a mulher mais bonita vivia em Bengala, filha de um famoso comerciante de chá. Essa menina se chamava Aluthra, e sua pele era de uma perfeição bronzeada que não se via na Índia havia oitenta anos. (Existiram apenas onze compleições perfeitas em toda a Índia desde o início da contagem precisa.) Aluthra tinha dezenove anos quando a epidemia de varíola tomou conta de Bengala. A garota sobreviveu, ainda que não se possa dizer o mesmo de sua pele.

Quando Buttercup tinha quinze anos, Adela Terrell, de Sussex On the Thames, era facilmente a criatura mais bonita. Tinha vinte anos e estava tão distante das outras criaturas do mundo que parecia certo que ela seria a mais bonita por muitos e muitos anos. Até que, certo dia, um de seus muitos pretendentes (eram cento e quatro) exclamou que Adela era, sem dúvida, a candidata mais perfeita que já existira. Lisonjeada, a moça se pôs a questionar a veracidade daquela declaração. Naquela noite, sozinha no quarto, analisou cada poro seu diante do espelho. (Já existiam espelhos.) Só terminou a inspeção ao amanhecer, e, àquela altura, estava claro que o rapaz tinha sido certeiro em sua afirmação: ela era, ainda que sem nenhum mérito próprio, perfeita.

Enquanto passeava pelo jardim de rosas da família, observando o nascer do sol, sentia-se mais feliz do que nunca.

— Não apenas sou perfeita — disse a si mesma —, como devo ser a primeira pessoa perfeita em toda a história do universo. Nenhuma parte de mim precisa de ajuste, e tenho sorte de ser perfeita, rica, disputada, delicada, jovem e…

Jovem?

Uma neblina se formou ao redor de Adela quando ela começou a pensar. Bem, claro que *sempre* serei delicada, pensou, e sempre serei rica, mas não vejo como farei para ser eternamente jovem. E quando eu não for mais jovem, como farei para continuar perfeita? E se eu não for perfeita, o que me restará? O quê? Adela franziu as sobrancelhas, perdida em pensamentos. Era a primeira vez na vida que sentia necessidade de fazê-lo, e ficou boquiaberta ao perceber o que tinha feito, horrorizada pelo medo de ter estragado o rosto, talvez para sempre. Adela correu de volta para o espelho e passou a manhã ali, e, embora estivesse convencida de que continuava perfeita, não restava dúvida de que não estava mais tão feliz quanto antes.

Assim começou sua aflição.

Em duas semanas, as primeiras marcas de expressão apareceram; em um mês, viraram rugas, que, antes de o ano acabar, tomaram o rosto todo. Ela se casou logo depois, com o mesmo homem que havia apontado sua sublimidade, a quem proporcionou um duradouro casamento infernal.

Buttercup, aos quinze anos, não sabia de nada disso, claro. E, se soubesse, teria achado completamente incompreensível. Como alguém poderia se importar em ser ou não a mulher mais bonita do mundo? Que diferença faria ser apenas a terceira mais bonita? Ou a sexta? (Na época, Buttercup não chegava nem perto do topo da lista, mal alcançando as vinte primeiras colocadas, e com base apenas em potencial, jamais em algum cuidado especial que dedicasse a si mesma. Odiava lavar o rosto, ignorava a região atrás das orelhas, estava cansada de pentear o cabelo e o fazia apenas quando extremamente necessário.) O que ela gostava mesmo, acima de tudo, era de cavalgar e atormentar o garoto da fazenda.

O nome do cavalo era "Cavalo" (sim, Buttercup nunca teve grande imaginação) e ele aparecia quando ela chamava, ia para onde ela guiava, fazia o que ela mandava. O garoto que ajudava na fazenda também. Na verdade, ele já era um rapaz, mas não passava de um garoto quando, ao ficar órfão, fora levado para trabalhar para o pai dela, e Buttercup ainda se referia a ele como

garoto.

— Garoto da fazenda, pegue aquilo. Faça isso, garoto… Depressa, seu preguiçoso, vá agora ou farei queixa ao meu pai.

— Como quiser.

Ele sempre respondia do mesmo jeito. "Como quiser." Pegue aquilo, garoto da fazenda. "Como quiser." Seque isso, garoto da fazenda. "Como quiser." O rapaz morava em uma choupana perto de onde ficavam os animais e, segundo a mãe de Buttercup, era quem a mantinha limpa. Ele até lia quando arranjava uma vela.

"Vou deixar um acre de terra para o rapaz em meu testamento", gostava de dizer o pai de Buttercup. (As coisas eram medidas em acres naquela época.) "Vai deixá-lo mal-acostumado", respondia a mãe de Buttercup. "Ele trabalhou como um escravo por muitos anos. Um trabalho bem-feito deve ser recompensado."

Então, em vez de continuarem a discussão (eles também tinham discussões naquela época), ambos se viraram para a filha.

— Você não se lavou — disse o pai.

— Eu me lavei, sim.

— Não com água — insistiu o pai. — Está fedendo como um garanhão.

— Cavalguei o dia todo — explicou Buttercup.

A mãe entrou na discussão:

— Você precisa se lavar, Buttercup. Os rapazes não gostam de garotas com cheiro de estábulo.

— Ah, os rapazes! — Buttercup quase perdeu a cabeça. — Eu não me importo com "os rapazes". Cavalo me ama e isso me basta, obrigada.

Ela fez o discurso em alto e bom som, e era assim com frequência.

Porém, gostando ou não, as coisas estavam começando a acontecer.

Pouco antes de completar dezesseis anos, Buttercup se deu conta de que fazia mais de um mês que nenhuma garota do vilarejo falava com ela. Nunca tinha sido muito próxima das garotas, então a mudança não era nada

chocante, mas antes, pelo menos, era cumprimentada quando cavalgava pelo vilarejo ou pelas trilhas das carroças. Ultimamente, por algum motivo, nem isso. As garotas desviavam o olhar rápido quando ela se aproximava, e nada mais. Certa manhã, Buttercup encurralou Cornelia no ferreiro e perguntou o motivo daquele silêncio.

— Imaginei que, depois do que fez, você teria a decência de não se fingir de desentendida — foi o que Cornelia disse.

— E o que eu fiz?

— O quê? *O quê?*… Você os roubou.

Com isso, Cornelia saiu correndo, mas Buttercup entendeu tudo; sabia quem eram "eles".

Os garotos.

Os garotos do vilarejo.

Garotos. Aqueles idiotas, acéfalos, cabeças de minhoca, estúpidos sem neurônio, umas portas.

Como alguém podia acusá-la de roubá-los? Por que alguém ia *querer* aqueles garotos, para começo de conversa? Para que serviam? Eles só sabiam incomodar, aborrecer e irritar.

— Posso pentear seu cavalo, Buttercup?

— Obrigada, mas o garoto da fazenda já faz isso.

— Posso cavalgar com você, Buttercup?

— Obrigada, mas prefiro cavalgar sozinha.

— Você se acha melhor que todo mundo, não é, Buttercup?

— Não, não me acho. Só gosto de cavalgar sozinha, só isso.

No entanto, ao longo de seu décimo sexto ano, até esse tipo de conversa deu lugar a gagueiras, enrubescimentos e, na melhor das hipóteses, perguntas sobre o tempo.

— Você acha que vai chover, Buttercup?

— Acho que não, o céu está azul.

— Talvez chova.

— Bem, impossível não é.

— Você se acha melhor que todo mundo, não é, Buttercup?

— Não, só não acho que vai chover, só isso.

À noite, quase sempre, eles se reuniam no escuro embaixo de sua janela e riam da cara dela. Buttercup os ignorava. Em geral, a risada abria caminho para o insulto. Ela não dava bola. Se os insultos ficavam muito pesados, o garoto da fazenda resolvia tudo: saía em silêncio de sua choupana, dava uma surra em alguns deles e colocava todos para correr dali. Ela nunca deixava de agradecer a ele quando isso acontecia. "Como quiser" era só o que ele respondia.

Quando Buttercup estava quase completando dezessete anos, um homem chegou à cidade em uma carruagem e viu a jovem saindo a cavalo. Ele continuava espiando quando ela voltou. Ela não deu bola, e, de fato, o sujeito em si não era importante, mas sua presença criou um marco. Outros homens já tinham se desdobrado para observá-la; assim como ele, outros já tinham se dado ao trabalho de cavalgar trinta quilômetros com tal propósito. A diferença, nesse caso, é que aquele foi o primeiro homem rico a se prestar a isso, o primeiro nobre. E foi ele, cujo nome ficou perdido na história, que mencionou Buttercup ao conde.

* * *

AS TERRAS DE Florin se situavam onde um dia viriam a ser a Suécia e a Alemanha. (Isso foi antes de a Europa existir.) Em teoria, Florin era governada pelo rei Lotharon e por sua segunda esposa, a rainha. Mas, na verdade, o rei mal se aguentava em pé, quase não conseguia diferenciar a noite do dia e passava o tempo todo só balbuciando coisas indistintas. Era bem velho e havia muito fora traído pelo próprio organismo, e grande parte de suas decisões a respeito de Florin tinha certo caráter arbitrário que incomodava bastante os cidadãos mais proeminentes.

O príncipe Humperdinck era quem comandava tudo. Ele teria sido o homem mais poderoso da Europa, se o continente existisse na época, mas mesmo que não fosse na Europa, não havia ninguém em um perímetro de dois quilômetros disposto a se meter com ele.

O conde era o único confidente do príncipe Humperdinck. Ninguém precisava chamá-lo pelo sobrenome, Rugen — ele era o único conde do país, título dado pelo príncipe, como presente de aniversário, alguns anos antes, e o acontecimento se deu, naturalmente, em uma das festas da condessa.

A condessa era consideravelmente mais nova que o marido. Todas as suas roupas vinham de Paris (isso foi depois de Paris existir) e ela tinha um gosto esplêndido. (Isso também foi depois do conceito de bom gosto, mas só um pouco depois. E, sendo algo muito recente, e sendo a condessa a única dama em Florin a dispor dele, resta alguma dúvida de que ela seria a principal anfitriã do reino?) No fim, sua paixão por tecidos e pintura facial fez com que ela fixasse residência em Paris, onde comandava o único salão de reputação internacional.

Antes disso, ela preenchia seu tempo dormindo em lençóis de seda, comendo em pratos de ouro e sendo a mulher mais temida e admirada de toda a história florinense. Se tinha imperfeições físicas, as roupas escondiam; se seu rosto era menos que divino, ninguém saberia dizer depois que ela aplicasse as substâncias. (Isso foi antes do glamour, mas, não fosse por damas como a condessa, esse conceito nem sequer teria motivos para existir.)

Resumindo, os Rugen eram o Casal Sensação de Florin, e assim foram por muitos anos...



AQUI SOU EU, o autor. Todas as observações e comentários da minha edição serão feitos nesta fonte itálica extravagante, para que você possa diferenciar do texto de Morgenstern. Quando falei, no início, que nunca tinha lido o livro, era verdade.

Foi meu pai quem leu para mim, e eu só passei os olhos rapidamente, riscando partes inteiras quando fiz a edição, deixando tudo como estava no original.

Este capítulo está intacto. Minha intromissão aqui tem a ver com os parênteses deixados por Morgenstern. A preparadora de texto da Harcourt não parava de cobrir as margens das provas com perguntas do tipo: "Como pode ser antes da Europa e depois de Paris?" e "Como é possível que isso se passe antes do glamour se o glamour é um conceito antigo? Procurar referência a 'glamer' no Oxford English Dictionary". E, por fim: "Estou enlouquecendo. O que devo fazer com esses parênteses? Em que época se passa este livro? Não estou entendendo nada. Socorro!!!" Denise, a preparadora de texto, trabalhou em todos os meus livros desde Boys and Girls Together *e nunca tinha deixado recadinhos* tão *exaltados nas minhas provas.*

Eu não podia fazer nada para ajudá-la.

Ou Morgenstern falava sério, ou não. Ou quem sabe estava falando sério algumas *vezes e em outras,* não. Mas ele nunca *revelava quando estava falando sério. Ou talvez fosse apenas seu modo de dizer com estilo ao leitor: "isto não é real; nunca aconteceu." É o que eu acho, embora conste dos registros da história de Florin que aconteceu, sim. Os fatos, pelo menos; ninguém tem certeza sobre as reais motivações. Posso sugerir o seguinte: se os parênteses o incomodam, não os leia.*



— DEPRESSA… DEPRESSA… VENHA…

O pai de Buttercup estava na casa principal da fazenda, olhando pela janela.

— Por quê? — Isso veio da mãe.

Ela não cedia em nada quando o assunto era obediência.

O pai apontou.

— Olhe…

— Olhe você, que está mais acostumado.

Os pais de Buttercup não tinham exatamente o que se pode chamar de um casamento feliz. Um sonhava em largar o outro.

O pai de Buttercup deu de ombros e voltou para a janela.

— Ahhh — disse ele depois de um tempo. E, um pouco depois, outro: — Ahhhh.

A mãe de Buttercup olhou de relance de onde estava, preparando a comida.

— Tamanha riqueza — comentou o pai de Buttercup. — Glorioso.

A mãe de Buttercup hesitou e então deixou o ensopado de lado. (Isso foi depois da invenção do ensopado, assim como tudo o mais. Na noite em que o primeiro homem parou de rastejar no lodo e se estabeleceu em solo firme, o jantar foi ensopado.)

— O coração transborda diante de tamanha magnificência — resmungou, em alto e bom som, o pai de Buttercup.

— O que é exatamente, meu pudinzinho? — perguntou a mãe de Buttercup.

— Olhe você, que está mais acostumada — foi só o que ele respondeu.

(Aquela era a trigésima terceira alfinetada do dia — isso foi muito depois da invenção das alfinetadas —, e ele estava perdendo de treze a vinte, mas havia se recuperado um pouco desde o almoço, quando estava dezessete a dois para ela.)

— Jegue — disse a mãe, e se aproximou da janela.

Um instante depois, ela estava dizendo "Ahhh" junto com ele.

Eles ficaram ali, os dois, apequenados e maravilhados.

À mesa de jantar toda posta, Buttercup observava ambos.

— Eles devem estar indo encontrar o príncipe Humperdinck em algum lugar — disse a mãe de Buttercup.

O pai assentiu.

— Uma caça. É isso que o príncipe faz.

— Que sorte a nossa, tê-los visto passar — comentou a mãe de Buttercup,

e pegou a mão do marido.

O velho assentiu.

— Agora já posso morrer.

Ela olhou para ele.

— Não morra.

Seu tom era surpreendentemente doce, e a mulher deve ter percebido quanto ele era importante para ela, porque quando ele morreu mesmo, dois anos depois, ela se foi logo em seguida, e a maioria dos que a conheciam bem concordou que havia sido a súbita falta de rivalidade que causara sua morte.

Buttercup se aproximou e ficou parada atrás deles, observando, e logo também estava boquiaberta, porque o conde e a condessa e todos os escudeiros, criados, cortesãos, soldados e carruagens passavam pela estrada diante da fazenda.

Os três permaneceram em silêncio enquanto a procissão passava. O pai de Buttercup era um homem tacanho que sempre havia sonhado viver como o conde. Certa vez, ele estivera a três quilômetros de onde o conde e o príncipe estavam caçando e, até aquele instante, esse havia sido o auge de sua existência. Ele era um péssimo fazendeiro e também não era grande coisa como marido. Não havia muito em que se destacasse, e nunca conseguiu entender muito bem como fez para gerar sua filha, mas sabia, lá no fundo, que devia ter sido algum engano maravilhoso, cuja natureza ele não tinha a menor intenção de investigar.

A mãe de Buttercup era uma mulher corcunda, enfezada e consternada, que sempre sonhara ser popular ao menos uma vez na vida, como a condessa supostamente era. No entanto, era péssima cozinheira, e uma dona de casa ainda pior. Como Buttercup podia ter saído de dentro dela era algo incompreensível, mas, como presenciara o nascimento, estava convencida de que não houvera engano.

A própria Buttercup, parada, meia cabeça mais alta que os pais, ainda segurando a louça do jantar, ainda com o cheiro do Cavalo, desejou apenas

que a procissão não tivesse passado tão longe, para que pudesse ver se as roupas da condessa eram mesmo tão adoráveis.

Como que em resposta, a procissão virou e começou a adentrar a fazenda.

— Aqui? — soltou o pai de Buttercup, atordoado. — Meu Deus, por quê?

A mãe de Buttercup estourou com ele:

— Você esqueceu de pagar os impostos?

(Isso foi depois dos impostos. Mas tudo veio depois dos impostos. Até o ensopado.)

— Mesmo se eu tivesse esquecido, não precisaria de *tudo isso* para cobrar. — E ele apontou para a entrada da fazenda, onde chegavam o conde e a condessa e todos os escudeiros, criados, cortesãos, soldados e carruagens. — O que eles podem querer comigo?

— Vá ver, vá ver — disse a mãe de Buttercup.

— Vá você. Por favor.

— Não. Você. Por favor.

— Vamos os dois.

Os dois foram. Tremendo.

— Vacas — disse o conde quando marido e mulher se aproximaram da carruagem. — Gostaria de falar sobre as vacas daqui.

Ele permaneceu dentro da carruagem, o rosto oculto na sombra.

— As vacas daqui? — perguntou o pai de Buttercup.

— Sim. É o seguinte, estou pensando em começar uma pequena produção independente de laticínios, e, como suas vacas são conhecidas por toda a região como as melhores de Florin, pensei que talvez pudesse aprender alguns segredinhos com você.

— Minhas vacas — conseguiu repetir o pai de Buttercup, torcendo para que não estivesse ficando maluco.

Porque a verdade, como ele sabia bem, era que tinha péssimas vacas. Por anos não recebera nada além de reclamações do povo do vilarejo. Se houvesse qualquer concorrência no fornecimento de leite, ele teria perdido sua renda

em um piscar de olhos. Fato era que as coisas haviam melhorado desde a chegada do ajudante; sem dúvida, o garoto tinha certas habilidades, e quase não houvera mais reclamações desde então, mas nada disso fazia de suas vacas as melhores de Florin. No entanto, não se discutia com o conde. O pai de Buttercup virou-se para a esposa.

— Qual você diria que é meu segredinho, meu bem?

— Ah, são tantos...

Ela não era boba, ainda mais quando o assunto era a qualidade de seus animais.

— Vocês não têm filhos, correto? — perguntou o conde.

— Temos, sim, senhor — respondeu a mãe.

— Então deixe-me vê-la — pediu o conde. — Quem sabe ela será mais rápida com as respostas do que os pais.

— Buttercup — chamou o pai, virando-se. — Venha aqui, por favor.

— Como sabia que tínhamos uma garota? — indagou a mãe de Buttercup.

— Palpite. Deduzi que só podia ser ou homem ou mulher. Alguns dias tenho mais sorte que…

Ele simplesmente parou de falar.

Porque Buttercup chegou, correndo.

O conde saltou da carruagem. Com elegância, desceu e ficou ali parado. Era um homem grande, com cabelo preto, olhos pretos, ombros largos e capa e luvas pretas.

— Mesura, meu bem — sussurrou a mãe.

Buttercup dobrou-se o máximo que conseguiu.

E o conde não tirava os olhos dela.

Permita-me esclarecer que ela mal estava cotada entre as vinte mais bonitas; o cabelo vivia despenteado e sujo; tinha apenas dezessete anos, então ainda havia, em certos lugares, reminiscências de gordurinhas da infância. Nada havia sido trabalhado naquela jovem. Não havia ali nada além de potencial.

Ainda assim, o conde não conseguia desviar o olhar.

— O conde gostaria de saber o segredo do sucesso das nossas vacas, não é mesmo, senhor? — comentou o pai de Buttercup.

O conde apenas assentiu, encarando.

Até mesmo a mãe de Buttercup notou uma tensão no ar.

— Pergunte ao nosso ajudante, é ele quem cuida delas — falou Buttercup.

— *E aquele ali é o ajudante?* — perguntou alguém dentro da carruagem.

Então o rosto da condessa surgiu, emoldurado pela porta do veículo.

Seus lábios estavam pintados de um vermelho perfeito; os olhos verdes, delineados de preto. Todas as cores do mundo se misturavam em seu vestido. Buttercup queria proteger os olhos do brilho.

O pai de Buttercup olhou de relance a figura solitária espiando lá atrás, do canto da casa.

— É, sim.

— Traga-o até mim.

— Ele não está vestido de forma apropriada para a ocasião — retrucou a mãe de Buttercup.

— Já vi peitos nus antes — respondeu a condessa. E gritou: — *Você!* — E apontou para o garoto. — Venha *aqui*. — Ela estalou os dedos quando disse "aqui".

O garoto obedeceu.

E quando ele estava próximo, a condessa desceu da carruagem.

Quando estava apenas alguns passos atrás de Buttercup, o garoto parou, a cabeça curvada na posição certa. Ele estava envergonhado de sua vestimenta, botas gastas e calça jeans rasgada (o jeans foi inventado bem antes, é o que muitos dizem), e as mãos entrelaçadas com tanta firmeza que pareciam um gesto de súplica.

— Você tem nome, garoto?

— Westley, condessa.

— Muito bem, Westley, quem sabe pode ajudar em nossa questão. — Ela

foi até o garoto. O tecido de seu vestido tocou a pele dele. — Estamos todos muitíssimo interessados nas vacas. Estamos praticamente à beira de um colapso, tamanha nossa curiosidade. Na sua opinião, Westley, por que as vacas desta terra em especial são as melhores de Florin? O que você faz com elas?

— Eu apenas dou comida para elas, condessa.

— Muito bem, aí está, mistério resolvido. Eis o segredo. Já podemos ficar calmos. Claramente, a mágica é a alimentação de Westley. Poderia mostrar como faz, Westley?

— Quer que eu alimente as vacas para a senhora, condessa?

— Rapaz esperto.

— Quando?

— Pode ser agora. — Ela estendeu o braço para ele. — Mostre o caminho, Westley.

O garoto não teve escolha senão lhe dar o braço. Com gentileza.

— Fica nos fundos da casa, senhora. É um lamaçal só, lá atrás. Vai estragar seu vestido.

— Eu não uso mais de uma vez o mesmo vestido, Westley, e estou ansiosa para vê-lo em ação.

E, assim, eles seguiram para o estábulo.

Enquanto tudo isso acontecia, o conde continuou observando Buttercup.

— Eu ajudo! — gritou Buttercup para Westley.

— Talvez seja melhor eu ver como ele faz — concluiu o conde.

— Algo estranho está acontecendo — disseram os pais da garota, antes de seguirem o restante do grupo na excursão de alimentação das vacas, observando o conde, que observava Buttercup, que observava a condessa.

Que observava Westley.

* * *

— NÃO CONSEGUI VER nada de tão especial no que ele fez — retrucou o pai de Buttercup. — Ele só deu comida às vacas.

Isso já era depois do jantar, e a família estava a sós de novo.

— Vai ver as vacas gostam dele. Eu tive um gato uma vez que só ficava forte quando eu lhe dava comida. Talvez seja o mesmo caso. — A mãe de Buttercup raspou as sobras do ensopado. — Tome — disse ela à filha. — Westley está esperando na porta dos fundos. Leve o jantar dele.

Buttercup abriu a porta dos fundos levando a tigela.

— Pegue — disse ela.

Ele assentiu, aceitou a tigela e seguiu na direção de seu tronco de árvore, para comer.

— Não dispensei você, garoto da fazenda — começou Buttercup. Ele parou e se virou para ela. — Não gosto do que anda fazendo com o Cavalo. Ou melhor, o que *não* anda fazendo com o Cavalo. Quero que ele fique limpo. Hoje. Quero os cascos lustrados. Hoje. Quero o rabo plissado e as orelhas massageadas. Esta noite. Quero os estábulos impecáveis. Agora. Quero o Cavalo brilhando, nem que você tenha que passar a noite toda trabalhando.

— Como quiser.

Ela bateu a porta e o deixou comendo no escuro.

— Achei que o Cavalo estivesse sendo muito bem cuidado — disse o pai dela.

Buttercup não disse nada.

— Você mesma disse isso, ontem — lembrou a mãe.

— Devo estar cansada demais — foi tudo que Buttercup conseguiu dizer. — Essa animação toda, sabe como é.

— Descanse, então — sugeriu a mãe. — Quando estamos cansados demais, coisas terríveis acontecem. Eu estava cansada demais na noite em que seu pai me pediu em casamento.

Trinta e quatro a vinte e dois, e abrindo vantagem.

Buttercup foi para o quarto. Deitou-se na cama. Fechou os olhos.

E a condessa estava encarando Westley.

Buttercup levantou-se da cama. Tirou a roupa. Lavou-se um pouco. Vestiu a camisola. Entrou embaixo dos lençóis, acomodou-se, fechou os olhos.

A condessa continuava encarando Westley!

Buttercup jogou os lençóis longe, abriu a porta. Foi até a pia ao lado do fogão e pegou um copo de água. Bebeu. Voltou a encher o copo e despejou o frescor na testa. A sensação febril persistia.

Quão febril? Ela se sentia bem. Tinha dezessete anos e nem uma cárie sequer. Despejou a água com força na pia, virou-se, voltou ao quarto pisando firme, fechou bem a porta, voltou para a cama. Fechou os olhos.

A condessa não parava de encarar Westley!

Por quê? Por que motivo a mulher mais perfeita que já existira em Florin estaria interessada no garoto da fazenda? Buttercup ficou se revirando na cama. E não havia outra explicação para aquele olhar: ela *estava* interessada. Fechou os olhos bem fechados e examinou as lembranças que tinha da condessa. Claramente, algo no garoto despertara o interesse da mulher. Contra fatos não há argumentos. Mas *o quê*? Os olhos dele eram como o mar antes de uma tempestade, mas quem ligava para olhos? E tinha um cabelo louro muito claro, há quem goste disso. E até que tinha ombros bem largos, mas não muito mais largos que os do conde. E, sem dúvida, era musculoso, se bem que qualquer um que trabalhasse pesado o dia todo seria musculoso. E a pele era perfeita e bronzeada, mas isso também era graças ao trabalho pesado; no sol o dia inteiro, quem não seria bronzeado? E ele não era tão mais alto que o conde, embora sua barriga fosse mais definida, mas isso porque o garoto era mais jovem.

Buttercup se sentou na cama. Talvez fossem os dentes. O garoto tinha mesmo dentes bonitos, ninguém podia negar. Brancos e perfeitos, ainda mais em contraste com o rosto bronzeado.

Ou seria alguma outra coisa? Buttercup pensou bastante. As garotas do

vilarejo o seguiam para cima e para baixo sempre que ele ia fazer entregas, mas eram umas idiotas, ficavam atrás de qualquer criatura. E ele sempre as ignorava, porque, se abrisse a boca, elas perceberiam que sua única qualidade eram os dentes bonitos; ele era, afinal, excepcionalmente burro.

Era de fato muito estranho que uma mulher tão bela, esbelta, graciosa e elegante, uma criatura de compleição tão perfeita e vestida de forma tão fina como a condessa, se deixasse levar daquele jeito por belos dentes. Buttercup deu de ombros. As pessoas eram surpreendentemente complicadas. Mas, enfim, havia diagnosticado tudo, identificado, esclarecido. Fechou os olhos e se enfiou embaixo das cobertas, acomodando-se confortavelmente, e *as pessoas não olham para os outros do jeito que a condessa olhava para o garoto por causa dos dentes.*

— Ai — gemeu Buttercup. — Ai, ai, céus.

Agora o *garoto* estava fazendo contato visual com a *condessa*. Ele alimentava as vacas, tensionando os músculos como sempre fazia, exibindo a pele bronzeada, e Buttercup estava parada ali, observando o garoto olhar, pela primeira vez, bem no fundo dos olhos da condessa.

Saltou da cama e começou a caminhar de um lado para o outro no quarto. Como ele se atrevia? Ah, não seria problema se Westley tivesse olhado para ela, mas ele não estava olhando para ela, ele estava *olhando para ela*.

— Ela é tão velha — murmurou Buttercup, já um pouco agitada.

A condessa jamais voltaria aos trinta anos, e isso era um fato. E o vestido dela estava ridículo naquele estábulo, isso era outro fato.

Buttercup caiu na cama, abraçada ao travesseiro. O vestido já era ridículo muito antes de chegar ao estábulo. A condessa parecia podre desde o momento em que pisara fora da carruagem, com aquela enorme boca pintada e aqueles olhinhos pintados e a pele cheia de pó de arroz e… e… e…

Agitada e inquieta, Buttercup chorou e se revirou e andou de um lado para o outro e chorou um pouco mais, e existiram três grandes casos de ciúme desde que David da Galileia foi tomado pelo sentimento quando não podia

mais suportar a ideia de que o cacto de seu vizinho Saul ofuscava o seu. (Originalmente, o ciúme era direcionado exclusivamente às plantas, aos cactos ou ginkgos alheios, ou, mais tarde, quando surgiu a grama, à grama, e é por isso que até hoje associam o ciúme à cor verde.) O caso de Buttercup alcançou o quarto lugar na lista total.

Foi uma noite muito longa e verde.

Ela estava do lado de fora da choupana dele antes do amanhecer. Podia ouvi-lo acordado lá dentro. Bateu à porta. Westley surgiu, ficou parado no batente. Atrás do rapaz, ela viu uma pequena vela, livros abertos. Ele esperou. Ela olhou para ele. Então, desviou o olhar.

Ele era bonito demais.

— Eu te amo — disse Buttercup. — Sei que isso pode parecer um tanto surpreendente, uma vez que só fiz maltratá-lo, humilhá-lo e provocá-lo, mas já o amo há muitas horas e a cada segundo amo mais. Uma hora atrás, pensei que eu o amava mais do que qualquer mulher já amou um homem, mas meia hora depois, soube que o que eu tinha sentido quando pensei isso não se comparava ao que sentia no momento. E dez minutos depois, entendi que meu amor de antes era uma gota se comparado ao oceano antes de uma tempestade. Seus olhos são assim, sabia? Bem, são, sim. Há quantos minutos eu parei? Vinte? Já atualizei o tamanho do meu amor agora? Não importa. — Buttercup ainda não conseguia encará-lo. O sol nascia atrás dela; sentia o calor nas costas, e aquilo lhe deu coragem. — Eu o amo bem mais agora do que amava há vinte minutos, não existe comparação. Eu o amo bem mais agora do que quando abriu a porta da sua choupana. Não há espaço no meu corpo para nada que não seja você. Meus braços o amam, minhas orelhas o adoram, meus joelhos tremem em devoção cega. Minha mente suplica que você peça algo para que eu possa obedecer. Você quer que eu o siga pelo resto dos meus dias? Farei isso. Quer que eu rasteje? Rastejarei. Ficarei em silêncio ou cantarei para você, ou, se estiver com fome, deixe que eu lhe traga comida, ou, se estiver com uma sede saciada somente por vinho árabe, irei à Arábia,

mesmo que seja do outro lado do mundo, e lhe trarei uma garrafa para a hora do almoço. Qualquer coisa que eu possa fazer por você, farei; qualquer coisa que eu não saiba fazer, aprenderei. Sei que não posso competir com a condessa em habilidades, sabedoria ou encanto, e vi como ela olhou para você. E vi como você olhou para ela. Mas lembre-se, por favor, de que ela é velha e tem outros interesses, enquanto eu tenho dezessete anos e, para mim, existe apenas você. Meu querido Westley… Nunca o chamei assim antes, não é mesmo? Westley, Westley, Westley, Westley, Westley… doce Westley, adorado Westley, maravilhoso e perfeito Westley, sussurre que tenho uma chance de conquistar seu amor.

E, com isso, ela ousou fazer o ato mais corajoso de sua vida: olhou no fundo dos olhos dele.

Ele fechou a porta na cara dela.

Sem dizer uma palavra.

Sem dizer uma palavra.

Buttercup correu. Virou-se e saiu correndo, e as lágrimas escorreram amargamente; não estava enxergando nada, tropeçou, bateu em um tronco de árvore, caiu, levantou-se, correu de novo; o ombro latejava no local atingido pelo tronco, e a dor era forte, mas não forte o suficiente para calar seu coração despedaçado. De volta ao quarto, ela se escondeu, afundou no travesseiro. Protegida pela porta trancada, inundou o mundo com suas lágrimas.

Nem sequer *uma* palavra. Ele não tivera decência nem para isso. "Desculpe", poderia ter dito. Teria morrido se dissesse um "desculpe"? "Tarde demais", ele poderia ter dito.

Por que não disse pelo menos uma coisa qualquer?

Buttercup pensou muito por um instante. E, de repente, soube a reposta: ele não falou nada porque assim que abrisse a boca, seria o fim. Claro, ele era bonito, mas também era burro. Assim que falasse algo, tudo estaria acabado.

— Hããã…

Era o que ele teria dito. Era esse o tipo de coisa que Westley soltava

quando estava se sentindo muito esperto.

— Hã, brigadu, Buttercup.

Buttercup secou as lágrimas e começou a sorrir. Respirou fundo e soltou um suspiro. Aquilo fazia parte do crescimento. As pessoas se apaixonavam repentinamente, depois piscavam e já não sentiam mais nada. Perdoavam defeitos, encontravam a perfeição, apaixonavam-se perdidamente; então o sol nascia e tudo passava. Conte como uma experiência, garota, e siga com a vida. Buttercup se levantou, fez a cama, trocou de roupa, penteou o cabelo, sorriu e caiu no choro de novo. Porque tudo tem limite, até as mentiras que contamos a nós mesmos.

Westley não era burro.

Ah, ela podia fingir que sim. Podia rir das dificuldades linguísticas dele. Podia se repreender por sua paixão boba por um bronco. A verdade era apenas uma: ele tinha a cabeça no lugar. E dentro dela havia um cérebro tão bom quanto seus dentes. Se ele não dissera nada, fora por um motivo, e um motivo que não estava relacionado ao funcionamento de sua massa cinzenta. Ele não dissera nada porque, no fundo, não havia nada a ser dito.

Ele não a amava e ponto final.

As lágrimas que fizeram companhia a Buttercup pelo restante do dia não eram nem um pouco semelhantes àquelas que a cegaram diante do tronco da árvore. Aquelas tinham sido barulhentas e quentes; latejavam. Essas eram silenciosas e constantes, e apenas a lembravam de que não era boa o suficiente. Ela tinha dezessete anos e todos os homens que conhecera haviam se jogado aos seus pés, e isso não significara nada até então. Na única vez que importaria de alguma coisa, ela não fora boa o suficiente. A única coisa que sabia fazer de verdade era cavalgar, e como isso interessaria a um homem que tinha despertado o interesse da condessa?

Anoitecia quando ela ouviu passos do outro lado da porta do quarto. Em seguida, uma batida. Buttercup enxugou os olhos. Mais uma batida.

— Quem está aí? — perguntou, enfim, com um bocejo.

— Westley.

Buttercup saltou da cama.

— Westley? Eu conheço algum Wes… Ah, o *garoto da fazenda*, é você, que peculiar! — Ela foi até a porta, destrancou-a e falou, em seu tom mais refinado: — Quanta honra em receber sua visita, estava me sentindo um tanto arrependida pela peça que preguei em você mais cedo. Claro que você deveria saber que eu não falava sério, ou pelo menos achei que soubesse; no entanto, quando você começou a fechar a porta, pensei por um terrível instante que talvez eu tivesse sido um pouco convincente demais em minha pequena atuação, e, pobrezinho, você pensou que eu falava sério quando, é claro, ambos sabemos da completa impossibilidade de tal coisa.

— Vim dizer adeus.

O coração de Buttercup quase saiu pela boca, mas ela manteve a pose.

— Está indo dormir, é isso, e veio dizer boa-noite? Que atencioso, garoto, demonstrando que perdoa minha pequena provocação desta manhã; eu certamente agradeço seu cuidado e…

Ele a interrompeu:

— Estou indo embora.

— Indo embora? — Suas pernas começaram a ceder. Ela agarrou o batente da porta. — Agora?

— Sim.

— Por causa do que eu disse hoje de manhã?

— Sim.

— Assustei você, não foi? Eu tinha que cortar minha língua fora. — Ela balançou a cabeça umas mil vezes. — Bem, agora está feito; você tomou sua decisão. Apenas se lembre de uma coisa: eu não o aceitarei de volta quando ela se cansar de você, pode implorar à vontade.

Ele apenas olhou para ela.

Buttercup se apressou.

— Só porque é bonito e perfeito, você ficou arrogante. Acha que as

pessoas não podem se cansar de você. Bem, está errado: podem, sim, e ela se cansará. Além disso, você é pobre demais.

— Estou indo para a América. Atrás da minha fortuna. — (Isso foi logo após o surgimento da América, e muito depois das fortunas.) — Um navio partirá em breve de Londres. Há grandes oportunidades na América. Vou tirar proveito disso. Tenho me preparado. Na minha choupana. Treinei para não precisar dormir tanto. Algumas horas de sono me bastam. Arranjarei um emprego de dez horas diárias e depois arranjarei outro emprego de dez horas diárias, e guardarei cada centavo recebido de ambos, usando apenas o suficiente para comer e me manter forte, e quando tiver o bastante, comprarei uma fazenda, construirei uma casa e farei uma cama para dois.

— Você está completamente maluco se acha que ela será feliz em um casebre caindo aos pedaços no interior da América. Não com o que ela gasta em roupas.

— Pare de falar na condessa! Faça-me esse favor, sim? Antes que me *enlouqueçaaaaaa*!

Buttercup olhou para ele.

— Não faz ideia do que está acontecendo?

Buttercup balançou a cabeça.

Westley também balançou a dele.

— Você nunca foi das mais inteligentes mesmo.

— Você me ama, Westley? É isso?

Ele não conseguia acreditar.

— Se eu a amo? Meu Deus, se seu amor fosse um grão de areia, o meu seria um universo de praias. Se seu amor fosse…

— Ainda não entendi a primeira — interrompeu Buttercup, começando a ficar empolgada. — Deixe-me ver se entendi. Está dizendo que meu amor é do tamanho de um grão de areia e o seu é essa outra coisa? Fico muito confusa com alegorias… esse tal universo que você mencionou é maior que minha areia? Ajude-me, Westley. Tenho a impressão de que estamos à beira

de algo terrivelmente importante.

— Passei esses anos todos em minha choupana por sua causa. Aprendi sozinho outras línguas por sua causa. Consegui um corpo forte porque achei que você pudesse gostar de corpos fortes. Vivi toda a minha vida com a única esperança de que em algum alvorecer, quem sabe, você olhasse para mim. Não me lembro de um único momento, em anos, que sua presença não fizesse meu coração disparar. Não me lembro de ir me deitar sem que sua imagem me viesse à cabeça. Não houve uma manhã sequer em que você não foi a primeira coisa que vi ao acordar… Está entendendo ao menos em parte o que digo, Buttercup, ou prefere que eu continue?

— Não pare jamais.

— Não houve…

— Se estiver zombando de mim, Westley, vou matá-lo.

— Como pode sequer sonhar que seja zombaria?

— Bem, você não disse nem uma vez sequer que me ama.

— É apenas isso que preciso fazer? Fácil. Eu amo você. Entendeu? Quer que eu diga mais alto? *Eu amo você*. Quer que eu soletre? E-u a-m-o v-o-c-ê. Quer ao contrário? Você amo eu.

— Agora está zombando de mim, não está?

— Talvez um pouco. Venho dizendo isso há tanto tempo, você só não ouvia. Toda vez que dizia "Garoto, faça isso", você achava que eu estava respondendo "Como quiser", mas só porque estava ouvindo errado. Eu estava dizendo "Eu amo você", mas você nunca ouvia.

— Estou ouvindo agora e prometo uma coisa: jamais amarei outra pessoa. Apenas Westley. Até minha morte.

Ele assentiu e deu um passo para trás.

— Mandarei alguém para buscá-la em breve. Acredite.

— Meu Westley jamais mentiria.

Ele recuou mais um passo.

— Estou atrasado. Preciso ir. Detesto ter que fazer isso, mas preciso. Meu

navio parte em breve, e Londres é longe.

— Compreendo.

Ele estendeu a mão direita para ela. Buttercup perdeu o ar.

— Adeus.

Ela conseguiu levantar a mão direita para segurar a dele.

Eles apertaram as mãos.

— Adeus — disse ele mais uma vez.

Ela assentiu suavemente.

Ele deu um terceiro passo, sem se virar.

Ela observou.

Ele se virou.

E as palavras escaparam da boca de Buttercup:

— *Sem nem um beijo?*

Eles se jogaram nos braços um do outro.

* * *

ACONTECERAM CINCO GRANDES beijos desde 1642 a.C., quando a inusitada descoberta de Saul e Delilah Korn começou a se espalhar pelo mundo ocidental. (Antes, os casais uniam polegares.) E a classificação exata dos beijos é algo tão, tão difícil, que quase sempre suscita grande controvérsia, pois, embora todos concordem com a fórmula *afeto vezes pureza vezes intensidade vezes duração*, ninguém nunca chegou a um consenso quanto ao peso que cada um desses elementos deve ter. Contudo, em qualquer sistema, existem cinco beijos que foram avaliados como merecedores de nota máxima.

Bem, esse beijo deixou todos os outros para trás.

* * *

NO DIA SEGUINTE à partida de Westley, Buttercup achou que podia se dar ao

direito de não fazer nada que não fosse ficar sentada lamentando-se e sentindo pena de si mesma. Afinal, o amor de sua vida partira, a vida não tinha mais sentido, como ela poderia olhar para o futuro etc. etc. etc.

Depois de mais ou menos dois segundos, ela se deu conta de que, naquele momento, Westley estava jogado no mundo, cada vez mais próximo de Londres. E se alguma bela moça da cidade grande chamasse sua atenção enquanto ela ficava ali se lamentando? Ou, pior, e se ele chegasse à América e trabalhasse, construísse sua fazenda, fizesse a cama deles e mandasse alguém buscá-la, e, quando ela chegasse lá, ele olhasse para ela e dissesse "Estou mandando você de volta, as lamúrias destruíram seus olhos, a autopiedade acabou com sua pele; você é uma criatura desleixada, vou me casar com uma indígena que mora em uma tenda aqui perto e está em plena forma"?

Buttercup correu até o espelho do quarto.

— Ah, Westley — disse ela —, não quero nunca decepcioná-lo. — E correu escada abaixo, até onde os pais brigavam. (Dezesseis a treze, e o café da manhã nem havia terminado ainda.) — Preciso do conselho de vocês — interrompeu ela. — O que posso fazer para melhorar minha aparência?

— Comece com um banho — disse o pai.

— Aproveite e dê um jeito no cabelo — sugeriu a mãe.

— Desbrave o território atrás das orelhas.

— Não negligencie os joelhos.

— Já é um bom começo — disse Buttercup. — Céus, não é fácil ficar arrumada.

Destemida, pôs a mão na massa.

Todas as manhãs acordava, se possível ao amanhecer, e terminava depressa as tarefas da fazenda. Havia muito a se fazer depois que Westley partira. Além do mais, após a visita do conde, as encomendas de leite tinham subido. Então, só restava tempo para cuidados pessoais no final da tarde.

Mas quando chegava o momento, Buttercup se empenhava. Primeiro, tomava um bom banho gelado. Depois, enquanto o cabelo secava, ela se

dedicava ao máximo a corrigir as imperfeições físicas (um de seus cotovelos era ossudo demais, o punho da outra mão era ossudo de menos). E fazia exercícios para eliminar o que restava de suas gordurinhas de infância (faltava pouco agora; ela tinha quase dezoito anos). E penteava e penteava e penteava o cabelo.

O cabelo de Buttercup era da cor do outono. Nunca tinha sido cortado, então as mil escovadas levavam tempo, mas ela não se importava, porque Westley nunca vira seu cabelo tão limpo e teria uma grande surpresa quando ela desembarcasse na América. A cor de sua pele era de um creme invernoso, e ela esfregava cada centímetro a ponto de ficar lustrosa, o que tampouco era muito divertido, mas Westley teria a surpresa de sua vida com tamanha limpeza quando ela desembarcasse na América.

Em pouco tempo, seu potencial começou a se revelar. Do vigésimo lugar, ela saltou para décimo quinto em duas semanas, uma mudança inédita dentro daquele espaço de tempo. Três semanas depois disso, já estava na nona posição e continuava subindo. A competição estava acirrada, mas no dia seguinte após atingir o nono lugar, uma carta de três páginas de Westley chegou de Londres, e apenas a leitura ininterrupta do texto a levou ao oitavo lugar. Era isso que estava ajudando-a mais do que qualquer outra coisa: seu amor por Westley não parava de crescer, e as pessoas ficavam encantadas quando ela entregava o leite pela manhã. Algumas só conseguiam olhá-la boquiabertas, mas muitas conversavam e, fazendo isso, percebiam que Buttercup estava mais calorosa e mais gentil do que nunca. Até as moças do vilarejo passaram a sorrir e a acenar, e algumas perguntavam por Westley, o que era um erro a não ser que a pessoa tivesse bastante tempo livre, porque quando alguém perguntava a Buttercup como estava Westley… bem, ela contava. Ele estava maravilhoso, como sempre; estava espetacular; estava fabuloso. Nossa, ela podia falar por horas. Às vezes, ficava um pouco difícil para os ouvintes manterem a atenção, mas faziam o melhor que podiam, visto que Buttercup estava tão apaixonada.

Por isso é que a morte de Westley a deixou tão abalada.

Ele escrevera logo antes de embarcar rumo à América. *Orgulho da Rainha* era o nome de seu navio, e ele a amava. (Era assim que ele escrevia todas as frases: está chovendo hoje e eu amo você. Meu resfriado passou e eu amo você. Mande lembranças ao Cavalo e eu amo você. Coisas do tipo.)

Então as cartas pararam de chegar, mas era natural; afinal, ele estava no mar. Então ela soube. Entrando em casa depois de fazer a entrega do leite, seus pais estavam imóveis.

— Perto da costa da Carolina — sussurrou o pai.

— Foi inesperado. À noite — sussurrou a mãe.

— O quê? — perguntou Buttercup.

— Piratas — respondeu o pai.

Buttercup achou melhor se sentar.

Silêncio no ambiente.

— Ele foi aprisionado? — perguntou Buttercup, hesitante.

A mãe fez um "não".

— Foi Roberts — contou o pai dela. — O Infame Pirata Roberts.

— Ah — fez Buttercup. — Aquele que não deixa sobreviventes.

— Sim — confirmou o pai.

Silêncio no ambiente.

De repente, Buttercup começou a falar, bem depressa:

— Ele foi apunhalado?… Ele se afogou?… Cortaram a garganta dele durante o sono?… Será que velaram o corpo dele?… Talvez o tenham chicoteado até a morte… — Nessa hora, ela se levantou. — Estou sendo boba, perdão. Como se fizesse alguma diferença o modo como o mataram. Com licença, por favor.

E correu para o quarto.

Ficou lá por muitos dias. No início, seus pais tentaram tirá-la de lá, mas a garota não cedeu. Começaram a deixar comida na porta do quarto, e ela apenas beliscava, ingerindo só o suficiente para continuar viva. Não se ouvia

nenhum barulho lá dentro, nenhum choro, nenhum som de amargura.

E quando ela finamente saiu, os olhos estavam secos. Da mesa do café da manhã, os pais olharam para ela. Os dois fizeram menção de se levantar, mas ela estendeu a mão, detendo-os.

— Por favor, posso cuidar de mim mesma.

E foi se servir.

Eles observaram atentamente.

O fato era que Buttercup nunca parecera tão bem. Ela havia entrado no quarto como uma garota impressionantemente adorável. A mulher que saiu era um tiquinho mais magra, um tanto mais sábia, mas carregava um oceano de tristeza. Essa mulher entendia a natureza da dor, e, sob a glória de suas feições, havia personalidade e um conhecimento genuíno do sofrimento.

Tinha dezoito anos. Era a mulher mais bonita do último século. Parecia não se importar.

— Como você está? — perguntou a mãe.

Buttercup deu um gole no chocolate quente.

— Bem — respondeu.

— Tem certeza? — indagou o pai.

— Sim — respondeu Buttercup. Houve um longo momento de silêncio. — Mas jamais amarei de novo.

* * *

E ASSIM O fez.

2
O NOIVO



Este é meu primeiro grande corte. O capítulo um, "A noiva", é quase inteiramente sobre a noiva. O capítulo dois, "O noivo", desenvolve a trama do príncipe Humperdinck apenas nas últimas páginas.

Foi neste capítulo que meu filho Jason abandonou a leitura, e não posso culpá-lo. Pois Morgenstern decidiu abrir o capítulo com sessenta e seis páginas da história florinense. Mais especificamente, a história da Coroa florinense.

Fatigante? Talvez.

Por que um mestre da narrativa interromperia sua narrativa justo quando ela está prestes a engrenar? Não se sabe. Só posso deduzir que, para Morgenstern, a verdadeira narrativa não era sobre Buttercup e as coisas impressionantes que ela enfrenta, mas sobre a monarquia e assuntos relacionados. Quando esta minha versão for lançada, estarei preparado para ser massacrado por todos os estudiosos de Florin. (A Universidade de Columbia tem não só os maiores especialistas na história florinense dos Estados Unidos como também cultiva laços estreitos com a New York Times Book Review. *Não há nada que eu possa fazer, e apenas torço para que eles entendam que minhas intenções aqui não são, de forma alguma, destruir a obra de Morgenstern.)*

* * *

O PRÍNCIPE HUMPERDINCK tinha a forma de um barril. Seu peito era um grande peito de barril, suas coxas, grandes coxas de barril. Não era alto, mas pesava mais de cento e dez quilos, peso pesado. Caminhava como um caranguejo, de lado, e se por acaso tivesse o sonho de ser bailarino, teria

vivido uma vida de eterna frustração. Mas não queria ser bailarino. E também não estava com muita pressa para virar rei. Até mesmo a guerra, que era seu forte, ficava em segundo plano entre suas preferências. Tudo ficava em segundo plano entre suas preferências.

Sua paixão era caçar.

Ele criara o hábito de não passar um dia sequer sem matar alguma criatura. Não importava muito o quê. Logo quando passou a praticar, matava apenas coisas grandes: elefantes e pítons. Então, conforme aprimorava suas habilidades, também passou a apreciar o sofrimento de criaturas pequenas. Podia passar uma tarde perseguindo alegremente um esquilo-voador pela floresta ou uma truta-arco-íris rio abaixo. Uma vez decidido, com o alvo em mira, o príncipe era implacável. Nunca se cansava, nunca hesitava, não comia nem dormia. Era um xadrez da morte, e ele era o campeão mundial.

No início, ele dava a volta ao mundo em busca de concorrência, mas viajar gastava tempo, navios e cavalos, e o tempo que passava longe de Florin era preocupante. O trono sempre precisava ter um herdeiro, e, enquanto seu pai estivesse vivo, não haveria problema. Mas seu pai morreria um dia, e então o príncipe seria rei e teria que escolher uma rainha para providenciar um herdeiro para o dia de sua própria morte.

Então, para resolver a ausência, o príncipe Humperdinck construiu o Zoológico da Morte. Ele mesmo projetou o lugar, com a ajuda do conde Rugen, e enviou seus mercenários pelo mundo, a fim de coletarem espécies para ele. O lugar ficou lotado de seres que ele podia caçar, e realmente era diferente de qualquer outro santuário animal. Em primeiro lugar, nunca havia nenhum visitante. Apenas o zelador albino, que mantinha as criaturas alimentadas, bem tratadas e saudáveis.

Outro fato sobre o Zoológico: era subterrâneo. O príncipe fez questão de escolher o local, na parte mais remota e silenciosa das terras do castelo. E decretou que houvesse cinco andares, todos adaptados às necessidades especiais do inimigo. No primeiro andar, colocou os animais velozes: cães-

selvagens, guepardos, beija-flores. O segundo andar era o dos animais fortes: anacondas, rinocerontes e crocodilos de mais de seis metros. O terceiro andar era para os venenosos: cobras peçonhentas, aranhas-saltadoras, morcegos mortais aos montes. O quarto andar era reservado aos mais perigosos, aos que causavam medo: a tarântula gritante (única aranha capaz de emitir som), a águia-de-sangue (único pássaro que se alimentava de carne humana) e, dentro de uma piscina preta, a lula sugadora. Até o albino sentia calafrios na hora de alimentar as criaturas do quarto andar.

O quinto andar era vazio.

O príncipe o construíra na esperança de algum dia encontrar algo digno, tão perigoso, letal e poderoso quanto ele.

Dificilmente. Ainda assim, era um eterno otimista, então mantinha uma grande jaula sempre pronta no quinto andar.

E de fato já estava bom de criaturas letais nos outros quatro andares para deixar um homem feliz. O príncipe às vezes escolhia suas presas ao acaso — ele tinha uma grande roda com cada animal do Zoológico na extremidade e um ponteiro. No café da manhã, ele girava o ponteiro, e o albino prepararia a espécie para onde o ponteiro apontasse. Às vezes ele escolhia de acordo com seu humor: "Sinto-me veloz hoje; pegue um guepardo" ou "Sinto-me forte hoje, solte um rinoceronte". E qualquer que fosse seu pedido, era, claro, atendido.

* * *

ELE ESTAVA OCUPADO com um orangotango quando a questão da saúde do rei causou uma derradeira interrupção.

O príncipe estava lutando desde bem cedo com a besta gigante. No fim da tarde, depois de tantas horas, a coisa peluda enfim começou a ficar fraca. Repetidas vezes o macaco tentava morder, um sinal certeiro de que perdera as forças nos braços. O príncipe se defendia com facilidade, e o símio já estava

ofegante, mal conseguindo respirar. O príncipe deu um passo para o lado, depois outro, e atacou, girou a besta gigante nos braços, apertando a coluna vertebral. (Isso tudo estava acontecendo no ringue dos macacos, onde o príncipe se divertia com uma variedade de símios.) Do alto, a voz do conde Rugen o interrompeu:

— Trago notícias.

Do meio da batalha, o príncipe respondeu:

— Não pode esperar?

— Quanto tempo? — perguntou o conde.

C
R
E
C

O orangotango caiu como uma boneca de pano.

— Pronto. Para quê tudo isso? — perguntou o príncipe, deixando a criatura morta de lado e descendo do ringue.

— Seu pai fez o exame médico anual — disse o conde. — Tenho comigo o relatório.

— E?

— Ele está morrendo.

— Maldição! — exclamou o príncipe. — Isso significa que precisarei me casar.

3
A CONQUISTA



Os quatro se reuniram na sala do grande conselho. O príncipe Humperdinck; seu confidente, o conde Rugen; seu pai, o moribundo rei Lotharon; e a rainha Bella, sua terrível madrasta.

A rainha tinha formato de jujuba. E cor de fruta silvestre. Ela era, de longe, a pessoa mais querida do reino e havia se casado com o rei muito antes que ele começasse a resmungar. O príncipe Humperdinck ainda era uma criança naquela época, e, como as únicas madrastas que ele conhecia então eram as madrastas más das histórias, sempre chamava Bella de "madrasta" ou de "MM" (abreviatura de Madrasta Má).

— Muito bem — começou o príncipe quando estavam todos reunidos. — Com quem me caso? Vamos escolher uma noiva e acabar logo com isso.

O moribundo rei Lotharon disse:

— Andei pensando que está mesmo na hora de Humperdinck escolher uma noiva.

Ele não falou exatamente assim, foi mais um resmungo: "Andei resmungo resmungo Humpermungo casamungo."

A rainha Bella era a única que ainda se dava ao trabalho de tentar entender o que ele dizia.

— Está corretíssimo, meu bem — disse ela, acariciando-lhe o roupão real.

— O que ele disse?

— Ele disse que não importa quem for, a escolhida receberá como companheiro de vida um príncipe de beleza avassaladora.

— Diga que ele também não é nada mau — respondeu o príncipe.

— Nós trocamos de milagreiro há pouco tempo — disse a rainha. — Isso

deve contar para algo.

— Está dizendo que demitiu Max Milagreiro? — perguntou o príncipe Humperdinck. — Achei que ele fosse o último.

— Não, encontramos outro nas montanhas, e ele é extraordinário. Velho, claro, mas quem precisa de um milagreiro jovem?

— Diga a ele que troquei de milagreiro — falou o rei Lotharon.

E saiu assim: "Diga resmungo milagrungo resmungo."

— O que ele disse? — indagou o príncipe.

— Ele disse que um homem de sua importância não pode se casar com uma princesa *qualquer*.

— Verdade, verdade — concordou o príncipe Humperdinck. E suspirou. Profundamente. — Acho que isso nos leva a Noreena.

— Seria certamente uma combinação perfeita, em termos de política — disse o conde Rugen.

A princesa Noreena era de Guilder, o país que ficava do outro lado do Canal de Florin. (Em Guilder, eles enxergavam de outro modo: Florin era o país do outro lado do Canal de Guilder.) De qualquer forma, os dois países tinham permanecido vivos ao longo dos séculos graças, basicamente, à hostilidade mútua. Houve a Guerra da Oliva, a Discrepância do Atum, que quase levou ambas as nações à falência, o Rombo Romano, que de fato levou-as à insolvência, apenas para lidarem, em seguida, com a Discórdia das Esmeraldas, quando as duas nações ficaram ricas de novo, unidas por um breve período enquanto roubavam todo mundo que adentrasse o território marítimo.

— Porém, a questão é se ela sabe caçar — disse Humperdinck. — Não ligo muito para a personalidade, contanto que saiba usar uma faca.

— Eu a vi faz muitos anos — disse a rainha Bella. — Parecia adorável, embora nem um pouco musculosa. Eu diria que está mais para fazer tricô do que caçar. Ainda assim, adorável.

— E a pele? — perguntou o príncipe.

— Um tom de mármore.

— Boca?

— Tamanho ou cor? — perguntou a rainha.

— Cor, MM.

— Rosada. Faces também. Olhos grandes; um azul, outro verde.

— Hummm — fez Humperdinck. — E a forma do corpo?

— Ampulheta. Sempre vestida de forma divina. E, claro, famosa em toda Guilder por ter a maior coleção de chapéus do mundo.

— Bem, vamos trazê-la aqui em algum evento oficial e daremos uma olhada nela — disse o príncipe.

— Não há uma princesa em Guilder com idade adequada? — falou o rei. Saiu assim: "Muncesa Guilbel, mindade mamdedada?"

— Será que você alguma vez estará errado? — indagou a rainha Bella, e sorriu para os olhos enfraquecidos do governante.

— O que ele disse? — perguntou o príncipe.

— Que eu devo partir hoje mesmo com um convite — respondeu a rainha.

E assim teve início a solene visita da princesa Noreena.



Eu de novo. De todos os cortes feitos nesta versão, sinto que este é o mais justificável. Assim como os capítulos sobre baleias em Moby Dick *podem ser omitidos para todos os não adeptos do masoquismo, é melhor que as cenas de preparação das malas que Morgenstern detalha aqui sejam deixadas de fora. E é isto que acontece pelas próximas cinquenta e seis páginas e meia de* A princesa prometida: *arrumação de malas. (Incluo na mesma categoria as cenas de malas sendo desfeitas.)*

Eis o que acontece: a rainha Bella prepara quase todo o seu guarda-roupa (onze páginas) e viaja até Guilder (duas páginas). Em Guilder, ela desfaz as malas (cinco páginas) e depois entrega o convite à princesa Noreena (uma página). A princesa

Noreena aceita o convite (uma página). Em seguida, a princesa arruma as bagagens com todas as suas roupas e chapéus (vinte e três páginas), e, juntas, a princesa e a rainha viajam de volta a Florin para a celebração anual da fundação da Cidade de Florin (uma página). Elas chegam ao castelo do rei Lotharon, onde a princesa Noreena é levada a seus aposentos (meia página) e desfaz as malas, tirando todas as mesmas roupas e chapéus que acabamos de ver sendo arrumados nas bagagens uma página e meia antes (doze páginas).

É uma passagem desconcertante. Falei com o professor Bongiorno, da Universidade de Columbia, chefe do departamento florinense, e ele disse que aquele era o capítulo mais deliciosamente satírico de todo o livro. Parece que o objetivo de Morgenstern era mostrar apenas que, embora Florin se considerasse muito mais civilizada que Guilder, Guilder era, na verdade, um país bem mais sofisticado, como indica a superioridade das vestimentas femininas, em número e qualidade. Não estou disposto a discutir com um acadêmico, mas, se você tiver uma insônia incurável, por favor, leia o capítulo três da versão não editada.

Enfim, as coisas andam um pouco quando o príncipe e a princesa se conhecem e passam o dia juntos. Noreena tinha mesmo, conforme avisado, uma pele marmorizada, boca e faces rosadas, olhos grandes (um azul, outro verde), corpo de ampulheta e, de longe, a coleção de chapéus mais extraordinária que alguém já teve. Chapéus de aba larga e curta, alguns altos, outros não, alguns extravagantes, outros coloridos, alguns xadrez, outros lisos. Ela fazia questão de trocar de chapéu sempre que podia. Quando conheceu o príncipe, estava com um chapéu; quando ele a convidou para um passeio, ela pediu licença e logo voltou com outro, tão belo quanto o anterior. As coisas prosseguiram assim durante o dia, mas tudo me parece um pouco de exagero para o leitor moderno, então volto ao texto original apenas na hora da refeição noturna.



O JANTAR FOI servido no Grande Salão do castelo de Lotharon. Em um dia

comum, eles teriam comido na sala de jantar, mas, para um evento de tamanha importância, o lugar era simplesmente pequeno demais. Assim, posicionaram mesas de um lado ao outro do Grande Salão, um local tão arejado que chegava a ser frio mesmo no verão. Havia muitas portas e entradas gigantes, e, às vezes, as correntes de vento transformavam-se em ventanias.

Naquela noite, estava mais para normal do que para anormal; os ventos não paravam de soprar, apagando as velas o tempo todo, e algumas das moças com vestimentas mais ousadas tremiam. Mas o príncipe Humperdinck não parecia incomodado, e, em Florin, se ele não o fizesse, ninguém mais faria.

Às 20h23, tudo levava a crer que seria feita uma aliança duradoura entre Florin e Guilder.

Às 20h24, as duas nações estavam a um passo de entrar em guerra.

O que aconteceu foi simples: às 20h23 e 5 segundos, o prato principal da noite estava pronto para ser servido. O prato principal era extrato de porco no conhaque, e era preciso uma quantidade imensa para servir quinhentas pessoas. Então, para agilizar, abriram uma porta gigante da cozinha que dava para o lado norte do salão e que permaneceu aberta durante o que aconteceu em seguida.

O vinho apropriado para acompanhar o extrato de porco no conhaque estava na adega, bem atrás de outra porta dupla, pronto para ser servido. Essa porta dupla foi aberta às 20h23 e 10 segundos, para que a meia dúzia de *sommeliers* levasse depressa os barriletes de vinho aos convidados. Essa porta dupla, devo dizer, ficava na parte sul do salão.

Àquela altura, já dera para perceber um vento cruzado excepcionalmente forte. O príncipe Humperdinck não notou porque, naquele momento, cochichava com a princesa Noreena de Guilder. Estavam de rostos colados, a cabeça dele escondida sob o chapéu dela — azul e verde e de aba larga, que realçava as cores espetaculares de seus dois grandes olhos.

Às 20h23 e 20 segundos, deu-se a entrada, um tanto atrasada, do rei

Lotharon. Ele sempre se atrasava ultimamente — fazia anos —, e havia histórias de pessoas que passaram fome esperando sua chegada. Depois de um tempo, as refeições começavam sem ele, que não se incomodava com isso, uma vez que seu novo milagreiro tinha cortado sua participação nas refeições mesmo. O rei entrou pela porta do rei, um troço com dobradiças enormes que somente ele podia usar. Era preciso muitos serviçais em ótimas condições para operá-la. Devo dizer que a porta do rei estava sempre no lado leste de qualquer cômodo, uma vez que o rei era, claro, a pessoa mais próxima ao sol.

O que aconteceu, então, foi descrito como um nordeste ou um sudoeste, dependendo de onde se estivesse na sala na hora do ocorrido, mas todos concordam em um ponto: às 20h23 e 25 segundos estava ventando muito no Grande Salão.

A maioria das velas perdeu a chama e tombou, e essa informação só importa porque algumas delas caíram ainda acesas nos pequenos cálices de querosene espalhados por toda a mesa do banquete para que o extrato de porco no conhaque pudesse ser devidamente flambado quando servido. Os serviçais entraram correndo de todos os cantos para apagar as chamas e fizeram um bom trabalho, levando-se em consideração que todos os objetos no cômodo voavam de um lado para o outro, leques, echarpes e chapéus.

Em especial, o chapéu da princesa Noreena.

Voou para a parede atrás dela, sendo rapidamente recuperado e colocado no lugar pela princesa. Isso foi às 20h23 e 50 segundos. Tarde demais.

Às 20h23 e 55 segundos, Humperdinck levantou-se furioso, as veias em seu pescoço grosso saltadas como cânhamo. Em certos lugares, ainda havia algumas chamas, cuja vermelhidão avermelhava o rosto do príncipe, já rubro de tanta fúria. Parado ali, ele parecia um barril em chamas. Então, disse à princesa Noreena de Guilder as cinco palavras que levaram as duas nações ao extremo:

— Senhora, sinta-se livre para fugir!

E, com isso, ele saiu correndo do Grande Salão. Eram 20h24.

O príncipe Humperdinck seguiu raivoso para o mezanino do Grande Salão e observou de cima o caos. Ainda havia focos de incêndio, o lugar estava pontilhado de chamas vermelhas, os convidados debandavam e a princesa Noreena, de chapéu e leque, saiu discretamente, carregada pelos serviçais.

A rainha Bella enfim alcançou o príncipe, que saiu desembestado pelo mezanino, claramente ainda fora de controle.

— Desejava que não tivesse sido tão seco — disse a rainha Bella.

O príncipe desviou dela.

— Não vou me casar com uma princesa careca, e tenho dito!

— Ninguém saberia — explicou a rainha. — Ela usa chapéus até na hora de dormir.

— *Eu* saberia! — exclamou o príncipe. — Você viu o brilho das velas refletido na cabeça dela?

— Mas daria tão certo com Guilder — acrescentou a rainha, dirigindo-se em parte ao príncipe, em parte ao conde Rugen, que havia se juntado a eles.

— Esqueça Guilder. Conquistarei o país de qualquer forma, em outro momento. Desde criança já queria fazer isso mesmo. — Ele se aproximou da rainha. — As pessoas debocham do homem cuja esposa é careca; prefiro ficar sem essa, obrigado. Encontre outra mulher.

— Quem?

— Dê um jeito. Basta ser bonita.

— Essa tal de Noreena não tem cabelo — observou o rei Lotharon, bufando para o restante. "Noreesmungo num res mungo."

— Obrigada por avisar, querido — disse a rainha Bella.

— Acho que Humperdinck não vai gostar muito disso. — "Nungo humungo mungo."

Então o conde Rugen interferiu:

— Você quer uma jovem bonita, mas poderia ser uma plebeia?

— Quanto mais plebeia, melhor — respondeu o príncipe Humperdinck, mais uma vez inquieto.

— E se não souber caçar? — prosseguiu o conde.

— Por mim, pode nem saber escrever. — De repente, o príncipe parou e encarou todos eles. — Vou dizer o que quero. Quero uma mulher tão bela que o povo diga: "Nossa, esse Humperdinck deve ser um sujeito e tanto, para ter uma esposa como essa." Revirem o país, o mundo, mas encontrem essa mulher!

O conde Rugen apenas sorriu.

— Já encontramos — disse ele.

* * *

AMANHECIA QUANDO OS dois cavaleiros surgiram no alto da colina. O conde Rugen montava um grande e esplendoroso cavalo preto, perfeito e imponente. O príncipe montava um de seus espécimes brancos. Fazia o cavalo de Rugen parecer um puxador de carroça.

— Ela entrega leite toda manhã — disse o conde Rugen.

— E é bonita sem-dúvida-alguma-com-toda-certeza?

— Estava meio desleixada quando a vi — admitiu o conde. — Mas tinha potencial imenso.

— Uma leiteira. — O príncipe testou a palavra na língua áspera. — Não sei se conseguiria me casar com uma dessas, nem mesmo sob a melhor das condições. As pessoas talvez comentem que não consegui encontrar nada melhor.

— Verdade — admitiu o conde. — Se preferir, podemos voltar para Florin agora mesmo.

— Viemos até aqui — disse o príncipe. — Não custa nada espe… — A voz dele sumiu. — Fico com ela — conseguiu dizer, enfim, quando Buttercup passou a cavalo lentamente lá embaixo.

— Ninguém falará nada, acho eu — disse o conde.

— Preciso cortejá-la agora. Deixe-nos a sós por um instante.

E desceu a colina em seu cavalo branco, com destreza.

Buttercup nunca tinha visto uma criatura tão gigante. Nem um cavaleiro como aquele.

— Sou seu príncipe e você se casará comigo — disse Humperdinck.

Buttercup sussurrou:

— Sou sua serva e declino.

— Sou seu príncipe e você não pode declinar.

— Sou sua leal serva e já declinei.

— Declínio significa a morte.

— Mate-me, então.

— Sou seu príncipe e não sou tão mau assim… como pode preferir morrer a casar-se comigo?

— Porque casamento envolve amor, e esse não é um passatempo que domino. Tentei uma vez, deu errado, então jurei nunca amar outra pessoa.

— Amor? — disse o príncipe Humperdinck. — Quem falou em amor? Eu que não fui, com certeza. Veja bem, é preciso haver sempre um herdeiro homem para o trono de Florin. Sou eu. Quando meu pai morrer, não haverá um herdeiro, apenas um rei. Eu de novo. Quando isso acontecer, eu me casarei e terei filhos até que nasça um homem. Portanto, você pode se casar comigo e ser a mulher mais rica e poderosa em um raio de mil quilômetros e distribuir perus no Natal e me dar um filho, ou pode ter uma morte terrível num futuro próximo. Decida-se.

— Jamais o amarei.

— Eu não desejaria seu amor mesmo que você me desse.

— Então, que seja. Casemo-nos.

4
OS PREPARATIVOS



Eu nem sabia da existência deste capítulo antes de começar minha versão, só com as "partes boas". Tudo o que meu pai sempre dizia nesse momento da história era: "Assim, sem mais nem menos, três anos se passaram", e então explicava como chegou o dia em que Buttercup foi oficialmente apresentada ao mundo como futura rainha, e como a grande praça da Cidade de Florin esteve cheia como nunca, aguardando a apresentação; em seguida, ele já pulava para a terrível negociação do sequestro.

Acredita que este é o capítulo mais longo da obra original de Morgenstern?

Quinze páginas sobre como Humperdinck não pode se casar com uma plebeia, então há brigas e discussões com os nobres e, finalmente, nomeiam Buttercup princesa de Hammersmith, que era um montinho de terra colado à ponta sul das terras do rei Lotharon.

Então o milagreiro começa seu trabalho com o rei Lotharon, e dezoito páginas são usadas para descrever as curas. (Morgenstern odiava médicos e ficara para sempre amargurado após proibirem o trabalho dos milagreiros em Florin.)

E setenta e duas — eu contei —, setenta e duas páginas sobre o treinamento de uma princesa. Ele segue Buttercup dia após dia, mês após mês, enquanto ela aprende a fazer todas as formas possíveis de reverência e a servir o chá, a se portar diante da elite e coisas do tipo. Tudo isso em um tom satírico, claro, uma vez que Morgenstern odiava a realeza ainda mais do que odiava os médicos.

Mas, do ponto de vista narrativo, nada acontece *em cento e cinco páginas. Com exceção disto: "Sem mais nem menos, três anos se passaram."*

5
O ANÚNCIO



A grande praça da Cidade de Florin estava mais cheia do que nunca, todos aguardando a apresentação da noiva do príncipe Humperdinck, a princesa Buttercup de Hammersmith. A multidão começara a se formar mais ou menos quarenta horas antes, mas, quando faltavam por volta de vinte e quatro horas, ainda eram menos de mil pessoas. Então, conforme o momento da apresentação se aproximava, gente de toda parte do país começou a chegar. Ninguém jamais tinha visto a princesa, mas os boatos sobre sua beleza não paravam de se espalhar, cada vez menos plausíveis.

Ao meio-dia, o príncipe Humperdinck apareceu na sacada do castelo do pai e ergueu os braços. A multidão, já ganhando proporções perigosas, acalmou-se pouco a pouco. Havia rumores de que o rei estava morrendo, de que ele já havia morrido, de que havia morrido fazia tempo, de que estava bem.

— Meu povo, meus amados, de quem tiramos nossas forças, hoje é um dia de saudação. Como devem ter ouvido, a saúde de meu honrado pai já não é como antigamente. Afinal, ele tem noventa e sete anos; então, não podemos exigir muito. Como sabem, Florin necessita de um herdeiro homem.

Agora a multidão começava a se agitar… Enfim a moça de quem tinham ouvido falar tanto.

— Daqui a três meses, nosso país celebrará seu quinto centenário. Para comemorar a data, vou, ao pôr do sol, desposar a princesa Buttercup de Hammersmith. Vocês ainda não a conhecem. Mas a conhecerão agora.

Ele estendeu o braço, as portas da sacada se abriram e Buttercup foi até ele.

E a multidão ficou literalmente boquiaberta.

A princesa de vinte e um anos superava em muito a sofredora de dezoito. As imperfeições físicas haviam desaparecido, o cotovelo ossudo tinha ficado mais encorpado; o punho rechonchudo não podia estar mais magro. O cabelo, que um dia fora da cor do outono, ainda tinha a cor do outono, só que antes ela cuidava dele sozinha e agora tinha cinco cabeleireiras à disposição. (Isso foi muito depois da invenção dos cabeleireiros; na verdade, desde que existem mulheres, existem cabeleireiros; Adão foi o primeiro, embora os estudiosos da bíblia do rei Jaime se esforcem bastante para manter isso em segredo.) A pele ainda tinha um tom invernal, mas agora, com duas criadas cuidando de cada membro seu e quatro para o restante do corpo, parecia, dependendo da luz, deixar um rastro sutil, um brilho, conforme ela se movia.

Quando o príncipe Humperdinck ergueu a mão de Buttercup, a multidão comemorou.

— Já está bom, não há necessidade de superexposição — disse o príncipe, voltando para dentro do castelo.

— Alguns esperaram tanto — argumentou Buttercup. — Eu gostaria de ir até eles.

— Não nos misturamos com plebeus a não ser que seja inevitável.

— Já conheci uma quantidade razoável de plebeus na vida — retrucou Buttercup. — Eles não vão, acredito eu, me fazer mal.

E assim ela deixou a varanda, ressurgindo um instante depois nos degraus principais do castelo, e caminhou, completamente sozinha, de braços abertos em meio à multidão.

Aonde quer que fosse, o caminho se abria. Ela atravessou a grande praça de lado a lado e sempre, à frente dela, a multidão se afastava para que passasse. Buttercup prosseguiu, movendo-se devagar e sorrindo, sozinha, como uma espécie de messias daquelas terras.

A maior parte dos presentes jamais esqueceu aquele dia. Nenhum deles, claro, estivera tão próximo da perfeição antes, e a grande maioria a adorou

instantaneamente. Decerto houve quem preferisse aguardar antes de emitir um parecer sobre sua atuação como rainha, ainda que admitissem que ela era bonita. E, claro, outros sentiam apenas inveja. Pouquíssimos a odiaram.

Apenas três planejavam assassiná-la.

É claro que Buttercup não ficou sabendo de nada disso. Ela sorria, e quando o povo queria tocar seu vestido, bem, que tocassem, e quando queriam esfregar as roupas na pele dela, bem, que o fizessem. Ela havia estudado bastante a postura real e queria muito se sair bem, então manteve a coluna ereta e um sorriso gentil, e ela teria rido da proximidade da morte, se alguém tivesse contado.

Mas…

… no canto mais distante da grande praça…

… no edifício mais alto do reino…

… nas profundezas de uma profunda escuridão…

… o homem de preto esperava.

Suas botas eram de couro preto. A calça e a camisa eram pretas. A máscara era preta, mais escura que um corvo. No entanto, mais negros que tudo eram seus olhos brilhantes.

Brilhantes, cruéis e mortais…

* * *

BUTTERCUP ESTAVA MAIS que um pouco exausta depois de seu sucesso. Ficou exaurida pelo contato com a multidão, então descansou um pouco e, depois, chegando ao meio da tarde, vestiu sua roupa de montaria e foi buscar Cavalo. Foi um dos aspectos de sua vida que não havia mudado nos últimos anos. Ainda amava cavalgar, e todas as tardes, fizesse chuva ou sol, cavalgava sozinha por muitas horas nos campos selvagens para além do castelo.

Seus pensamentos mais claros surgiam ali.

Não que seus pensamentos mais claros gerassem qualquer mudança. Ainda

assim, dizia a si mesma que não era nenhuma tonta, então, contanto que guardasse aqueles pensamentos para si, bem, que mal teria?

Cavalgou entre florestas, córregos e arbustos, sua mente um turbilhão. A caminhada pela multidão havia mexido com Buttercup, e de um modo muito peculiar, pois, embora não tivesse feito nada nos últimos três anos além de se preparar para ser uma princesa e uma rainha, aquele era o primeiro dia em que entendia que logo tudo seria realidade.

E eu simplesmente não gosto de Humperdinck, pensou ela. Não que o odeie, nada disso. Eu só nunca o *vejo*; ele está sempre viajando ou brincando no Zoológico da Morte.

Segundo o raciocínio de Buttercup, havia duas questões principais a avaliar: (1) seria errado se casar sem amor e, (2) se fosse, seria tarde demais para voltar atrás?

As respostas, segundo seu raciocínio, que elaborou enquanto cavalgava, foram: (1) não e (2) sim.

Não era errado se casar sem amor, só não era certo. Se o mundo todo fizesse isso, não seria muito bom; imagine só as pessoas resmungando umas com as outras ano após ano. Mas, claro, nem todos faziam isso; então melhor deixar para lá. A resposta (2) era ainda mais fácil: ela dera sua palavra de que se casaria; não tinha mais jeito. Sim, o príncipe dissera, com bastante franqueza, que, se ela dissesse "não", teria que se livrar dela, para preservar o respeito à Coroa; no entanto, ela tinha a escolha, caso quisesse, de dizer "não".

Todos lhe haviam dito, quando começou seu treinamento de princesa, que ela era provavelmente a mulher mais bonita do mundo. Em breve seria também a mais rica e a mais poderosa.

Não espere muito da vida, disse Buttercup a si mesma enquanto cavalgava. Aprenda a se contentar com o que tem.

* * *

A NOITE CAÍA quando Buttercup alcançou o topo da colina. Encontrava-se a aproximadamente meia hora do castelo, e sua cavalgada diária estava três quartos completa. De repente, ela segurou a rédea do Cavalo, pois avistou ao longe, na penumbra, o trio mais estranho que já vira.

O homem à frente era moreno, possivelmente siciliano, e tinha um rosto muito gentil, quase angelical. Tinha uma perna mais curta que a outra e era ligeiramente corcunda, mas foi na direção dela com velocidade e agilidade impressionantes. Os outros dois permaneceram onde estavam. O segundo, também moreno, possivelmente hispânico, era tão esguio e magro como a lâmina de aço presa ao lado do corpo. O terceiro homem, de bigode, talvez turco, era facilmente o maior humano que ela já vira.

— Permite-me uma palavra? — perguntou o siciliano, erguendo os braços.

Seu sorriso era mais angelical que seu rosto.

Buttercup parou.

— Diga.

— Somos apenas pobres artistas de circo — explicou o siciliano. — Está escuro e estamos perdidos. Disseram que há um vilarejo aqui por perto que talvez aprecie nossas habilidades.

— Disseram errado. Não há nada, pelos menos não em muitos quilômetros.

— Então não haverá ninguém que ouça seus gritos — disse o siciliano, e saltou para cima dela com uma agilidade assustadora.

Buttercup não se lembrava de mais nada. Talvez tenha gritado, mas, se o fez, foi mais de pânico do que qualquer outra coisa, porque certamente não sentiu dor. As mãos dele tocaram certos pontos no pescoço dela com tanta habilidade que ela ficou inconsciente.

Acordou com o som da água.

Estava enrolada em um cobertor e o turco gigante a colocava no fundo de um barco. Por um instante, ela quase disse algo, mas então eles começaram a falar, e ela achou melhor ouvir. Depois que ouviu um pouco, ficou cada vez

mais difícil ouvir mais. Porque seu coração batia muito alto.

— Penso eu que é melhor matá-la agora — disse o turco.

— Quanto menos você pensar, mais feliz ficarei — retrucou o siciliano.

Ela ouviu o ruído de roupa sendo rasgada.

— O que é isso? — perguntou o hispânico.

— A mesma coisa que amarrei na sela dela — respondeu o siciliano. — Tecido do uniforme de um guarda de Guilder.

— Ainda penso que...

— Ela precisa ser encontrada morta na fronteira de Guilder, senão a gente não recebe o restante do pagamento. Está claro o suficiente para você?

— Eu me sinto melhor quando sei o que está acontecendo, só isso — resmungou o turco. — As pessoas sempre pensam que sou burro porque sou grande e forte e às vezes babo um pouco, quando fico animado.

— As pessoas pensam que você é burro porque você é burro. Não tem nada a ver com sua baba.

Em seguida, ouviu-se uma vela batendo.

— Cuidado com a cabeça — avisou o hispânico, e o barco começou a se movimentar. — O povo de Florin não aceitará bem a morte dela, acredito. Todos a adoram.

— Teremos uma guerra — concordou o siciliano. — Fomos pagos para iniciá-la. As instruções são claras. Se seguirmos tudo perfeitamente, nunca nos faltará trabalho.

— Bem, não gosto muito de fazer isso — disse o hispânico. — Sinceramente, queria que você tivesse recusado.

— A oferta era boa demais.

— Não me agrada matar uma mulher — disse o hispânico.

— Deus faz isso o tempo todo. Se Ele não se incomoda, não deixe que o aborreça.

Enquanto ouvia tudo isso, Buttercup não se mexeu.

— Vamos apenas dizer a ela que a sequestramos em troca do resgate —

sugeriu o siciliano.

— Ela é tão bonita… ficaria enlouquecida se soubesse a verdade — comentou o turco, assentindo.

— Ela já sabe — disse o siciliano. — Estava acordada durante toda essa conversa.

Buttercup estava deitada, coberta e imóvel. Como ele podia saber isso?, ela se perguntou.

— Como pode ter certeza? — indagou o hispânico.

— Os sicilianos sentem tudo — respondeu o siciliano.

Que arrogante, pensou Buttercup.

— Sim, muito arrogante — disse o siciliano.

Ele deve ler *mentes*, pensou Buttercup.

— A vela está totalmente aberta? — perguntou o siciliano.

— O máximo possível para nossa segurança — respondeu o hispânico, ao leme.

— Temos uma hora de vantagem, então não corremos riscos por enquanto. O cavalo dela levará mais ou menos vinte e sete minutos para chegar ao castelo, mais alguns minutos para eles notarem o que aconteceu, e, como deixamos um rastro óbvio, eles devem vir atrás de nós em uma hora. Chegaremos aos Rochedos em quinze minutos e, com sorte, ao amanhecer estaremos na fronteira de Guilder, quando ela morrerá. O corpo provavelmente ainda estará deveras quente quando o príncipe encontrá-lo mutilado. Meu único desejo é ficar para ver seu sofrimento. Promete ser homérico.

Por que ele permite que eu saiba seus planos?, perguntou-se Buttercup.

— Voltará a dormir agora, majestade — disse o hispânico, e segundos depois ele estava com os dedos nas têmporas, nos ombros e no pescoço dela, e Buttercup caiu inconsciente mais uma vez…

Buttercup não sabia por quanto tempo tinha ficado apagada, mas ainda estavam no barco quando ela abriu os olhos, sob a proteção do cobertor. E,

dessa vez, sem que ousasse pensar — o siciliano saberia de algum jeito —, ela jogou longe o cobertor e mergulhou nas profundezas do Canal de Florin.

Ficou submersa pelo tempo que sua ousadia permitiu e então emergiu, nadando pela água sem um pingo de luar com cada gota de força que lhe restara. Atrás dela, na escuridão, ouviam-se gritos.

— Pule! Pule! — ordenara o siciliano.

— Só sei nadar cachorrinho — disse o turco.

— Você é melhor que eu — retrucou o hispânico.

Buttercup continuou se afastando. Os braços já estavam doloridos, mas ela não cedia. As pernas batiam e o coração estava acelerado.

— Estou ouvindo o pé dela batendo na água — disse o siciliano. — Vire à esquerda.

Buttercup passou a nadar peito, afastando-se em silêncio.

— *Cadê* ela? — guinchou o siciliano.

— Os tubarões vão pegá-la, não se preocupe — avisou o hispânico.

Ai, céus, você não devia ter dito isso, pensou Buttercup.

— Princesa — chamou o siciliano —, sabe o que acontece quando os tubarões sentem cheiro de sangue na água? Ficam doidos. Nada pode deter o instinto selvagem deles. Eles dilaceram e arrancam e abocanham e devoram, e estou em um barco, princesa, e não há nenhum sangue na água no momento, então estamos bem seguros, mas tem uma faca na minha mão, majestade, e, se não voltar agora mesmo, farei cortes em meus braços e em minhas pernas e botarei o sangue em um copo e o jogarei bem longe, pois os tubarões sentem o cheiro de sangue na água a quilômetros de distância, e você não permanecerá bonita por muito mais tempo.

Buttercup hesitou, batendo os braços sem fazer barulho. Julgou ouvir ao redor, embora certamente fosse coisa de sua cabeça, caudas gigantes açoitando a água.

— Volte, e rápido. Não vou avisar de novo.

Se eu voltar, eles me matarão de qualquer jeito, então que diferença faz?,

pensou ela.

— A diferença é que…

Lá vem ele de novo com isso, pensou Buttercup. Ele *realmente* lê mentes.

— … se voltar agora — prosseguiu o siciliano —, dou minha palavra de cavalheiro e assassino de que morrerá sem dor. Eu prometo, mas os tubarões, não.

O barulho dos peixes da noite se aproximavam cada vez mais.

Buttercup começou a tremer de medo. Embora muito envergonhada, não podia negar. Desejou apenas que pudesse ver por um instante se havia mesmo tubarões ali e se ele realmente se cortaria.

O siciliano berrou de dor, bem alto.

— Ele acabou de se cortar, moça! — gritou o turco. — Está botando o sangue no copo agora. Deve ter três centímetros de sangue no fundo.

O siciliano berrou de novo.

— Agora foi a perna. O copo está ficando cheio.

Não acredito neles, pensou Buttercup. Não há tubarões na água e não há sangue no copo.

— Estou pronto para jogar — disse o siciliano. — Diga onde está ou fique calada, a escolha é sua.

Não darei um pio, decidiu Buttercup.

— Adeus — disse o siciliano.

Ouviu-se o *splash* de líquido caindo em líquido.

Em seguida, uma pausa.

Então os tubarões ficaram doidos…



— ELA NÃO É comida por tubarões nessa cena — avisou meu pai.

— O quê?

— Você parecia um pouco envolvido demais e começando a ficar triste, então

achei melhor acabar com a tensão.

— Ah, vai, você acha que sou um bebê? Do que está falando?

Fiz uma malcriação, mas vou dizer a verdade: estava mesmo ficando um pouco envolvido demais e fiquei feliz por ele ter me adiantado o desfecho feliz. Quer dizer, quando somos crianças, não pensamos: "Bem, se o livro se chama A princesa prometida *e a história mal começou, obviamente o autor não vai transformar a personagem principal em lanche de tubarão." Na juventude nos agarramos a certas coisas, então, para todos os jovens lendo isto, apenas repetirei as palavras do meu pai, porque elas me acalmaram: "Ela não é comida por tubarões nessa cena."*

* * *

ENTÃO OS TUBARÕES ficaram doidos. Cercada, Buttercup ouvia os bichos zunindo, emitindo urros e guinchos e chacoalhando a cauda poderosa. Nada pode me salvar, Buttercup se deu conta. Virei comida de tubarão.

Felizmente para todos, menos para os tubarões, foi nessa hora que a lua apareceu.

— Lá está ela! — gritou o siciliano, e, feito um raio, o hispânico virou o barco e, ao se aproximar, estendeu o braço gigantesco, e logo ela estava de volta à segurança de seus assassinos, enquanto os tubarões se trombaram, terrivelmente frustrados.

— Mantenha-a aquecida — disse o hispânico, ao leme, jogando sua capa para o turco.

— Não vá pegar um resfriado — acrescentou o turco, enrolando Buttercup na capa.

— Não faz muita diferença — respondeu ela —, já que vocês vão me matar ao amanhecer.

— É ele quem sujará as mãos — disse o turco, apontando para o siciliano, que enrolava panos nos cortes. — Só vamos segurá-la.

— Segure essa sua língua idiota — ordenou o siciliano.

O turco se calou.

— Não acredito que ele seja tão idiota assim — disse Buttercup. — E também não acredito que você seja tão esperto assim, com essa história de jogar sangue na água. Não é o que eu chamaria de boa ideia.

— Funcionou, não funcionou? Você voltou, não voltou? — O siciliano foi até ela, no outro lado do barco. — Quando uma mulher está bem assustada, ela grita.

— Mas eu não gritei, foi a lua que apareceu — respondeu Buttercup, ligeiramente triunfante.

O siciliano lhe deu um tapa.

— Chega — falou o turco.

O pequeno corcunda olhou no fundo dos olhos do gigante.

— Quer brigar comigo? Aposto que não.

— Não, senhor — murmurou o turco. — Mas não use de violência. Por favor. A força é minha. Dê um tapa em mim, se precisar. Não me importo.

O siciliano voltou para o lado oposto do barco.

— Ela *teria* gritado — disse ele. — Estava *prestes* a gritar. Meu plano era *ideal*, como *todos* os meus planos. Foi a sincronia inconveniente da lua que roubou minha perfeição. — Ele fez uma careta implacável para o sorriso amarelo, que brilhava acima deles. E, em seguida, encarou o horizonte. — Vejam! Os Rochedos da Perdição.

Lá estavam. Um monumento que se erguia imponente, trezentos metros de altura noite adentro. Era a rota mais curta entre Florin e Guilder, mas nunca era usada: as pessoas preferiam navegar pelo caminho mais longo, que dava uma volta e obrigava a percorrer muitos quilômetros a mais. Não que os Rochedos fossem impossíveis de escalar; dois homens haviam feito a proeza no último século.

— Navegue direto até a parte mais íngreme — ordenou o siciliano.

— Eu já estava fazendo isso — respondeu o hispânico.

Buttercup não compreendia. A escalada dos Rochedos era praticamente

impossível, e ninguém nunca havia mencionado a existência de uma passagem secreta. No entanto, lá estavam eles, cada vez mais próximos das rochas imensas (a uns quatrocentos metros de distância, agora).

Pela primeira vez, o siciliano se permitiu sorrir.

— Está tudo sob controle. Temi que seu ligeiro mergulho me custasse muito mais tempo. Eu havia calculado uma margem de uma hora, por segurança. Ainda devemos ter uns cinquenta minutos. Estamos quilômetros à frente de qualquer pessoa e muito, muito seguros.

— Nenhuma chance de já estarmos sendo seguidos? — perguntou o hispânico.

— Nenhuma — assegurou o siciliano. — Seria inconcebível.

— Absolutamente inconcebível?

— Absolutamente, totalmente, de todas as formas inconcebível — reafirmou o siciliano. — Por que pergunta?

— Por nada — respondeu o hispânico. — É só que acabei de olhar para trás e tem alguma coisa lá.

Todos se viraram.

Tinha mesmo.

Sob o luar, a menos de dois quilômetros de distância, estava outro veleiro, pequeno, pintado do que parecia ser preto, com uma vela preta gigante que tremulava na noite, e um único homem no comando.

Um homem de preto.

O hispânico olhou para o siciliano.

— Deve ser algum pescador local que resolveu dar uma volta, sozinho, à noite, em águas infestadas de tubarões.

— Provavelmente existe uma explicação mais lógica — disse o siciliano. — Mas não há a menor possibilidade de alguém em Guilder já ter descoberto o que fizemos, e ninguém em Florin poderia chegar tão rápido. Embora pareça muito, ele não está nos seguindo. É uma coincidência, nada mais.

— Ele está na nossa cola — insistiu o turco.

— Isso também é inconcebível — disse o siciliano. — Antes de roubar este barco, fiz muitas perguntas sobre qual era a embarcação mais veloz do Canal de Florin, e todos concordaram que era esta aqui.

— Está certo — concordou o turco, olhando para trás. — Ele não está na nossa cola. Está apenas se aproximando, só isso.

— É nosso ponto de vista, nada mais — disse o siciliano.

Buttercup não conseguia tirar os olhos da grande vela preta. Com certeza, sentia medo daqueles três homens ali com ela. Mas, de algum modo, por motivos alheios à lógica, sentia ainda mais do homem de preto.

— Muito bem, fiquem espertos — disse o siciliano, um tanto alterado.

Os Rochedos da Perdição estavam muito próximos.

O hispânico manobrava a embarcação com habilidade, o que não era fácil. As ondas batiam nas rochas e o respingo atrapalhava a visão. Buttercup protegeu os olhos e ergueu o rosto para a escuridão lá em cima; o topo estava encoberto e inalcançável.

Então, quando o navio chegou à base dos Rochedos, o corcunda deu um pulo e de repente estava segurando uma corda.

Buttercup assistiu àquilo perplexa, sem conseguir dizer nada. A corda, grossa e forte, parecia vir lá do alto. Ela observou o siciliano puxá-la vezes seguidas, e a corda continuava firme. Estava presa a algo no topo — uma pedra gigante, uma árvore muito alta, algo assim.

— Depressa — ordenou o siciliano. — Se ele estiver nos seguindo, o que obviamente não é possível na esfera da experiência humana, precisamos chegar ao topo e cortar a corda antes que ele vá atrás de nós.

— Subir? — disse Buttercup. — Eu jamais conseguiria…

— Quieta! — ordenou o siciliano a ela. — Prepare-se! — ordenou ao hispânico. — Afunde-o! — ordenou ao turco.

Todos entraram em ação. O hispânico pegou a corda, amarrou os pés e as mãos de Buttercup. O turco ergueu uma de suas pernas imensas e pisou forte no centro do barco, que cedeu na mesma hora e começou a afundar. Em

seguida, foi até a beira do barco e segurou a corda.

— Me passem a carga.

O hispânico ergueu Buttercup e a colocou nos ombros do turco. Em seguida, amarrou-se à cintura dele. Depois, o siciliano subiu, agarrado ao pescoço do hispânico.

— Carga a bordo — disse o siciliano.

(Isso foi antes da criação dos trens, mas a expressão teve origem nos carpinteiros, que sempre gritavam isso quando estavam transportando lenha, e essa história foi bem depois do surgimento dos carpinteiros.)

Assim, o turco iniciou a escalada. Era uma subida de pelos menos trezentos metros, carregando três pessoas, mas ele não estava nem aí. Quando se tratava de força, nada o preocupava. Quando se tratava de ler, ficava com o estômago embrulhado, e quando se tratava de escrever, suava frio, e quando falavam em contas ou, pior, em equações de segundo grau, ele mudava de assunto imediatamente.

Mas força mesmo nunca fora um problema. Ele podia levar um coice de cavalo no peito sem nem vacilar. Podia segurar um saco de farinha de cinquenta quilos e parti-lo ao meio com as próprias mãos sem nem pensar. Certa vez, ergueu nada menos que um elefante na corcunda.

Grande parte de sua força vinha dos braços. Nunca existira, nem em mil anos, braços como os de Fezzik (pois esse era seu nome). Os braços não eram apenas descomunais e totalmente obedientes e surpreendentemente rápidos, mas também, e por isso ele nunca se preocupava, incansáveis. Se alguém lhe entregasse um machado e pedisse que derrubasse uma floresta, suas pernas talvez cedessem depois de algum tempo sustentando o peso de seu corpo, ou quem sabe o machado rachasse como punição pela matança de tantas árvores, mas os braços de Fezzik estariam tão novinhos em folha quanto um dia ao amanhecer.

Por isso, mesmo com o siciliano no pescoço, a princesa nos ombros e o hispânico na cintura, Fezzik não se sentiu nem um pouco sobrecarregado. Na

verdade, estava bem contente, pois apenas quando seu poder era requisitado ele não se sentia um incômodo para todos.

Começou a subida cinquenta metros acima do nível da água, restando duzentos e cinquenta metros.

Mais do que todos eles, o siciliano tinha medo de altura. Todos os seus pesadelos, que sempre espreitavam seu sono, envolviam quedas. Assim, aquela subida apavorante era bem difícil para ele, agarrado ao pescoço do gigante. Ou, pelo menos, deveria ter sido bem difícil.

Ele não permitia.

Desde o início, quando percebeu ainda criança que seu corpo corcunda não conquistaria o mundo, ele se dedicou à mente. Treinou, lutou e a domou. Então, naquele momento, a cem metros de altura, na escuridão, quando nenhuma das provações o impedia de continuar subindo, não estava tremendo.

Suas atenções estavam voltadas ao homem de preto.

Não havia a menor chance de que alguém os tivesse seguido com tamanha rapidez. No entanto, aquela vela preta havia surgido de algum maldito lugar. Como? Como??? O siciliano revirava a mente em busca de uma resposta, mas encontrou apenas fracasso. Com enorme frustração, respirou fundo e, apesar do terrível medo, olhou para a água escura lá embaixo.

O homem de preto ainda estava lá, velejando na maior velocidade para os Rochedos. Não podia estar a mais de quatrocentos metros de distância.

— Mais rápido! — ordenou o siciliano.

— Desculpe — respondeu o turco humildemente. — Achei que estivesse indo bem rápido.

— Preguiçoso, preguiçoso — vociferou o siciliano.

— Jamais serei melhor — respondeu o turco, mas começou a movimentar os braços mais depressa. — Não estou enxergando muito bem porque seus pés estão bem no meu rosto, então pode me dizer, por favor, se já estamos na metade do caminho?

— Um pouco acima, acredito — respondeu o hispânico, na cintura do gigante. — Está se saindo muitíssimo bem, Fezzik.

— Obrigado.

— E ele está se aproximando dos Rochedos — acrescentou o hispânico.

Ninguém precisou perguntar quem era "ele".

Duzentos metros. Os braços continuavam, sem parar. Duzentos e dez. Duzentos e vinte. Agora mais rápido que nunca. Duzentos e cinquenta.

— Ele abandonou o barco — disse o hispânico. — Saltou na nossa corda. Está vindo atrás de nós.

— Posso senti-lo — acrescentou Fezzik. — O peso dele na corda.

— Ele jamais nos alcançará! — exclamou o siciliano. — Inconcebível!

— Você vive dizendo essa palavra! — exclamou o hispânico. — Acho que não significa o que você pensa.

— Ele está escalando muito rápido? — perguntou Fezzik.

— Estou assustado — respondeu o hispânico.

O siciliano tomou coragem mais uma vez e olhou para baixo.

O homem de preto estava praticamente voando. Já tinha reduzido a distância entre eles em trinta metros. Talvez mais.

— Achei que você fosse forte! — gritou o siciliano. — Achei que fosse algo majestoso, mas estou vendo que ele é melhor.

— Estou carregando três pessoas — justificou-se Fezzik. — Ele carrega apenas a si mesmo e…

— Só covardes apelam para desculpas — interrompeu o siciliano.

E olhou de novo para baixo: o homem de preto havia reduzido a distância entre eles em mais trinta metros. Olhou para cima: o topo dos Rochedos começava a ficar visível. Talvez só mais quarenta metros.

De pés e mãos amarrados, nauseada de tanto medo, Buttercup não sabia ao certo o que desejava. Só tinha uma certeza: nunca mais queria passar por algo como aquilo.

— *Voe, Fezzik!* — gritou o siciliano. — Ainda restam trinta metros.

Fezzik voou. Afastou da mente tudo que não fosse corda, braços e dedos, e seus braços puxaram, seus dedos agarraram, a corda esticou e…

— Ele está na metade do caminho — disse o hispânico.

— Na metade do caminho para a própria ruína, isso sim — retrucou o siciliano. — A vinte metros está nossa segurança, e assim que chegarmos vou desamarrar a corda…

Ele se deu ao luxo de gargalhar.

Quinze metros.

Fezzik subia.

Dez.

Cinco.

Acabou. Fezzik havia conseguido. Eles chegaram ao topo dos Rochedos e o siciliano saltou primeiro, depois o turco acomodou a princesa e, enquanto se desamarrava sozinho, o hispânico olhou para o precipício.

O homem de preto estava a pouco menos de cem metros.

— Uma pena — disse o turco, juntando-se ao hispânico na beira do precipício. — Um alpinista tão bom merecia algo melhor que… — Ele parou de falar.

O siciliano havia desamarrado os nós da corda em volta de um carvalho. Quase parecia viva, a maior serpente marinha já vista enfim voltando para casa. A corda ricochetou no topo dos Rochedos, espiralando em direção ao canal iluminado pelo luar.

A essa altura, o siciliano vociferava, e continuou assim até que o hispânico disse:

— Ele conseguiu.

— Conseguiu o quê?

O corcunda foi depressa até a beira do precipício.

— Soltou a corda a tempo — respondeu o hispânico. — Viu? — Ele apontou para baixo.

O homem de preto estava pendurado em uma reentrância na pedra, a

duzentos e cinquenta metros de altura.

O siciliano olhou, fascinado.

— Sabe — disse ele —, como estudei a morte e o ato de morrer e me tornei um grande especialista no assunto, talvez lhes interesse saber que ele morrerá muito antes de atingir a água. A queda o matará, não a colisão.

Impotente, o homem de preto balançava no ar, agarrado aos Rochedos com ambas as mãos.

— Ah, mas que grosseria a nossa — disse, então, o siciliano, virando-se para Buttercup. — Tenho certeza de que você gostaria de assistir à cena.

Ele foi até ela, que ainda estava com pés e mãos amarrados, e a carregou para que visse a patética tentativa final do homem de preto.

Buttercup fechou os olhos e virou o rosto.

— Não deveríamos seguir em frente? — perguntou o hispânico. — Achei que você tinha dito que o tempo era muito importante.

— E é, e é — confirmou o siciliano. — Mas não posso perder uma morte dessas. Dava para reencenar isso toda semana e vender ingressos. Eu poderia largar o ramo de assassinato. Olhe o pobre coitado… Não acha que a vida está passando como um filme na cabeça dele? O livro diz isso.

— Os braços dele devem ser muito fortes — comentou Fezzik —, para aguentar por tanto tempo.

— Não vai durar muito — disse o siciliano. — Deve cair em breve.

Foi nessa hora que o homem de preto começou a escalar. Não depressa, claro. E não sem grande esforço. Mesmo assim, não havia dúvida de que, apesar da inclinação dos Rochedos, ele estava subindo.

— Inconcebível! — gritou o siciliano.

O hispânico perdeu a paciência.

— *Pare de repetir isso*. Era inconcebível que alguém nos seguisse, mas foi só olhar para trás que lá estava o homem de preto. Era inconcebível que alguém navegasse tão rápido quanto nós, mas ele nos alcançou. Agora, isso também é inconcebível, mas veja… veja… — E o hispânico apontou para baixo. — Veja

como ele sobe.

O homem de preto estava, sem dúvida, subindo. Por algum milagre, seus dedos encontravam apoio nas fendas e ele agora estava uns cinco metros mais perto do topo, cada vez mais distante da morte.

O siciliano então partiu para cima do hispânico, os olhos injetados diante da insubordinação.

— Tenho a mente mais sagaz do mundo criminoso, então, quando digo algo, não é mero palpite, é um fato! E o fato é que o homem de preto *não* está nos seguindo. A explicação mais razoável seria que se trata apenas de um simples marinheiro que se arrisca a escalar montanhas por hobby e que por acaso cruzou nosso caminho. Essa explicação certamente é satisfatória para mim e espero que seja para vocês. De qualquer modo, não podemos correr o risco de que ele nos veja com a princesa, pois, se isso acontecer, um de vocês terá que matá-lo.

— Quer que eu faça isso? — perguntou o turco.

O siciliano balançou a cabeça e disse:

— Não, Fezzik. Preciso que use sua força para carregar a garota. Pegue-a no colo agora e vamos logo. — Então se virou para o hispânico e acrescentou: — Seguiremos para a fronteira de Guilder. Quero que você nos alcance o mais rápido que puder, assim que ele estiver morto.

O hispânico assentiu.

O siciliano saiu mancando.

O turco pegou a princesa e seguiu o corcunda. Logo antes de perder o hispânico de vista, ele se virou e gritou:

— Seja rápido!

— E quando é que eu não sou? Até mais, Fezzik. — O hispânico acenou.

— Até mais, Inigo — respondeu o turco.

E então ele partiu, deixando o hispânico sozinho.

Inigo foi até a beira do precipício e se ajoelhou, num movimento gracioso e ágil, como de costume. Setenta metros abaixo, o homem de preto continuava

a dolorosa subida. Inigo se deitou de bruços, observando, tentando aproveitar o luar para entender o segredo do alpinista. Por um bom tempo, Inigo não se mexeu. Ele era um bom aluno, mas não muito rápido, então precisava estudar. Enfim, percebeu que, misteriosamente, o homem de preto socava as pedras, abrindo buracos e usando-os como apoio. O procedimento que repetia era, sucessivamente, fechar a mão e dar socos na rocha. Sempre que encontrava um apoio, fincava os pés, mas em grande parte eram os socos que possibilitavam a escalada.

Inigo ficou maravilhado. O homem de preto devia ser um aventureiro extraordinário. Estava próximo o bastante para que Inigo percebesse que usava máscara; um capuz preto cobria tudo, exceto suas feições. Mais um fora da lei? Talvez. Então, por que e pelo que precisavam lutar? Era uma pena que um companheiro precisasse morrer, mas ordens eram ordens. Às vezes, ele não gostava dos comandos do siciliano, mas o que poderia fazer? Sem a inteligência do homem, Inigo jamais teria a capacidade de orquestrar um trabalho daquele calibre. O siciliano era o grande orquestrador. Inigo era quem colocava a mão na massa. O siciliano mandou matar, então por que perder tempo simpatizando com o homem de preto? Algum dia alguém mataria Inigo, e o mundo não pararia para lamentar a perda.

Ele saltou depressa e ficou de pé, o corpo esguio como uma lâmina em prontidão. Preparado para ação. Mas o homem de preto ainda estava a muitos metros de distância. Não havia nada a fazer a não ser esperar. Inigo odiava esperar. Então, para tornar a espera mais agradável, ele sacou da bainha seu grande e único amor:

A espada de seis dedos.

Como ela dançava ao luar! Como era gloriosa e justa! Inigo a levou aos lábios e, com seu fervoroso coração espanhol, beijou o metal…

INIGO

NAS MONTANHAS DA Espanha central, bem no alto das colinas de Toledo, ficava o vilarejo de Arabella. Era bem pequeno e o ar estava sempre fresco. A propósito, essa era a única qualidade de Arabella: nada de poluição… vista interminável.

Porém, não havia trabalho, as ruas eram cheias de cachorros e nunca tinha comida para todo mundo. O ar, bastante limpo, era muito quente durante o dia e congelante à noite. Quanto à vida pessoal de Inigo, ele estava sempre um pouco faminto, não tinha irmãos nem irmãs, e a mãe havia morrido no parto.

Ele era incrivelmente feliz.

Por causa de seu pai. Domingo Montoya era um sujeito de aparência estranha, excêntrico, impaciente e distraído; nunca sorria.

Inigo o amava. Completamente. Não me pergunte o porquê. Não tinha de fato um motivo. Ah, é bem provável que Domingo o amasse também, mas o amor é muitas coisas, e nenhuma delas envolve lógica.

Domingo Montoya fabricava espadas. Se estivesse procurando uma espada fabulosa, Domingo Montoya era a pessoa certa para isso? Se estivesse procurando um artefato com um bom acabamento, era só ir até as montanhas de Toledo? Se estivesse procurando uma obra-prima, a espada das espadas, o destino certo era Arabella?

Não.

O destino certo era Madri, porque lá morava o famoso Yeste, e, se o cliente tivesse dinheiro e ele tivesse tempo, dali sairia uma espada. Yeste era gordo, jovial e um dos homens mais ricos e honrados da cidade. E era bom que fosse assim. Ele fazia espadas maravilhosas, e os nobres se gabavam quando tinham uma Yeste original.

De vez em quando — não sempre, devo dizer, talvez uma vez ao ano, talvez menos —, chegava alguém solicitando uma espada que estava um pouco além das habilidades de Yeste. Nesse caso, você acha que Yeste dizia "Ah, sinto muito, mas não posso fazê-la"?

Não.

Ele dizia: “Claro, será um prazer. Por favor, deixe um adiantamento de cinquenta por cento e pague o restante no ato da entrega. Volte daqui a um ano, muito obrigado.”

No dia seguinte, ele seguia para as montanhas de Toledo.

— E aí, Domingo — chamava Yeste ao chegar à choupana do pai de Inigo.

— E aí, Yeste — respondia Domingo Montoya, à porta da choupana.

Os dois homens se abraçavam, Inigo vinha correndo, Yeste bagunçava seu cabelo e o menino ia fazer chá enquanto os homens conversavam.

— Preciso de você. — Yeste sempre começava assim.

Domingo resmungava.

— Esta semana aceitei uma encomenda de um nobre italiano. Ele quer uma espada cravejada de joias no cabo, com as pedras formando o nome de sua amante atual e…

— Não.

Uma única e exclusiva palavra. Era o bastante. Quando Domingo Montoya dizia “não”, era isso mesmo que ele queria dizer.

Inigo, concentrado em fazer o chá, sabia o que viria a seguir: Yeste usaria seu charme.

— Não.

Yeste usaria sua fortuna.

— Não.

Sua inteligência, seu incrível poder de persuasão.

— Não.

Imploraria, rogaria, prometeria, juraria.

— Não.

Insultos. Ameaças.

— Não.

Por fim, lágrimas sinceras.

— Não. Mais chá, Yeste?

— Quem sabe mais uma xícara, obrigado… — E então, bem alto: — POR QUE NÃO?

Inigo ia com pressa servir mais chá e voltava correndo para não perder nem uma palavra. Ele sabia que os dois tinham sido criados juntos, conheciam-se havia sessenta anos, e que não havia um momento em que deixavam de se amar profundamente, e por essa razão adorava ouvi-los brigando. Isso era o mais estranho: eles viviam brigando.

— Por quê? Meu amigo gordo me pergunta por quê? Fica aí sentado nesse seu traseiro virado para a lua e tem a coragem de me perguntar por quê? Yeste, uma vez na vida venha me procurar para propor um desafio. Uma vez, só uma vez, venha até mim e diga: "Domingo, preciso de uma espada para um homem de oitenta anos lutar um duelo." E eu o abraçarei e gritarei: "Sim!" Porque criar uma espada que faça um homem de oitenta anos sobreviver a um duelo, isso, sim, seria um feito. Porque a espada teria que ser forte a ponto de derrotar o inimigo, mas leve o bastante para não cansar um braço fragilizado. Eu teria que dar tudo de mim para, quem sabe, encontrar um metal desconhecido, forte porém leve, ou criar uma fórmula para inventar um metal novo, uma mistura de bronze com algum tipo de ferro e um pouco de ar que passou anos e anos negligenciada. Eu beijaria seus pés fedorentos por uma oportunidade como essa, meu gordo Yeste. Mas criar uma espada idiota com joias idiotas formando iniciais idiotas para que um italiano idiota possa agradar sua amante idiota, não. Isso eu não faço.

— Pela última vez, estou implorando. Por favor.

— Pela última vez, estou dizendo não. Sinto muito. Não.

— Dei minha palavra de que a espada seria feita. Não consigo fazê-la. Em todo o mundo, você é o único capaz de realizar essa tarefa, e se recusa. O que significa que terei que voltar atrás no meu compromisso. O que significa que perderei minha honra. O que significa que, sendo a honra a única coisa com a qual me importo no mundo e sem a qual não posso viver, deverei morrer. E,

sendo você meu amigo mais querido, é melhor que eu morra agora, ao seu lado, banhando-me no calor de seu afeto.

Nessa hora, Yeste sacava uma faca. Um objeto magnífico, presente de casamento de Domingo.

— Adeus, pequeno Inigo — dizia Yeste, então. — Deus lhe dê muitos sorrisos.

Inigo era proibido de interromper.

— Adeus, pequeno Domingo — dizia Yeste. — Embora minha morte aconteça em sua choupana, embora sua teimosia seja a causa de minha morte, em outras palavras, mesmo que você esteja me matando, não se sinta culpado. Eu o amo e sempre o amei e Deus proíba que sua consciência lhe cause algum transtorno. — Ele abria o casaco, aproximava a faca de si. — *A dor é pior do que eu imaginava!*

— Como pode estar doendo se a ponta da arma está a cinquenta centímetros da sua barriga? — perguntava Domingo.

— Estou sofrendo por antecipação, não me perturbe, me deixe morrer sem ser importunado.

Yeste encostava a ponta na pele.

Domingo tirava a faca da mão dele.

— Um dia, não vou impedi-lo. Inigo, bote um prato a mais na mesa para o jantar.

— Eu estava pronto para tirar minha própria vida, de verdade.

— Já pode encerrar seu espetáculo.

— O que temos para o jantar?

— A gororoba de sempre.

— Inigo, vá ver se por acaso tem alguma coisa na minha carruagem lá fora.

Sempre havia um banquete à espera na carruagem.

Após a comida e as histórias, chegava a hora da partida, e sempre antes da partida vinha o pedido.

— Nós podíamos ser sócios — dizia Yeste. — Em Madri. Meu nome viria

antes do seu no letreiro, claro, mas seríamos iguais em tudo.

— Não.

— Muito bem. Seu nome antes do meu. Você é o maior forjador de espadas que existe, merece que seu nome venha primeiro.

— Faça uma boa viagem de volta.

— POR QUE NÃO?

— Porque, meu amigo Yeste, você é muito famoso e muito rico, e merece isso, pois faz espadas maravilhosas. Mas as faz para qualquer tolo que aparece. Sou pobre, e ninguém no mundo sabe de minha existência a não ser por você e Inigo; entretanto, não preciso me sujeitar a tolos.

— Você é um artista.

— Não. Ainda não. Apenas um artesão. Mas sonho ser um artista. Rezo para que um dia, se eu me dedicar o bastante e tiver muita sorte, consiga fazer uma arma que seja uma obra de arte. Quando isso acontecer, me chame de artista e responderei.

Yeste subia na carruagem. Domingo se aproximava da janela e sussurrava:

— Peço que se lembre disto: quando eu lhe entregar essa espada com as iniciais formadas por pedras preciosas, diga que é feito seu. Não conte a ninguém sobre mim.

— Seu segredo ficará bem guardado.

Abraços e acenos. A carruagem partia. E assim era a vida antes da espada de seis dedos.

Inigo se lembrava do momento exato em que tudo começou. Estava preparando o almoço — desde que o menino tinha seis anos, o pai deixava que ele cozinhasse — quando ouviu uma forte batida à porta da choupana.

— Lá dentro — disse uma voz grave. — Seja rápido.

O pai de Inigo abriu a porta.

— Em que posso servir?

— Você é um forjador de espadas — disse a voz grave. — De grande talento. Ouvi dizer que é verdade.

— Bem que eu gostaria — respondeu Domingo. — Mas não tenho grandes talentos. Trabalho mais com reparos. Quem sabe se tiver uma lâmina que precise ser afiada eu possa ajudá-lo. Mas qualquer coisa além disso está fora da minha capacidade.

Inigo espiou escondido atrás do pai. A voz grave pertencia a um homem poderoso com cabelo escuro e ombros largos que montava um elegante cavalo marrom. Claramente um nobre, mas Inigo não sabia dizer de que país.

— Desejo que façam para mim a melhor espada desde Excalibur.

— Espero que seu desejo se realize. Mas agora, se me permite, nosso almoço está quase pronto e…

— Não lhe dou permissão para se mexer. Fique bem aí ou será exposto à minha fúria, que, devo avisá-lo desde já, é considerável. Meu temperamento é assassino. Repita agora: o que ia dizendo sobre o almoço?

— Eu ia dizendo que ainda levará horas para ficar pronto; não tenho nada a fazer e nem sonharia me mexer.

— Há boatos de que mora um gênio no alto das montanhas de Toledo. O maior forjador de espadas de todo o mundo.

— Ele vem aqui a passeio de vez em quando… por isso você deve ter se confundido. Chama-se Yeste e mora em Madri.

— Pagarei quinhentas moedas de ouro em troca do meu desejo — disse o nobre de ombros largos.

— É uma quantia maior do que todos os homens juntos deste vilarejo ganharão na vida. De verdade, adoraria aceitar sua oferta, mas não sou o homem que você procura.

— Os boatos me levaram a crer que Domingo Montoya pode resolver meu problema.

— Qual é seu problema?

— Sou um excelente espadachim, mas não consigo encontrar uma arma que se adapte a minhas peculiaridades, o que me impede de alcançar o máximo de meu potencial. Se eu tivesse uma arma que servisse a minhas

peculiaridades, não haveria ninguém à minha altura no mundo.

— A que peculiaridades se refere?

O nobre ergueu a mão direita.

Domingo começou a ficar animado.

O homem tinha seis dedos.

— Está vendo? — perguntou o nobre.

— Sem dúvida — disse Domingo —, sua performance é prejudicada porque o equilíbrio de todas as espadas é baseado em cinco dedos. Todos os cabos o limitam porque foram criados para cinco dedos. Não faria diferença para um espadachim mediano, mas um grande espadachim, um mestre, fatalmente ficaria desconfortável. E o maior espadachim do mundo deve sempre estar à vontade. Para ele, segurar sua arma deve ser tão natural quanto piscar os olhos, sem precisar pensar nela.

— Claramente você entende as dificuldades… — começou o nobre, mais uma vez.

Mas Domingo havia viajado para um lugar onde as palavras alheias jamais o alcançariam. Inigo nunca tinha visto o pai tão agitado.

— As medidas… claro… cada dedo e a circunferência do punho, e a distância entre a unha do sexto dedo e a ponta do indicador… tantas medidas… e suas preferências… Você prefere golpes cortantes ou que perfurem? Se cortar, prefere da direita para a esquerda ou quem sabe um movimento paralelo?… Quando perfura, é adepto do movimento de baixo para cima, e qual a potência da força que gostaria de usar no ombro, e no punho?… Gostaria de uma ponta revestida para uma perfuração mais fácil ou gosta de ver o oponente recuar?… Há tanto a ser feito, tanto…

E assim ele prosseguiu, até que o nobre desceu do cavalo e quase teve que sacudi-lo pelos ombros para que o homem se acalmasse.

— Você é o homem dos boatos.

Domingo assentiu.

— E fará para mim a melhor espada desde Excalibur.

— Entregarei meu corpo à miséria por você. Talvez eu fracasse, mas ninguém se esforçará como eu.

— E o pagamento?

— Quando você tiver em mãos a espada, recebo o pagamento. Agora, deixe que eu tire as medidas. Inigo... meus instrumentos!

Inigo correu até o canto mais escuro da choupana.

— Faço questão de deixar um adiantamento.

— Não é necessário. É possível que eu fracasse.

— *Eu insisto*.

— Tudo bem, uma moeda de ouro. Deixe isso. Mas não me incomode com dinheiro quando tenho um trabalho para começar.

O nobre sacou uma moeda de ouro.

Domingo botou a moeda em uma gaveta e a esqueceu por lá, sem sequer um olhar de relance.

— Agora, sinta seus dedos — ordenou ele. — Esfregue as mãos com força, balance os dedos… Quando começar um duelo, ficará empolgado, e o cabo da espada deve se adequar a sua mão em tal estado; se eu a medisse relaxada, teríamos uma diferença, podendo chegar a um milímetro, o que nos roubaria a perfeição. E é isso que procuro. Perfeição. Não me contentarei com menos que isso.

O nobre teve que sorrir.

— E quanto tempo levará para alcançar tal perfeição?

— Volte em um ano — disse Domingo, e, com isso, iniciou os trabalhos.

Que ano.

Domingo dormia apenas quando caía de cansaço. Comia apenas quando Inigo o forçava. Ele estudava, lamuriava, reclamava. Nunca deveria ter aceitado o trabalho; era uma tarefa impossível. No dia seguinte, trabalharia sem parar: nunca deveria ter aceitado o trabalho; não compensaria o esforço. Da alegria ao desespero, da alegria ao desespero, dia após dia, hora após hora. Às vezes, Inigo o encontrava chorando:

— O que aconteceu, pai?

— Não consigo. Não consigo fazer a espada. Não consigo fazer com que minhas mãos me obedeçam. Eu deveria me matar, mas, se o fizesse, o que seria de você?

— Vá dormir, pai.

— Não, não preciso. Fracassados não precisam dormir. Além do mais, já dormi ontem.

— Por favor, pai, um cochilo.

— Tudo bem, mas só alguns minutos, para que você não reclame.

Algumas noites, Inigo acordava e o encontrava dançando.

— O que houve, pai?

— Descobri o que estava fazendo de errado e corrigi meus julgamentos equivocados.

— Então a espada ficará pronta logo, pai?

— Ficará pronta amanhã e será um milagre.

— Você é maravilhoso, pai.

— Sou mais maravilhoso que o mais maravilhoso, como ousa me insultar?

Na noite seguinte, porém, mais lágrimas.

— O que foi agora, pai?

— A espada, a espada... não consigo fazer a espada.

— Mas, pai, ontem o senhor disse que tinha descoberto o que estava fazendo de errado.

— Eu estava enganado; hoje encontrei outros erros, piores. Sou a mais desprezível das criaturas. Diga que não se importaria se eu me matasse, para que eu possa dar fim a esta existência.

— Mas eu me importaria, pai. Eu o amo e morreria se o senhor parasse de respirar.

— Você não me ama de verdade, diz isso só por pena.

— Quem teria pena do maior forjador de espadas de toda a história da humanidade?

— Obrigado, Inigo.

— Disponha, pai.

— Eu também amo você, Inigo.

— Durma, pai.

— Sim. Vou dormir.

Um ano inteiro disso. Um ano do cabo certo, porém com o equilíbrio errado; do equilíbrio certo, porém com a lâmina cega; da lâmina afiada, mas desequilibrando a espada de novo; do equilíbrio restabelecido, mas agora com a ponta grossa demais; da ponta voltando a ficar afiada, só que então a lâmina inteira ficando curta demais e tudo tendo que ser descartado, recomeçado do zero. De novo. E de novo. A saúde de Domingo começou a se deteriorar. Estava sempre febril, mas forçava sua frágil carcaça porque aquela tinha que ser a melhor espada desde Excalibur. Domingo carregava nas costas o peso de ser uma lenda, e isso estava acabando com ele.

Que ano.

Certa noite, Inigo acordou e viu o pai sentado em silêncio. Olhar perdido. Calmo. Inigo seguiu o olhar do pai.

A espada de seis dedos estava pronta.

Mesmo na escuridão da choupana, a lâmina brilhava.

— Finalmente — sussurrou Domingo. Ele não conseguia tirar os olhos da majestosa espada. — Depois de uma vida. Inigo. Inigo! Sou um artista.

O nobre de ombros largos não concordou. Quando voltou para concluir a compra, apenas olhou para a espada por um instante.

— Não vale o tempo que esperei.

Inigo ficou parado no canto da choupana, apenas olhando, prendendo a respiração.

— Está decepcionado? — Domingo mal conseguia pronunciar as palavras.

— Não estou dizendo que é uma porcaria, não me entenda mal — prosseguiu o nobre —, mas certamente não vale quinhentas moedas de ouro. Pagarei dez, é o que deve valer.

— Não! — gritou Domingo. — Não vale dez. Não vale sequer uma. — E abriu a gaveta onde a moeda havia ficado intocada durante um ano. — O ouro é seu. Todo. Não perdeu nada.

Ele pegou a espada de volta e se virou.

— Ficarei com a espada — disse o nobre. — Não disse que não ficaria. Apenas disse que pagaria o que vale.

Domingo se virou de volta, os olhos soltando faíscas.

— Você é mesquinho. Está pechinchando. Estou falando de arte e você, de dinheiro. Ofereci a mais pura beleza, e você só tem olhos para seu bolso farto. Não perdeu nada; não tem mais o que fazer aqui. Por favor, vá.

— A espada — insistiu o nobre.

— A espada pertence a meu filho — disse Domingo. — Acabei de dar a ele. Será dele para sempre. Adeus.

— Além de um camponês, você é tolo, e quero minha espada.

— Você é um inimigo da arte, e eu tenho pena de sua ignorância.

Essas foram suas últimas palavras.

O nobre o matou logo em seguida, sem aviso. Houve um lampejo da espada do homem, e o coração de Domingo estava estraçalhado.

Inigo gritou. Não podia acreditar; aquilo não tinha acontecido. Gritou de novo. Seu pai estava bem; logo eles tomariam chá. Não parou de gritar.

O vilarejo ouviu. Vinte homens chegaram à porta da choupana. O nobre os empurrou para longe.

— O homem me atacou. Estão vendo? Ele tem uma espada na mão. Fui atacado e me defendi. Agora saiam do meu caminho.

Era mentira, claro, e todos sabiam disso. Mas, como o homem era um nobre, o que poderiam fazer? Eles deram passagem, e o nobre montou em seu cavalo.

— Covarde!

O nobre se virou.

— Canalha!

Mais uma vez a multidão abriu caminho.

Inigo estava ali, segurando a espada de seis dedos, repetindo as palavras:

— Covarde! Canalha! Assassino!

— Alguém cuide do menino antes que ele passe dos limites — disse o nobre para a multidão.

Então Inigo saiu correndo e parou diante do cavalo do nobre, bloqueando o caminho. Ergueu a espada de seis dedos com ambas as mãos e gritou:

— Eu, Inigo Montoya, desafio você, seu covarde, canalha, assassino, idiota, tolo, para uma batalha.

— Tirem-no do caminho. Movam o infante.

— O infante tem dez anos e fica onde está — retrucou Inigo.

— Basta de morte para sua família por hoje, meu jovem — disse o nobre. — Contente-se.

— Quando você estiver implorando por sua vida, eu me contentarei. Agora *desmonte*!

O nobre desmontou.

— Saque sua espada.

O nobre sacou a arma letal.

— Dedico sua morte a meu pai — disse Inigo. — Comece.

Eles começaram.

Não foi uma luta, claro. Inigo foi desarmado em menos de um minuto. Porém, durante mais ou menos quinze segundos, o nobre ficou abalado. Ao longo daqueles quinze segundos, pensamentos estranhos passaram por sua cabeça. Pois, mesmo aos dez anos, a genialidade de Inigo já estava ali.

Desarmado, Inigo ficou parado em uma postura orgulhosa. Não disse uma palavra, não implorou.

— Não vou matá-lo — disse o nobre. — Porque você tem talento e é corajoso. Só que também não tem modos, e isso ainda vai lhe causar problemas se não tomar cuidado. Então, eu o ajudarei a enfrentar a vida, deixando-lhe um lembrete de que é preciso se comportar. — E, com isso, sua

lâmina cintilou. Duas vezes.

E o rosto de Inigo começou a sangrar. Dois rios de sangue corriam-lhe da testa ao queixo, um em cada bochecha. Na hora, todos souberam: o garoto estava marcado para sempre.

Inigo se recusava a cair. O mundo ficou branco diante de seus olhos, mas ele não cederia. O sangue continuava jorrando. O nobre acomodou a espada de volta no lugar, montou no cavalo e partiu.

Foi somente então que Inigo permitiu que a escuridão o levasse.

Ele acordou com a visão do rosto de Yeste.

— Fui derrotado — sussurrou Inigo. — Decepcionei meu pai.

Yeste disse apenas:

— Durma.

Inigo dormiu. O sangramento estancou depois de um dia, e a dor, depois de uma semana. Eles enterraram Domingo e, pela primeira e última vez, Inigo deixou Arabella. Com o rosto enfaixado, viajou na carruagem de Yeste até Madri, onde morou na casa do fabricante de espadas, obedecendo às ordens dele. Depois de um mês, as bandagens foram removidas, mas as cicatrizes ainda estavam muito vermelhas. Por fim, elas suavizaram um pouco, mas nunca deixaram de ser a feição mais marcante do rosto de Inigo: duas cicatrizes enormes, paralelas, uma em cada face, da testa ao queixo. Por dois anos, Yeste cuidou do menino.

Então, certa manhã, Inigo partiu. Em seu lugar ficaram duas palavras: “Preciso aprender”, em um bilhete preso ao travesseiro.

Aprender? Aprender o quê? O que haveria fora de Madri para uma criança aprender? Yeste deu de ombros e suspirou. Estava fora de seu alcance. Não havia mais como entender as crianças. Tudo mudava rápido demais e os jovens não eram mais os mesmos. Fora de seu alcance, fora de seu alcance, a vida estava fora de seu alcance, o mundo estava fora de seu alcance, o que quer que existisse estava fora de seu alcance. Ele era um homem gordo que fazia espadas. Era tudo o que sabia.

Então ele fez mais espadas e ficou mais gordo, e os anos se passaram. Conforme sua compleição aumentava, sua fama fazia o mesmo. De toda parte do mundo chegavam pessoas implorando por suas armas, então Yeste dobrou os preços, porque não queria mais trabalhar tanto, estava envelhecendo, mas assim que dobrou os preços, a notícia se espalhou dos duques aos príncipes e, consequentemente, aos reis, o que só aumentou a procura, dramaticamente. O tempo de espera por uma espada cresceu para dois anos, e a fila da realeza era interminável, e Yeste foi ficando mais cansado, então dobrou os preços mais uma vez, e quando isso não afastou os clientes, ele triplicou os valores já duas vezes dobrados e redobrou-os novamente, e, além disso, todos os serviços requeriam pagamento adiantado e em joias e o tempo de espera já estava em mais de três anos, mas nada fazia as pessoas desistirem. Elas queriam uma espada feita por Yeste mais do que tudo, e mesmo que a essa altura seu melhor trabalho não chegasse nem perto do que fora um dia (afinal, já não havia mais Domingo para salvá-lo), os ricos, tolos que eram, nem notavam. Só queriam armas feitas por ele e esbanjariam quantas joias fosse preciso para consegui-las.

Yeste ficou muito rico.

E *muito* gordo.

Cada centímetro de seu corpo estava flácido. Era o único em Madri com polegares gordos. Demorava uma hora para se vestir, e mais uma hora para tomar o café da manhã. Tudo era lento.

Mas ainda conseguia fazer espadas. E as pessoas ainda as desejavam.

— Sinto muito — disse ele ao jovem hispânico que chegou a sua loja certa manhã. — A espera é de quatro anos e fico até constrangido de mencionar o valor. Faça sua arma com outra pessoa.

— Eu tenho minha arma — respondeu o hispânico.

E jogou a espada de seis dedos na bancada de Yeste.

Quantos abraços.

— Nunca me deixe de novo — disse Yeste. — Eu como demais quando

estou solitário.

— Não posso ficar. Vim apenas lhe fazer uma pergunta. Como sabe, passei os últimos dez anos aprendendo. Agora voltei para que você me diga se estou pronto.

— Pronto? Para o quê? Que diabos você andou aprendendo?

— A espada.

— Loucura — disse Yeste. — Você passou os últimos dez anos aprendendo esgrima?

— Não, não *só* esgrima — respondeu Inigo. — Fiz muitas outras coisas também.

— Conte.

— Bem, dez anos são... aproximadamente, três mil e seiscentos dias. E isso dá… calculei uma vez, então lembro bem… umas oitenta e seis mil horas. Bem, sempre fiz questão de dormir quatro horas por noite. Isso já soma catorze mil horas de cara, restando, quem sabe, umas setenta e duas mil horas.

— Então você também dormiu. Muito bem. O que mais?

— Bem, apertei pedras.

— Perdão, às vezes minha audição falha: entendi você dizer que apertou pedras.

— Para fortalecer os pulsos. E assim conseguir controlar a espada. Pedras como maçãs. Do mesmo tamanho. Eu apertava uma em cada mão por cerca de duas horas ao dia. E passava mais duas horas ao dia saltando, desviando e correndo, para que meus pés aprendessem a assumir a posição correta quando eu fosse sacar a espada. Isso dá mais catorze mil horas. Agora faltam cinquenta e oito mil. Bem, eu sempre corria por duas horas ao dia, o mais rápido possível, para que minhas pernas ficassem, além de rápidas, fortes. E com isso sobram cerca de cinquenta mil horas.

Yeste examinou o rapaz a sua frente. Esguio como uma lâmina, um metro e oitenta de altura, postura ereta como a de uma moça, olhos claros, sempre a postos; mesmo parado parecia veloz como um chicote.

— E o restante das cinquenta mil horas? Passou esse tempo aprendendo a usar a espada?

Inigo assentiu.

— Onde?

— Em qualquer lugar em que eu encontrasse um mestre. Veneza, Bruges, Budapeste.

— Eu não poderia ter lhe ensinado aqui?

— Poderia. Mas você se importa comigo. Não teria sido implacável. Teria dito: "Excelente defesa, Inigo, agora basta por hoje, vamos jantar."

— Parece mesmo algo que eu diria — admitiu Yeste. — Mas por que é tão importante? Por que dedicou tanto tempo da sua vida a isso?

— Porque não podia decepcioná-lo mais uma vez.

— Decepcionar quem?

— Meu pai. Passei todos esses anos me preparando para encontrar o homem de seis dedos e matá-lo. Mas ele é um mestre, Yeste. Ele falou isso, e eu vi como sua espada voou na direção de meu pai. Não posso perder o duelo quando encontrá-lo, então vim procurar você agora. Você conhece espadas e espadachins. Não minta. Estou pronto? Se disser que sim, viajarei o mundo atrás dele. Se disser que não, treinarei mais dez anos, e depois mais dez anos, se for necessário.

Eles foram para o quintal da casa de Yeste. Era quase meio-dia. Estava quente. Yeste pôs seu corpo em uma cadeira, e esta, na sombra. Inigo ficou esperando debaixo do sol.

— Precisamos não focar no desejo, sabemos que você tem motivo suficiente para desferir um golpe mortal — disse Yeste. — Portanto, precisamos apenas testar seu conhecimento, velocidade e resistência. Não precisamos de um inimigo para isso. O inimigo está sempre na mente. Visualize-o.

Inigo empunhou a espada.

— O homem de seis dedos o provoca — afirmou Yeste. — Faça o que

pode.

Inigo começou a saltar pelo quintal, a grande lâmina brilhando.

— Ele usa a defesa Agrippa! — gritou Yeste.

Imediatamente, Inigo mudou de posição, aumentando a velocidade da espada.

— Agora ele surpreende você com um ataque Bonetti.

Mas Inigo não ficou surpreso por muito tempo. Mais uma vez, mudou a posição dos pés, movendo-se em outra direção. Seu corpo magro começava a transpirar e a grande espada era ofuscante. Yeste continuou gritando instruções. Inigo continuou se movimentando. A espada nunca parava.

Às três da tarde, Yeste disse:

— Basta. Estou exausto só de ver.

Inigo embainhou a espada de seis dedos e esperou.

— Você gostaria de saber se está pronto para um duelo de morte com um homem cruel o suficiente para matar seu pai, rico o bastante para garantir proteção, mais velho e com mais experiência, e um mestre reconhecido.

Inigo assentiu.

— Direi a verdade, e cabe a você decidir como encará-la. Primeiro, nunca existiu um mestre tão jovem quanto você. Normalmente se leva trinta anos apenas para se conquistar o título, enquanto você mal chegou aos vinte e dois. Bem, a verdade é que você é um garoto impetuoso guiado pela loucura. Não é, nem nunca será, um mestre.

— Obrigado pela sinceridade. Devo dizer que eu esperava notícias mais positivas. Estou com dificuldade para falar no momento, então, se me der licença, seguirei meu…

— Ainda não terminei — disse Yeste.

— O que mais há a ser dito?

— Eu amava seu pai de todo o meu coração, você sabe disso. O que não sabe é que, quando éramos muito jovens, não tínhamos nem vinte anos, vimos, com nossos próprios olhos, uma exibição do bruxo da Córsega, Bastia.

— Não sei de nenhum bruxo.

— É uma posição acima do mestre na esgrima — explicou Yeste. — Bastia foi o último homem a receber o título. Muito antes de você nascer, ele morreu em alto-mar. Não existiu nenhum bruxo desde então, e você nunca neste mundo teria conseguido derrotá-lo. Mas digo também o seguinte: ele nunca neste mundo teria conseguido derrotar você.

Inigo ficou em silêncio por bastante tempo.

— Então estou pronto.

— Eu não gostaria de ser o homem de seis dedos — foi a resposta de Yeste.

Na manhã seguinte, Inigo começou a perseguição. Tinha pensado em tudo, detalhe por detalhe. Encontraria o homem de seis dedos. Iria até ele. E diria somente: "Olá, meu nome é Inigo Montoya. Você matou meu pai, prepare-se para morrer." E enfim se daria o duelo.

Era um plano lindo. Simples, direto. Sem frescuras. No começo, Inigo tinha cogitado todos os tipos de vingança, mas aos poucos a simplicidade lhe pareceu o melhor caminho. Chegara a criar, mentalmente, toda sorte de encenações: o inimigo choraria e imploraria, o inimigo recuaria e gritaria, o inimigo ofereceria suborno, apelaria para bajulação e todas as estratégias desonrosas em que conseguisse pensar. Mas a simplicidade acabou ganhando mais uma vez. O inimigo diria apenas: "Ah, é verdade, eu me lembro de matá-lo; será um prazer matar você também."

Inigo tinha apenas um problema: não conseguia encontrar o inimigo.

Nunca lhe ocorrera que fosse ter dificuldade. Afinal, quantos nobres tinham seis dedos na mão direita? Claro que seria o assunto mais falado das redondezas. Bastariam algumas perguntas como "Por favor, desculpe se pareço maluco, mas você viu por aí algum nobre com seis dedos?" e, mais cedo ou mais tarde, alguém responderia "sim".

Só que não foi mais cedo.

E esperar o mais tarde não era uma tarefa fácil.

O primeiro mês não foi totalmente desencorajador. Inigo cruzou a Espanha e Portugal. No segundo mês, foi para a França e passou o resto do ano lá. No ano seguinte, foi à Itália, depois à Alemanha e depois à Suíça.

Somente após cinco anos de completo fracasso ele começou a ficar preocupado. Àquela altura, já tinha visto todos os Bálcãs, grande parte da Escandinávia, havia visitado os florinenses e os nativos de Guilder, tinha ido à Mãe Rússia e contornado o Mediterrâneo inteiro.

Já sabia o que tinha acontecido: os dez anos de aprendizado haviam sido demais; muita coisa podia ter ocorrido. O homem de seis dedos podia estar se aventurando pela Ásia. Ou enriquecendo na América. Ou vivendo como eremita nas Índias Orientais. Ou… ou…

Morto?

Aos vinte e sete anos, Inigo começou a tomar algumas taças a mais de vinho para conseguir dormir. Aos vinte e oito, tomava algumas taças a mais para digerir o almoço. Aos vinte e nove, o vinho era essencial para conseguir se levantar pela manhã. O mundo estava desabando ao seu redor. Além de seu fracasso diário, algo quase pavoroso acontecia:

A esgrima estava começando a entediá-lo.

Ele simplesmente era bom demais. Durante as viagens, fazia o seguinte para ganhar dinheiro: encontrava o maior esgrimista do local, desafiava-o para um duelo e, assim que o desarmava, aceitava o valor acordado. Com os ganhos, pagava por comida, hospedagem e vinho.

Só que os maiores esgrimistas locais não eram nada. Mesmo nas cidades grandes não eram nada. Mesmo nas capitais, os mestres locais não eram nada. Não havia competição, nada que o desafiasse. A vida parecia sem sentido; a missão, sem sentido; tudo, tudo sem sentido.

Aos trinta, ele desistiu do fantasma. Encerrou sua busca. Esquecia de comer, dormia apenas de vez em quando. Sua única companhia era o vinho, e lhe bastava.

Era uma sombra de si mesmo. O maior espadachim desde o bruxo da

Córsega mal tocava em sua espada.

Era esse seu estado quando o siciliano o encontrou.

O pequeno corcunda apenas ofereceu um tipo de vinho mais forte. Então, com uma combinação de elogios e alfinetadas, começou a afastá-lo da bebida. Porque o siciliano tinha um sonho: com sua astúcia, a força do turco e a espada do hispânico, eles podiam se tornar a organização criminosa mais eficiente do mundo civilizado.

E foi exatamente o que aconteceu.

Nos becos escuros, o nome deles soava mais forte que o medo; todo mundo tinha alguma necessidade que era difícil de suprir. A Gangue Siciliana (dois era bom, três era uma gangue, mesmo naquela época) ficava cada vez mais famosa e rica. Nada era páreo para eles. A lâmina de Inigo voltava a brilhar, mais do que nunca como um raio. A força do turco ficava mais prodigiosa com o passar dos meses.

Mas o corcunda era o líder. Não havia dúvida. Sem ele, Inigo sabia onde estaria: jogado em algum beco, implorando por vinho. A palavra do siciliano não era apenas lei, era a verdade.

Então, quando ele disse "Mate o homem de preto", não havia nenhuma outra possibilidade. O homem de preto teria que morrer…

* * *

INIGO ANDAVA DE um lado a outro na beira do precipício, estalando os dedos. O homem de preto continuava a escalada, agora quinze metros abaixo dele. A impaciência de Inigo começava a passar dos limites. Ele observou o progresso lento lá embaixo. Encontrar uma fenda, enfiar a mão, encontrar outra fenda, enfiar a outra mão; treze metros para o fim. Inigo segurou o cabo da espada e começou a estalar os dedos num ritmo mais rápido. Avaliou o montanhista encapuzado, no fundo torcendo para que tivesse seis dedos, mas não; aquele ali tinha o número correto.

Doze metros.

Onze.

— Olá! — gritou Inigo quando não conseguiu mais esperar.

O homem de preto olhou para cima de relance e grunhiu.

— Andei observando você.

O homem de preto assentiu.

— Você é muito lento — comentou Inigo.

— Olha, não quero ser grosseiro — disse o homem de preto, enfim —, mas estou meio ocupado no momento, então tente não me distrair.

— Sinto muito — disse Inigo.

O homem de preto grunhiu de novo.

— Suponho que não consiga subir mais rápido — desafiou Inigo.

— Se deseja tanto que eu seja mais rápido — retrucou o homem de preto, claramente irritado —, que tal me jogar uma corda, um galho ou qualquer coisa que seja útil?

— Posso fazer isso, mas duvido que você queira minha ajuda, uma vez que só estou aqui esperando para matá-lo.

— Isso de fato impossibilita uma relação entre nós — respondeu o homem de preto. — Receio que não tenha escolha a não ser esperar, então.

Dez metros.

Nove.

— Posso lhe dar minha palavra de hispânico — disse Inigo.

— Não serve — retrucou o homem de preto. — Conheci muitos hispânicos.

— Estou enlouquecendo aqui.

— Se quiser trocar de lugar, é só me avisar.

Oito metros.

Descanso.

O homem de preto estava praticamente suspenso no ar, os pés balançando, todo o peso do corpo sustentado pela força de sua mão cravada na fenda.

— Ande logo — implorou Inigo.

— É uma subida e tanto — explicou o homem de preto —, e estou cansado. Só mais uns quinze minutinhos.

Mais quinze minutinhos! Inconcebível.

— Olhe, tenho aqui uma corda que não foi usada quando subimos. Vou jogá-la, você segura, eu puxo, e aí…

— Não serve — repetiu o homem de preto. — Você *talvez* puxe, mas *talvez* largue a corda, o que, uma vez que está com pressa para me matar, certamente adiantaria seu lado.

— Mas você nem ficaria sabendo que desejo matá-lo se eu não tivesse contado. Isso não lhe passa certa confiança?

— Para ser sincero... e espero que não leve para o lado pessoal... não.

— Não há nada que eu possa fazer para ganhar sua confiança?

— Não consigo pensar em nada.

De repente, Inigo levantou a mão direita.

— Prometo pela alma de Domingo Montoya que você chegará vivo!

O homem de preto ficou em silêncio por um tempo. Então olhou para cima.

— Não conheço esse tal de Domingo, mas algo em sua voz me diz que posso acreditar em você. Jogue a corda.

Inigo amarrou a corda em uma pedra, depressa, e a largou precipício abaixo. O homem de preto a agarrou, ainda se segurando à rocha. Inigo puxou. Em um instante, o homem de preto estava ao seu lado.

— Obrigado — disse, e se sentou no chão.

Inigo sentou-se ao lado dele.

— Vamos esperar você se recompor.

O homem de preto estava ofegante.

— Mais uma vez, obrigado.

— Por que nos seguiu?

— Estão levando uma carga muito valiosa.

— Não temos intenção alguma de vendê-la.

— Isso é problema seu.

— E qual é o seu?

O homem de preto não respondeu.

Inigo se levantou e caminhou pela área, examinando o terreno onde travariam a batalha. Era um platô esplendoroso, repleto de árvores para se esconder, raízes para causar tropeções, pedrinhas para fazer o oponente escorregar; havia também pedras grandes, boas para subir e saltar, se fosse rápido o bastante, e tudo iluminado pelo luar. Não se poderia desejar terreno mais ardiloso para um duelo, concluiu Inigo. Havia de tudo, inclusive os maravilhosos Rochedos ao lado, seguidos por uma magnífica queda de trezentos metros, algo que sempre deveria ser levado em conta em um planejamento tático. Era perfeito. O local era perfeito.

Isso se o homem de preto dominasse a esgrima.

Dominasse *de verdade*.

Inigo fez então o que sempre fazia antes de um duelo: sacou a grande espada da bainha e encostou a lateral da lâmina duas vezes no rosto, uma em cada cicatriz.

Em seguida, estudou o homem de preto. Um bom marinheiro, verdade; um alpinista habilidoso, inquestionavelmente; corajoso, sem dúvida.

Mas seria um bom esgrimista?

Um esgrimista *de verdade*?

Por favor, pensou Inigo, que esse homem me teste. Faz tanto tempo desde a última vez que fui testado. Que seja um espadachim formidável. Que seja ágil e veloz, inteligente e forte. Dê a ele uma capacidade estratégica imbatível, um histórico comparável ao meu. Por favor, por favor, já faz tanto tempo… permita… que… ele… seja… um… *mestre*!

— Já recuperei o fôlego — avisou o homem de preto, sentado na pedra. — Agradeço por me permitir um tempinho para descansar.

— Melhor começarmos logo, então — respondeu Inigo.

O homem de preto se levantou.

— Você me parece um sujeito decente — comentou Inigo. — Vou odiar matá-lo.

— Você também me parece um sujeito decente — respondeu o homem de preto. — Vou odiar morrer.

— Mas um de nós terá que passar por isso. *En garde*.

Ao dizer isso, sacou a espada de seis dedos.

E a pegou com a mão esquerda.

Ele vinha começando todos os duelos com a mão esquerda. Era um bom treinamento, e, embora fosse o único bruxo vivo quando usava a mão habitual, a direita, ainda assim era mais do que digno com a esquerda. Talvez houvesse uns trinta homens vivos no mesmo nível que Inigo com a mão esquerda. Talvez até cinquenta; talvez não mais que dez.

O homem de preto também era canhoto, e Inigo se animou; assim tudo seria mais justo. Sua fraqueza contra a vantagem do outro homem. Melhor assim.

Eles tocaram espadas, e o homem de preto logo iniciou uma defesa Agrippa, o que Inigo achou inteligente, levando-se em consideração o terreno rochoso, pois a Agrippa envolvia manter os pés fixos em um primeiro momento, diminuindo ao mínimo as chances de escorregar. Naturalmente, contra-atacou com Capo Ferro; isso surpreendeu mas não abalou o homem de preto, que saiu depressa da Agrippa e, iniciando a ofensiva, usou os princípios de Thibault.

Inigo não conseguiu esconder a alegria. Fazia muito tempo desde a última vez que alguém iniciava uma ofensiva contra ele, era tão empolgante! Para que o homem de preto ganhasse vantagem e confiança, ele recuou graciosamente em meio às árvores, garantindo-se na defesa Bonetti.

Então moveu as pernas rapidamente e parou atrás da árvore mais próxima, mas por essa o homem de preto não havia esperado e reagiu devagar. Inigo saiu de seu esconderijo de surpresa, dessa vez na ofensiva, e o homem de preto

recuou, tropeçou, recuperou o equilíbrio e continuou recuando.

Inigo ficou impressionado com a rapidez com que o oponente se estabilizou. A maior parte dos homens daquele tamanho teria caído, ou pelo menos apoiado uma das mãos no chão. O homem de preto não recorreu a nenhuma das duas opções; apenas saltitou, contorceu o corpo até ajeitar a postura e continuou lutando.

Eles iam na direção do precipício, e quase todas as árvores haviam ficado para trás. O homem de preto estava aos poucos sendo empurrado para um grupo de pedras grandes, pois Inigo ansiava por ver a destreza do inimigo quando enclausurado, sem poder golpear ou defender com total liberdade. Continuou pressionando e, então, as pedras os cercavam. De repente, Inigo pulou para uma rocha próxima, deu impulso com uma força impressionante e atacou com velocidade incrível.

Foi o primeiro a arrancar sangue.

Havia cortado o homem de preto, apenas de raspão, no punho esquerdo. Um arranhão de nada. Mas estava sangrando.

Na mesma hora, o homem de preto recuou, se afastando das pedras e indo para o campo aberto perto do platô. Inigo foi atrás, sem se dar ao trabalho de conferir o salto do outro homem; haveria tempo para isso mais tarde.

Então o homem de preto desferiu seu golpe mais agressivo. Veio sem aviso, mas com velocidade e força apavorantes. A lâmina brilhava sob o luar e, num primeiro momento, Inigo ficou maravilhado demais para recuar. Não conhecia muito bem o estilo do ataque; era basicamente um McBone, mas com traços de Capo Ferro, e continuou recuando enquanto se concentrava no inimigo, tentando descobrir a melhor maneira de parar a ofensiva.

O homem de preto seguia com o ataque, e Inigo se deu conta de que se aproximava cada vez mais do precipício, logo atrás, mas não estava nem aí. Sua preocupação no momento era prever o movimento do inimigo, encontrar seu ponto fraco, permitir que ele tivesse seu momento de exultação.

De repente, com a beira dos Rochedos cada vez mais perto, Inigo percebeu

que a falha no ataque estava bem na sua cara; uma simples manobra Thibault acabaria com a ofensiva na mesma hora. Mas ele não queria acabar com o jogo tão depressa. Deixe o homem triunfar por mais um instante; a vida permitia tão poucas vitórias.

Estava bem na beira.

Inigo continuou recuando; o homem de preto continuou avançando.

E então Inigo contra-atacou com a Thibault.

E o homem de preto bloqueou.

Ele bloqueou!

Inigo repetiu a Thibault, que, mais uma vez, não funcionou. Mudou para Capo Ferro, tentou Bonetti, usou Fabris; num ato de desespero, começou um movimento que só havia usado duas vezes, o Sainct.

Nada funcionava!

O homem de preto continuava atacando.

E o precipício estava logo ali.

Inigo nunca se desesperava — nem perto disso. Ele concluiu algumas coisas muito rápido, porque não havia tempo para grandes ponderações, e o que concluiu foi que, embora o homem de preto fosse lento contra-atacando perto das árvores e se saísse realmente mal em meio às pedras, quando seus movimentos ficavam restritos, ainda assim era um terror em campo aberto, com espaço. Um terror canhoto de máscara preta.

— Você é excelente — disse Inigo.

Seu pé já pisava no limite do penhasco. Não tinha mais para onde ir.

— Obrigado — respondeu o homem de preto. — Eu me esforcei muito para isso.

— É melhor que eu — admitiu Inigo.

— É o que parece. Mas, se isso é verdade, por que está sorrindo?

— Porque — respondeu Inigo — sei de algo que você não sabe.

— E o que seria isso? — perguntou o homem de preto.

— Não sou canhoto — declarou o hispânico e, com essas palavras, jogou a

espada de seis dedos na mão direita, virando o jogo.

O homem de preto recuou diante dos golpes da grande espada. Ele tentou desviar para o lado, tentou bloquear, tentou escapar de qualquer maneira do destino que se tornava inevitável, mas não tinha jeito. Ele bloqueou cinquenta ataques; mas o quinquagésimo primeiro pegou, e logo seu braço esquerdo estava sangrando. Travou trinta contra-ataques, mas não o trigésimo primeiro, e dessa vez era o ombro que sangrava.

O homem de preto ainda não fora gravemente ferido, mas era acertado vezes seguidas enquanto se esquivava nas pedras, e logo se viu entre as árvores, o que significava desvantagem para ele, então basicamente fugiu para o campo aberto de novo antes que Inigo desferisse o golpe fatal, mas Inigo continuava investindo, nada podia detê-lo, e logo o homem de preto voltou às pedras, e isso era ainda pior que as árvores para ele. O homem de preto gritou de frustração e praticamente correu mais uma vez para o campo aberto.

Mas não era páreo para o bruxo, e aos poucos o precipício mortal se tornou novamente um componente na luta, só que dessa vez era o homem de preto que estava sendo condenado. Ele era corajoso, era forte, as feridas não o fizeram implorar por perdão e não demonstrava medo por trás da máscara preta.

— Você é excelente — gritou ele, conforme Inigo aumentava a velocidade já impressionante da espada.

— Obrigado. Eu me esforcei muito para isso.

A morte chegaria a qualquer momento. Sem descanso, Inigo atacava, e sem descanso o homem de preto bloqueava os ataques, mas ficava cada vez mais difícil, a força no punho de Inigo era infinita, a potência de suas investidas só aumentava e logo o homem de preto perdeu as energias.

— Você não consegue ver, porque uso capa e máscara, mas estou sorrindo.

— Por quê?

— Porque também não sou canhoto — declarou o homem de preto.

E ele também trocou a espada de mão e finalmente a batalha estava em pé

de igualdade.

E Inigo começou a recuar.

— *Quem é você?* — gritou ele.

— Ninguém importante. Mais um amante da esgrima.

— Preciso saber!

— Acostume-se com a decepção.

Eles lutavam no platô, ambas as espadas invisíveis, mas nossa, como a terra tremia, e puxa, os céus esbravejavam, e Inigo estava perdendo. Tentou ir até as árvores, mas o homem de preto não permitiu. Tentou recuar para as pedras, mas essa opção também lhe foi negada.

Ali, a céu aberto, por mais inimaginável que fosse, o homem de preto era superior. Não muito, mas em inúmeras pequenas coisas ele era levemente mais qualificado. Um milissegundo mais veloz, uma fração mais forte, um átimo mais ágil. Não muito mais que isso.

Mas era o suficiente.

Eles se reuniram no centro do platô para o último ataque. Nenhum dos dois homens cedia. O som de metal contra metal ficou mais alto. Uma última explosão de energia se espalhou pelo corpo de Inigo, que fez todas as tentativas, executou todos os truques, usou cada hora de cada dia de sua experiência. Mas estava bloqueado. Pelo homem de preto. Estava amarrado. Pelo homem de preto. Estava desorientado, frustrado, acuado.

Derrotado.

Pelo homem de preto.

Um último golpe, e a grande espada de seis dedos saiu voando. Inigo ficou parado, impotente. Em seguida, ajoelhou-se, abaixou a cabeça, fechou os olhos.

— Seja rápido — pediu ele.

— Que minhas mãos caiam dos braços antes que eu mate um artista como você — disse o homem de preto. — Seria o mesmo que destruir Da Vinci. No entanto — e nesse momento ele deu com o cabo da espada na cabeça de

Inigo —, como também não posso permitir que me siga, por favor entenda que tenho o maior respeito por você.

Ele repetiu o golpe, deixando o hispânico desacordado. Com agilidade, o homem de preto amarrou Inigo pelas mãos em volta de uma árvore e o deixou ali, dormindo e impotente.

Então, guardou a espada e seguiu o rastro do siciliano noite adentro…

* * *

— ELE DERROTOU INIGO! — exclamou o turco, recusando-se a acreditar, mas certo de que a notícia era triste; ele gostava de Inigo. Era o único que não ria quando Fezzik chamava para brincar de rima.

Eles seguiam depressa pelo caminho montanhoso em direção à fronteira de Guilder. O percurso era estreito e cheio de pedras mais parecidas com bolas de canhão, então o siciliano estava com muita dificuldade de acompanhar o ritmo. Fezzik carregava Buttercup nos ombros com facilidade; ela ainda estava com os pés e as mãos amarrados.

— Não ouvi, fale de novo — gritou o siciliano, então Fezzik parou por um minuto para que o corcunda o alcançasse.

— Viu? — Fezzik apontou. Bem longe, no início da trilha da montanha, estava o homem de preto, correndo. — Inigo foi derrotado.

— Inconcebível! — bradou o siciliano.

Fezzik nunca ousava discordar do corcunda.

— Sou tão burro — concordou Fezzik. — Inigo não perdeu para o homem de preto, ele o *derrotou*. E, para provar, vestiu todas as roupas do homem de preto, máscara, capuz e bota, e ganhou quarenta quilos.

O siciliano forçou a vista para enxergar a figura que corria.

— Tolo — proferiu ele para o turco. — Depois desses anos todos, não reconhece Inigo? Aquele não é Inigo.

— Nunca vou aprender — disse o turco. — Sempre que tiver uma dúvida,

pode contar comigo para responder errado.

— Inigo deve ter caído, ou foi enganado, ou então foi atingido por um golpe traiçoeiro. Tem que haver uma explicação aceitável.

Aceitável, acreditável, pensou o gigante. Só não ousou dizê-lo em voz alta. Não para o siciliano. Talvez tivesse sussurrado para Inigo tarde da noite, mas isso era antes de Inigo estar morto. Talvez também tivesse sussurrado *içável roubável tramável provável abominável*, mas não foi muito além disso, já que o siciliano começou a falar de novo, e o corcunda sempre precisava de toda a sua atenção. Nada o irritava tanto quanto pegar Fezzik pensando. Como mal imaginava que alguém como Fezzik fosse capaz de pensar, nunca perguntava o que se passava na cabeça do gigante, porque não dava a mínima. Se descobrisse que Fezzik andava rimando, teria rido e encontrado novas maneiras de fazê-lo sofrer.

— Desamarre os pés dela — ordenou o siciliano.

Fezzik colocou a princesa no chão e arrancou as cordas que lhe prendiam as pernas. Em seguida, massageou os calcanhares dela para que conseguisse andar.

O siciliano a pegou e lhe deu um puxão.

— Nos encontre depressa — disse ele.

— Instruções? — gritou Fezzik, quase em pânico.

Odiava ser deixado sozinho daquele jeito.

— Acabe com ele, acabe com ele. — O siciliano estava ficando irritado. — Não fracasse conosco como Inigo fez.

— Mas não sei esgrima, não sei esgrima…

— Se vire.

O siciliano estava perdendo as estribeiras.

— Ah, sim, bom, me virar, obrigado, Vizzini — disse Fezzik para o corcunda. Em seguida, após reunir toda a sua coragem: — Preciso de uma dica.

— Você vive dizendo que conhece a força, que domina a força. Use-a, não

me importa como. Espere por ele ali atrás… — apontou para uma curva íngreme no caminho da montanha — ... e estraçalhe a cabeça dele como se fosse uma casca de ovo.

Apontou para as pedras do tamanho de balas de canhão.

— Posso fazer isso — assentiu Fezzik. Ele era incrível em jogar coisas pesadas. — Só não me parece muito desportivo, não é mesmo?

O siciliano perdeu o controle. Era apavorante quando isso acontecia. A maioria das pessoas grita, esperneia e dá pulos. Vizzini era diferente: ficava muito, muito quieto, e sua voz, fantasmagórica. Os olhos viraram uma chama.

— Escute bem o que vou dizer porque não vou repetir: detenha o homem de preto. Detenha-o de uma vez por todas. Se falhar, não haverá desculpa, encontrarei outro gigante.

— Por favor, não me deserte — pediu Fezzik.

— Então faça o que mandei.

Ele agarrou Buttercup de novo e seguiu pelo caminho da montanha até sumir de vista.

Fezzik olhou para a figura que se aproximava pela trilha. Ainda havia uma boa distância entre eles. Tempo suficiente para praticar. Fezzik pegou uma pedra do tamanho de uma bola de canhão e mirou em uma fenda na montanha a trinta metros dali.

Chuá.

Bem no centro.

Pegou uma pedra maior e a jogou em um ponto onde batia uma sombra, a uma distância duas vezes maior.

Sem tanto chuá.

Cinco centímetros para a direita.

Ficou razoavelmente satisfeito. Mantendo uma margem de cinco centímetros ainda era possível esmagar uma cabeça se ele mirasse no centro. Revirou o terreno, encontrou uma pedra perfeita para atirar; encaixava certinho na mão dele. Em seguida, foi para a curva acentuada na trilha,

recuou para o lado mais escuro da sombra. Fora de vista, em silêncio, esperou pacientemente com sua pedra assassina, contando os segundos para a morte do homem de preto…

FEZZIK

AS MULHERES TURCAS são famosas pelo tamanho de seus bebês. O único recém-nascido feliz com peso superior a dez quilos foi produto de um casamento do sul da Turquia. Os registros dos hospitais turcos indicam o total de onze crianças que nasceram com mais de nove quilos. E mais noventa e cinco que nasceram pesando entre seis e nove quilos. Agora, todas essas cento e seis gracinhas fizeram o que os bebês fazem quando nascem: perderam mais ou menos cem gramas e recuperaram essa perda no restante da primeira semana. Para ser mais preciso, cento e cinco perderam peso assim que nasceram.

Fezzik, não.

Em sua primeira tarde, ele ganhou meio quilo. (Como pesava apenas sete quilos e a mãe dera à luz duas semanas antes da data, não era à toa que os médicos estavam preocupados. "Isso aconteceu porque seu bebê veio duas semanas antes da hora", eles explicaram para a mãe de Fezzik. "É por isso." Na verdade, claro que não era por causa disso, mas sempre que os médicos ainda têm dúvidas a respeito de algo, o que acontece com mais frequência do que gostaríamos, eles se agarram a um detalhe e afirmam: "É por isso." Se tivesse chegado depois da hora, teriam dito: "Ah, você chegou tarde, é por isso." Ou então: "Ah, estava chovendo durante o parto, o excesso de peso é apenas umidade, é isso.")

Um bebê saudável dobra de peso em cerca de seis meses e triplica de peso em um ano. Quando tinha um ano, Fezzik pesava trinta e oito quilos. Veja bem, não era gordo. Parecia uma criança normal e perfeitamente saudável de trinta e oito quilos. Quer dizer, nem tão normal. Era cabeludo demais para

um bebê de um ano.

Quando chegou ao jardim de infância, poderia começar a se barbear. Nessa época, já era do tamanho de um homem, e todas as crianças o infernizavam. À primeira vista, é claro, morriam de medo (mesmo naquela época, Fezzik parecia destruidor), mas logo que descobriam que ele era um medroso, bem, não deixavam passar uma oportunidade como *aquela*.

— Grandão bobão — provocavam elas durante a hora do iogurte matinal.

— Não sou — respondia Fezzik em voz alta. (Para si mesmo, ele dizia: "Grandão sabão.")

Jamais ousaria se considerar um poeta, porque não chegava nem perto disso; só amava rimas. Tudo que era dito em voz alta, ele rimava para si mesmo. Às vezes, as rimas faziam sentido, outras nem tanto. Fezzik não dava muita bola para o sentido; o que importava era o som.)

— Covarde.

Boa tarde.

— Não sou.

— Então, lute — dizia um deles e concentrava toda a sua força para dar um soco na barriga de Fezzik, certo de que ele apenas ficaria parado dizendo "ai", porque nunca revidava, não importava o que fizessem.

— Ai.

Mais um golpe. E outro. Um soco bem dado nos rins, quem sabe. Talvez um chute no joelho. E assim continuava até Fezzik sair correndo, aos prantos.

Um dia, em casa, o pai o chamou:

— Venha aqui.

Fezzik, como sempre, obedeceu.

— Enxugue as lágrimas — ordenou a mãe.

Duas crianças haviam batido muito nele pouco antes. Fezzik tentou ao máximo parar de chorar.

— Fezzik, isso não pode continuar assim — disse a mãe. — Eles têm que parar de implicar com você.

Empilhar com você.

— Não me importo tanto assim — retrucou Fezzik.

— Pois deveria — repreendeu o pai. Era carpinteiro, de mãos grandes. — Vamos lá fora. Vou ensiná-lo a lutar.

— Por favor. Não quero…

— Obedeça a seu pai.

Foram para o quintal.

— Feche a mão com força — disse o pai.

Fezzik se esforçou.

O pai olhou para a mãe e, depois, para o céu.

— O menino não sabe nem fechar o punho — comentou o pai.

— Ele está tentando, tem apenas seis anos; não seja tão severo.

O pai de Fezzik tinha muito afeto pelo filho e tentou falar com delicadeza para que o menino não começasse a chorar. Mas não era fácil.

— Fezzik — disse o pai —, veja bem, quando fechar a mão, não coloque o polegar *embaixo* dos outros dedos, mantenha o polegar *em cima*, porque se deixar *embaixo* e bater em alguém, o que vai acontecer é que você vai quebrar o polegar, e isso não é nada bom, porque quando se bate em alguém, o objetivo é machucar a outra pessoa, não a si mesmo.

Torresmo.

— Mas eu não quero machucar ninguém, papai.

— Eu não *quero* que você machuque ninguém, Fezzik. Mas se souber se defender, e eles *souberem* que você sabe, não vão mais implicar.

Pinicar.

— Não me incomodo tanto assim.

— Bem, nós nos incomodamos — retrucou a mãe. — Eles não deveriam perturbar você, Fezzik, só porque precisa se barbear.

— Concentre-se no punho — disse o pai. — Já aprendemos a fechar a mão?

Fezzik tentou de novo, dessa vez com o polegar por cima.

— Ele aprende rápido — observou a mãe.

Seu amor pelo filho era tão grande quanto o do pai.

— Agora bata em mim — ordenou o pai.

— Não quero fazer isso.

— Bata no seu pai, Fezzik.

— Talvez ele não saiba como bater — cogitou o pai.

— Talvez não saiba. — A mãe de Fezzik balançou a cabeça com tristeza.

— Olhe como eu faço, garotão. Está vendo? É simples. É só fechar a mão, como ensinei, depois levar o braço um pouco para trás, mirar no lugar que quiser atingir e bater.

— Mostre ao seu pai que você aprende rápido — incentivou a mãe de Fezzik. — Feche a mão. Dê um soco bem dado.

Fezzik levou o punho na direção do braço do pai.

Frustrado, o pai olhou para o céu mais uma vez.

— Ele chegou perto do seu braço — comentou a mãe de Fezzik, antes que o filho fizesse cara de choro. — Foi uma primeira tentativa muito boa, não é mesmo? — falou, instigando o marido.

— Passou bem perto — o pai de Fezzik conseguiu dizer. — Se eu estivesse um pouquinho mais para o lado, teria sido perfeito.

— Estou muito cansado — queixou-se Fezzik. — Aprender muito rápido é muito cansativo. Pelo menos para mim. Por favor, posso ir agora?

— Ainda não — respondeu a mãe.

— Filho, por favor, me bata de verdade, tente. Você é um garoto inteligente. Dê um soco pra valer — implorou o pai.

— Amanhã, papai. Prometo. — Seus olhos ficaram cheios d'água.

— Chorar não vai adiantar, Fezzik. — O pai perdeu a paciência. — Não vai funcionar comigo e não vai funcionar com sua mãe. Você vai fazer o que estou mandando, e estou mandando que me bata, nem que leve a noite inteira, nem que leve a semana inteira, vamos ficar bem aqui, nem que leve…

O
W
!!!

(Isso foi antes de inventarem o atendimento de emergência nos hospitais, para a tristeza do pai de Fezzik, que, depois de levar um soco do filho, não teve para onde ir a não ser a própria cama, onde ficou deitado de olhos fechados durante um dia e meio, sentando-se apenas na hora em que o leiteiro chegou para consertar sua mandíbula — nessa época, já existiam médicos, mas, na Turquia, ainda não tinham desenvolvido tratamento para ossos quebrados, sendo isso responsabilidade dos leiteiros, segundo a lógica de que, se leite era bom para os ossos, quem seria mais adequado que o leiteiro para tratar de ossos quebrados?)

Quando o pai de Fezzik conseguiu abrir os olhos de forma satisfatória, houve uma conversa em família, os três.

— Você é muito forte, Fezzik — disse o pai. (Isso não é bem verdade. O pai *quis dizer* "Você é muito forte, Fezzik", mas o que saiu de sua boca foi algo como "Zzzzz zzz zzzzzz, zzzzzz". Desde que o leiteiro havia costurado sua mandíbula, ele só conseguia pronunciar a letra *z*. Mas tinha um rosto muito expressivo, por isso a esposa o entendeu perfeitamente.)

— Ele disse: "Você é muito forte, Fezzik."

— Eu já desconfiava — respondeu o filho. — Ano passado soquei uma árvore quando estava muito irritado. Ela caiu. Era uma árvore pequena, mas mesmo assim fiquei com a pulga atrás da orelha.

— *Z zzzzzz zz zz zzzzzzzzzz, Zzzzzz.*

— Ele disse que vai deixar de ser carpinteiro, Fezzik.

— Ah, não — falou Fezzik. — Você ficará bom em breve, papai. O leiteiro praticamente me prometeu isso.

— *Z zzzz zz zzzz zz zzzzz z zzzzzzz, Zzzzzz.*

— Ele *quer* deixar de ser carpinteiro, Fezzik.

— Mas o que vai fazer?

A mãe de Fezzik respondeu a essa pergunta por conta própria; ela e o marido tinham passado metade da noite acordados tentando chegar a um consenso.

— Ele vai ser seu empresário. A luta é o esporte nacional da Turquia. Vamos ficar ricos e famosos.

— Mas, mamãe, papai, eu não gosto de lutar.

O pai de Fezzik deu uma batidinha carinhosa no joelho do filho.

— *Zz zzzzz zzzzzzzzz* — disse ele.

— Vai ser *incrível* — traduziu a mãe.

Fezzik apenas caiu em prantos.

Fizeram a primeira luta profissional dele no vilarejo de Sandiki, em um domingo escaldante. Os pais tiveram muita dificuldade para fazê-lo subir no ringue. Estavam totalmente confiantes da vitória, porque tinham se dedicado muito. Haviam treinado Fezzik sem parar por três anos, até concordarem que o menino estava pronto. O pai era responsável pelo esquema tático no ringue, enquanto a mãe ficava encarregada da alimentação e do treinamento físico; e nunca foram tão felizes.

Já Fezzik nunca tinha sido tão infeliz. Estava assustado, com medo, apavorado, tudo ao mesmo tempo. Por mais que tentassem tranquilizá-lo, ele se recusava a entrar na arena. Porque sabia de uma coisa: mesmo que aparentasse ter vinte anos e já ostentasse um belo bigode, por dentro ainda era um menino que gostava de fazer rimas.

— Não. Não vou, não vou, e vocês não podem me obrigar.

— Depois de todos os sacrifícios que fizemos nos últimos três anos para estar aqui… — disse o pai. (A essa altura, sua mandíbula estava quase boa.)

— Ele vai me *machucar*! — protestou Fezzik.

— A vida é sofrimento — retrucou a mãe. — Se alguém lhe disser o contrário, é porque está tentando vender algo.

— Por favor. Não estou pronto. Esqueço os golpes. Não luto com elegância e caio muito. É verdade.

E era. Se os pais de Fezzik tinham um medo, era de que estivessem colocando muita pressão no filho cedo demais.

— Quando a vida for dura com você, seja duro com ela — declarou a mãe.

— Seja duro com ela, Fezzik — disse o pai.

O filho não cedeu.

— Ouça, não vamos ameaçá-lo — disseram os pais de Fezzik, mais ou menos ao mesmo tempo. — Nós nos amamos demais para usar esse tipo de artifício. Se não quiser lutar, ninguém vai forçá-lo. Vamos apenas largar você sozinho para sempre. (O maior medo de Fezzik era ficar sozinho para sempre. Ele havia contado isso para os pais quando tinha cinco anos.)

Então entraram na arena e ficaram frente a frente com o maior lutador de Sandiki.

Estava nesse posto havia onze anos, desde os vinte e quatro. Era muito elegante, grande e imponente com seu um metro e oitenta de altura, apenas quinze centímetros a menos que Fezzik.

Fezzik não tinha a menor chance.

Era estabanado demais; vivia caindo ou dando os golpes ao contrário e, assim, não tinham efeito nenhum. O maior lutador de Sandiki o fez de brinquedo. Fezzik era jogado de um lado para o outro o tempo todo, ou então caía, ou tropeçava, ou levava uma rasteira. Sempre se levantava e tentava de novo, mas o maior lutador de Sandiki era veloz demais para ele, e esperto demais, e muito, muito experiente. A multidão ria, comia baclava e aproveitava o espetáculo.

Até que Fezzik conseguiu envolver o maior lutador de Sandiki nos braços.

Então a multidão se calou.

Fezzik o levantou.

Nenhum som.

Fezzik apertou.

E apertou.

— Já basta — disse o pai de Fezzik.

Fezzik colocou o homem no chão.

— Obrigado — disse ele. — Você é um lutador excelente, tive muita sorte.

O ex-maior lutador de Sandiki soltou uma espécie de grunhido.

— Levante as mãos, você ganhou — falou a mãe.

Fezzik ficou parado no meio do ringue com as mãos para o alto.

— Uuuuu — vaiou a multidão.

— Animal!

— Primata!

— Gorila!

— UUUUUUUUUUUUUUUUUUUU!!!

A família não ficou por muito mais tempo em Sandiki. Na verdade, não era seguro ficarem por muito tempo em lugar nenhum dali em diante.

Lutaram contra o maior lutador de Ispir.

— UUUUUUUUUUU!!!

Contra o maior lutador de Simal.

— UUUUUUUUUUU!!!

Lutaram em Bolu. Lutaram em Zile.

— UUUUUUUUUUU!!!

— Não me importo com o que as pessoas falam — disse a mãe de Fezzik ao filho, certa tarde de inverno. — Você é meu filho e é maravilhoso.

O céu estava cinza-chumbo, e eles saíam às pressas de Constantinopla porque Fezzik tinha derrotado o maior lutador local quando parte da plateia nem havia se sentado ainda.

— Não sou maravilhoso — disse Fezzik. — Eles estão certos em me xingar. Sou grande demais. Sempre que luto, parece que estou fazendo uma crueldade.

— Talvez — começou o pai, um pouco hesitante —, talvez, filho, se você perdesse algumas lutas, eles parassem de nos xingar tanto.

A mulher olhou feio para o marido.

— O menino tem onze anos e você já quer que ele jogue a toalha?

— Não, não é isso, não fique tão zangada, mas se ele ao menos parecesse que está sofrendo um pouquinho, quem sabe não nos dão uma colher de chá…

— Estou sofrendo mesmo — disse Fezzik. (Era verdade.)

— Deixe isso mais claro.

— Vou tentar, papai.

— Esse é meu garoto.

— Não posso mudar minha força, não é culpa minha. Nem faço exercícios.

— Acho que está na hora de irmos para a Grécia — disse, então, o pai de Fezzik. — Vencemos todo mundo que estava disposto a nos enfrentar na Turquia, e os esportes surgiram na Grécia. Ninguém aprecia um talento como os gregos.

— Odeio quando eles gritam "UUUUUUUUU!!!" — disse Fezzik. (Ele odiava mesmo. Seu maior medo havia se tornado ficar sozinho no meio de todo mundo gritando "UUUUUUUUUU!!!" para sempre.)

— Vão amar você na Grécia — falou a mãe.

Eles lutaram na Grécia.

— AAAAAAAARGH!!! (AAAAAAARGH!!! era o UUUUUUUUU!!!! dos gregos.)

Bulgária.

Croácia.

Eslováquia. Romênia.

— UUUUUUUUUUUUU!!!

Tentaram o Oriente. O campeão de jiu-jitsu da Coreia. O campeão de caratê do Sião. O campeão de kung fu da Índia.

— SSSSSSSSSSS!!! (Ver observação sobre AAAAAAAARGH!!!)

Na Mongólia, os pais de Fezzik morreram.

— Fizemos tudo que podíamos por você, Fezzik, boa sorte daqui em diante — disseram eles, e se foram.

Foi uma coisa terrível, uma praga que devastou tudo por onde passou.

Fezzik também teria morrido, só que, claro, nunca ficava doente. Ele continuou, agora sozinho; atravessou o deserto de Gobi, pegando carona nas caravanas. E foi ali que aprendeu a fazê-los parar com o UUUUUUUUUU!!!.

Lutas em grupo.

Tudo começou no deserto de Gobi, quando o líder da caravana disse:

— Aposto que meus domadores de camelo conseguem vencer você.

Eram apenas três homens, então Fezzik respondeu:

— Está bem.

Ele tentaria, e assim o fez, e ganhou, é claro.

E todos pareciam felizes.

Fezzik ficou emocionado. Nunca mais lutaria com uma única pessoa, se pudesse evitar. Por um tempo, viajou de um lugar para outro, lutando contra gangues em nome da caridade local, mas nunca tivera muito tino para negócios e, além do mais, fazer coisas sozinho era ainda menos interessante para ele naquela fase, em que chegava ao final da adolescência.

Juntou-se a um circo itinerante. Todos os outros artistas faziam cara feia para o gigante, porque, segundo eles, Fezzik comia mais que sua devida porção. Então, ele ficava quase sempre sozinho, a não ser quando estava trabalhando.

Certa noite, logo que completou vinte anos, Fezzik recebeu o maior choque de sua vida: o UUUUUUUUUUUU!!! estava de volta. Não conseguia acreditar. Tinha acabado de esmagar meia dúzia de homens a ponto de deixá-los inconscientes e rachado a cabeça de outra meia dúzia. *O que mais queriam dele?*

A verdade era simples: ele tinha ficado forte demais. Nunca media a própria altura, mas todos cochichavam que ele devia ter mais de dois metros, e nunca pisava em uma balança, mas as pessoas afirmavam que ele pesava cento e oitenta quilos. E não era só isso, ele também ficara ágil. Aqueles anos de experiência o tinham deixado quase inumano. Conhecia cada um dos truques, sabia bloquear todos os golpes.

— Animal.

— Primata!

— Gorila!

— UUUUUUUUUUUUU!!!

Naquela noite, sozinho em sua tenda, Fezzik chorou. Era uma aberração. (*Apelação* — Fezzik ainda amava rimas.) Um ciclope de dois aguerridos (*escorridos* — como as lágrimas que escorriam agora, escorriam de seus olhos semifechados). Pela manhã, estava recomposto: pelo menos ainda tinha seus amigos do circo.

Naquela mesma semana, o circo o demitiu. As plateias passaram a fazer UUUUUUUUU!!! para eles também, e a mulher barbada ameaçou ir embora, e os anões estavam bufando, e foi o fim para Fezzik.

Isso tudo aconteceu na Groenlândia, e, como todos sabem, naquela época, assim como agora, a Groenlândia era o lugar mais solitário do planeta. Lá, existe um habitante a cada trinta quilômetros quadrados. O circo provavelmente havia sido muito burro de se estabelecer lá, mas isso não vem ao caso.

O caso era que Fezzik estava sozinho.

No lugar mais solitário do planeta.

Sentado em uma pedra vendo o circo ir embora.

Ele ainda estava ali no dia seguinte quando o siciliano o encontrou. Vizzini o bajulou, prometeu deixar os UUUUUUUUs no passado. Vizzini precisava de Fezzik. Mas não tanto quanto Fezzik precisava de Vizzini. Enquanto o siciliano estivesse por perto, o turco nunca estaria sozinho. O que quer que Vizzini dissesse, Fezzik fazia. E se isso significasse esmagar a cabeça do homem de preto…

Então, assim seria.

* * *

MAS NÃO COM uma emboscada. Não com covardia. Nada que fosse antiético. Seus pais sempre o ensinaram a respeitar as regras. Fezzik ficou na sombra, apertando com força uma pedra enorme. Ouvia os passos do homem de preto se aproximando. Cada vez mais.

Fezzik saltou do esconderijo e jogou a pedra com força impressionante e precisão perfeita.

Passou raspando pelo rosto do homem de preto.

— Fiz isso de propósito — explicou Fezzik, então, pegou outra pedra e preparou o arremesso. — Se quisesse, teria acertado.

— Acredito em você — disse o homem de preto.

Um ficou encarando o outro na trilha estreita da montanha.

— E agora? — perguntou o homem de preto.

— Lutaremos como Deus nos fez — respondeu Fezzik. — Sem truques, sem armas, habilidade contra habilidade e nada mais.

— Quer dizer que vai largar sua pedra e eu vou largar minha espada e vamos tentar nos matar como pessoas civilizadas, é isso?

— Se preferir, posso matá-lo agora — disse Fezzik, gentil, e ergueu a mão em que segurava a pedra. — Estou lhe dando uma chance.

— Estou vendo e aceito — disse o homem de preto, e começou a tirar a espada e a bainha. — No entanto, para ser sincero, acredito que você tenha uma leve vantagem na luta corporal.

— Direi a você o que digo a todos. Não posso evitar ser o maior e o mais forte. Não é culpa minha.

— Não estou culpando você — afirmou o homem de preto.

— Vamos começar então — retrucou Fezzik, largando a pedra e se posicionando para o combate, observando o homem de preto se aproximar bem devagar.

Por um instante, Fezzik quase ficou melancólico. Aquele era um sujeito de boa índole, mesmo que tivesse matado Inigo. Não lamentou nem tentou implorar ou oferecer suborno. Aceitou seu destino. Nenhuma reclamação

nem nada do tipo. Obviamente, um criminoso de caráter. (Será que era mesmo um criminoso?, pensou Fezzik. Sem dúvida a máscara sugeria isso. Ou era algo pior: seria desfigurado? O rosto queimado por ácido, talvez? Ou quem sabe tinha nascido horrendo?)

— Por que usa máscara e capuz?

— Acredito que, no futuro, todos usarão — respondeu o homem de preto. — É muito confortável.

Eles travaram batalha na trilha da montanha. Houve um momento de hesitação, e começaram. Fezzik deixou o homem de preto zanzar um pouco, testando a força do sujeito, que era considerável para alguém que enfrentava um gigante. Deixou-o fazer finta e se esquivar e tentar uma pegada aqui, outra ali. Então, quando teve certeza de que o homem de preto não faria vergonha, Fezzik envolveu o inimigo em seus braços.

Fezzik o ergueu.

E apertou.

E apertou.

Em seguida, pegou o que restava do homem de preto, jogou-o para um lado, jogou-o para o outro, quebrou o pescoço com uma das mãos, quebrou a coluna com a outra, enrolou os braços flácidos do rival em volta das pernas e jogou o embrulho do que um dia tinha sido um ser humano em uma fenda próxima.

Isso em teoria, pelo menos.

Na realidade, o que aconteceu foi o seguinte:

Fezzik o ergueu.

E apertou.

E o homem de preto se soltou.

Humm, pensou Fezzik, isso eu não esperava. Pensei que ele já estivesse acabado.

— Você é bem rápido — elogiou Fezzik.

— Você também não é nada mau — respondeu o homem de preto.

Eles reiniciaram o combate. Dessa vez, Fezzik não deu chance para o homem de preto fazer finta. Apenas o agarrou, girou ao redor da cabeça uma, duas vezes, esmagou seu crânio contra o pedregulho mais próximo, distribuiu pancadas e deu um último aperto, só por garantia, então jogou os restos do que um dia tinha sido um ser vivo em uma fenda ali perto.

Essa foi a intenção, pelo menos.

Na realidade, nem sequer conseguiu concluir com sucesso a parte de agarrar o oponente. Porque assim que suas mãos imensas o alcançaram, o homem de preto se abaixou, girou, deu pirueta e se soltou, livre e ainda bem vivo.

Não estou entendendo nada, pensou Fezzik. Será que estou perdendo minha força? Será que existe alguma doença da montanha que tira a força? Certa vez, uma doença do deserto tirou a força dos meus pais. Deve ser isso, devo ter sido atingido por uma praga, mas, se for esse o caso, por que ele não está fraco? Não, minha força ainda deve estar aqui, só pode ser outra coisa, mas o quê?

De repente, ele soube. Havia tanto tempo não lutava contra um homem só que tinha esquecido como fazê-lo. Passara tantos anos enfrentando grupos, gangues e quadrilhas que a simples ideia de ter um único oponente demorou a ser assimilada. Porque era uma luta totalmente diferente. Quando se enfrenta doze pessoas, a luta exige certos movimentos, certas pegadas, certos golpes. Quando se enfrenta só uma, é preciso se reajustar. Depressa, Fezzik voltou no tempo. Como havia feito para enfrentar o maior lutador de Sandiki? Ele repassou aquela luta mentalmente, então se lembrou de todas as outras vitórias, os homens de Ispir, Simal, Bolu, Zile. Lembrou-se de fugir de Constantinopla porque havia derrotado o maior lutador local em pouquíssimo tempo. Com muita facilidade. Sim, pensou Fezzik. Claro. E logo resgatou o estilo antigo.

Mas, a essa altura, o homem de preto já havia agarrado seu pescoço!

O homem de preto estava montado nele, os braços travados na traqueia de

Fezzik, um na frente, outro atrás. Fezzik tentou pegar o homem de preto, mas era difícil. O gigante não conseguia alcançar as próprias costas para tirar o inimigo dali. Fezzik correu para uma rocha e, no último minuto, virou-se, colidindo de costas, para atingir o homem em cheio. Foi um golpe terrível; Fezzik sabia disso.

Mas o homem o enforcou com ainda mais força.

Fezzik correu mais uma vez até a rocha, girou mais uma vez, e mais uma vez sentiu o poder do golpe sofrido pelo homem de preto. E nada de o sujeito amolecer. Fezzik cravou as unhas nos braços do homem de preto; socou-os com seus punhos gigantes.

Mas acabara ficando sem ar.

Fezzik aguentava firme. Sentia as pernas bambas, o mundo começava a desbotar, mas ele não desistiu. Era o poderoso Fezzik, amante das rimas, e nunca desistiria, não importavam as dificuldades.

Então, logo os braços também amoleceram, e o mundo todo ficou branco.

Fezzik caiu de joelhos.

Ele continuava golpeando, mas sem força. Ainda lutava, mas seus socos não teriam machucado nem uma criança. Estava sem ar. Não havia mais ar. Não havia mais nada, não para Fezzik, não havia o que fazer. Fui derrotado, vou morrer, pensou ele, um segundo antes de cair.

Estava apenas cinquenta por cento equivocado.

Existe um momento entre a inconsciência e a morte, e quando o gigante tombou na trilha, aquele momento aconteceu, mas, antes, o homem de preto o soltou, levantou-se cambaleante e apoiou-se em uma pedra até conseguir andar. Fezzik ficou largado no chão, respirando com dificuldade. O homem de preto olhou em volta, procurando uma corda para amarrar o gigante, mas logo desistiu. Como uma corda seguraria um sujeito tão forte? O homem de preto então foi até onde havia deixado a espada e a recuperou.

Dois a menos. Só faltava um (o pior deles)…

* * *

VIZZINI ESTAVA ESPERANDO por ele.

Tinha até montado um modesto piquenique. Da sacola que sempre carregava, havia tirado um pequeno lenço, com o qual forrara o chão, e pusera ali duas taças. Ao centro, uma pequena bolsa de couro com vinho e, ao lado, alguns queijos e maçãs. O local era o mais agradável possível: um ponto alto na trilha da montanha com vista esplêndida para o Canal de Florin. Buttercup estava deitada ao lado da toalha de piquenique, indefesa, amordaçada, amarrada e vendada. Vizzini segurava o punhal junto ao pescoço dela.

— Seja bem-vindo! — gritou o siciliano quando o homem de preto se aproximou.

O homem de preto parou e avaliou a situação.

— Você derrotou meu turco — constatou Vizzini.

— Parece que sim.

— Agora só resta você e eu.

— Também está parecendo — disse o homem de preto, dando meio passo na direção do punhal do corcunda.

Sorrindo, o corcunda pressionou ainda mais a arma no pescoço de Buttercup.

— Se quiser que ela morra, por favor, é só chegar mais perto — disse Vizzini.

O homem de preto parou.

— Melhor assim.

Naquele momento, não se ouvia nenhum som ao luar.

— Entendo perfeitamente o que está tentando fazer — continuou Vizzini — e quero deixar bem claro que estou ofendido pelo seu comportamento. Está tentando sequestrar o que roubei de forma legítima, o que acho pouquíssimo cavalheiresco.

— Permita-me explicar… — começou o homem de preto, esboçando uma aproximação.

— *Está tentando matá-la!* — gritou o siciliano, apertando ainda mais o punhal.

Uma gota de sangue escorreu do pescoço de Buttercup, vermelho no branco.

O homem de preto recuou.

— Permita-me explicar — repetiu, mas de longe.

Outra vez, o corcunda o interrompeu:

— Não há nada que possa me dizer que eu já não saiba. Não recebi a educação que alguns receberam, mas, quando se trata do conhecimento além dos livros, não existe ninguém que se compare a mim no mundo. Dizem que leio mentes, mas, do fundo do coração, não é verdade. Apenas prevejo o que vai acontecer usando lógica e sabedoria, e aposto que você é um sequestrador, admita.

— Admito que, como item de resgate, ela tem valor; nada mais.

— Fui instruído a fazer certas coisas com ela. É muito importante que eu siga as instruções. Se fizer isso da maneira correta, terei trabalho para toda a vida. E minhas instruções não incluem um pedido de resgate, incluem morte. Portanto, suas explicações são inúteis para mim. Não podemos fazer negócio. Você quer mantê-la viva em troca de resgate, ao passo que, para mim, é extremamente importante que num futuro muito próximo ela não esteja mais respirando.

— Já lhe ocorreu que superei grandes dificuldades, tive enormes despesas e fiz sacrifícios pessoais para chegar até aqui? — retrucou o homem de preto. — E que, se eu fracassar, talvez fique muito irritado? E que, se ela não estiver mais respirando em um futuro muito próximo, é bem possível que você tenha o mesmo destino fatídico?

— Não tenho dúvida de que você pode me matar. Qualquer homem capaz de derrotar Inigo e Fezzik me venceria sem esforço algum. Entretanto, não

passou pela sua cabeça que, se fizer isso, nenhum de nós dois conseguirá o que quer? Você perderá o resgate, e eu, minha vida.

— Estamos em um impasse, então — concluiu o homem de preto.

— Receio que sim. Não posso competir fisicamente com você, e você não está à altura da minha inteligência.

— É tão inteligente assim?

— Não existem palavras que descrevam toda a minha sabedoria. Sou tão astuto, ardiloso e esperto, tão cheio de artifícios, manobras e sofismas, tão canalha, tão sagaz, tão desconfiado e calculista, tão diabólico e traiçoeiro, tão cheio de truques e pouco confiável… Bem, eu falei que ainda não tinham inventado palavras para explicar a genialidade da minha mente, mas vou dizer o seguinte: o mundo tem milhões de anos e muitos bilhões de pessoas já pisaram nele, mas eu, Vizzini, o siciliano, sou, com a mais pura candura e modéstia, o sujeito mais manipulador, articulado, dissimulado e trapaceiro que esta terra já viu.

— Nesse caso — disse o homem de preto —, desafio você a uma batalha mental.

Vizzini não conteve o riso.

— Pela princesa?

— Leu minha mente.

— É apenas impressão, já expliquei. Não passa de lógica e sabedoria. Até a morte?

— Acertou de novo.

— Desafio aceito! — berrou Vizzini. — Que comece a batalha!

— Sirva o vinho — disse o homem de preto.

Vizzini encheu as duas taças com o líquido vermelho-sangue.

O homem de preto tirou um pequeno pacote da roupa escura e o entregou ao corcunda.

— Abra e inale, mas cuidado para não tocar.

Vizzini pegou o pacote e seguiu as instruções.

— Não sinto cheiro de nada.

O homem de preto pegou de volta o embrulho.

— O que não consegue cheirar se chama pó de iocano. Não tem cheiro nem gosto e dissolve na mesma hora em qualquer líquido. Por acaso, também é o veneno mais forte do mundo.

Vizzini estava começando a ficar animado.

— Imagino que não vá me passar as taças, certo? — perguntou o homem de preto.

Vizzini balançou a cabeça.

— Pegue você. Meu punhal não sairá do pescoço dela.

O homem de preto pegou as taças e se virou de costas.

Vizzini deu uma gargalhada, ansioso.

O homem de preto não teve pressa. Depois, virou-se novamente com uma taça em cada mão. Com muito cuidado, colocou a taça da mão direita diante de Vizzini, e a da mão esquerda, sobre o lenço do corcunda. Sentou-se em frente à taça da mão esquerda e largou o pacote vazio de iocano ao lado do queijo.

— Adivinhe — disse ele. — Em qual delas está o veneno?

— *Adivinhar?* — gritou Vizzini. — Eu não adivinho. Eu penso. Pondero. Deduzo. E então concluo. Adivinhar, nunca.

— A batalha mental começou — anunciou o homem de preto. — E terminará quando você concluir e nós bebermos o vinho e descobrirmos quem está certo e quem está morto. Nós dois beberemos, devo dizer, e engoliremos, é claro, precisamente ao mesmo tempo.

— É tudo tão simples — disse o corcunda. — Só preciso deduzir, a partir do que sei de você, como sua mente funciona. Você é o tipo de homem que colocaria veneno na própria taça ou na taça do inimigo?

— Está enrolando — retrucou o homem de preto.

— Estou me deleitando, isso sim — respondeu o siciliano. — Ninguém desafia minha mente há muitos anos, estou adorando… Aliás, posso cheirar

as taças?

— À vontade. Basta colocá-las de volta na mesma posição.

O siciliano cheirou sua taça; depois, se esticou para pegar a taça do homem de preto e cheirá-la também.

— Como você disse, não tem cheiro.

— Como eu também disse, você está enrolando.

O siciliano sorriu e observou as duas taças.

— Ora, um grande tolo — começou ele — colocaria o veneno na própria taça, porque saberia que apenas outro grande tolo iria primeiro na taça que lhe foi oferecida. Eu decerto não sou um grande tolo, então decerto não pegarei seu vinho.

— É sua escolha final?

— Certamente que não — respondeu Vizzini. — Porque você sabe que não sou um grande tolo, então imaginou que eu não cairia nesse tipo de truque. Com certeza levou isso em consideração. Então sem dúvida não vou escolher minha própria taça.

— Prossiga — disse o homem de preto.

— É o que pretendo fazer. — O siciliano refletiu por um instante. — No momento, cheguei à conclusão de que a taça envenenada é, provavelmente, a que está na sua frente. Mas o veneno é um pó feito a partir do iocano, e iocano existe apenas na Austrália, e a Austrália, como todos sabem, é povoada por criminosos, e criminosos costumam não ser confiáveis, tanto que não confio em você, o que significa que certamente não escolherei a taça à sua frente.

O homem de preto começava a ficar nervoso.

— Contudo, como falei, você deve ter suspeitado de que eu saberia as origens do iocano e, portanto, saberia que eu sei sobre os criminosos e o comportamento criminoso; logo, eu certamente não posso escolher o vinho da taça à minha frente.

— Você de fato tem um intelecto fascinante — sussurrou o homem de

preto.

— Você derrotou meu turco, o que significa que é excepcionalmente forte, e homens excepcionalmente fortes acreditam que são poderosos demais para morrer, que não serão destruídos nem mesmo pelo veneno de iocano, então talvez o tenha colocado na própria taça, confiando que sua força o salvará; assim, com certeza não posso escolher o vinho à sua frente.

O homem de preto estava muito nervoso agora.

— Mas também venceu meu hispânico, o que significa que deve ter estudado, porque ele estudou muitos anos para alcançar a excelência, e se você estudou, decerto tem algo além de força; tem consciência da própria mortalidade, e não deseja morrer, então teria deixado o veneno o mais longe possível de si mesmo; logo, eu definitivamente não posso escolher o vinho à minha frente.

— Está apenas tentando arrancar algo de mim, com todo esse falatório — retrucou o homem de preto, com irritação. — Pois saiba que não vai funcionar. Não direi nada, pode ter certeza.

— Não será preciso. Já aprendi tudo sobre você. Eu sei em qual das taças está o veneno.

— Somente um gênio deduziria tal coisa.

— Para minha própria sorte, é exatamente isso que sou — disse o corcunda, divertindo-se cada vez mais.

— Não consegue me assustar — retrucou o homem de preto, mas havia medo em sua voz.

— Podemos beber, então?

— Escolha, decida-se, pare de enrolar, você não sabe, não tem como saber.

O siciliano apenas sorriu diante do descontrole do oponente. Em seguida, um olhar estranho tomou conta de suas feições e ele apontou para algo atrás do homem de preto.

— O que, em nome de Deus, é aquilo?

O homem de preto se virou para olhar.

— Não vejo nada.

— Ah, bem, podia jurar que vi algo, deixa pra lá.

O siciliano começou a rir.

— Não entendo o que é tão engraçado — disse o homem de preto.

— Já lhe digo — disse o corcunda. — Primeiro, vamos beber.

E ergueu a própria taça.

O homem de preto ergueu a que estava diante de si.

E beberam.

— Adivinhou errado — disse o homem de preto.

— Você só *acha* que adivinhei errado — disse o siciliano, sua risada ficando cada vez mais alta. — É aí que está a graça: troquei as taças quando você se virou.

Não havia nada que o homem de preto pudesse dizer.

— Tolo! — exclamou o corcunda. — Caiu em um dos truques mais clássicos de todos os tempos. O mais famoso é: "Nunca se envolva em guerra na Ásia", mas o segundo mais famoso é: "Nunca enfrente um siciliano quando a morte está em jogo."

Vizzini estava bem animado até o momento em que o pó de iocano surtiu efeito.

O homem de preto saltou o cadáver e arrancou bruscamente a venda dos olhos da princesa.

— Ouvi tudo que aconte… — começou Buttercup, e gritou: — Ah! — A princesa nunca estivera tão perto de um homem morto. — Você o matou — sussurrou ela.

— Deixei que morresse rindo. Reze para que eu seja igualmente piedoso com você.

Ele a levantou, cortou as amarras, botou-a de pé e começou a arrastá-la.

— Por favor, me dê um instante para eu me recompor.

O homem de preto soltou a mão dela.

Buttercup esfregou os pulsos, parou, massageou os calcanhares. Deu uma

última olhada no siciliano.

— E pensar que — murmurou ela — durante todo esse tempo era seu copo que estava envenenado.

— Os dois estavam envenenados — explicou o homem de preto. — Passei os últimos dois anos tornando meu corpo imune ao pó de iocano.

Buttercup olhou para o homem. Mascarado e encapuzado, era ameaçador; ele a deixava aterrorizada; a voz dele era contida, áspera.

— Quem é você? — perguntou ela.

— Não sou alvo de brincadeiras — explicou. — É só isso que precisa saber. — E a puxou para seu colo. — Já teve seu tempo.

Novamente ele a puxou, e dessa vez a única opção dela foi segui-lo.

Eles pegaram a trilha da montanha. O luar estava muito claro e havia pedras por toda parte, e para Buttercup tudo parecia morto e amarelado, como a lua.

Tinha acabado de passar várias horas com três homens que planejavam matá-la. Então por que, ela se perguntou, sentia mais medo que antes? Quem era aquela figura horrorosa que a deixava com tanto medo? O que podia ser pior que morrer?

— Eu lhe darei uma grande quantia de dinheiro se me deixar ir embora! — foi só o que conseguiu pensar em dizer.

O homem de preto olhou para ela de relance.

— Você é rica, então?

— Serei — disse Buttercup. — Prometo que consigo quanto você quiser pelo resgate, se me libertar.

O homem de preto apenas riu.

— Não estou de zombaria — falou Buttercup.

— Promete? *Você?* Eu deveria confiar na *sua* promessa? De que vale a palavra de uma mulher? Ah, isso é muito engraçado, majestade. Zombaria ou não.

A trilha os levou a um campo aberto. Ali, o homem de preto parou. Havia

um milhão de estrelas lutando para se destacar e, por um instante, ele parecia desejar nada mais que estudá-las, enquanto Buttercup via seus olhos saltarem de constelação em constelação por trás da máscara.

Em seguida, sem aviso, ele saiu da trilha, seguindo um terreno selvagem, arrastando-a junto.

Buttercup tropeçou; ele a ergueu; ela caiu mais uma vez; e de novo ele a levantou.

— Não consigo ir tão rápido.

— Consegue sim! E vai! Ou sofrerá imensamente. Acha que posso fazê-la sofrer imensamente?

Buttercup assentiu.

— Então *corra*! — gritou o homem de preto, e começou a correr, saltando pelas pedras sob o luar, arrastando a princesa.

Ela se esforçou para acompanhar o ritmo. Estava com medo do que ele poderia fazer com ela, então não ousou cair de novo.

Após cinco minutos, o homem de preto parou de repente.

— Recupere o fôlego — ordenou.

Buttercup assentiu, respirou fundo e tentou acalmar a pulsação. E então saíram correndo mais uma vez, sem aviso, cortando o terreno montanhoso, seguindo para…

— Para onde… está me levando? — perguntou Buttercup, sem fôlego, quando ele fez mais uma parada.

— Nem alguém tão arrogante quanto você pode esperar que eu responda a essa pergunta.

— Não importa se me disser ou não. Ele o encontrará.

— "Ele", majestade?

— O príncipe Humperdinck. Não existe caçador melhor. Ele consegue rastrear um falcão em um dia nublado; vai encontrar você.

— Está confiante de que seu grande amor a salvará, não é mesmo?

— Nunca disse que ele era meu grande amor, mas sim, ele me salvará.

Disso tenho certeza.

— Admite que não ama seu futuro marido? Elegante. Uma mulher honesta. É algo raro, majestade.

— O príncipe e eu nunca mentimos um para o outro. Ele sabe que não o amo.

— Não é capaz de amar, é o que quer dizer.

— Minha capacidade de amar é enorme — retrucou Buttercup.

— Cuidado com o que diz.

— Já amei mais profundamente do que um assassino como você poderia imaginar.

Ele deu um tapa nela.

— Essa é a penalidade por ter mentido, majestade. De onde venho, quando uma mulher mente, ela é repreendida.

— Mas falei a verdade, falei, sim, eu… — Buttercup viu a mão dele levantar mais uma vez, e então parou na hora, em completo silêncio.

E começaram a correr de novo.

Não falaram por horas. Apenas correram e, então, como se adivinhasse quando ela estava cansada, ele parava e soltava-lhe a mão. Buttercup tentava recuperar o fôlego para o trajeto seguinte, que com certeza viria. Sem emitir um som sequer, ele a agarrava de novo e partiam mais uma vez.

Estava perto de amanhecer quando avistaram a armada.

Corriam à beira de uma imensa ravina. A sensação era de estar no topo do mundo. Quando pararam, Buttercup sentou-se para descansar. O homem de preto ficou parado ao seu lado em silêncio.

— Seu amor se aproxima, mas não sozinho — disse ele, então.

Buttercup não entendeu.

O homem de preto virou-se e apontou para o caminho que eles tinham feito até ali.

Buttercup olhou, e o Canal de Florin estava cheio de luzes, e o céu, repleto de estrelas.

— Ele deve ter colocado todos os navios de Florin atrás de você — comentou o homem de preto. — Nunca vi algo assim.

Ele observava as muitas lanternas dos navios se aproximando.

— Jamais conseguirá escapar dele — disse Buttercup. — Se me soltar, prometo que não sofrerá consequências.

— Quanta generosidade. Mas eu jamais poderia aceitar tal oferta.

— Estou oferecendo sua vida, quer mais generosidade que isso?

— *Majestade!* — exclamou o homem de preto, e de repente estava com as mãos no pescoço dela. — Se existe alguma vida em jogo, deixe que eu cuido disso.

— Você não me mataria. Não me roubou de assassinos para me matar com as próprias mãos.

— O que você tem de amável, tem de esperta.

Ele a colocou de pé, e correram à beira da grande ravina. Tinha centenas de metros de altura e era cheia de pedras, árvores e sombras assustadoras. De repente, o homem de preto parou de correr e observou a armada.

— Para ser sincero, eu não esperava que viessem tantos.

— Não há como prever as atitudes de meu príncipe, por isso ele é o maior caçador de todos.

— Será que ficarão todos juntos ou um grupo vai procurá-la na costa e outro seguir seus rastros pela terra? O que acha?

— Só sei que ele vai me encontrar. E se você não tiver me libertado antes, ele não será nem um pouco gentil.

— Sem dúvida ele já debateu certos assuntos com você. A emoção da caça. O que ele já fez com tantos navios?

— Não conversamos sobre caça, pode ter certeza.

— Nem caça, nem amor. Sobre o que falam, então?

— Não nos vemos tanto assim.

— Que casal adorável.

Buttercup sentiu que ele estava ficando irritado.

— Somos sempre muito honestos um com o outro. Nem todos podem dizer o mesmo.

— Será que posso lhe dizer algo, majestade? Você é muito fria…

— Não sou…

— ... muito fria e muito jovem. Se sobreviver, acho que se transformará em uma geada…

— *Por que implica comigo?* Aceitei as condições da minha vida, e isso é assunto meu… Não sou fria, juro, mas tomei certas decisões. Prefiro ignorar os sentimentos, pois não fui feliz quando os cultivei… — O coração dela era um jardim secreto com muros muito altos. — Já amei um dia — disse Buttercup após um instante. — Acabou terrivelmente mal.

— Outro homem rico? Sim, e ele a trocou por uma mulher mais rica.

— Não. Pobre. Pobre, e isso o matou.

— E você sofreu muito com tal desfecho? Sentiu dor? Admita que não sentiu nada…

— Não zombe do meu luto! *Naquele dia, eu morri.*

A armada começou a disparar bolas de fogo. As explosões ecoaram pela montanha. O homem de preto observou os navios entrarem em formação.

Buttercup aproveitou o momento de distração dele para empurrá-lo com toda a força que lhe restava.

Por um momento, o homem de preto cambaleou na beira da ravina. Tentando recuperar o equilíbrio, bateu os braços como hélices de um moinho. Girou-os e segurou o ar, despencando.

O homem de preto rolou montanha abaixo.

Cambaleando, debatendo-se e tentando se agarrar a qualquer coisa, mas a ravina era íngreme demais e não havia nada a ser feito.

Continuou a queda.

Rolando nas pedras, girando, fora de controle.

Buttercup olhava o que tinha feito.

Enfim, ele parou lá embaixo, em silêncio.

— *Pode morrer também que não me importo!* — gritou ela, antes de lhe virar as costas.

As palavras da resposta dele a seguiram. Ditas de longe, fracas, carinhosas e familiares:

— Como… quiser…

Amanhecia nas montanhas. Buttercup virou-se na direção de onde tinha ouvido o som e olhou para baixo na hora em que, à primeira luz do dia, o homem de preto tentava, com certa dificuldade, tirar a máscara.

— Ah, meu doce Westley! — exclamou Buttercup. — O que acabei de fazer com você?

Lá no fundo da ravina ouvia-se apenas o silêncio.

Buttercup não hesitou um só segundo. Desceu atrás dele, tomando todo o cuidado para não cair, e logo teve a impressão de que o ouvia gritar sem parar algo para ela, mas não conseguia entender o que era, porque naquele instante dentro de si ouvia o estrondo de muros desabando, que abafava todo o resto.

Além do mais, ela logo perdeu o equilíbrio e acabou engolida pela ravina. Foi uma queda rápida e brusca, mas não se importava; ela ficaria feliz em se jogar de trezentos metros de altura em uma cama de pregos, se Westley a estivesse esperando lá embaixo.

Continuou a queda.

Debatendo-se, girando, batendo, ferindo-se, perdendo o controle, rolou e se virou e caiu, chegando em cambalhotas até o que restava de seu amado…

* * *

DA ARMADA, O príncipe Humperdinck observava os Rochedos da Perdição. Aquela era uma caçada como outra qualquer. Ele se forçou a pensar além da presa. Não importava se fosse um antílope ou uma noiva: o procedimento era o mesmo. Coletavam-se pistas. Depois, entrava-se em ação. Estudar, depois executar. Se o caçador estudasse muito pouco, eram grandes as chances de

que agisse tarde demais. Era preciso tempo. Então, preso aos próprios pensamentos, continuou observando a imensa face dos Rochedos.

Era visível que alguém o havia escalado pouco antes. Havia marcas de pés riscando a muralha em linha reta até o topo, o que indicava, quase com certeza, uma corda, uma escalada feita na mão em uma corda de trezentos metros e uma ajudinha das pernas aqui e ali para garantir o equilíbrio. Tal escalada exigia força e planejamento, então o príncipe guardou aquelas observações: meu inimigo é forte; meu inimigo não é impulsivo.

Agora, seus olhos miravam um ponto a uns cem metros do topo. Ali, as coisas começavam a ficar interessantes. As pegadas se tornavam mais profundas e mais frequentes e não seguiam uma linha reta. Ou alguém tinha abandonado a corda de propósito a cem metros do topo, o que não fazia sentido, ou a corda havia sido cortada enquanto alguém ainda estava a cem metros do cume. Pois estava claro que a última parte da escalada tinha sido feita direto pela pedra. Mas quem teria tão grande talento? E por que usá-lo em um momento tão letal, a duzentos metros de um desastre?

— Preciso examinar o alto dos Rochedos da Perdição — disse o príncipe, sem se dar ao trabalho de se virar.

Atrás dele, o conde Rugen falou apenas:

— Assim o faremos.

E esperou mais instruções.

— Envie metade da armada para o sul ao longo da costa, e a outra metade, para o norte. Os navios devem se encontrar perto do pântano de fogo, ao crepúsculo. Nosso navio seguirá para a terra firme mais próxima e você me seguirá com seus soldados. Prepare os cavalos brancos.

O conde sinalizou para o canhoneiro e as ordens do príncipe retumbaram ao longo dos Rochedos. Em poucos minutos, a armada começou a se separar, deixando apenas o navio gigante do príncipe navegando sozinho próximo à costa, à procura de um local para aportar.

— Ali! — ordenou o príncipe logo depois, e seu navio começou a

manobrar na enseada em busca de um local seguro para fixar âncora.

Aquilo levou tempo, mas não muito, porque o capitão era habilidoso porque, mais que isso, o príncipe perdia a paciência fácil.

Humperdinck saltou do navio para a praia, uma tábua foi abaixada e os cavalos brancos foram levados para terra firme. De todos os seus feitos, nada agradava tanto ao príncipe quanto aqueles animais. Um dia teria um exército deles, mas acertar a linhagem perfeita demorava. No momento, tinha quatro cavalos brancos que eram idênticos. Gigantes incansáveis, da cor da neve. Vinte palmos de altura. Em solo batido, nada os alcançava, e mesmo em colinas e terrenos rochosos não havia páreo para eles em todas as Arábias. Quando estava com pressa, o príncipe cavalgava os quatro, sem sela (o único modo que sabia) montado em um, conduzindo os outros três, mudando de animal em movimento para não exaurir nenhum deles com seu peso.

Então ele montou e partiu.

Levou bem menos que uma hora para alcançar o topo dos Rochedos da Perdição. Chegando lá, desmontou, ajoelhou-se e começou a examinar o terreno. Em algum momento uma corda fora amarrada em um carvalho gigante. A casca da árvore na base estava quebrada e arranhada, então era possível que o primeiro a chegar ao topo tivesse desamarrado a corda, e quem quer que subisse por ela naquele instante estava a noventa metros do cume e dera um jeito de terminar a escalada sem a corda.

Ele estava confuso por causa do grande pandemônio de pegadas. Era difícil desvendar o que havia se passado. Talvez uma reunião, porque dois pares de pegadas pareciam ter seguido, enquanto um par havia ficado zanzando pela beira do precipício, onde mais pegadas surgiam. Humperdinck examinou todas até ter certeza de duas coisas: (1) uma luta de esgrima havia ocorrido, (2) ambos os espadachins eram mestres. A abertura e a rapidez dos passos, tudo revelado com clareza a seus olhos infalíveis, fizeram com que ele reavaliasse a segunda conclusão. Talvez não fossem mestres. Talvez fossem mais que isso.

Fechou os olhos e se concentrou no cheiro de sangue. Certamente, em uma luta de tamanha ferocidade, sangue havia sido derramado. Agora era uma questão de deixar o olfato comandar. O príncipe passara muitos anos treinando isso, desde que uma tigresa ferida o havia surpreendido do alto de uma árvore enquanto ele a caçava. Na ocasião, ele procurou rastro de sangue no chão, e isso quase lhe custou a vida. Desde então, confiava apenas em seu órgão olfativo. Se houvesse sangue em um raio de cem metros, Humperdinck o encontraria.

Abrindo os olhos, foi sem hesitar até uma aglomeração de pedras gigantes, onde encontrou algumas gotas de sangue seco. Tinham menos de três horas. O príncipe sorriu. Montado nos cavalos brancos, três horas passavam num estalar de dedos.

Em seguida, reconstituiu o duelo, pois era confuso. Parecia que tinham ido até o precipício, depois voltado, depois ido até o precipício de novo. Algumas vezes o pé esquerdo parecia liderar; outras vezes, o direito, o que não respeitava nenhum princípio de lógica. Estava bem óbvio que os espadachins ficaram trocando a espada de mão, mas não havia motivo para um mestre fazer isso a não ser que um ferimento tivesse inutilizado seu braço dominante, o que com certeza não havia acontecido, já que um ferimento de tal gravidade teria deixado poças de sangue, e não havia tanto assim.

Estranho, muito estranho. Humperdinck continuou suas divagações. Ainda mais estranho era que a batalha não podia ter terminado em morte. Ele se ajoelhou ao lado do contorno de um corpo. Sem dúvida, o homem havia sido deixado inconsciente ali. Porém, mais uma vez, não havia sangue.

— Tivemos um duelo e tanto — disse o príncipe, dirigindo-se ao conde Rugen, que finalmente o havia alcançado com um contingente de cem soldados a postos. — Eu diria que… — E, por um momento, o príncipe hesitou, seguindo as pegadas. — Diria que quem quer que tenha caído aqui, correu para lá — e apontou —, e quem quer que tenha vencido correu para a trilha da montanha quase precisamente na direção oposta. Também acredito

que o vitorioso tenha seguido a trilha tomada pela princesa.

— Devemos seguir os dois? — perguntou o conde.

— Creio que não — respondeu o príncipe Humperdinck. — A pessoa que fugiu é de importância mínima, uma vez que nosso alvo é quem está com a princesa. E como não sabemos a natureza da armadilha na qual estamos prestes a cair, precisamos concentrar todas as forças de um lado só. Claramente, isso foi planejado por homens de Guilder, e nunca devemos subestimá-los.

— Então acha que é uma armadilha?

— Para mim, tudo é uma armadilha até que me provem o contrário. E é por isso que ainda estou vivo.

Com isso, ele estava mais uma vez montado no cavalo branco e galopando.

Quando chegou à trilha da montanha que havia sido palco do duelo corporal, Humperdinck nem se deu ao trabalho de desmontar. Do alto do cavalo tinha uma boa visão de tudo que havia para ser visto.

— Alguém derrotou um gigante — disse ele quando o conde chegou perto. — O gigante fugiu, está vendo?

O conde, claro, não via nada além das pedras e da trilha da montanha.

— Não tenho por que duvidar de você.

— E olhe só! — gritou o príncipe, porque agora ele via pela primeira vez, no cascalho da trilha, as pegadas de uma mulher. — A princesa está viva!

Mais uma vez os cavalos brancos dispararam pela montanha.

Quando o conde o alcançou de novo, o príncipe estava ajoelhado sobre o corpo imóvel do corcunda. Rugen desmontou.

— Cheire isso — ordenou o príncipe, entregando uma taça ao conde.

— Nada. Nenhum cheiro.

— Iocano — disse o príncipe. — Aposto o que você quiser. Não conheço nenhuma outra substância que mate de forma tão silenciosa. — Em seguida, ele se levantou. — A princesa ainda estava viva; as pegadas dela seguem a trilha. — Ele gritou para os cem homens a cavalo: — Guilder sofrerá graves

consequências se ela morrer!

Agora a pé, Humperdinck correu pela trilha, seguindo as pegadas que apenas ele podia ver. E não parou quando elas saíram da trilha e adentraram a mata. Exausto, o séquito tentava ao máximo acompanhar o ritmo do príncipe. Homens tropeçavam, cavalos caíam, até mesmo o conde esbarrava em algo de vez em quando. Humperdinck nem sequer perdia o fôlego. Corria com ritmo, mecanicamente, as pernas de barril se movimentando como o marcador de um metrônomo.

Chegou à beira da ravina duas horas depois do entardecer.

— Estranho — disse ele para o conde, que estava muito cansado.

Rugen apenas ofegou em resposta.

— Dois corpos caíram lá embaixo e não voltaram a subir.

— É estranho mesmo — o conde conseguiu dizer.

— Não, o estranho não é *isso* — corrigiu o príncipe. — Claramente, o sequestrador não voltou porque a subida era muito íngreme e nossos canhões devem ter avisado que estávamos próximos. A decisão que ele tomou, e que aprovo, foi correr pela base da ravina.

O conde esperou que o príncipe concluísse.

— É estranho que um homem como esse, mestre na esgrima, vencedor de gigantes, especialista no uso de pó de iocano, não saiba o que há no final dessa ravina.

— E o que há? — perguntou o conde.

— O pântano de fogo — respondeu Humperdinck.

— Então nós o pegamos.

— Exatamente.

Uma característica muito bem documentada do príncipe era seu sorriso pouco antes do golpe final; e agora ele sem dúvida estava sorrindo…

* * *

WESTLEY, DE FATO, não tinha a mínima ideia de que estava correndo rumo ao pântano de fogo. A única coisa que sabia, assim que Buttercup chegou ao seu lado, era que a subida de volta levaria tempo demais, como o príncipe Humperdinck havia deduzido. Westley notou apenas que o fundo do barranco era de pedras achatadas e abria caminho mais ou menos para onde ele queria ir. Ele e Buttercup partiram, ambos muito conscientes da gigantesca tropa que os perseguia e que sem dúvida se aproximava.

As paredes da ravina ficavam cada vez mais íngremes, e logo Westley percebeu que já não poderia mais ajudar Buttercup a escalar. Ele havia feito uma escolha e não restava mais opções: o destino dos dois estava traçado pela ravina e ponto final.

(Neste ponto da história, minha esposa quer que todos saibam que ela se sente perfidamente traída por ter sido privada de uma descrição da cena de reconciliação entre os dois amantes no fundo da ravina. Minha resposta a ela…)



SOU EU, E não estou tentando confundir ninguém, mas o parágrafo anterior, no qual me intrometo agora, foi escrito por Morgenstern; ele não parava de se referir à esposa na versão não editada, dizendo que ela tinha amado tal parte ou que, no fim das contas, tinha achado o livro extraordinariamente brilhante. A sra. Morgenstern dava muito apoio ao marido, ao contrário de certas esposas que não vou citar aqui (foi mal, Helen), mas eis a questão: descartei quase todas as intromissões em que ele dizia o que ela achava. Não achei que o artifício acrescentasse muito, e, além do mais, ele estava sempre elogiando a si mesmo por meio dela, e hoje em dia sabemos que elogios prejudicam mais do que ajudam, como qualquer político pode confirmar quando paga as contas de seus anúncios na televisão após perder uma eleição. A questão é: mantive essa referência em especial porque, pela primeira vez, concordo totalmente com a sra. Morgenstern. Acho que foi mesmo injusto não retratar o

reencontro. Portanto, escrevi a cena por conta própria, imaginando o que Buttercup e Westley poderiam ter dito, mas Hiram, meu editor, achou que tal coisa seria tão injusta quanto a atitude de Morgenstern. Se você vai resumir um livro de determinado autor, não pode sair enfiando as próprias palavras no meio. Essa era a opinião de Hiram, e ficamos debatendo infinitamente, acho que por quase um mês, fosse pessoalmente, por carta ou telefone. Até que chegamos a um consenso: isto que você está lendo na fonte normal é Morgenstern puro. Ipsis litteris. *Editado, sim; modificado, não. Mas convenci Hiram de que a Harcourt pelo menos publicasse minha cena — a Ballantine concordara em fazer o mesmo, e, agora que esta edição está de volta à Harcourt, eles também a incluíram; são apenas algumas páginas, nada de mais —, e se alguém quiser saber como ficou, mande uma mensagem ou um cartão-postal para Jelenka Harvey, na editora Harcourt Trade Publishers, rua 26, número 15, Nova York, e mencione que gostaria de ler a cena do reencontro. Não se esqueça de incluir o endereço para envio; é absurda a quantidade de gente que pede coisas e não informa o endereço do remetente. Os editores concordaram em bancar o custo da postagem, então sua despesa total será o bilhete, o cartão ou o que quiser enviar. Ficarei muito chateado se eu for o único escritor americano nos dias de hoje a dar a impressão de ter uma editora generosa (são todas péssimas — desculpe, sr. Jovanovich), então permita-me acrescentar que só concordaram em bancar o custo astronômico das postagens por acreditarem piamente que ninguém ia escrever. Então, por favor, se tiver o mínimo interesse, ou mesmo se não tiver, escreva pedindo a cena do reencontro. Não precisa ler — não estou pedindo isso —, mas adoraria dar essa despesa de alguns dólares para aqueles editores geniais, porque, para ser sincero, eles não estão gastando muito na divulgação dos meus livros. Vou repetir o endereço, com CEP e tudo:*

Jelenka Harvey
Harcourt Trade Publishers
Rua 26, número 15
Nova York, NY, 100010[*]

E peça uma cópia da cena do reencontro. Demorei mais do que havia planejado, então vou repetir o parágrafo de Morgenstern que interrompi; ficará mais claro. Câmbio, desligo.



(NESTE PONTO DA história, minha esposa quer que todos saibam que ela se sente perfidamente traída por ter sido privada de uma descrição da cena de reconciliação entre os dois amantes no fundo da ravina. Minha resposta a ela é simples: (a) todas as criaturas de Deus, da base ao topo da cadeia, têm direito a alguns momentos de privacidade; (b) o que foi dito de fato, embora muito emocionante para os envolvidos no momento, murcham como uma flor morta quando presas ao papel para ser lida: "minha amada", "meu único amor", "felicidade, felicidade" etc.; (c) nada de importante aconteceu em termos narrativos, porque toda vez que Buttercup começava um "Conte-me sobre você", Westley a interrompia com "Mais tarde, meu amor; agora não é o momento". No entanto, devo dizer, em nome da verdade, que (1) ele de fato chorou; (2) os olhos dela não ficaram exatamente secos; (3) houve mais de um abraço; (4) ambos admitiram que, sem nenhuma restrição, estavam muito mais do que contentes de se reencontrarem. Além do mais, (5) em quinze minutos já estavam discutindo. Começou de um jeito meio inocente, os dois ajoelhados, um de frente para o outro, Westley segurando o rosto perfeito de Buttercup em suas mãos perfeitas.

— Quando a deixei — sussurrou ele —, você já era mais bonita que qualquer outra coisa que eu pudesse conceber. Durante os anos que passamos separados, minha imaginação fez o possível para aprimorar sua perfeição. Quando eu fechava os olhos à noite, era seu rosto que via diante de mim. E agora percebo que a imagem que me fez companhia durante tanto tempo de solidão era a de uma bruxa, se comparada à beleza que tenho diante de mim neste momento.

— Chega de falar sobre minha beleza — cortou Buttercup. — Todo mundo só fala do quanto sou bonita. Tenho um cérebro, Westley. Fale sobre isso.

— Por toda a eternidade, é o que farei — disse ele. — Mas agora não temos tempo.

Ele ficou de pé. A queda na ravina o deixara alquebrado, mas todos os ossos haviam sobrevivido ilesos à viagem. Ele ajudou Buttercup a se levantar.

— Westley, logo antes de eu descer atrás de você, ouvi você dizendo alguma coisa, mas não entendi as palavras.

— Não lembro o que falei.

— Você é um péssimo mentiroso.

Ele sorriu para ela e lhe deu um beijo na bochecha.

— Não é importante, acredite. O passado deve ficar no passado.

— Não podemos começar guardando segredos um do outro.

Ela acreditava nisso.

Ele entendeu.

— Confie em mim — insistiu ele.

— Eu confio — respondeu Buttercup. — Então repita o que disse ou me dê um motivo para não fazer isso.

Westley suspirou.

— O que eu estava tentando dizer a você, querida amada, baseado em um fato preciso, gritando com todas as minhas forças, era: "Não importa o que faça, fique aí em cima! Não desça até aqui! Por favor!"

— Você não queria me ver.

— Claro que eu queria ver você, Buttercup — retrucou Westley. — Só não queria vê-la *aqui embaixo*.

— E por que não?

— Porque agora, minha amada, estamos mais ou menos presos. Não posso escalar o morro e levá-la comigo, pois demoraria um dia inteiro. Posso subir sozinho, provavelmente, e não demoraria o dia inteiro, mas, com o acréscimo

da sua amável carcaça, não será possível.

— Bobagem! Você subiu os Rochedos da Perdição, e isto aqui não está nem perto de ser tão íngreme quanto aquilo.

— E exigiu seu preço, devo dizer. Depois daquele pequeno esforço, ainda me envolvi com um sujeito que entendia um bocado de esgrima. Depois, passei alguns alegres momentos atracado com um gigante. Depois disso, tive que ludibriar um siciliano, ocasião em que qualquer deslize que eu cometesse significaria um punhal enfiado em seu pescoço. Depois disso, corri até meus pulmões pegarem fogo, por algumas horas. E depois disso, para completar, fui empurrado em um barranco de setenta metros de altura. Estou cansado, Buttercup, entende o conceito de cansaço? Dei tudo de mim, é o que estou tentando explicar para você.

— Você sabe que não sou burra.

— Pare de se exibir.

— Pare de ser grosseiro.

— Qual foi a última vez que você leu um livro? Diga a verdade. E livros ilustrados não contam… Estou falando de palavras.

Buttercup se afastou.

— Existem outras coisas para ler além de livros — disse ela —, e a princesa de Hammersmith está insatisfeita com você e pensando seriamente em voltar para casa. — Sem dizer mais nada, ela se jogou nos braços dele, dizendo: — Ah, Westley, não é verdade, não mesmo. Jamais pensei em deixá-lo, nem por um milênio de segundo.

Westley sabia, porém, que ela queria dizer "nem por um milésimo de segundo", porque um milênio seria o período de mil anos, idade que Buttercup jamais alcançaria. Mas ele também sabia reconhecer um pedido de desculpas. Assim, ele a segurou bem forte, fechou os olhos apaixonados e apenas sussurrou:

— Eu sabia que não era verdade, nem por um milênio de segundo.

E, com o assunto resolvido, eles começaram a correr o mais rápido possível

no chão de pedras lisas da ravina.)

* * *

WESTLEY, NATURALMENTE, PERCEBEU bem antes de Buttercup que seguiam para o pântano de fogo. Talvez fosse o leve toque de enxofre no ar ou o flamejo de uma chama amarela ao longe em plena luz do dia, ele não sabia dizer ao certo. No entanto, assim que percebeu o que estava prestes a acontecer, procurou de um jeito muito casual uma saída. Uma rápida olhada para o alto da ravina descartava qualquer possibilidade de conseguir que Buttercup encarasse a subida. Abaixou-se, como fazia com um intervalo de alguns minutos para testar a velocidade de seus caçadores. Naquele momento, julgou que estivessem a menos de meia hora e ganhando velocidade.

Levantou-se e correu com ela, mais rápido, nenhum dos dois falando nada para não desperdiçar fôlego. Era apenas uma questão de tempo para que ela entendesse no que estavam se metendo, então ele tentou adiar o pânico ao máximo.

— Acho que devemos diminuir um pouco o passo — disse ele, desacelerando. — Eles ainda estão bem longe.

Buttercup respirou fundo, aliviada.

Westley fez questão de conferir a área ao redor. Em seguida, abriu um grande sorriso.

— Com sorte — disse ele —, logo estaremos seguros no pântano de fogo.

Buttercup ouviu o que ele disse, claro. Mas não reagiu bem, não mesmo…

* * *

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE os dois assuntos em questão: (1) pântanos de fogo em geral e (2) o pântano de fogo de Florin em particular.

(1) Os pântanos de fogo são, claro, completamente imprecisos em sua

nomenclatura. O motivo disso ninguém sabe, embora a qualidade ilustrativa da combinação das palavras seja suficiente. Na verdade, existem pântanos que contêm uma grande porcentagem de enxofre e outros gases que lançam chamas o tempo todo. São cobertos por árvores gigantes e suntuosas que deixam o lugar sombrio, dando às irrupções um ar particularmente dramático. Como são escuros e quase sempre muito úmidos, atraem os insetos de sempre e a comunidade de jacarés, que preferem esse tipo de clima. Em outras palavras, um pântano de fogo é apenas um pântano, e ponto final; o resto é enfeite.

(2) O pântano de fogo de Florin/Guilder tinha, como ainda tem, algumas características peculiares: (a) a existência de areia nevada e (b) a presença de RTDs, sobre os quais falarei melhor mais adiante. A areia nevada costuma ser identificada, mais uma vez erroneamente, como areia movediça. Não há nada mais impreciso do que isso. A areia movediça é úmida e mata basicamente por afogamento. A areia nevada é tão polvorenta quanto talco e provoca asfixia.

De forma ainda mais precisa, o pântano de fogo de Florin/Guilder era usado para assustar crianças. Não havia uma criança nem em um lugar nem em outro que, em certo momento de malcriação, não tenha sido ameaçada de abandono ali. "Faça isso de novo e será deixado no pântano de fogo" era algo tão comum quanto "Coma tudo, tem gente passando fome na China". E, então, conforme as crianças cresciam, o medo do pântano de fogo crescia junto na imaginação delas. Ninguém, claro, jamais ia de fato ao lugar, embora uma vez por ano ou mais um RTD doente saísse de lá à beira da morte, e achar um desses só servia para alimentar o mito e o pavor. O maior pântano de fogo conhecido fica, claro, a um dia de carro de Perth. É impenetrável e tem mais de quarenta quilômetros quadrados. O pântano entre Florin e Guilder mal ocupava um terço desse tamanho. Ninguém havia conseguido descobrir se era impenetrável ou não.

Buttercup olhava abismada para o pântano de fogo. Quando criança, ela

passara um ano inteiro tendo pesadelos em que morria ali. Uma vez naquele lugar, não conseguia se mexer. As árvores gigantes escureciam o chão à sua frente. Por todos os lados subiam chamas inesperadas.

— Não pode me pedir isso — disse ela.

— Mas devo.

— Uma vez sonhei que morreria aqui.

— Eu também, todos nós. Tinha oito anos na época? Eu tinha.

— Oito. Seis. Não lembro.

Westley segurou a mão dela.

Buttercup não conseguiu se mexer.

— Precisamos mesmo?

Westley assentiu.

— Por quê?

— Agora não é hora.

Ele a puxou delicadamente.

Ela continuou imóvel.

Westley a pegou no colo.

— Minha doce criança... Eu tenho uma faca. Tenho minha espada. Não atravessei o mundo para perdê-la agora.

Buttercup buscava em algum lugar a coragem. Obviamente, encontrou o que precisava nos olhos de Westley.

Depressa, de mãos dadas, eles adentraram as sombras do pântano de fogo.

* * *

O PRÍNCIPE HUMPERDINCK apenas observava. Montado em um cavalo branco, avaliava as pegadas no fundo da ravina. Não havia outra conclusão possível: o sequestrador havia arrastado a princesa pântano adentro.

O conde Rugen falou, ao seu lado:

— Eles realmente entraram?

O príncipe assentiu.

Rezando para que a resposta fosse "não", o nobre perguntou:

— Acha que devemos segui-los?

Humperdinck balançou a cabeça.

— Ou morrerão lá dentro, ou sairão vivos. Se morrerem, não tenho nenhum desejo de acompanhá-los. Se sobreviverem, eu os saudarei na saída.

— A volta é muito grande — disse o conde.

— Não para meus cavalos brancos.

— Seguiremos no melhor ritmo possível — disse Rugen. Ele encarou o pântano de fogo mais uma vez. — Ele deve estar muito desesperado, ou assustado, ou é muito burro, ou muito corajoso.

— Acho que está as quatro coisas, e muito... — respondeu o príncipe.

* * *

WESTLEY GUIAVA O caminho. Buttercup ia logo atrás e, desde o início, faziam um bom tempo de percurso. O mais importante, ela percebeu, era esquecer os sonhos da infância, pois o pântano de fogo era *mesmo* ruim, mas também não era *tão* ruim assim. A princípio, o odor dos gases parecia quase completamente intoxicante, mas em pouco tempo os dois foram se acostumando. As irrupções eram facilmente evitadas, por serem anunciadas por um som grave de estouro no local em que as chamas apareceriam.

Westley levava a espada na mão direita, o punhal na esquerda, esperando pela aparição do primeiro RTD, mas não havia nada. Ele havia cortado um pedaço muito comprido de cipó bem forte, que enrolara e pendurara em um dos ombros, e estava ocupado mexendo no material enquanto andavam.

— Quando isto aqui estiver pronto, vamos fazer o seguinte — disse a ela, caminhando decidido sob as árvores gigantes. Vamos nos amarrar um no outro; assim, não importa quão escuro esteja, ficaremos próximos. Na verdade, acredito que seja uma precaução maior que a necessária, porque, para

ser sincero, estou quase decepcionado; este lugar é ruim, mas não *tão* ruim assim. Não concorda?

Buttercup queria concordar, com toda a certeza, e teria feito isso se, naquele momento, a areia nevada não a tivesse pegado.

Westley virou-se a tempo apenas de vê-la desaparecendo.

Buttercup havia se distraído por um instante, o solo parecia firme o bastante, e, de qualquer forma, ela não fazia ideia de como identificar a areia nevada; mas, assim que seu pé começou a afundar, não conseguiu se afastar, e antes mesmo que pudesse gritar, tinha desaparecido. Era como cair de uma nuvem. Aquela era a areia mais fina do mundo, e não tinha peso algum. A princípio, não causaria nenhum desconforto. Ela apenas caía, suavemente, naquela leve massa empoeirada. A queda não acabava, levando-a para longe de qualquer coisa que se assemelhasse à vida, mas Buttercup não podia se permitir entrar em pânico. Westley lhe dera instruções de como agir caso aquilo acontecesse, e ela seguiu todas: abriu os braços e os dedos e se forçou a assumir uma postura parecida com um homem morto boiando, tudo isso porque Westley dissera que, quanto mais ela se esticasse, mais devagar afundaria. E, assim, ele ganharia mais tempo para alcançá-la quando mergulhasse para buscá-la. Os ouvidos de Buttercup estavam cheios de areia nevada, as narinas também, e ela sabia que se abrisse os olhos um milhão de partículas de areia nevada se acomodariam por dentro das pálpebras, então começou a se apavorar de verdade. Havia quanto tempo estava caindo? Pareciam horas, e ela já não aguentava mais prender a respiração. "Deve prender a respiração até que eu a encontre", dissera ele; "além de permanecer na posição do homem morto boiando e fechar os olhos até eu ir buscá-la, e nós dois teremos uma ótima história para contar aos nossos netos". Buttercup continuava afundando. O peso da areia começava a massacrar seus ombros. A lombar começava a doer. Era agonizante manter os braços e os dedos abertos quando não tinha serventia nenhuma. A areia nevada pesava cada vez mais sobre ela durante a queda. Será que não tinha fim, como havia pensado

quando criança? Será que simplesmente afundaria para sempre até ser engolida pela areia e, então, seus pobres ossos continuariam a viagem por toda a eternidade? Não, com certeza tinha que existir um lugar de descanso. Um lugar de descanso, pensou Buttercup. Que coisa maravilhosa. Estou tão cansada e quero descansar, e:

— *Westley, venha me salvar!* — gritou ela. Pelo menos tentou.

Porque para gritar era preciso abrir a boca, então tudo que conseguiu dizer foi o primeiro som da primeira palavra: "Ue". Depois disso, a areia nevada entrou na garganta e já era.

Westley havia começado muito bem. No instante em que Buttercup desapareceu, ele largou a espada e o punhal para pegar o cipó no ombro. Não demorou quase nada para amarrar uma das pontas em volta de uma árvore gigante e, segurando firme na outra ponta, mergulhou de cabeça na areia nevada, batendo os pés durante a queda para acelerar. Nem passou por sua cabeça fracassar. Ele sabia que a encontraria e sabia que ela estaria chateada, histérica, e, talvez, confusa. Mas viva. E, no fim, esse era o único fato que importava. A areia nevada bloqueava os ouvidos e o nariz, e Westley torceu para que Buttercup não tivesse entrado em pânico, que tivesse lembrado de esticar o corpo para que ele pudesse alcançá-la depressa. Se ela tivesse lembrado, não seria tão difícil — na prática, seria o mesmo que resgatar um mergulhador afogado em águas turvas. A vítima afundava devagar, e o salva-vidas mergulhava, batia as pernas e o braço que estava livre, se aproximava, segurava-o, levava-o até a superfície e o único problema de verdade seria convencer seus netos de que aquilo havia mesmo acontecido e não era apenas mais uma lenda da família. Ele ainda ocupava a mente com os infantes que um dia teria quando algo inesperado aconteceu: o cipó não era longo o bastante. Ele ficou suspenso por um instante, segurando em uma ponta, enquanto na outra estava a árvore, um ponto seguro fora da areia nevada. Soltar o cipó era loucura. Seria impossível vencer aquela correnteza somente com a própria força. Não avançaria mais que alguns centímetros, isso se

batesse as pernas com força sobre-humana. Então, se ele soltasse o cipó e não a encontrasse em um piscar de olhos, seria a ruína para os dois. Westley soltou o cipó sem nenhum arrependimento; afinal, havia chegado longe demais para fracassar ali; o fracasso não era uma opção. Assim, ele mergulhou, e, em um piscar de olhos, estava segurando o pulso de Buttercup. Naquele momento, era Westley quem gritava, de choque e surpresa, e engoliu areia nevada, pois o que havia segurado era o pulso de um esqueleto, osso puro, nenhuma carne. Esse tipo de coisa acontecia na areia nevada. Depois que um cadáver secava até só restar o esqueleto, às vezes o esqueleto começava a flutuar como alga marinha em maré tranquila, movendo-se de um lado para o outro até acabar emergindo, mas, na maioria das vezes, ficava vagando pela areia nevada por toda a eternidade. Westley largou o pulso e estendeu os braços a esmo, as mãos procurando desesperadamente alguma parte do corpo dela, porque o fracasso não era uma opção. O fracasso não é uma opção, disse ele a si mesmo; não é uma opção a ser cogitada, então deixe o fracasso de lado; apenas continue até encontrá-la. E ele a encontrou. Para ser mais preciso, encontrou o pé dela, depois a puxou, em seguida seu braço estava em volta da cintura perfeita de Buttercup e ele começou a chutar, a bater as pernas com a força que lhe restava, pois agora precisava subir até alcançar a ponta do cipó. A ideia de que talvez fosse difícil encontrar um fiozinho de cipó em um pequeno mar de areia nevada não o preocupou. O fracasso não era uma opção; bastaria bater as pernas, até subir, e quando subisse o suficiente, alcançaria o cipó, e quando o alcançasse, o cipó estaria ali, e quando estivesse ali, ele o amarraria em volta dela e, com seu último fôlego, puxaria os dois de volta à vida.

Foi exatamente o que aconteceu.

Ela permaneceu inconsciente por muito tempo. Westley fez o que podia: limpou a areia nevada dos ouvidos, do nariz e da boca e, o mais difícil de todos, de debaixo das pálpebras dela. O prolongado silêncio o incomodava um pouco; era quase como se ela soubesse que tinha morrido e estivesse com

medo de descobrir a verdade. Ele a pegou nos braços, ninou-a com delicadeza. Depois de algum tempo, Buttercup abriu os olhos.

Por um instante, olhou em volta, confusa.

— Nós sobrevivemos, então? — conseguiu dizer, por fim.

— Somos uma espécie teimosa.

— Que surpresa maravilhosa.

— Não precisa…

Ele ia dizer "não precisa se preocupar", mas o pânico tomou conta dela muito rápido. Era uma reação bem normal, e ele não tentou impedi-la, apenas a segurou firme e deixou que a histeria passasse. Ela se debateu por um tempo, como se quisesse sair correndo. Mas essa foi a pior parte. Dali em diante, seguiram-se apenas alguns minutos de choro silencioso. Em seguida, era de novo a Buttercup de sempre.

Westley se levantou, embainhou a espada, guardou o punhal.

— Venha — disse ele. — Ainda tem um longo caminho pela frente.

— Não antes que me responda: por que temos que passar por isso?

— Agora não é o momento.

Westley estendeu a mão.

— É o momento, *sim*.

Ela ficou onde estava, no chão.

Westley suspirou. Ela não estava brincando.

— Tudo bem — disse ele, finalmente. — Vou explicar. Mas temos que nos mexer.

Buttercup esperou.

— Precisamos atravessar o pântano de fogo por um motivo muito simples — falou Westley. Assim que ele começou a explicar, Buttercup se levantou e o seguiu, prestando atenção, enquanto ele falava. — Sempre pretendi chegar ao outro lado; mas não era minha intenção, devo admitir, atravessar o pântano. Eu pretendia contorná-lo, mas a ravina me obrigou a mudar de planos.

— O motivo simples — demandou Buttercup.

— No lado oposto do pântano de fogo fica a boca da Baía da Enguia Gigante. E ancorado ao longe, sobre as águas profundas daquela baía, está o grande navio *Vingança*. O *Vingança* é a única propriedade do Infame Pirata Roberts.

— O homem que matou você? — indagou Buttercup. — Esse homem? O que partiu meu coração? O Infame Pirata Roberts tirou sua vida, é essa a história que conheço.

— Precisamente — confirmou Westley. — E é para esse navio que vamos.

— Você conhece o Infame Pirata Roberts? É amigo disse sujeito?

— É um pouco mais que amigo — respondeu Westley. — Não espero que entenda tudo agora, apenas acredite, pois é a verdade. Sabe, eu *sou* o Infame Pirata Roberts.

— Não vejo como isso pode ser possível, uma vez que ele saqueia há mais de vinte anos e você me deixou há apenas três.

— Eu também sempre fico surpreso com essas pequenas curiosidades da vida — admitiu Westley.

— Ele realmente capturou você durante sua viagem rumo às Carolinas?

— Sim. O navio dele, *Vingança*, tomou o navio em que eu estava, o *Orgulho da Rainha,* e íamos todos morrer.

— Mas Roberts não o matou.

— Óbvio que não.

— Por quê?

— Não posso dizer com certeza, mas acho que foi porque pedi por favor que não me matasse. Suspeito que o "por favor" tenha despertado o interesse dele. Não implorei nem ofereci suborno, como os outros. Ele manteve a espada abaixada por tempo suficiente para me perguntar: "Por que eu deveria abrir uma exceção para você?", e expliquei minha missão, falando que precisava chegar à América e conseguir dinheiro para voltar para a mulher mais bonita já vista, você. "Duvido que ela seja tão bonita quanto imagina",

disse ele, e ergueu a espada mais uma vez. “O cabelo da cor do outono”, falei, “e a pele de tom invernal.” “Tom invernal, é mesmo?”, perguntou. Estava interessado, pelo menos um pouco, então continuei descrevendo-a e, no fim, eu sabia que o convencera do meu sincero afeto. “Faremos assim, Westley”, disse ele então. “Estou tocado de verdade, mas se eu abrir uma exceção para você, a notícia de que o Infame Pirata Roberts virou um frouxo se espalhará e será o início da minha ruína, pois quando param de temê-lo, a pirataria vira só trabalho, trabalho, trabalho sem fim, e já estou velho demais para esse tipo de vida.” “Prometo que jamais contarei, nem mesmo para a minha amada”, falei, “e, se me deixar viver, serei seu valete pessoal e escravo por cinco anos inteiros, e se eu reclamar, nem que seja uma só vez, ou causar-lhe irritação, pode cortar minha cabeça, e morrerei elogiando sua honestidade.” Eu sabia que ele estava intrigado. “Desça”, disse ele. “É provável que eu o mate amanhã.” Westley parou de falar por um instante e fingiu coçar a garganta, porque tinha avistado o primeiro RTD atrás deles. Não parecia haver necessidade de alertá-la, então ele continuou a pigarrear, passando depressa, desviando das irrupções.

— O que aconteceu no dia seguinte? — indagou Buttercup. — Continue.

— Bem, você sabe que sou um sujeito engenhoso e lembra que sempre gostei de aprender e que já havia me preparado para trabalhar vinte horas por dia. Decidi aprender tudo que podia sobre pirataria no tempo que me restava, afinal, era melhor ocupar a cabeça com coisas úteis do que ficar pensando no meu assassinato iminente. Então ajudava o cozinheiro a preparar as refeições e limpava o depósito e, de modo geral, fazia o que me pediam, torcendo para que meu esforço fosse bem-visto pelo Infame Pirata Roberts. “Bem, vim matá-lo”, ele disse na manhã seguinte, e eu falei: “Obrigado pelo tempo a mais; foi fascinante; aprendi muito”, e ele perguntou, “Durante a noite? O que pode ter aprendido nesse meio-tempo?”, e eu respondi, “Que ninguém nunca explicou ao seu cozinheiro a diferença entre sal de mesa e pimenta-do-reino”. “As coisas têm andado meio apimentadas nesta viagem”, admitiu ele.

"Prossiga, o que mais?", e expliquei que haveria mais espaço no depósito de carga se as caixas fossem posicionadas de maneira diferente, então ele reparou que eu tinha reorganizado tudo lá embaixo e que, felizmente para mim, *de fato* havia mais espaço, então ele disse: "Muito bem, pode ser meu valete por hoje. Nunca tive um valete; é provável que eu não goste, então o matarei pela manhã." Todas as noites, ao longo de um ano, ele sempre dizia algo do tipo para mim: "Obrigado por tudo, Westley, boa noite, é provável que eu o mate pela manhã."

Westley fez uma pausa e continuou:

— No final daquele ano, claro, éramos mais que valete e mestre. Ele era um homem atarracado, nem um pouco ameaçador, como se esperaria do Infame Pirata Roberts, e fico feliz em pensar que gostava de mim tanto quanto eu gostava dele. Àquela altura, eu já havia aprendido bastante sobre navegar, lutar, esgrimir e lançar o punhal e estava mais em forma do que nunca. No fim do ano, o capitão me disse: 'Já chega dessa história de valete, Westley, a partir de hoje você será meu segundo-comandante.' E eu disse: "Obrigado, senhor, mas jamais poderia ser um pirata." E ele falou: "Quer voltar para aquela sua criatura de cabelo cor do outono, não quer?" Nem me dei ao trabalho de responder. "Um ano ou dois de pirataria o deixarão rico, e você poderá voltar." E eu disse: "Seus homens trabalham com você há anos e não são ricos." E ele retrucou: "É porque eles não são o capitão. Vou me aposentar em breve, Westley, e o *Vingança* será seu." Devo admitir, minha amada, que fraquejei um pouco naquele momento, mas não chegamos a um acordo. No fim, ele concordou que eu o ajudasse nas missões seguintes para ver se gostava. E foi o que fiz."

Agora havia mais um RTD os seguindo.

Buttercup os avistara agora.

— Westley…

— Shhh. Está tudo bem. Estou de olho neles. Devo terminar a história? Será útil para distrair sua cabeça?

— Você o ajudou nas missões seguintes — disse Buttercup. — Para ver se gostava.

Westley desviou de uma explosão inesperada, protegendo Buttercup do calor.

— Não só gostei como acabei me mostrando talentoso. Tão talentoso que Roberts me disse em uma manhã de abril: "Westley, o próximo navio será seu; vamos ver como você se sai." Naquela tarde, avistamos uma belezura espanhola enorme, carregada na direção de Madri. Naveguei para cima deles. Eles estavam em pânico. "Quem é?", gritou o capitão. "Westley", respondi. "Nunca ouvi falar de você", retrucou ele, e abriram fogo.

"Foi um desastre. Eles não tinham medo de mim. Eu estava tão agitado que fiz tudo errado, e logo eles fugiram. Fiquei, devo dizer, arrasado. Roberts me chamou em sua cabine. Eu me arrastei até lá como um garoto que levou uma surra. 'Anime-se', ele me disse, e fechou a porta. Ficamos completamente sozinhos. 'Vou dizer agora algo que nunca disse a ninguém antes, e você deve guardar para si.' Eu, claro, respondi que guardaria. 'Não sou o Infame Pirata Roberts. Meu nome é Ryan. Herdei o navio do Infame Pirata Roberts que me antecedeu, assim como você o herdará de mim. O homem de quem herdei o navio também não era o Infame Pirata Roberts original; ele se chamava Cummberbund. O Infame Pirata Roberts verdadeiro se aposentou há quinze anos e vive como um rei na Patagônia.' Não escondi que estava muito confuso. 'É muito simples: depois de muitos anos, o Roberts original estava tão rico que quis se aposentar. Clooney era seu amigo e primeiro-imediato, então ele deu o navio para Clooney, que teve uma experiência idêntica à de Roberts: na primeira vez que tentou roubar um navio, quase caiu na água. Então, percebendo que o nome era o que inspirava o medo necessário, navegou até o porto, trocou toda a tripulação e anunciou a todos que era o Infame Pirata Roberts. Quem diria o contrário? Quando Clooney se aposentou, rico, passou o nome a Cummberbund; Cummberbund, para mim; e eu, Felix Raymond Ryan, de Bootle, subúrbio

de Liverpool, agora nomeio a ti, Westley, o Infame Pirata Roberts. Precisamos apenas aportar e escolher alguns jovens piratas. Ficarei a bordo por alguns dias, como Ryan, o primeiro-imediato, e contarei a todos sobre meus anos com você, o Infame Pirata Roberts. Depois, quando todos acreditarem, você me deixará em terra firme, e as águas do mundo serão suas.'"

Westley sorriu.

— Agora já sabe. E também vê que não há motivo para sentir medo.

— Mas estou com medo.

— O final será feliz. Pense assim: pouco mais de três anos atrás, você era uma leiteira, e eu, um empregado na fazenda. Agora é quase uma rainha e eu tenho o domínio incontestável das águas. Sem dúvida, esses indivíduos não foram destinados a morrer no pântano de fogo.

— Como pode ter certeza?

— Bem, porque estamos juntos, de mãos dadas, meu amor.

— Ah, sim — disse Buttercup. — Vivo me esquecendo disso.

As palavras e o tom de voz dela estavam ligeiramente frios, algo que Westley teria notado não fosse pelo ataque de um RTD que saltou de um galho, cravando seus dentes gigantes no ombro desprotegido dele, derrubando-o no chão e esguichando uma quantidade inesperada de sangue. Os outros dois RTDs que vinham com o primeiro também atacaram, ignorando Buttercup e dirigindo-se com toda a sua ânsia faminta para o ombro ensanguentado de Westley.

(Qualquer conversa sobre RTDs — Roedores de Tamanho Descomunal — deve ser iniciada com as capivaras da América do Sul, que são conhecidas por atingirem o peso de setenta quilos. No entanto, não passam de capivaras, portanto não apresentam quase nenhum perigo. O maior rato puro deve ser o da Tasmânia, que, estima-se, chegou a quarenta e cinco quilos. Mas não é tão ágil e tende a ficar ainda mais lento quando alcança o ápice do crescimento, e a maioria dos pastores da Tasmânia sabe evitá-lo com facilidade. O RTD do

pântano de fogo vinha de uma raça pura, que pesava em torno de trinta e cinco quilos e tinha a velocidade de um lébrel irlandês. Eles também eram carnívoros e, às vezes, raivosos.)

Os ratos lutavam entre si para alcançar o ferimento de Westley. Seus caninos enormes destruíam a pele desprotegida do ombro esquerdo do rapaz, e ele não fazia ideia se Buttercup já havia sido devorada; sabia apenas que, se não tomasse uma medida drástica bem naquele instante, isso logo aconteceria.

Então ele rolou o corpo para uma irrupção de chamas.

Suas roupas começaram a queimar — como ele esperava —, porém, o importante é que os ratos se esconderam do calor e do fogo por apenas um instante. Foi o suficiente para que ele alcançasse o punhal e o arremessasse no coração do animal mais próximo.

Os outros dois se viraram rapidamente contra o próprio companheiro e começaram a comê-lo enquanto o bicho ainda gritava.

Westley já estava de posse da espada, e, com dois golpes rápidos, o trio de ratos estava destroçado.

— *Depressa!* — gritou ele para Buttercup, que estava paralisada no lugar onde o primeiro rato aparecera. — Bandagens, bandagens! — gritou Westley. — Faça algumas bandagens ou morreremos. — Ele rolou no chão, rasgou as roupas em chamas e começou a passar lama no grave ferimento do ombro. — Eles são como tubarões, são atraídos pelo sangue. — Ele passou mais e mais lama a ferida. — Temos que estancar o sangramento e cobrir a ferida para que não nos farejem. Se não sentirem o cheiro de sangue, sobreviveremos. Se sentirem, estaremos perdidos, então me ajude, *por favor*.

Buttercup arrancou pedaços da própria roupa, que serviram bem para passar a lama no sangue e depois enfaixar duas camadas de curativo.

— Logo saberemos se funcionou — disse Westley, porque outros dois ratos os olhavam. Westley se levantou, a espada em mãos. — Se nos atacarem, é porque ainda sentem o cheiro — sussurrou ele.

Os ratos gigantes continuaram observando.

— Venha — sussurrou Westley.

Outros dois ratos gigantes se juntaram à primeira dupla.

Sem aviso, a espada de Westley cintilou, fazendo o rato mais próximo sangrar. Os outros três se contentaram com aquilo por um tempo.

Westley pegou a mão de Buttercup, e, mais uma vez, os dois seguiram em frente.

— Como você está? — perguntou ela.

— Em agonia absurda, mas podemos falar sobre isso mais tarde. Depressa.

Eles se apressaram. Ficaram no pântano de fogo por mais uma hora. No fim das contas, aquela tinha sido a hora mais fácil, se comparada às outras seis que levaram na travessia. Mas chegaram ao fim. Vivos e juntos. De mãos dadas.

Estava quase anoitecendo quando enfim avistaram o grande navio *Vingança* ao longe, na parte mais distante da baía. Westley, ainda nos confins do pântano de fogo, caiu, derrotado, de joelhos.

Pois entre o navio e ele existiam mais do que alguns inconvenientes. Do norte, aproximava-se metade da grande armada. Do sul, surgia a outra metade. Cem homens montados e armados. Diante deles, o conde. E, sozinhos à frente de todos, os quatro cavalos brancos, com o príncipe montado no dianteiro. Westley se levantou.

— Demoramos demais na travessia. A culpa é minha.

— Aceito sua rendição — disse o príncipe.

Westley segurou a mão de Buttercup.

— Ninguém está se rendendo — desafiou ele.

— Está agindo sem juízo — respondeu Humperdinck. — Aceito sua bravura. Não seja um tolo.

— O que há de tolo em querer vencer? — perguntou Westley. — Na minha opinião, para que nos capture, você terá que entrar no pântano de fogo. Já passamos muitas horas aqui; sabemos onde repousa a areia nevada. Duvido que você ou seus homens estejam ansiosos para nos seguirem aqui

dentro. E, pela manhã, teremos escapado.

— Por algum motivo, duvido disso — disse o príncipe, e gesticulou para o mar, onde metade da armada havia começado a perseguir o grande navio *Vingança*. E o *Vingança*, sozinho, navegava, como era natural, para longe. — Entregue-se.

— *Isso não vai acontecer*.

— ENTREGUE-SE! — gritou o príncipe.

— PREFIRO A MORTE! — vociferou Westley.

— … promete que não o machucará…? — sussurrou Buttercup.

— O que disse? — indagou o príncipe.

— O que disse? — indagou Westley.

Buttercup deu um passo à frente e se pronunciou:

— Se nos rendermos, de livre e espontânea vontade, se a vida voltar ao que era um pôr do sol atrás, promete que não machucará este homem?

O príncipe levantou a mão direita.

— Prometo sobre o túmulo do meu em breve falecido pai e pela alma da minha mãe já morta que não machucarei esse homem. Se o fizer, que eu nunca cace de novo nem que viva mil anos.

Buttercup se virou para Westley.

— Pronto. Não pode pedir mais que isso, a verdade é essa.

— A verdade — respondeu Westley — é que você prefere viver com seu príncipe a morrer com seu amor.

— Prefiro viver a morrer, admito.

— Estamos falando de amor, minha dama.

Houve um longo instante de silêncio. Então Buttercup disse:

— Posso viver sem amor.

E, com isso, deixou Westley sozinho.

O príncipe Humperdinck observou a princesa durante sua longa caminhada até ele.

— Quando estivermos fora de vista — disse ele ao conde Rugen —, pegue

o homem vestido de preto e o coloque no quinto andar do Zoológico da Morte.

O conde assentiu.

— Por um instante, acreditei na sua promessa — falou Rugen.

— Eu disse a verdade; jamais minto — respondeu o príncipe. — Falei que *eu* não o machucaria. Mas nunca disse que ele não sentiria dor. *Você* fará a tortura em si, eu me limitarei a olhar.

Ele, então, abriu os braços para sua princesa.

— Ele pertence ao navio *Vingança* — disse Buttercup. — Ele é… — ela queria contar a história de Westley, mas não tinha esse direito — um simples marinheiro, e eu o conheço desde criança. Fará isso?

— Preciso prometer mais uma vez?

— Não — respondeu Buttercup, porque sabia, como todos, que o príncipe era o mais franco dos florinenses.

— Vamos, minha princesa.

Pegou a mão dela.

Buttercup foi embora com ele.

Westley assistiu a tudo aquilo. Parado, em silêncio, na entrada do pântano de fogo. Estava mais escuro, mas as chamas das irrupções atrás dele contornavam seu rosto. Ele estava tomado pelo cansaço. Havia sido mordido, dilacerado, passado horas e mais horas sem descanso, conquistado os Rochedos da Perdição, salvado e tirado vidas. Tinha arriscado seu mundo, que agora ia embora, de mãos dadas com um príncipe rufianesco.

E então Buttercup se foi, para onde ele nem podia mais vê-la.

Westley respirou fundo. Tinha noção da quantidade de soldados que começava a cercá-lo e, provavelmente, poderia dar trabalho para algum deles.

Mas para quê?

Ele baixou a cabeça.

— Venha, senhor. — O conde Rugen se aproximou. — Temos que levá-lo em segurança ao seu navio.

— Somos dois homens de ação — retrucou Westley. — Mentiras não são necessárias.

— Que bom — respondeu o conde, e, com um golpe súbito, nocauteou-o com o cabo da espada.

Westley caiu como uma pedra e, em seu último suspiro de consciência, observou a mão direita do conde: tinha seis dedos, e, até onde Westley lembrava, nunca tinha visto tal deformidade…

---

* Escrevo desde a época em que Eisenhower era presidente dos Estados Unidos e acredito que este seja meu primeiro *asterisco*. Estou estupefato. O propósito desta nota é informar que o mundo evoluiu. Se você estiver muito ansioso para ler a cena do reencontro, não precisa mais esperar: é só entrar na internet. Você terá o texto bem na tela do seu computador.

6
AS CELEBRAÇÕES



Este é um daqueles capítulos em que o professor Bongiorno da Columbia, o guru florinense, afirma que a genialidade satírica de Morgenstern está a todo vapor. (É assim que esse cara fala: "a todo vapor", "galhofas" e por aí vai.)

O capítulo das celebrações contém basicamente descrições do quê? Bingo! Das celebrações. Faltam oitenta e nove dias para as núpcias, e cada figurão de Florin precisa prestar algum serviço para o casal, e as páginas de Morgenstern ficam repletas com todas as variedades de entretenimento oferecidas naquele período. Qual tipo de festa, qual tipo de comida, quem fez as decorações, como foram determinados os lugares à mesa, coisas do tipo.

A única parte interessante, mas que justifica quarenta e quatro páginas, é que o príncipe Humperdinck fica cada vez mais interessado e educado em relação a Buttercup, chegando a diminuir um pouco suas horas de caça. E, o mais importante, por causa do fiasco da tentativa de sequestro, acontecem três coisas: (1) todo mundo está bem convencido de que tudo foi armação de Guilder, então as relações entre os dois países ficam ainda mais tensas; (2) Buttercup é simplesmente adorada por todos, porque espalharam boatos de que ela foi muito corajosa e até sobreviveu à travessia do pântano de fogo e (3) o príncipe Humperdinck é, enfim, considerado um herói em sua terra. Ele nunca foi popular, seja por seu fetiche de caça, seja por ter abandonado o país depois que o pai ficou senil, mas, ao frustrar o sequestro, fez os cidadãos perceberem que ele era um sujeito corajoso e que valia a pena tê-lo como líder.

Essas quarenta e quatro páginas tratam justamente do primeiro mês de festas. E é apenas no final, dou minha palavra, que as coisas começam a andar mais uma vez. Buttercup está na cama, exausta, após mais uma festa excessivamente

demorada, e, enquanto espera o sono chegar, pensa em que mar Westley estará navegando, e no gigante e no hispânico: o que será que aconteceu com eles? Então, finalmente, em três rápidos flashbacks, Morgenstern volta ao que considero a história em si.



QUANDO INIGO RECOBROU a consciência, ainda era noite nos Rochedos da Perdição. Lá embaixo, batiam as águas do Canal de Florin. Inigo se mexeu, piscou, tentou esfregar os olhos, não conseguiu.

Os braços estavam amarrados em volta de uma árvore.

Inigo piscou mais uma vez, para acordar. Ele havia caído de joelhos diante do homem de preto, pronto para a morte. Estava claro que o vitorioso tinha mudado de ideia. Inigo olhou ao redor e lá estava ela, a espada de seis dedos, reluzindo ao luar como um antigo objeto mágico perdido. Inigo estendeu a perna direita ao máximo e conseguiu tocar o cabo. Depois, era apenas uma questão de aproximar a arma o suficiente para pegá-la com a mão e, em seguida, foi uma tarefa ainda mais simples cortar as amarras. Ficou tonto ao se levantar e esfregou atrás da orelha, onde o homem de preto o tinha atingido. Havia um caroço, de tamanho considerável, mas não era um grande problema.

O grande problema do momento era o que fazer em seguida.

Vizzini tinha instruções precisas sobre situações como aquela, quando um plano dava errado: *volte ao início*. Volte ao início e espere por Vizzini, depois reagrupe, faça outro plano e comece de novo. Inigo até fizera uma rima para Fezzik, assim o gigante não teria problema em lembrar o que fazer quando estivesse em perigo: *Maldição, maldição, de volta ao início da missão.*

Inigo sabia precisamente onde era o início. Eles haviam fechado o serviço na própria Cidade de Florin, no Quarteirão dos Larápios. Vizzini tinha feito o acordo sozinho, como sempre. Ele se encontrou com o mandante, aceitou o

trabalho e o planejou, tudo no Quarteirão dos Larápios. Então, o Quarteirão dos Larápios era sem dúvida o lugar para onde deveria ir.

Só que Inigo odiava aquele lugar. Todo mundo era tão perigoso, grande, mau e forte… E daí que ele era o maior espadachim do mundo? Quem saberia disso ao olhar para ele? Quem olhasse acharia que ele era apenas um espanhol magrelo e que seria divertido assaltá-lo. Não dava para andar com um aviso escrito: "Cuidado, sou o maior espadachim desde o bruxo da Córsega. Não me roube."

Além do mais, e esta parte era muito dolorosa, ele não era um espadachim tão bom assim, não mais, sem chance, pois não acabara de ser derrotado? Um dia, era verdade, havia sido um titã, mas naquele momento, naquele momento…



O QUE ACONTECE a seguir, que você não vai ler, são seis páginas inteiras de um solilóquio de Inigo no qual Morgenstern, através do personagem, reflete sobre a angústia da glória passageira. O motivo para esse monólogo tem a ver com o livro anterior de Morgenstern, que foi destruído pela crítica e não vendeu nada. (Um adendo: você sabia que o primeiro livro de poemas de Robert Browning não vendeu um só exemplar? É verdade. Nem a mãe dele comprou. Já ouviu falar de algo mais humilhante? Como seria se você fosse Browning e publicasse seu primeiro livro e torcesse em segredo que a partir daí, a partir daí, você se tornasse alguém. Reconhecido, importante. E esperaria uma semana antes de perguntar à editora como andam as coisas, porque não quer parecer inconveniente nem nada. Então, quem sabe daria uma passada no escritório, e tudo seria muito educado e comedido naquela época, e você seria Browning e conversaria um pouco antes de lançar a grande pergunta: "Ah, por falar nisso, tem alguma ideia de como andam meus poemas?" E daí o editor, que deveria estar detestando aquele momento, provavelmente diria: "Bem, sabe como são as coisas com poesia hoje em dia; nada

vende como antes, demora um pouco para cair no gosto do público." Então, finalmente alguém seria obrigado a dizer: "Nenhum, Bob. Sinto muito, não, não tivemos nenhuma venda válida. Achamos, por um momento, que a Hatchards tivesse um comprador em potencial perto da Piccadilly, mas não funcionou. Que pena, Bob; claro que vamos informá-lo caso algo mude." Fim do adendo.)

Enfim, Inigo termina seu discurso para os Rochedos e passa algumas horas tentando encontrar um pescador que o leve de volta à Cidade de Florin.



O QUARTEIRÃO DOS Larápios era pior do que ele se lembrava. Nas outras vezes, Fezzik sempre estivera com ele, os dois brincavam de rimas e o turco bastava para manter qualquer ladrão longe.

Inigo seguiu em pânico pelas ruas escuras, com um medo pavoroso. Por que tanto medo? *O que ele temia?*

Ele se sentou em um degrau imundo e pensou. À sua volta, ouviam-se gritos na noite e, na direção das tavernas, risadas vulgares. Percebeu então que sentia medo porque, enquanto ficava ali sentado, apertando o cabo da espada de seis dedos para aumentar sua confiança, sentiu-se, por alguns instantes, como era antes de Vizzini tê-lo encontrado.

Um fracasso.

Um homem sem objetivos, sem nenhum apego ao amanhã. Fazia anos que Inigo não chegava perto de um conhaque. Sentia os dedos procurando dinheiro. Sentiu os passos levando-o até o bar mais próximo. Viu seu dinheiro no balcão. Sentiu a garrafa de conhaque nas mãos.

Correu de volta ao degrau. Abriu a garrafa. Sentiu o odor do conhaque barato. Tomou um gole. Tossiu. Tomou um gole maior. Tossiu de novo. Engoliu, e tossiu, e engoliu, e tossiu mais e abriu um sorriso.

Os medos começavam a deixá-lo.

Ora, por que havia ficado com medo? Ele era Inigo Montoya (a garrafa já

estava na metade, a essa altura), filho do grande Domingo Montoya; o que no mundo era digno de seu medo? (Agora já havia terminado o conhaque.) Como o medo ousara se aproximar de um bruxo como Inigo Montoya? Bem, nunca mais. (Começo da segunda garrafa.) Nunca, nunca, nunca, nunca mais.

Ele se sentou sozinho, confiante e forte. Tinha uma vida em ordem, boa. Com dinheiro para o conhaque, e, se tivesse conhaque, teria o mundo.

O degrau era fétido e gélido. Inigo ficou jogado ali, bem contente, agarrando a garrafa com as mãos não mais trêmulas. A existência era mesmo bem simples quando se fazia o que mandavam. E não havia nada mais simples ou melhor do que aquilo que o destino reservava.

Ele só precisava esperar e beber até que Vizzini aparecesse…

* * *

FEZZIK NÃO FAZIA ideia de por quanto tempo ficara inconsciente. Sabia apenas, enquanto se erguia com dificuldade na trilha da montanha, que o pescoço estava muito dolorido por causa do estrangulamento.

O que fazer?

Todos os seus planos tinham dado errado. Fezzik fechou os olhos, tentando pensar — havia um lugar definido para ir quando os planos davam errado, mas não conseguia lembrar direito. Inigo tinha até feito uma rima para não esquecer, só que Fezzik era tão burro que esqueceu. O que era? Será que era "Burro, burro, espere por Vizzini no muro"? Rimava, mas que muro era esse? "Bobalhão, bobalhão, vá agora e encha esse barrigão." Também rimava, mas que tipo de instruções eram aquelas?

O que fazer, o que fazer?

"Jumento, jumento, use o cérebro e faça a coisa certa nesse momento"? Inútil. Nada ajudava. Ele nunca fazia a coisa certa, nunca na vida, até a chegada de Vizzini. Sem mais pensar, Fezzik correu pela noite atrás do siciliano.

Vizzini estava cochilando quando ele o encontrou. Tinha bebido vinho e adormecido. Fezzik caiu de joelhos e juntou as mãos em posição de reza.

— Vizzini, sinto muito — disse ele.

O siciliano continuou cochilando.

Fezzik o balançou gentilmente.

Vizzini não acordou.

Balançou o homem de novo, agora de forma não tão gentil.

Nada.

— Ah, entendi, você está morto — disse Fezzik. E se levantou. — Ele está morto, Vizzini está… — murmurou ele. Então, sem nenhuma ajuda do cérebro, um enorme grito de pânico explodiu da sua garganta no meio da noite: — *Inigo!* — E ele voltou para a trilha da montanha, porque, se Inigo estivesse vivo, ficaria tudo bem; não seria como antes, claro, isso jamais seria possível sem Vizzini para dar as ordens e insultá-los de um jeito único, mas ao menos haveria tempo para poesia, e quando Fezzik alcançou os Rochedos da Perdição, disse — Inigo, Inigo, cheguei — para as pedras e — cheguei, Inigo, sou eu, seu Fezzik — para as árvores e — Inigo, INIGO, RESPONDA, POR FAVOR — para todas as direções até não haver outra conclusão possível além de que não havia Vizzini, e também não havia Inigo, e aquilo era difícil.

Era, na verdade, difícil demais para Fezzik, então ele começou a correr, chorando.

— Já chego, Inigo — e — estou quase aí, Inigo — e — ei, Inigo, espere. — (espere, não se desespere, e desesperado era o jeito como ele corria, e que divertido seria fazer rimas assim que ele e Inigo estivessem juntos mais uma vez).

Só que, depois de mais ou menos uma hora gritando, sua garganta entregou os pontos, porque, afinal, tinha quase sido estrangulado até a morte havia pouquíssimo tempo. Continuou correndo, correndo, correndo, correndo até que por fim chegou a um pequeno vilarejo e encontrou, logo na entrada,

umas rochas bacanas que formavam uma espécie de caverna, quase grande o bastante para que ele se esticasse lá dentro. Fezzik se sentou recostado na pedra, as mãos em volta dos joelhos e a garganta ardendo, até que os garotos do vilarejo o encontraram. Com um arquejo, chegaram o mais próximo que a coragem permitiu. Fezzik queria muito que eles fossem embora, então ficou imóvel, imaginando-se em algum lugar com Inigo, o amigo dizendo "cantina" e Fezzik logo respondendo "serpentina", e quem sabe cantariam alguma coisa até que Inigo dissesse "serenata", e não dava para pegar Fezzik com uma palavra fácil como aquela por causa de "magnata", e então Inigo diria uma palavra sobre riqueza e Fezzik rimaria também, e por aí foi até que os meninos do vilarejo pararam de temê-lo. Fezzik percebeu isso porque eles haviam chegado muito perto e, de repente, estavam se esgoelando e fazendo caretas. O gigante não os culpava; ele parecia o tipo de pessoa que despertava aquela reação nos outros, zombaria. Suas roupas estavam rasgadas, a garganta arranhada, o olhar insano; talvez Fezzik também tivesse gritado se fosse da idade deles.

Foi somente quando os meninos passaram a achá-lo engraçado que Fezzik descobriu como se descrever, embora não conhecesse a palavra: degradante. Não havia mais gritos. Só restaram deboches. Deboche, pensou Fezzik, e pensou em fantoche, porque era isso que ele era para aqueles meninos, um enorme boneco caído e sem vida, sem saber o que fazer por conta própria. Deboche, fantoche, mais inútil que um broche.

Fezzik se encolheu na caverna e tentou ver o lado positivo. Pelo menos não estavam jogando coisas nele.

Ainda não.

* * *

WESTLEY ACORDOU ACORRENTADO em uma enorme jaula. Seu ombro estava começando a infeccionar por causa das mordidas e feridas que os RTDs

tinham feito em sua carne. Ele ignorou o desconforto por um instante, para tentar se adaptar ao ambiente.

Estava sob a terra. Não era a ausência de janelas que dava aquela certeza, e sim a umidade. De algum lugar acima vinham sons de animais: um rugido de leão vez ou outra, o grito de um guepardo.

Logo após Westley acordar, o albino apareceu, inanimado, a pele tão pálida quanto uma bétula moribunda. A luz das velas que iluminavam a jaula fazia o albino parecer uma criatura que nunca tinha visto o sol. Ele segurava uma bandeja com diversas coisas, bandagens e comida, pomadas cicatrizantes e conhaque.

— Onde estamos? — perguntou Westley.

O albino deu de ombros.

— Quem é você?

O albino deu de ombros.

E isso era o máximo da capacidade de diálogo do sujeito. Westley fazia pergunta atrás de pergunta enquanto o albino cuidava do ferimento. Depois, o albino alimentou com uma comida recém-saída do forno e até que bem boa e farta.

O albino deu de ombros.

O albino deu de ombros.

— Quem sabe que estou aqui?

O albino deu de ombros.

— Minta, mas me diga alguma coisa… *Qualquer coisa*. Quem sabe que estou aqui?

Num sussurro:

— Eu sei. Eles sabem.

— Eles?

O albino deu de ombros.

— O príncipe e o conde, quer dizer?

O albino assentiu.

— Só eles?

O albino assentiu.

— Quando me trouxeram para cá, eu estava semiconsciente. O conde dava as ordens, mas três soldados me carregavam. Eles também sabem.

O albino fez que não e sussurrou:

— Sabiam.

— Estão mortos? É o que está dizendo?

O albino deu de ombros.

— Vou morrer, então?

O albino deu de ombros.

Westley ficou deitado no chão da enorme jaula subterrânea observando o albino abastecer a bandeja em silêncio e sumir de vista. Se os soldados estavam mortos, não era irracional deduzir que em algum momento ele também seria morto. Mas se queriam dar um sumiço nele, decerto também não era irracional deduzir que ao menos não tinham a intenção de fazê-lo de imediato, senão por que cuidar de seus ferimentos, por que recuperar sua força com uma boa comida? Não, ele não morreria logo. Porém, nesse meio-tempo, levando em consideração a personalidade de seus captores, também não era irracional deduzir que fariam o possível para que sofressem.

Imensamente.

Westley fechou os olhos. A dor estava por vir e ele tinha que estar pronto. Tinha que preparar o cérebro, tinha que deixar a mente sob controle e segura contra os esforços do inimigo, torná-la imune a eles. Não se deixaria abater. Ele se manteria firme contra tudo e todos. Se apenas me dessem tempo suficiente para essa preparação, ele sabia que conseguiria derrotar a dor. No fim das contas, deram tempo suficiente (passaram-se meses até que a máquina ficasse pronta).

Mas conseguiram.

* * *

AO FIM DO trigésimo dia de celebrações, com mais sessenta dias de festas pela frente, Buttercup tinha o medo real de lhe faltarem forças para aguentar aquilo tudo. Sorriso, sorriso, aperto de mãos, mesura e agradecimentos, tudo de novo, sem parar. Estava exaurida depois de um mês; como sobreviveria a uma segunda dose?

Acabou sendo, por causa da saúde do rei, tanto fácil quanto triste. Pois, restando cinquenta e cinco dias de celebrações, Lotharon começou a ficar terrivelmente fraco.

O príncipe Humperdinck ordenou a visita de novos médicos. (Max, o último milagreiro, ainda estava vivo, mas, como eles demitiram o sujeito havia um bom tempo, trazê-lo de volta para cuidar do caso agora não parecia lá muito sábio; se ele tinha sido incompetente quando Lotharon estava apenas muito doente, como poderia fazer milagre agora que o rei estava morrendo?) Todos os novos médicos concordaram em aplicar diversos medicamentos comprovadamente eficazes, e quarenta e oito horas depois o soberano estava morto.

A data do casamento permaneceu inalterada, claro — não era todo dia que um país comemorava seu quinto centenário —, mas todas as celebrações ou foram completamente cortadas ou radicalmente restritas. E o príncipe Humperdinck se tornou, quarenta e cinco dias antes do casamento, o rei de Florin, o que mudou tudo, porque, antes, a única coisa que ele levava a sério era a caça, então precisou aprender, aprender *tudo*, aprender a governar um país, e enfiou a cara nos livros, cercou-se de conselheiros e descobriu como se taxava isso e quando se podia taxar aquilo, e as complicações estrangeiras, e quem podia ser confiável e quanto e em relação a quê. E, diante dos olhos amáveis da noiva, Humperdinck, antes um homem temido e com atitude, transformou-se em um homem de sabedoria infinita, porque tinha que acertar tudo *naquele momento*, antes que qualquer outro país ousasse interferir no futuro de Florin; então, quando o casamento de fato aconteceu, foi algo breve e discreto, encaixado entre uma reunião de ministros e uma crise financeira, e

Buttercup passou sua primeira tarde como rainha passeando pelo castelo sem saber o que fazer com seu tempo. Foi somente quando o rei Humperdinck saiu para a sacada do castelo com ela, para saudar a enorme massa que havia passado o dia esperando pacientemente, que caiu a ficha para Buttercup: ela *era* a rainha; sua vida, não que antes valesse muito, passara a pertencer ao povo.

Eles ficaram juntos na sacada, recebendo as felicitações, os gritos, os retumbantes e intermináveis vivas, até que Buttercup disse:

— Por favor, posso caminhar no meio deles mais uma vez?

Ao que o rei assentiu, encorajando-a a descer novamente, como no dia do anúncio do noivado, radiante e sozinha, e mais uma vez o povo abriu caminho para que ela passasse, todos chorando, comemorando, fazendo reverências e…

… e então uma pessoa vaiou.

Da sacada, observando tudo, Humperdinck reagiu de imediato, indicando aos soldados o local de origem do som, ordenando que mais tropas descessem rapidamente e cercassem a rainha, e, com a precisão de um relógio, Buttercup estava protegida, a vaiadora apreendida e levada embora.

— Espere um instante — disse Buttercup, ainda abalada pelo efeito inesperado do acontecimento. O soldado que segurava a vaiadora parou. — Traga-a até mim — disse a rainha, e em um instante a vaiadora estava bem ali, ambas cara a cara.

Era uma mulher idosa, enrugada e corcunda. Buttercup pensou em todos os rostos que conhecera na vida, mas não se lembrava daquele.

— Já nos conhecemos? — perguntou a rainha.

A velha balançou a cabeça.

— Então, por quê? Por que hoje? Por que insulta a rainha?

— Porque não merece felicitações — retrucou a velha, e logo estava gritando: — *Tinha amor em sua vida e abriu mão em troca de ouro!* — Ela se virou para a multidão. — *Digo a verdade… havia amor ao lado dela no pântano de fogo, e ela o jogou fora como lixo, e é isso que ela é, a Rainha do Lixo.*

— Eu dei minha palavra ao príncipe … — disse Buttercup, mas isso não deteve a velha.

— *Perguntem como ela atravessou o pântano de fogo. Perguntem se ela o fez sozinha. Ela jogou o amor fora para ser a Rainha da Sujeira, a Rainha do Estrume… sou velha e a vida não vale nada para mim, então sou a única nesta multidão que ousa dizer a verdade, e a verdade diz: façam reverência à Rainha da Imundice se quiserem, mas eu* não *o farei. Felicitem a Rainha da Lama e da Degradação se quiserem, mas eu* não *o farei. Bajulem a beleza da Rainha do Esgoto se quiserem, mas eu* não *o farei. Eu me recuso!*

Ela começava a avançar até Buttercup.

— Levem-na embora — ordenou Buttercup.

Porém, os soldados não conseguiam impedi-la, e a velha continuou avançando na direção da rainha, a voz cada vez mais alta, e alta, e Alta!, e alta!, e *ALTA*, e ALTA!, e…

Buttercup acordou gritando.

Estava na cama. Sozinha. Segura. Ainda faltavam sessenta dias para o casamento.

Mas os pesadelos já haviam começado.

Na noite seguinte, ela sonhou que dava à luz seu primeiro filho e



INTERRUPÇÃO E, EI, que tal darmos crédito para o bom e velho Morgenstern por essa trapaça de primeira? Quer dizer, você não pensou, pelo menos por um tempo, que eles realmente tinham se casado? Eu pensei.

É uma das minhas lembranças preferidas da leitura do meu pai. Eu estava com pneumonia, lembra?, mas já me sentia um pouco melhor, e estava completamente envolvido com a história, e se existe alguma coisa que se sabe sobre histórias aos dez anos é que, não importa o que aconteça, o final será feliz. Podem fazer de tudo para assustá-lo, os autores, mas uma criança de dez anos não tem dúvida alguma *de*

que, no final, a justiça será feita. E Westley e Buttercup… bem, eles tinham suas diferenças, claro, mas se casariam e viveriam felizes para sempre. Eu teria apostado nisso toda a fortuna da família, se encontrasse alguém burro a ponto de me emprestar o dinheiro.

Bem, quando meu pai terminou a frase sobre o fato de o casamento ter sido encaixado entre a reunião dos ministros e a não sei o que lá financeira, eu disse:

— Você leu errado.

Meu pai era um barbeiro pequeno e careca — lembra-se disso também? E meio que analfabeto. Bem, não se desafia um cara que tem dificuldade com a leitura e diz que ele leu algo errado, porque é muito ofensivo.

— Sou eu que estou lendo — retrucou ele.

— Eu sei, pai, mas você leu errado. Ela não se casa com aquele lixo do Humperdinck. Ela se casa com Westley.

— Está escrito bem aqui — disse ele, um pouco sem paciência, e recomeçou a ler.

— Deve ter pulado uma página, então. Alguma coisa. Preste atenção.

A essa altura, ele estava um pouco mais do que irritado.

— Não pulei nada. Leio as palavras. As palavras estão aqui, eu as leio, boa noite — disse, e foi embora.

— Ei, por favor, não — chamei por ele, mas ele é teimoso, e, em seguida, minha mãe interferiu:

— Seu pai disse que a garganta dele está doendo. Falei para não ler tanto.

E ela me botou para dormir, e, por mais que eu resmungasse, estava acabado.

Só teria mais história no dia seguinte.

Passei a noite inteira achando que Buttercup tinha se casado com Humperdinck. Fiquei arrasado. Não sei como explicar, mas o mundo não funcionava daquele jeito. O bem era atraído pelo bem, o mal escorria pelo ralo e era isso. Mas aquele casamento… não *me descia. Nossa, como eu tentei, primeiro pensei que Buttercup teve um efeito fantástico em Humperdinck e o transformou em uma espécie de Westley, ou quem sabe Westley e Humperdinck eram irmãos separados no nascimento, e Humperdinck ficou tão feliz de ter o irmão de volta que disse: "Veja*

bem, Westley, não reparei quem você era quando me casei com ela, então vou me divorciar e vocês podem se casar e, assim, seremos todos felizes." Até hoje acho que nunca fui tão criativo.

Mas não adiantou. Havia algo errado e eu não podia deixar passar.

De repente, uma fagulha de insatisfação se acendeu dentro de mim, e ela cresceu tanto que incendiou tudo e deixou suas cinzas até hoje, enquanto escrevo esta frase.

Na noite seguinte, quando meu pai voltou a ler e descobri que o casamento tinha sido um sonho de Buttercup, gritei:

— Sabia! Sempre soube.

E meu pai disse:

— Então agora que você está feliz e que está tudo bem, podemos continuar, por favor?

E eu disse:

— Leia.

E ele leu.

Mas eu não estava feliz. Sim, acho que meus ouvidos estavam felizes, minha compreensão da história estava feliz, meu coração também, mas em minha... — acho que preciso chamar de "alma" — ... em minha alma havia aquela maldita insatisfação, me olhando com um ar de censura.

Nada daquilo fez sentido para mim antes de eu chegar à adolescência e conhecer uma mulher incrível que morava na minha cidade natal: Edith Neisser, que já morreu. Ela escreveu livros maravilhosos sobre como estragamos nossos filhos — Brothers and Sisters *era um desses livros,* The Eldest Child *era outro. Foram publicados pela Harper nos Estados Unidos. Edith não precisa da publicidade, uma vez que, como já disse, ela não está mais entre nós, mas se alguém estiver preocupado em talvez não ser um pai ou uma mãe perfeitos, leia um dos livros de Edith enquanto é tempo. Eu a conhecia porque o filho dela, Ed, cortava o cabelo com meu pai, e ela era escritora, e na adolescência eu já sabia secretamente que queria aquela vida para mim, só não podia dizer nada para ninguém. Era constrangedor demais — o filho do barbeiro, talvez com muito esforço, conseguiria ser um vendedor, mas*

escritor? Jamais. Não me pergunte como, mas em algum momento Edith descobriu minha shhhhh ambição, e dali em diante conversávamos às vezes. Lembro que estávamos tomando chá gelado na varanda dos Neisser e conversando, e logo na frente da varanda ficava a quadra de badminton deles, e eu estava olhando umas crianças jogando, e Ed tinha acabado de me massacrar, e quando deixei a quadra para ir à varanda, ele disse:

— Não se preocupe, vai dar tudo certo, você ganha a próxima.

Assenti, e Ed completou:

— E se isso não acontecer, você me vencerá em outra coisa.

Fui até a varanda, bebi chá gelado, e Edith não tirou os olhos do livro que estava lendo ao dizer:

— Isso não é necessariamente verdade, você sabe.

Perguntei:

— Como assim?

Ela largou o livro. E olhou para mim. E disse:

— A vida não é justa, *Bill. Nós dizemos aos nossos filhos o contrário, mas é uma coisa terrível de se fazer. Além de ser mentira, é uma mentira cruel. A vida não é justa, nunca foi e nunca será.*

Dá para acreditar que naquele instante, como em uma história em quadrinhos, uma lâmpada se acendeu acima da cabeça do Mandrake?

— Não é mesmo! — *falei, tão alto que ela ficou assustada.*

— Exato. Não é justa.

Fiquei tão feliz que, se eu soubesse dançar, teria feito alguns passos ali mesmo.

— Isso não é ótimo, não é incrível?

Acho que foi ali que Edith deve ter pensado que eu estava a ponto de ficar completamente maluco.

Mas foi muito importante ouvir aquilo em voz alta, livre e ressoando pelo ar — foi a insatisfação que eu suportei na noite em que meu pai parou de ler, percebi na hora. Era aquela a ligação que eu estava tentando fazer e não conseguia.

E acho que este livro é sobre isso. Todos aqueles especialistas da Universidade

Columbia podem dissertar o quanto quiserem sobre a deliciosa sátira; eles são doidos. Este livro diz que "a vida não é justa" e estou dizendo a você, de uma vez por todas, que é melhor acreditar. Eu tenho um filho gordo e mimado — ele não vai pegar a srta. Rheingold. E ele sempre será gordo, mesmo se ficar magro ainda será gordo, e ainda será mimado, e a vida nunca será suficiente para deixá-lo feliz, e talvez seja culpa minha — pode jogar a culpa de tudo em mim, se quiser —, a questão é que não fomos criados da mesma forma, pois a vida não é justa. Tenho uma esposa fria; ela é brilhante, interessante, incrível; não existe amor; e tudo bem, contanto que nenhum dos dois fique esperando que tudo mude entre nós antes da nossa morte.

Veja bem. (Adultos, pulem este parágrafo.) Não estou prestes a dizer que este livro tem um final trágico. Eu disse na primeira linha que era meu livro favorito do mundo, mas muitas coisas ruins estão prestes a acontecer; você já foi preparado para a tortura, mas há coisas piores. Tem morte pela frente, e é bom que saiba isto: pessoas erradas morrem. *Esteja preparado. Não estamos lendo* As aventuras do ursinho Pooh. *Ninguém me avisou e foi culpa minha (você saberá do que estou falando em breve), um erro todo meu, então não vou permitir que o mesmo aconteça com você. Algumas pessoas erradas morrem, e o motivo é que a vida não é justa. Esqueça todas as besteiras ditas por seus pais. Lembre-se de Morgenstern. Você será bem mais feliz.*

Muito bem. Já chega. Vamos seguir em frente. Hora do pesadelo.



NA NOITE SEGUINTE, ela sonhou que dava à luz seu primeiro filho, e que era uma menina, uma linda menininha, e que dizia:

— Sinto muito que não seja um menino, sei que você precisa de um herdeiro.

E Humperdinck respondia:

— Minha amada, não se preocupe. Veja a criança gloriosa que Deus nos deu.

Então ele saía e Buttercup segurava a criança em seu seio perfeito, e a criança dizia:

— Seu leite está azedo.

E Buttercup respondia:

— Ah, perdão.

E mudava a criança para o outro peito.

E o bebê dizia:

— Este também está azedo.

E Buttercup respondia:

— Não sei o que fazer.

E o bebê dizia:

— Você sempre sabe o que fazer, sempre sabe exatamente o que fazer, sempre faz exatamente o que é melhor para você, e o resto do mundo que se dane.

E Buttercup respondia:

— Está falando de Westley.

E o bebê dizia:

— Claro que estou falando de Westley.

E Buttercup explicava, pacientemente:

— Achei que ele tivesse morrido, entende? E dei minha palavra a seu pai.

E o bebê dizia:

— Agora estou morrendo; não há amor no seu leite, seu leite me matou.

Então a criança enrijecia, rachava e se transformava, ali nas mãos da mãe, em nada mais que poeira, e Buttercup gritava e gritava; mesmo já acordada, faltando cinquenta e nove dias para o casamento, ela continuava gritando.

O terceiro pesadelo aconteceu logo depois, na noite seguinte, e novamente com um bebê. Dessa vez era um filho, um menino forte e esplendoroso, e Humperdinck dizia:

— Amada, é um menino.

E Buttercup respondia:

— Não o decepcionei, graças aos céus.

Então ele saía e Buttercup pedia:

— Posso ver meu filho agora?

E todos os médicos se agitavam do lado de fora do quarto real, mas o menino não era levado para ela.

— O que há de errado? — gritava Buttercup.

E o médico dizia:

— Não consigo entender, ele não quer vê-la.

E Buttercup respondia:

— Diga que sou a rainha e a mãe dele e a rainha e que exijo sua presença.

Então ele vinha, o menino que qualquer mãe desejaria.

— Fechem a porta — pedia Buttercup, e os médicos fechavam a porta. O bebê ficava de pé no canto, o mais distante possível da cama. — Venha aqui, querido.

— Por quê? Vai me matar também?

— Sou sua mãe e amo você, agora venha aqui; nunca matei ninguém.

— Matou Westley, não viu o rosto dele no pântano de fogo? Quando você foi embora e o abandonou? Chamo isso de assassinato.

— Quando você for mais velho, entenderá as coisas. Agora, venha aqui. Não vou repetir.

— Assassina — gritava o bebê. — *Assassina!*

A essa altura, ela já estava de pé, segurando-o no colo e dizendo:

— Pare com isso, pare já com isso. Eu amo você.

E ele dizia:

— Seu amor é como veneno, ele mata. — E o menino morria nos braços de Buttercup, que começava a chorar.

Mesmo quando já estava acordada, faltando cinquenta e oito dias para o casamento, ela continuava gritando.

Na noite seguinte, ela simplesmente se recusou a dormir. Em vez disso, caminhou, leu, tricotou e bebeu xícaras e mais xícaras de chá das Índias.

Estava tomada pela exaustão, claro, mas sentia tanto medo de qual seria o sonho seguinte que preferiu um desconforto acordada a qualquer coisa que o sono pudesse lhe oferecer, e ao amanhecer a mãe dela estava grávida — não, mais do que grávida: estava parindo —, e parada ali no canto do quarto, Buttercup se viu nascendo e viu seu pai admirado por sua beleza, e a mãe também, e a parteira foi a primeira a demonstrar preocupação. A parteira era uma mulher doce, conhecida no vilarejo por seu amor aos bebês, e disse:

— Olhem… temos problemas…

E o pai perguntava:

— Que problema? Quando foi que viu tamanha beleza?

E a parteira dizia:

— Não entende por que lhe foi dada tamanha beleza? É porque não tem coração. Tome, escute; o bebê está vivo, mas sem batimentos cardíacos.

Ela colocava o peito de Buttercup próximo ao ouvido do pai, e ele apenas assentia e dizia:

— Precisamos encontrar um milagreiro que bote um coração nela.

Mas a parteira respondia:

— Isso seria errado, acredito. Já ouvi falar de criaturas sem coração, que, conforme crescem, ficam cada vez mais bonitas, mas por trás delas não há nada além de corpos partidos e almas destroçadas, e essas criaturas sem alma são portadoras de angústia. O meu conselho é que, como ainda são jovens, tenham outra criança, uma criança diferente, e se livrem desta agora mesmo, mas a decisão final é de vocês, claro.

E o pai perguntava para a mãe:

— E então?

E a mãe respondia:

— Já que a parteira é a pessoa mais gentil do vilarejo, ela deve saber reconhecer um monstro; então, vamos nessa.

Assim, os pais de Buttercup pegaram no pescoço do bebê, que começou a ficar sem ar. Mesmo quando Buttercup já estava acordada, ao nascer do sol,

faltando cinquenta e sete dias para o casamento, ela não conseguia recuperar o fôlego.

Dali em diante, os pesadelos se tornaram apavorantes demais.

Faltando cinquenta dias para o casamento, certa noite Buttercup bateu na porta das acomodações do príncipe Humperdinck.

— Vejo que há algo errado — disse ele. — Você está muito abatida.

E estava mesmo. Linda, claro. Mas nada bem.

Buttercup não sabia exatamente como começar.

Ele a acompanhou até uma cadeira. Pegou água para ela. Buttercup tomou um golinho, os olhos arregalados. Ele colocou o copo de lado.

— Quando quiser, princesa — disse ele.

— A verdade é a seguinte — começou Buttercup. — No pântano de fogo, cometi o pior erro da minha vida. Eu amo Westley. Sempre amei. E parece que sempre amarei. Eu não sabia disso quando você me procurou. Por favor, acredite no que vou dizer: quando me disse que eu deveria me casar com você ou encarar a morte, respondi: "Mate-me." E estava falando sério. E estou agora também: se disser que devo me casar com você daqui a cinquenta dias, estarei morta ao amanhecer.

O príncipe ficou literalmente paralisado.

Depois de um instante, ele se ajoelhou diante da cadeira de Buttercup e, com sua voz mais gentil, disse:

— Devo admitir que, quando ficamos noivos, não havia amor planejado. Foi uma escolha tão minha quanto sua, embora a ideia talvez tenha partido de você. Porém, estou certo de que notou, no último mês de festas e celebrações, uma atitude mais calorosa de minha parte.

— Notei. Você tem sido doce e nobre.

— Obrigado. Dito isso, espero que compreenda quão difícil será para mim dizer o seguinte: prefiro morrer a lhe causar infelicidade impedindo seu casamento com o homem que ama.

Buttercup quase quis chorar de gratidão.

— Agradecerei todos os dias por sua bondade. — Ela se levantou. — Estamos combinados, então. O casamento está cancelado.

Ele também se levantou.

— Com apenas uma ressalva.

— Que seria?

— Já cogitou que talvez ele não queira mais se casar com você?

Até aquele instante, não, ela não tinha cogitado.

— Detesto ter que lembrar, mas você não foi muito cuidadosa com os sentimentos dele no pântano de fogo. Perdão por dizê-lo, amada, mas você o abandonou, por assim dizer.

Buttercup desabou, e foi sua vez de ficar paralisada.

Humperdinck se ajoelhou ao lado dela.

— Esse seu Westley, o garoto marinheiro, ele é orgulhoso?

Buttercup apenas sussurrou:

— Mais do que qualquer outro homem vivo, penso às vezes.

— Bem, então considere o seguinte, minha amada: ele está lá, navegando com o Infame Pirata Roberts, depois de um mês sobrevivendo às cicatrizes emocionais deixadas por você. E se ele quiser continuar solteiro? Ou, pior, e se encontrou outra?

Buttercup havia perdido as forças até mesmo para sussurrar.

— Acredito, minha doce jovem, que devemos fazer um acordo, você e eu: se Westley ainda quiser se casar com você, darei minha bênção aos dois. Se, por motivos desagradáveis demais para serem mencionados, o orgulho dele não permitir isso, então se case comigo, como planejado, e seja a rainha de Florin.

— Ele não pode ter se casado. Sei que não. Não meu Westley. — Ela olhou para o príncipe. — Mas como vou descobrir?

— Que tal escrever uma carta a ele, contando tudo? Faremos quatro cópias. Selecionarei meus quatro navios mais velozes para levar cada uma delas, nas quatro direções. O Infame Pirata Roberts raramente está a mais de

um mês de distância de Florin. O navio que o encontrar erguerá a bandeira branca de trégua, entregará a carta, e Westley decidirá. Se disser "não", ele pode dar o recado a meu capitão. Se disser "sim", meu capitão navegará com ele até você, e eu terei que me contentar com uma noiva que não chega a seus pés.

— Acho… ainda não tenho *certeza*… mas certamente *acho* que essa é a decisão mais generosa que já vi alguém tomar.

— Faça-me um favor em troca, então. Até que saibamos as intenções de Westley, continuaremos como estamos, para que as celebrações não sejam interrompidas. E se eu parecer um tanto afetuoso com você, lembre-se de que não consigo me controlar.

— Combinado — disse Buttercup, indo até a porta, mas não sem antes beijá-lo no rosto.

Ele a seguiu.

— Agora vá e escreva sua carta.

Ele retribuiu o beijo e permaneceu com um olhar amável observando Buttercup sumir na curva do corredor.

Não havia sombra de dúvida na mente dele de que estaria amável demais nos dias seguintes. Porque, quando ela morresse assassinada na noite do casamento, era crucial que Florin inteira soubesse o tamanho do amor do noivo, o tamanho colossal da perda, para que ninguém ousasse hesitar quando o príncipe declarasse vingança contra Guilder.

No início, ao contratar o siciliano, estava convencido de que seria melhor que outra pessoa acabasse com ela, dando a entender que se tratava de uma obra dos soldados de Guilder. E quando o homem de preto de certa forma estragou seus planos, o príncipe quase enlouqueceu de fúria. No entanto, logo sua natureza quase sempre otimista se recuperou: tudo acabaria bem. O povo ficara ainda mais apaixonado por Buttercup depois do sequestro. E quando ele anunciasse que ela tinha sido assassinada — já imaginava a cena: chegaria tarde demais para salvá-la do estrangulamento, mas a tempo de ver os

soldados de Guilder saltando da janela do quarto —, quando fizesse o discurso no aniversário de quinhentos anos do país, bem, não haveria uma só pessoa sem lágrimas nos olhos naquela praça. E, embora estivesse apenas um pouco conturbado, uma vez que nunca tinha de fato matado uma mulher com as próprias mãos, havia uma primeira vez para tudo. Além do mais, quando se deseja algo bem-feito, é preciso fazê-lo por conta própria.

* * *

NAQUELA NOITE, COMEÇARAM a torturar Westley. O conde Rugen era quem botava a mão na massa; o príncipe apenas ficava sentado, fazendo perguntas em voz alta, mas admirando as habilidades de seu subordinado.

O conde de fato apreciava a dor. Os porquês por trás dos gritos o interessavam tanto quanto a angústia em si. E enquanto o príncipe havia passado a vida se entretendo com a tortura física de suas presas, o conde Rugen havia lido e estudado tudo que podia a respeito do tema "aflição".

— Muito bem — disse o príncipe para Westley, que estava deitado na imensa jaula do quinto andar —, antes de começar, quero que me responda: tem alguma reclamação sobre o tratamento recebido até agora?

— Nenhuma — respondeu Westley, e era verdade.

Ah, talvez ele preferisse ficar desacorrentado de vez em quando, mas, na condição de prisioneiro, não havia como exigir muito. A ajuda médica do albino tinha sido eficaz, e o ombro estava recuperado; a comida levada pelo albino era sempre recém-saída do forno e nutritiva, e o vinho e o conhaque todas as vezes o aqueciam deliciosamente em contraste com a umidade da jaula subterrânea.

— Está se sentindo disposto, então? — indagou o príncipe.

— Suponho que minhas pernas estejam um pouco atrofiadas por causa das correntes, mas, fora isso, sim.

— Que bom. Então, prometo o seguinte, tendo Deus como testemunha:

responda à próxima pergunta e eu o libertarei esta noite. Mas deve ser absolutamente sincero, sem esconder nada. Saberei se mentir. Nesse caso, deixarei o conde encarregado de você.

— Não tenho nada a esconder — disse Westley. — Pergunte à vontade.

— Quem o contratou para sequestrar a princesa? Foi alguém de Guilder. Encontramos um tecido no cavalo da princesa que indica isso. Diga o nome do sujeito e será libertado. Fale.

— Ninguém me contratou. Agi por conta própria. E não a sequestrei, eu a salvei de quem a estava sequestrando.

— Você parece um sujeito razoável, e minha princesa afirma conhecê-lo há muitos anos, então, por causa dela, lhe darei uma última chance: o nome do homem em Guilder que o contratou. Diga-me ou encare a tortura.

— Ninguém me contratou, juro.

O conde botou fogo nas mãos de Westley. Nada permanente ou incapacitante, apenas mergulhou as mãos do rapaz no óleo e aproximou a chama da vela o suficiente para a pele borbulhar um pouco. Quando Westley já tinha gritado "NINGUÉM… NINGUÉM… NINGUÉM… JURO PELA MINHA VIDA!" vezes o bastante, o conde mergulhou as mãos de Westley na água, e ele e o príncipe saíram pela passagem subterrânea, deixando a medicação a cargo do albino, que sempre estava por perto durante as sessões de tortura, mas nunca visível a ponto de causar alguma distração.

— Estou me sentindo bastante revigorado — comentou o conde, quando ele e o príncipe subiam a escada subterrânea. — É uma pergunta perfeita. Ele estava dizendo a verdade, é claro; nós dois sabemos disso.

O príncipe assentiu. O conde estava a par dos mínimos detalhes no planejamento da guerra de vingança.

— Estou muito ansioso para ver o que vai acontecer — falou o conde. — Qual dor será menos tolerada? A física ou a angústia psicológica de dizer a verdade em troca de liberdade e mesmo assim ser chamado de mentiroso?

— Acredito que a física — disse o príncipe.

— Acredito que esteja errado — respondeu o conde.

Na verdade, ambos estavam errados. Westley nada sofrera durante todo o processo. Os gritos não passavam de uma performance para agradá-los; ele vinha praticando suas defesas havia meses e estava mais do que preparado. No minuto em que o conde aproximou a vela, Westley se voltou para o teto, fechou os olhos e, em um estado de concentração profunda e inabalável, colocou o cérebro em transe. Pensava em Buttercup. Seu cabelo da cor do outono, a pele perfeita, e Westley a trouxe para muito perto, fez com que ela sussurrasse em seu ouvido enquanto o queimavam: "Eu te amo. Eu te amo. Abandonei você no pântano de fogo apenas para testar seu amor por mim. É tão grande quanto o meu por você? Podem dois sentimentos assim existirem no planeta ao mesmo tempo? Há espaço suficiente, meu amado Westley?…"

O albino fez os curativos nos dedos dele.

Westley permaneceu imóvel.

Pela primeira vez, o albino começava a dizer coisas. Sussurrou:

— É melhor dizer para eles.

Em resposta, Westley deu de ombros.

Num sussurro:

— Eles nunca param. Depois que começam, não há volta. Diga o que querem saber e se livre disso.

Westley deu de ombros.

Num sussurro:

— A Máquina está quase pronta. Estão fazendo testes com animais agora.

Westley deu de ombros.

Num sussurro:

— É para seu próprio bem que digo essas coisas.

— Meu próprio bem? Que bem? Eles vão me matar de qualquer jeito.

Em resposta, o albino assentiu.

* * *

O PRÍNCIPE DEU de cara com Buttercup esperando na porta dos aposentos dele, infeliz.

— É minha carta. Não consigo acertar.

— Entre, entre — disse o príncipe, gentilmente. — Quem sabe posso ajudá-la. — Ela se sentou na mesma cadeira de antes. — Muito bem, vou fechar os olhos e escutar. Leia para mim.

— "Westley, minha paixão, meu doce, meu ar, minha vida. Volte, volte. Caso contrário, eu me matarei. Atormentada e sua, Buttercup." — Ela olhou para Humperdinck. — E então? Acha que estou me humilhando?

— Parece, de fato, um tanto direta — admitiu o príncipe. — Não deixa muito espaço para resposta.

— Pode me ajudar a melhorar, por favor?

— Farei o possível, doce princesa, mas talvez ajude se eu souber um pouco mais sobre ele. Esse seu Westley é realmente tão maravilhoso quanto diz?

— Não só maravilhoso como perfeito. Eu diria até sem defeitos. De certa forma, magnífico. Sem máculas. Um tanto ideal. — Ela olhou para o príncipe. — Estou ajudando?

— Acho que os sentimentos estão anuviando um pouco sua objetividade. Você acredita mesmo que não há nada que o rapaz não possa fazer?

Buttercup refletiu um pouco.

— Não é que não exista nada que ele não consiga fazer, a questão é mais que ele faz tudo melhor do que qualquer outra pessoa.

O príncipe deu uma risadinha e sorriu.

— Em outras palavras, por exemplo, se ele quisesse caçar, ele seria melhor do que alguém... mais uma vez como mero exemplo, como eu?

— Ah, acredito que, se quisesse, ele poderia, com certa facilidade, mas acontece que ele não gosta de caçar, pelo menos até onde sei; talvez até goste, não sei. Nunca soube que ele tivesse interesse em alpinismo, mas escalou os Rochedos da Perdição nas condições mais adversas, e todos sabem que isso não é fácil.

— Bem, por que não começamos a carta com "Meu esplêndido Westley", apelando à modéstia dele? — sugeriu o príncipe.

Buttercup começou a escrever e parou.

— "Esplêndido" é com *s* ou *x*?

— Acredito que seja com *s*, criatura esplendorosa — respondeu o príncipe, sorrindo gentilmente enquanto Buttercup recomeçava a escrever.

Eles redigiram a carta em quatro horas, e muitas, muitas, muitas vezes ela disse:

— Jamais conseguiria fazer isso sem você. — E o príncipe, sempre modesto, perguntava coisas pessoais sobre Westley sempre que possível, com muita sutileza. Dessa forma, muito antes do amanhecer ela revelou a ele, sorrindo com a lembrança, que Westley tinha medo de carrapato-estrela.

E naquela noite, na jaula do quinto andar, o príncipe perguntou, como sempre fazia:

— Diga o nome do homem em Guilder que o contratou para sequestrar a princesa e prometo libertá-lo agora mesmo.

E, como sempre, Westley respondeu:

— Ninguém, ninguém. Eu agi sozinho.

E o conde, que havia passado o dia inteiro preparando os carrapatos, posicionou-os cuidadosamente na pele de Westley, que fechou os olhos, implorou e suplicou, e, depois de mais ou menos uma hora, o príncipe e o conde foram embora, deixando o albino encarregado de queimar os carrapatos e retirá-los da pele de Westley com cuidado, para que não o envenenassem. Subindo a escada, o príncipe comentou, apenas para jogar conversa fora:

— Bem melhor, não acha?

O conde, estranhamente, não disse nada.

Isso deixou Humperdinck um pouco irritado, porque, para ser sincero, a tortura nunca o interessara tanto assim, e ele preferia se livrar de Westley logo de uma vez.

Se Buttercup apenas admitisse que ele, Humperdinck, era o melhor entre

os dois…

Mas não! Jamais! Só falava de Westley, sem parar. Só perguntava sobre Westley, sem parar. Os dias se passavam, as semanas se passavam, as festas se passavam, e Florin inteira estava comovida pelo espetáculo do grande príncipe caçador enfim tão apaixonado, mas quando estavam sozinhos, ela só falava:

— Por onde andará Westley? Por que demora tanto? Como posso viver até a chegada dele?

Era enlouquecedor. Então, todas as noites, os desconfortos causados pelo conde, que faziam Westley se contorcer e se curvar, eram até bem satisfatórios. O príncipe aguentava assistir por mais ou menos uma hora; depois, ele e o conde iam embora, e o conde continuava estranhamente calado. E lá embaixo, cuidando dos ferimentos, o albino sussurrava:

— Diga a eles. *Por favor*. Eles só o farão sofrer mais.

Westley mal conseguia conter o sorriso.

Ele não sentira dor nenhuma, nem uma só vez, nadinha. Havia fechado os olhos e transportado o cérebro. Era esse o segredo. Bastava tirar o cérebro do presente e enviá-lo para um lugar em que pudesse contemplar uma pele de tom invernal… e deixar que se divertissem.

O momento da vingança de Westley chegaria.

Ele vivia naquele momento quase que inteiramente por Buttercup. No entanto, não tinha como negar que havia outra coisa que ele queria.

Seu tempo…

* * *

O PRÍNCIPE HUMPERDINCK simplesmente não tinha tempo. Parecia não existir uma só decisão em toda Florin que, de um jeito ou de outro, não recaísse sobre seus ombros. Não só estava prestes a se casar, como o país celebrava seu quinto centenário. Não bastava estar quebrando a cabeça em busca da melhor maneira de iniciar uma guerra, como também precisava da

constante aprovação de todos. Cada detalhe precisava ser acertado, e acertado da melhor maneira.

Seu pai não ajudava em nada e ainda se recusava a bater as botas ou a parar de balbuciar *(sim, sei que você achou que o pai dele estivesse morto, mas isso aconteceu na farsa, não se esqueça — Morgenstern estava apenas criando o cenário para a sequência de pesadelos, então não confunda)* e começar a falar coisa com coisa. A rainha Bella ficava ali vigiando tudo, traduzindo isso e aquilo, e o príncipe percebeu, com grande choque, que, faltando apenas doze dias para o casamento, havia esquecido de pôr em prática a parte mais importante de seu plano contra Guilder. Então, um dia, chamou Yellin para o castelo tarde da noite.

Yellin era o Comandante de Todas as Forças na Cidade de Florin, posto herdado do pai. (O albino cuidador do Zoológico era primo de primeiro grau de Yellin, e, juntos, eles formavam o único par de não nobres que tinha a mínima confiança do príncipe.)

— Vossa Alteza — disse Yellin.

Ele era pequeno mas habilidoso, com olhos rápidos e mãos escorregadias.

O príncipe Humperdinck, que estava sentado à sua mesa, se levantou, aproximou-se de Yellin e olhou atentamente ao redor antes de dizer, com calma:

— Ouvi, de fontes impecáveis, que muitos homens de Guilder começaram a se infiltrar em nosso Quarteirão dos Larápios ultimamente. Estão disfarçados de florinenses, e isso me preocupa.

— Não ouvi nada sobre o assunto — respondeu Yellin.

— Um príncipe tem espiões por toda parte.

— Compreendo. E acredita, uma vez que as provas indicam que já tentaram sequestrar sua noiva, que isso possa acontecer de novo?

— É uma possibilidade.

— Fecharei o Quarteirão dos Larápios, então — disse Yellin. — Ninguém entra nem sai.

— Não basta. Quero o Quarteirão dos Larápios esvaziado e cada bandido encarcerado até que eu esteja seguro em minha lua de mel. — Yellin não assentiu com a rapidez necessária, então o príncipe acrescentou: — Diga qual é o problema.

— Meus homens nem sempre ficam felizes com a ideia de adentrarem o Quarteirão. Muitos dos larápios resistem a mudanças.

— Crie uma tocaia. Forme um esquadrão de brutamontes, mas dê um jeito.

— Demora pelo menos uma semana para formar um esquadrão decente — disse Yellin. — Mas é suficiente.

Ele prestou reverência e se dirigiu à saída.

E foi quando os gritos começaram.

Yellin já tinha ouvido muitas coisas na vida, mas nada tão assustador quanto aquilo. Ele era um homem corajoso, mas aquele som o deixou apavorado. Não era humano, e ele nem imaginava que criatura tinha uma garganta capaz de produzir tal som. (Na verdade, era um cão-selvagem, no primeiro andar do Zoológico, e nenhum cão-selvagem havia ganido daquele jeito antes. Se bem que nenhum cão-selvagem tinha sido colocado na Máquina antes.)

O som ficou ainda mais angustiante e tomou o céu da noite, ultrapassando os limites do castelo, os muros e até a grande praça.

Simplesmente não parava. Ficava no ar, um lembrete sonoro da existência da agonia. Na grande praça, meia dúzia de crianças gritava em resposta para os céus, tentando abafar o som. Algumas choravam, outras apenas corriam para casa.

Até que começou a abrandar. Logo já quase não se ouvia mais nada na grande praça, e então sumiu. Depois foi sumindo nos limites dos muros do castelo até ficar inaudível ali também. Em seguida, o som foi morrendo nos arredores do primeiro andar do Zoológico da Morte, onde o conde Rugen estava testando algumas alavancas. O cão-selvagem morreu. O conde se

levantou, contendo o grito de triunfo.

Ele correu para os aposentos do príncipe. Yellin estava indo embora quando o conde encontrou Humperdinck à mesa e fez uma reverência à Sua Majestade:

— A Máquina — disse ele, enfim. — Funciona.

* * *

HUMPERDINCK DEMOROU UM tempo para responder. Era uma situação delicada, visto que ele era o chefe e o conde, um mero subalterno, mas cujas habilidades ninguém mais em Florin tinha. Na condição de inventor, Rugen tinha enfim consertado todos os defeitos da Máquina; na condição de arquiteto, fora crucial nas medidas de segurança que o Zoológico da Morte requeria, e sem dúvida tinha sido Rugen quem criara a única entrada que permitia a sobrevivência no quinto andar subterrâneo. Também apoiava o príncipe em todas as missões de caça ou batalhas, e não se dizia a um seguidor desse nível um rápido "Saia daqui, homem, está me incomodando". Então, o príncipe de fato levou um tempo.

— Escute, Ty. Fico bem feliz que tenha consertado os defeitos da Máquina; nunca duvidei, nem por um segundo, que você fosse conseguir. E estou muito ansioso para vê-la funcionando. Mas qual é o melhor modo de dizer isto? Não posso parar um segundo para respirar: não são apenas as festas e as frescuras com aquelazinha, preciso decidir quanto tempo vai durar o Desfile do Quinto Centenário e o local e o horário de partida, quais nobres marcharão na frente de quais nobres, para que todos ainda se falem no final do desfile, e ainda tenho uma esposa para assassinar e um país para culpar, sem contar a guerra que tenho que começar assim que essas coisas acontecerem, e preciso fazer isso sozinho. Assim, tudo se resume a uma questão: estou assoberbado, Ty. Então, que tal você se concentrar em Westley e ir me contando como andam as coisas? Quando eu tiver tempo, vou ver.

Tenho certeza de que estará simplesmente incrível, mas, por enquanto, gostaria mesmo de um pouco de espaço. Sem mágoas?

O conde Rugen sorriu.

— Nenhuma.

Nenhuma mesmo. Ele sempre se sentia melhor quando podia infligir dor sozinho. Era bem mais fácil se concentrar quando estava a sós com a agonia.

— Sabia que você entenderia, Ty.

Houve uma batida na porta. Era Buttercup.

— Alguma novidade? — perguntou ela.

O príncipe sorriu e balançou a cabeça, tristonho.

— Querida, prometi que lhe contaria no segundo em que ouvisse qualquer coisa.

— Mas faltam apenas doze dias.

— Há bastante tempo, minha doce amada, não se preocupe.

— Vou deixar que os dois conversem — disse Buttercup.

— Eu também já estava de saída — respondeu o conde. — Posso acompanhá-la até seus aposentos?

Buttercup assentiu, e seguiram pelos corredores até chegarem à suíte dela.

— Boa noite — disse Buttercup, rapidamente. Desde o dia em que ele fizera aquela primeira visita à fazenda do pai dela, ela sentia medo toda vez que o conde se aproximava.

— Tenho certeza de que ele virá — disse o conde; ele estava a par de todos os planos do príncipe, e Buttercup sabia bem disso. — Não conheço seu rapaz tão bem assim, mas ele me causou uma ótima impressão. Qualquer homem que consegue sair do pântano de fogo é capaz de chegar ao castelo de Florin antes do dia de seu casamento.

Buttercup assentiu.

— Ele me pareceu tão forte, tão poderoso — prosseguiu o conde, em tom gentil e acolhedor. — Só fiquei me perguntando se ele tinha uma sensibilidade real, tal qual alguns grandes homens, como sabe, não são

capazes de ter. Por exemplo, eu me pergunto: ele é capaz de derramar lágrimas?

— Westley jamais choraria — respondeu Buttercup, abrindo a porta do quarto. — A não ser pela morte de alguém que amasse.

E ela fechou a porta, largando o conde sozinho, depois foi até a cama e se ajoelhou. Westley, pensou. Venha, por favor; estou implorando a você em meus sonhos há semanas, e nenhuma notícia. Quando ainda estávamos na fazenda, achei que amasse, mas aquilo não era amor. Quando vi seu rosto coberto pela máscara no chão da ravina, achei que o amasse, porém, mais uma vez, aquilo não passava de uma paixão profunda. Amado, acho que agora o amo, e rezo para que me dê a chance de passar a vida provando isso a você. Eu poderia passar o resto de meus dias no pântano de fogo, cantando do amanhecer ao anoitecer, se você estivesse ao meu lado. Eu poderia passar a eternidade afundando na areia nevada se estivesse segurando sua mão. Se tivesse escolha, decidiria viver para sempre ao seu lado em uma nuvem, mas o inferno também seria pura diversão se estivesse comigo…

Ficou assim, em silêncio, por horas a fio; não fazia outra coisa nas últimas trinta e oito noites, e a cada noite seu ardor aumentava, os pensamentos tornando-se mais e mais puros. Westley. Westley. Westley. Voando pelos sete mares para reivindicá-la.

Westley, por sua vez, passava as noites quase do mesmo jeito. Depois da tortura, quando o albino terminava de cuidar dos cortes, queimaduras ou fraturas e ele se via sozinho na jaula enorme, Westley transportava seus pensamentos para Buttercup, e lá eles montavam acampamento.

Ele a entendia tão bem! Em sua mente, soube aquilo no instante em que a deixou na fazenda depois que ela jurou seu amor. Ela com certeza estava sendo sincera, mas tinha apenas dezoito anos. O que poderia saber sobre as profundezas do coração? Porém, quando ele tirou a máscara preta e ela se atirou em seus braços, houve um momento de surpresa, choque e emoção, tudo na mesma medida. Mas, assim como ele sabia que o sol era obrigado a se

levantar no leste todas as manhãs, mesmo que pudesse parecer imensamente tentador nascer no oeste, Westley sabia que Buttercup era obrigada a passar a vida amando-o. O ouro era convidativo, assim como a realeza, mas nada daquilo era páreo para a febre em seu coração, e mais cedo ou mais tarde ela teria essa febre. Tinha menos escolhas que o sol.

Então, quando o conde apareceu com a Máquina, Westley não ficou necessariamente abalado. Para dizer a verdade, não fazia ideia do que o conde trazia. Para dizer a verdade *de verdade*, o conde não trazia nada, era o albino quem carregava tudo, fazendo viagem após viagem buscando peças e mais peças.

Era o que pareciam aos olhos de Westley: coisas. Pequenos copos redondos de variados tamanhos, algo semelhante a uma roda e outro objeto que poderia ser uma manivela ou uma alavanca; era difícil dizer.

— Muito boa noite a você — saudou o conde.

Ele não tinha nunca, na memória de Westley, demonstrado tamanha empolgação. Sem nenhum entusiasmo, o rapaz assentiu em resposta. Na verdade, sentia-se perfeitamente bem, mas era melhor não espalhar aquela notícia.

— Está se sentindo um pouco indisposto? — perguntou o conde.

Westley repetiu o gesto.

O albino entrava e saía da jaula às pressas, trazendo mais coisas: extensões fibrosas e intermináveis, que pareciam de arame.

— É o suficiente — disse o conde, enfim.

O albino assentiu.

E se foi.

— Esta é a Máquina — anunciou o conde quando estavam sozinhos. — Levei onze anos para construí-la. Como pode ver, estou bastante animado e orgulhoso.

Westley conseguiu piscar, indicando que percebia.

— Levarei um tempo montando o aparato.

E, ao dizer isso, ele se ocupou.

Westley observou a construção com bastante interesse e, por motivos lógicos, curiosidade.

— Ouviu o grito hoje, um pouco mais cedo?

Outra piscadinha.

— Era um cão-selvagem. Foi a Máquina que causou o som.

O trabalho feito pelo conde era muito complexo, mas os seis dedos em sua mão direita não pareciam, nem por um segundo, duvidar do que precisava ser feito.

— Sou muito interessado em dor — disse o conde — e tenho certeza de que você captou isso nos últimos meses. De um jeito bastante intelectual, para falar a verdade. Escrevi, claro, para as publicações mais especializadas sobre o assunto. Alguns artigos. No momento, estou inclinado a escrever um livro. Meu livro. *O* livro, espero. A obra definitiva sobre dor, pelo menos como a conhecemos até o momento.

Westley achou a coisa toda fascinante. Soltou um pequeno gemido.

— Acredito que a dor seja a emoção mais subestimada a nosso dispor — disse o conde. — A Serpente, a meu ver, era a dor. A dor sempre esteve conosco, e fico irritado quando dizem "caso de vida ou morte", porque seria mais apropriado "caso de dor ou morte".

Em seguida, Rugen se calou e começou uma série de ajustes complexos.

— Uma das minhas teorias — prosseguiu ele, após um tempo — é a de que a dor tem a ver com expectativa. Não é muito original, admito, mas farei uma demonstração: não, ênfase no *não*, usarei a Máquina em você hoje. Eu poderia. Está pronta e foi testada. Apenas a deixarei montada ao seu lado, para que a encare pelas próximas vinte e quatro horas, perguntando-se o que é, como funciona e se é tão horrível quanto parece.

Ele apertou algumas coisas aqui, soltou outras ali, acomodou, empurrou e moldou.

A Máquina parecia tão boba que Westley se sentiu tentado a dar uma

risada. Em vez disso, gemeu mais uma vez.

— Deixarei você a sós com sua imaginação, então — disse o conde, e olhou para Westley. — Mas quero que saiba uma coisa antes, e digo com sinceridade: você é a criatura mais forte, brilhante, corajosa e equilibrada que já tive o privilégio de conhecer, e me sinto quase triste, em razão do meu livro e dos futuros estudiosos da dor, por ter que destruí-lo.

— Obri... gado — sussurrou Westley.

O conde foi até a porta da jaula.

— E pode parar com a encenação. Sei que não está nem cansado, nem abatido. Não me enganou nem por um mês. Está praticamente tão forte quanto no dia em que entrou no pântano de fogo. Conheço seu segredo, se lhe serve de consolo.

— Segredo? — Voz baixa, contida.

— *Você tem transportado seu cérebro para outro lugar!* — gritou o conde. — Não sentiu nem um pingo de desconforto todos esses meses. Vira o rosto para cima, fecha os olhos e vai embora, provavelmente com… não sei… ela, é bem possível. Agora, boa noite. Tente dormir. Duvido que consiga. Expectativa, lembra?

Com um aceno, ele subiu as escadas subterrâneas.

Westley sentiu a pressão repentina no coração.

Logo o albino chegou e se abaixou ao ouvido de Westley, sussurrando:

— Tenho observado você durante todo esse tempo. Merece algo melhor do que o que está por vir. Sou necessário. Ninguém alimenta tão bem as criaturas quanto eu. Estou seguro. Eles não me machucarão. Posso matá-lo, se quiser. Isso os frustraria. Tenho um bom veneno. Imploro a você. Vi a Máquina funcionando. Estava lá vendo o cão-selvagem gritar. Por favor, permita-me matá-lo. Você me agradecerá, prometo.

— Preciso viver.

Sussurrando:

— Mas…

Interrupção:

— Eles não me pegarão. Estou bem. Está tudo bem. Estou vivo e assim ficarei.

Ele disse aquelas palavras em voz alta e com paixão. Mas, pela primeira vez em muito tempo, havia certo medo…

* * *

— E ENTÃO, CONSEGUIU dormir? — perguntou o conde na noite seguinte, ao chegar à jaula.

— Para falar a verdade, não — respondeu Westley, normalmente.

— Fico feliz que esteja sendo sincero comigo. Serei sincero com você, chega de farsa entre nós — disse o conde, acomodando uma série de cadernos, canetas-tinteiro e potes de tinta. — Preciso registrar suas reações com cuidado.

— Em nome da ciência?

O conde assentiu.

— Se meus experimentos forem válidos, meu nome viverá muito além do meu corpo. A imortalidade é o que procuro, para ser sincero. — Ele ajustou algumas alavancas na Máquina. — Imagino que esteja curioso para saber como isto funciona.

— Passei a noite ponderando e sei tanto quanto antes. Parece um grande conglomerado de copos com bordas macias de uma infinita variedade de tamanhos, com uma roda, um indicador e uma manivela, e o que isso tudo faz está além da minha compreensão.

— E cola — acrescentou o conde, apontando para um pequeno tubo de material duro. — Para manter os copos presos. — E, assim, ele começou os trabalhos, pegando copo após copo, passando cola nas bordas macias e colocando na pele de Westley. — No fim, terei que pôr um em sua língua — disse o conde —, mas deixarei isso por último, caso tenha dúvidas.

— Não é a coisa mais fácil de se montar, hein?

— Corrigirei esse detalhe nos modelos futuros — respondeu o conde. — Pelo menos, é o plano atual. — E ele prosseguiu, instalando copo após copo na pele de Westley até que cada centímetro do corpo dele estivesse coberto. — Chegamos ao fim da parte externa — explicou o conde. — A próxima etapa é um pouco mais delicada, então tente não se mexer.

— Estou acorrentado pelas mãos, pela cabeça e pelos pés. Como acha que conseguirei me mexer?

— É realmente tão corajoso quanto parece ou está um pouco assustado? A verdade, por favor. Lembre-se de que isso servirá para a posteridade.

— Estou um pouco assustado — respondeu Westley.

O conde anotou aquilo, assim como a hora. Depois, começou as minúcias do trabalho, e logo havia copos minúsculos dentro das narinas de Westley, nos ouvidos, sob as pálpebras, em cima e embaixo da língua. Por fim, diante do conde, lá estava Westley coberto por dentro e por fora com aquelas coisas.

— Agora, tudo que preciso fazer — disse o conde, bem alto, torcendo para que Westley o escutasse — é botar a roda para girar na velocidade mais alta, de modo que eu tenha potência suficiente para operá-la. O nivelador varia de um a vinte. Como esta será a primeira vez, deixarei no nível mais baixo, que é um. E depois preciso apenas empurrar a manivela e estaremos, se eu não tiver estragado tudo, a todo vapor.

Entretanto, conforme a manivela era girada, Westley levou o cérebro para outro lugar, longe dali, e, quando a Máquina começou, ele estava acariciando o cabelo da cor de outono e tocando a pele invernal de Buttercup, e... e... então seu mundo explodiu, porque os copos, os copos estavam por toda parte, e antes eles haviam punido seu corpo, mas deixado seu cérebro intacto, mas a Máquina não; a Máquina alcançava tudo — ele perdeu o controle dos olhos, e os ouvidos não conseguiam ouvir o sussurrar gentil de amor dela, e seu cérebro escapou para longe do amor, na direção do desespero profundo. Com uma forte pancada, caiu mais uma vez nas profundezas da casa da agonia, no

país da dor. Por dentro e por fora, o mundo de Westley estava sendo destruído e não havia nada que ele pudesse fazer a não ser se destruir junto.

Então o conde desligou a Máquina e, ao pegar os cadernos, disse:

— Como você deve saber, o conceito de bomba de sucção existe há séculos… Bem, basicamente, é isso, só que, em vez de água, estou sugando vida. Acabei de sugar um ano da sua vida. Mais tarde, aumentarei o nível para pelo menos dois ou três, quem sabe cinco. Em teoria, o nível cinco deve ser cinco vezes mais intenso do que o que acabou de suportar, então, por favor, seja preciso nas respostas. Diga-me, como está se sentindo?

Humilhado, dolorido, frustrado, com raiva e angústia tão grandes que chegavam a dar vertigem, Westley chorou feito um bebê.

— Interessante — disse o conde, e anotou tudo em detalhes.

* * *

YELLIN LEVOU UMA semana para reunir uma tropa razoável, com força adequada. Faltando cinco dias para o casamento, ele se posicionou à frente de seu batalhão, aguardando o discurso do príncipe. Isso aconteceu no jardim do castelo, e quando o príncipe apareceu, o conde estava, como sempre, ao seu lado, embora, como nem sempre, parecesse preocupado. Claro que não só parecia como estava mesmo, embora Yellin não tivesse a menor condição de saber disso. O conde havia sugado dez anos da vida de Westley na última semana, e, como a expectativa de vida dos florinenses era de sessenta e cinco anos, restavam à vítima mais ou menos trinta anos, deduzindo-se que ele tivesse por volta de vinte e cinco anos quando começaram o experimento. No entanto, qual seria o melhor modo de compartilhar aquilo? O conde estava em um dilema. Tantas possibilidades... Qual delas se provaria a mais interessante em nível científico? Ele suspirou; a vida nunca era fácil.

— Vocês estão aqui — começou o príncipe — porque talvez exista mais uma conspiração contra minha amada. Cada um de vocês está encarregado de

ser protetor pessoal dela. Quero o Quarteirão dos Larápios vazio e todos os seus habitantes presos vinte e quatro horas antes do meu casamento. Somente então ficarei tranquilo. Senhores, imploro: pensem nesta missão como um assunto afetivo, e sei que não falharão.

Dito isso, ele deu meia-volta e, seguido pelo conde, saiu apressado do jardim, deixando Yellin no comando.

A tomada do Quarteirão dos Larápios começou de imediato. Yellin trabalhou pesado e sem descanso todos os dias, mas aquele lugar tinha dois quilômetros quadrados, então havia muito a ser feito. A maioria dos criminosos já tinha passado por situações injustas e ilegais, por isso ofereceram pouca resistência. Sabiam que as cadeias não tinham celas suficientes para todos, então, se o resultado fosse alguns dias na prisão, que diferença faria?

Havia, no entanto, um segundo grupo de criminosos, aqueles que percebiam que a captura significava, por causa de diversas atuações anteriores, a morte, e esses, sem exceção, resistiam. Mas, de forma geral, e em seu devido tempo, Yellin, com seu forte comando do Esquadrão de Brutamontes, conseguiu controlar aqueles sujeitos maus.

Ainda assim, trinta e seis horas antes do casamento crepuscular, havia meia dúzia de resistentes no Quarteirão dos Larápios. Yellin acordou com o nascer do sol e, cansado e confuso — nenhum dos criminosos capturados parecia ter vindo de Guilder —, reuniu a nata do Esquadrão de Brutamontes e os guiou até o Quarteirão dos Larápios para o que deveria ser a incursão derradeira.

Yellin foi direto para a taberna Falkbridge, enviando todos os brutamontes em diversas missões, exceto dois soldados, um escandaloso e um calado, mantidos para suprir seus objetivos pessoais. Ele bateu à porta de Falkbridge e esperou. Falkbridge era, sem dúvida, o homem mais poderoso do Quarteirão dos Larápios. Aparentemente, era dono de quase metade do lugar e não havia crime de nenhuma instância que não o envolvesse. Sempre escapava da prisão, e todos, com exceção de Yellin, achavam que Falkbridge subornava alguém.

Yellin *tinha certeza* de que ele subornava alguém, já que uma vez por mês, fizesse chuva ou sol, Falkbridge aparecia na casa de Yellin e dava a ele uma bolsa cheia de dinheiro.

— Quem é? — gritou Falkbridge de dentro da taberna.

— O Comandante de Todas as Forças Armadas da Cidade de Florin, acompanhado de soldados — respondeu Yellin.

Inteireza era uma de suas virtudes.

— Ah. — Falkbridge abriu a porta. O que tinha de poderoso tinha de pouco imponente, pois era baixinho e gorducho. — Entre.

Yellin entrou, deixando os dois soldados à porta.

— Apronte-se e seja rápido — ordenou Yellin.

— Ei, Yellin, sou eu — disse Falkbridge, baixinho.

— Eu sei, eu sei — respondeu Yellin, também em voz baixa. — Mas, por favor, colabore comigo e se apronte.

— Finja que me aprontei. Ficarei na taberna, prometo. Tenho comida suficiente. Ninguém vai saber.

— O príncipe é impiedoso. Se eu deixar você ficar e descobrirem, será meu fim.

— Eu lhe pago há vinte anos para ficar fora da cadeia. Você é um homem rico só para que eu não tenha que ir para a cadeia. Qual é a lógica em pagá-lo se não tenho vantagem alguma?

— Eu o recompensarei. Arrumarei a melhor cela da Cidade de Florin. Não confia em mim?

— Como posso confiar em um homem que há vinte anos é pago para me manter longe da cadeia e de repente, sob o mínimo de pressão, diz "vá para a cadeia"? Não vou.

— Você! — Yellin sinalizou para o brutamontes escandaloso.

O brutamontes começou a correr.

— Bote este homem na carroça agora mesmo! — ordenou Yellin.

Falkbridge começava a explicar quando o escandaloso o golpeou no

pescoço.

— Não tão forte! — gritou Yellin.

O escandaloso levantou Falkbridge e tentou limpar as roupas dele.

— Ele está vivo? — perguntou Yellin.

— Veja, não sabia se o senhor queria que ele estivesse respirando na carroça. Achei que queria apenas que ele fosse levado, respirando ou não, então…

— Basta — interrompeu Yellin, e, consternado, saiu correndo da taberna enquanto o escandaloso carregava Falkbridge. — Temos todos, então? — perguntou, ao ver diversos de seus soldados deixando o Quarteirão dos Larápios levando inúmeras carroças.

— Acredito que ainda falte o espadachim com o conhaque — respondeu o escandaloso. — Veja, tentaram pegá-lo ontem, mas…

— Não tenho tempo para bêbados. Sou um homem importante. Levem-no daqui agora, os dois. Peguem a carroça e sejam rápidos! O quarteirão precisa estar bloqueado e deserto até o pôr do sol, senão o príncipe ficará irritado comigo, e não gosto muito quando o príncipe fica irritado comigo.

— Estamos indo, estamos indo — respondeu o escandaloso, e saiu apressado, deixando o calado encarregado de levar a carroça com Falkbridge. — Tentaram pegar o espadachim ontem, alguns dos soldados comuns, mas parece que ele tem certas habilidades com a espada que os deixaram ressabiados, mas acho que tenho um truque que pode funcionar.

O calado seguia apressado logo atrás, arrastando a carroça. Eles viraram a esquina, e logo se ouvia um resmungo bêbado cada vez mais alto.

— Estou ficando entediado, Vizzini! — exclamou uma voz fora do campo de visão deles. — Três meses é muito tempo de espera, ainda mais para um hispânico impetuoso. — Em seguida, bem mais alto: — *Sou muito impetuoso, Vizzini, e você não passa de um siciliano atrasado*. Se não chegar em noventa dias, pode me esquecer. Ouviu? *Me esqueça!* — Então, bem mais baixo: — Não quis dizer isso, Vizzini. Amo muito meu degrau imundo, leve o tempo

que precisar…

O soldado escandaloso diminuiu o passo.

— Esse papo dura o dia inteiro, ignore e deixe a carroça escondida.

O calado empurrou a carroça quase até a esquina.

— Cuide da carroça — pediu o escandaloso, e depois sussurrou: — Lá vem meu truque. — E, assim, ele virou a esquina sozinho e encarou o sujeito magrelo agarrado à garrafa de conhaque no degrau. — Olá, amigo.

— Não vou me mexer, poupe seu "olá, amigo" — disse o bebedor de conhaque.

— Escute-me, por favor. Fui enviado pelo príncipe Humperdinck em pessoa, e ele precisa de entretenimento. Amanhã é a comemoração do quinto centenário do país, e, nessa ocasião, os melhores malabaristas, espadachins e artistas vão participar de um concurso. A dupla mais talentosa competirá na presença dos noivos. Agora, o motivo pelo qual estou aqui: ontem, alguns amigos meus tentaram enxotá-lo e disseram que você resistiu demonstrando um excelente manuseio da espada. Então, se quiser, eu o levarei sem demora, mediante grande sacrifício pessoal, à competição de esgrima, na qual, se for tão bom quanto me disseram, talvez consiga a honra de entreter o casal real amanhã. Acha que consegue vencer?

— De olhos fechados.

— Então, corra enquanto ainda há tempo.

O hispânico conseguiu ficar de pé. Sacou a espada e riscou o ar.

O escandaloso deu alguns passos rápidos para trás e disse:

— Não há tempo a perder, venha logo.

O bêbado começou a gritar:

— Estou… esperando… Vizzini…

— *Vizinho*.

— Não… sou… mau, estou… sigo… ordens…

— *Mordem*.

— Não sou... mau… não. Estou… — E se calou por um momento

enquanto estreitava os olhos. Depois, em voz baixa, perguntou: — Fezzik?

Atrás do escandaloso, o calado disse:

— Ik... ik... — Não encontrava uma rima.

Inigo deu um passo para longe de seu degrau, tentando desesperadamente focar o olhar para além do conhaque.

— "Ik Ik"? Está fora de si?

O calado falou:

— *Frenesi*.

Inigo soltou um grito e começou a cambalear.

— *Fezzik, é você!*

— SIM!

O gigante estendeu os braços, agarrou Inigo e o recolocou de pé.

— Segure-o desse jeito — disse o brutamontes escandaloso, e se moveu rápido, braço direito levantado, como tinha feito com Falkbridge.

P
O
W
!!!

Fezzik jogou o bruto escandaloso ao lado de Falkbridge na carroça, cobriu os dois com uma manta imunda e correu de volta até Inigo, que havia ficado recostado em um prédio.

— É tão bom ver você! — exclamou Fezzik.

— Ah, é, sim… é… sim, mas… — A voz de Inigo ficava cada vez mais baixa. — Estou fraco demais para surpresas. — Foram as últimas palavras que ele conseguiu balbuciar antes de desabar de cansaço, conhaque, fome, falta de sono e muitas outras coisas, nenhuma delas saudável.

Fezzik o levantou com um braço, pegou a carroça com o outro e correu de volta para a casa de Falkbridge. Levou Inigo para dentro, acomodou-o no andar de cima, na cama de plumas de Falkbridge, e então correu até a entrada do Quarteirão dos Larápios, arrastando a carroça. Ele verificou se a coberta

suja cobria ambas as vítimas e, na entrada, o Esquadrão de Brutamontes fez uma contagem de pares de botas daqueles que haviam sido removidos. O total fechava a conta, e, às onze da manhã, o imenso Quarteirão dos Larápios estava oficialmente vazio e com os muros trancados.

Liberado do serviço, Fezzik seguiu o muro até um local silencioso e esperou. Estava sozinho. Muros nunca tinham sido um problema para ele, contanto que seus braços funcionassem. Escalou a parede, correndo de volta para a casa de Falkbridge pelas ruas silenciosas. Fez um pouco de chá, levou até o segundo andar, forçou Inigo a beber. Em poucos instantes, Inigo recuperava as forças.

— É tão bom ver você! — repetiu Fezzik.

— Ah, é, sim, é, sim, e perdão por ter desmaiado, mas não fiz nada além de esperar por Vizzini e beber conhaque nos últimos noventa dias, e a surpresa em vê-lo, sabe, foi demais para mim e meu estômago vazio. Mas estou bem agora.

— Que bom — disse Fezzik. — Vizzini está morto.

— Está, é? Morto… Vizzi… — E desmaiou de novo.

Fezzik começou a se culpar.

— Ah, seu burro, se existe um jeito certo e um errado, pode ter certeza de que encontrará o mais burro; maldição, maldição, de volta ao início da missão.

Fezzik se sentiu então muito idiota, porque, depois de meses de esquecimento, agora que não precisava mais, ele lembrou. Desceu correndo a escada, fez mais um pouco de chá e levou alguns biscoitos com mel para alimentar Inigo de novo.

Quando Inigo abriu os olhos, Fezzik disse:

— Descanse.

— Obrigado, meu amigo. Já chega de desmaiar.

Então fechou os olhos e dormiu por uma hora.

Fezzik foi para a cozinha. Não sabia muito bem como preparar uma

refeição de verdade, mas sabia esquentar e esfriar e sabia identificar se uma carne estava podre ou não pelo cheiro, então não era uma tarefa muito difícil fazer algo ligeiramente parecido com um bife e outra coisa que podia ser uma batata.

O cheiro inesperado de comida quente acordou Inigo, que ficou deitado na cama, comendo cada pedaço do que Fezzik lhe dava.

— Não tinha me dado conta de que meu estado era tão ruim — disse Inigo, mastigando.

— Shhh, vai ficar tudo bem agora — tranquilizou-o Fezzik, cortando mais um pedaço de carne e levando à boca do amigo.

Inigo mastigava com cuidado.

— Primeiro, você aparece do nada. Depois, essa história do Vizzini. Foi demais para mim.

— Teria sido demais para qualquer um, então descanse.

Fezzik começou a cortar mais um pedaço de carne.

— Estou me sentindo um bebê, tão impotente — disse Inigo, aceitando mais uma garfada e mastigando.

— Ao entardecer, estará mais forte que nunca — prometeu Fezzik, separando mais um pedaço de carne. — O homem de seis dedos se chama conde Rugen e está na Cidade de Florin neste momento.

— Interessante — disse Inigo, antes de desmaiar de novo.

Fezzik ficou parado diante do corpo imóvel.

— É *tão* bom ver você — disse ele —, e faz tanto tempo, que tenho muitas novidades.

Inigo continuava deitado ali.

Fezzik correu até a banheira de Falkbridge, tampou o ralo e, depois de muito esforço, conseguiu enchê-la com água escaldante. Então, mergulhou Inigo nela, segurando-o com uma das mãos e tapando-lhe a boca com a outra. Quando o hispânico começou a transpirar conhaque, Fezzik esvaziou a banheira, voltou a enchê-la, dessa vez com água gelada, e afundou Inigo, e

quando a água começou a esquentar um pouco, ele encheu a banheira com água escaldante. Lá estava Inigo de volta, realmente exalando conhaque pelos poros, e isso se repetiu, hora após hora, do quente para o gelado para o escaldante, e depois um pouco de chá e umas torradas, e depois escaldante mais uma vez, e gelado de novo, e depois uma soneca, e depois mais torrada e menos chá, em seguida o banho escaldante mais longo até então e, dessa vez, não restava mais muito conhaque dentro dele, e um último banho gelado, e então duas horas de sono até o meio da tarde, quando se sentaram na cozinha de Falkbridge e enfim, pela primeira vez em noventa dias, os olhos de Inigo estavam quase vivos. As mãos tremiam, mas não de forma notável, e quem sabe o Inigo anterior ao conhaque teria vencido esse sujeito em uma hora de pura esgrima. Mas não muitos outros mestres no mundo teriam sobrevivido a cinco minutos.

— Diga-me de forma breve: enquanto esperei aqui com o conhaque, por onde você andou?

— Bem, passei um tempo em um vilarejo de pesca e depois andei por aí, até que, algumas semanas atrás, me vi em Guilder, e diziam por lá que haveria um casamento e talvez uma guerra, e me lembrei de Buttercup, de quando a carreguei na subida dos Rochedos da Perdição. Ela era tão bonita e delicada, e nunca estive tão perto de um perfume como daquela vez, e pensei que talvez fosse bom acompanhar as celebrações do casamento dela, então vim até aqui, mas já não tinha dinheiro, e estavam formando um esquadrão de brutamontes e precisavam de um gigante. Eu me candidatei, e me bateram com bastões para ver até onde ia minha força, e ficaram satisfeitos com o resultado, porque todos os bastões quebraram. Estou há uma semana no Primeiro Esquadrão de Brutamontes. Pagam muito bem.

Inigo assentiu.

— Muito bem, de novo, e dessa vez, *por favor*, seja breve, desde o início: o homem de preto. Ele passou por você?

— Sim. E de modo justo. Força contra força. Eu estava muito lento e fora

de forma.

— Então foi ele quem matou Vizzini?

— Acredito que sim.

— Ele usou a espada ou a força?

Fezzik tentou lembrar.

— Não havia nenhum ferimento de espada e Vizzini não parecia ter ossos quebrados. Havia apenas dois cálices e Vizzini morto. Desconfio de que tenha sido veneno.

— Por que Vizzini tomaria veneno?

Fezzik não fazia ideia.

— Mas ele estava morto com certeza?

Fezzik tinha certeza.

Inigo começou a andar de um lado para o outro na cozinha, com movimentos rápidos e aguçados, como eram seus movimentos anteriores.

— Muito bem, Vizzini morreu, já chega disso. Conte-me, *de forma breve*, onde está esse Rugen de seis dedos, para que eu possa matá-lo.

— Isso talvez não seja tão fácil, Inigo, porque o conde está com o príncipe, e o príncipe está no castelo, e não vai sair de lá antes do casamento, pois teme um ataque surpresa da parte de Guilder, e todas as entradas, com exceção da principal, estão fechadas por segurança, e os portões principais estão sendo vigiados por vinte homens.

— Humm — disse Inigo, aumentando o passo. — Se você enfrentasse cinco deles, e eu, outros cinco, teríamos dez eliminados, o que seria ruim porque sobrariam dez, que nos matariam. *Mas*… — ele acelerou ainda mais o passo — se você eliminasse seis, e eu, oito, teríamos catorze derrotados, o que não seria tão ruim, mas ainda assim seria ruim, uma vez que os seis restantes nos matariam — falou, e virou-se para Fezzik. — Quantos você aguentaria?

— Bem, alguns deles são do Esquadrão de Brutamontes, então acho que não mais que oito.

— O que me deixaria com doze, o que não é impossível, mas não é a

melhor forma de voltar à ativa depois de três meses bebendo conhaque.

E, de repente, Inigo se curvou, e seus olhos, tão vivos no segundo anterior, ficaram úmidos.

— O que aconteceu? — clamou Fezzik.

— Ah, meu amigo, meu amigo, preciso de Vizzini. Não sou um planejador. Eu obedeço. Diga-me o que fazer e nenhum homem vivo fará melhor. Mas minha mente é como um vinho bom: desnorteia. Vou de pensamento em pensamento, mas sem lógica, esqueço as coisas. Fezzik, me ajude: o que devo fazer?

Naquele momento, Fezzik também queria chorar.

— Sou o sujeito mais burro que já existiu, você sabe disso. Não lembrei que precisava voltar aqui, mesmo com aquela linda rima que fez para mim.

— Preciso de Vizzini.

— Mas ele morreu.

Então Inigo se pôs de pé mais uma vez, zunindo pela cozinha, e pela primeira vez estalava os dedos de tanta empolgação.

— Não preciso de Vizzini. Preciso do mestre dele. *Preciso do homem de preto!* Olhe só, ele me venceu na espada, minha maior habilidade. Ele venceu você na força, sua maior habilidade. Ele deve ter raciocinado melhor que Vizzini e me dirá como entrar no castelo e matar a besta de seis dedos. Se você tiver a mínima ideia de onde está o homem de preto neste instante, diga, *rapidamente*, a resposta.

— Ele está navegando pelos setes mares com o Infame Pirata Roberts.

— Por que ele faria isso?

— Porque ele é um marinheiro do Infame Pirata Roberts.

— Um marinheiro? *Um marinheiro qualquer?* Um marinheiro medíocre derrota Inigo Montoya com a espada? In-con-ce-bí-vel. Ele deve *ser* o Infame Pirata Roberts. Do contrário, nada faz sentido.

— Bem, ele está em alto-mar. O conde Rugen disse isso e o príncipe deu a ordem em pessoa. O príncipe não quer nenhum pirata por perto, com todos

os problemas que ele anda enfrentando com Guilder… lembre-se, eles sequestraram a princesa uma vez, talvez tentem…

— Fezzik, *nós* sequestramos a princesa uma vez. A memória nunca foi seu forte, mas até você deveria lembrar que *nós* colocamos as peças do uniforme de Guilder sob a sela da princesa. Vizzini fez isso seguindo ordens. Alguém queria que Guilder levasse a culpa, e quem senão um nobre para querer isso? E que nobre iria querer isso mais do que o príncipe belicoso em pessoa? Nunca soubemos quem contratou Vizzini. Aposto que foi Humperdinck. E quanto à palavra do conde sobre o paradeiro do homem de preto, uma vez que é o mesmo homem que assassinou meu pai, podemos ter certeza de que se trata de um sujeito maravilhoso. — Ele correu para a porta. — Venha. Temos muito a fazer.

Fezzik seguiu Inigo pelas ruas escuras do Quarteirão dos Larápios.

— Vai me explicar as coisas pelo caminho? — perguntou Fezzik.

— Explicarei agora…

Seu corpo esguio feito uma lâmina cortava as ruas silenciosas, e Fezzik corria ao seu lado.

— … (1) Preciso encontrar o conde Rugen para vingar a morte de meu pai; (2) não tenho um plano para chegar ao conde Rugen; (c) Vizzini poderia ter planejado isso para mim, mas (c2) Vizzini não está disponível; no entanto, (4) o homem de preto fez um plano melhor que o de Vizzini, portanto, (5) o homem de preto pode me levar ao conde Rugen.

— Mas eu já disse, o príncipe Humperdinck, depois de capturá-lo, deu ordens em voz bem alta para que o homem de preto fosse levado de volta ao navio. Todos em Florin sabem disso.

— (1) O príncipe Humperdinck tinha planos de matar a própria noiva e nos contratou para fazer isso, mas (2) o homem de preto estragou os planos do príncipe; no entanto, de algum jeito, (3) o príncipe conseguiu capturar o homem de preto, e, como todos em Florin também sabem, Humperdinck tem um temperamento terrível, logo, (4) para um homem de temperamento

terrível, o que poderia ser mais divertido do que descontar esse temperamento no mesmo sujeito que lhe estragou os planos de matar a noiva?

Eles agora haviam chegado ao muro do Quarteirão dos Larápios. Inigo subiu nos ombros de Fezzik, que começou a escalar.

— Conclusão (1) — continuou Inigo, sem pestanejar —: uma vez que o príncipe está na Cidade de Florin descontando seu temperamento terrível no homem de preto, o homem de preto também deve estar na Cidade de Florin. Conclusão (2): o homem de preto não deve estar muito feliz com sua situação atual. Conclusão (3): estou na Cidade de Florin e preciso de alguém que planeje minha vingança, enquanto ele está na Cidade de Florin e precisa de alguém que o resgate, e quando as pessoas precisam umas das outras, conclusão (4 e última): acordos são feitos.

Fezzik alcançou o alto do muro e começou a descer com cuidado do outro lado.

— Entendi tudo — disse ele.

— Você não entendeu nada, mas não importa, porque está querendo dizer que está feliz em me ver, assim como estou feliz em ver você, porque não ficaremos mais solitários.

— Foi o que eu quis dizer.

* * *

NO CAIR DA noite, eles começaram a busca às cegas por toda Florin. Noite, um dia antes do casamento. O conde Rugen estava prestes a começar seus experimentos noturnos daquele dia, reunindo os cadernos, carregando todos os aparatos necessários. Cinco andares abaixo do solo, atrás dos altos muros do castelo, trancado, acorrentado e silencioso, Westley esperava ao lado da Máquina. De certo modo, ainda parecia o mesmo, mas obviamente tinha sido destruído. Vinte anos de sua vida tinham sido sugados. Restavam-lhe vinte anos. A dor servia como aviso. Logo o conde chegaria mais uma vez. Contra

qualquer desejo que lhe restava, Westley continuou chorando.

* * *

NO CAIR DA noite, Buttercup foi ver o príncipe. Bateu com força à porta, esperou, bateu mais uma vez. Ouvia-o gritando lá dentro, e se não fosse tão importante, jamais teria batido uma terceira vez, mas o fez, e a porta se abriu de repente, e o olhar de raiva no rosto dele se transformou imediatamente no sorriso mais doce.

— Amada. Entre. Só me dê um instante. — Ele se virou para Yellin. — Olhe para ela, Yellin. Minha noiva. Já existiu um homem tão abençoado?

Yellin balançou a cabeça.

— Acha que estou errado em fazer de tudo para protegê-la?

Yellin balançou a cabeça mais uma vez. O príncipe o estava enlouquecendo com suas histórias sobre a infiltração de Guilder. Yellin mantinha todos os espiões dele trabalhando noite e dia e nenhum havia encontrado nada sobre Guilder. Mesmo assim, o príncipe insistia. Por dentro, Yellin suspirava. Não tinha nada que pudesse fazer; era apenas um executor, não um príncipe. Aliás, a única notícia minimamente preocupante que ouvira desde o fechamento do Quarteirão dos Larápios naquela manhã havia chegado uma hora antes: um boato de que o navio do Infame Pirata Roberts talvez estivesse navegando a caminho do Canal de Florin. Mas Yellin sabia, por experiência própria, que não passava de um boato.

— Devo dizer, esses habitantes de Guilder estão por toda parte — comentou o príncipe. — E já que você parece incapaz de contê-los, desejo mudar de plano. Todos os portões do castelo estão trancados com exceção do principal, correto?

— Sim. E vinte homens vigiam o portão.

— Acrescente oitenta. Quero cem homens. Entendido?

— Teremos cem homens. Todos os brutamontes existentes.

— Estou bastante seguro dentro do castelo. Tenho comida, os estábulos, já está de bom tamanho. Contanto que não cheguem até mim, sobreviverei. Este, então, é o novo e definitivo plano. Execute-o. Todos os compromissos do quinto centenário estão cancelados até depois do casamento. O casamento será amanhã ao pôr do sol. Minha noiva e eu iremos em meus cavalos brancos para o Canal de Florin, escoltados por todas as tropas. Lá, embarcaremos em um navio e começaremos nossa tão esperada lua de mel, cercados por todos os navios da armada de Florin…

— Todos os navios com exceção de quatro — corrigiu Buttercup.

Ele a encarou de olhos arregalados, em choque. Mas logo em seguida, jogando um beijo para Buttercup, respondeu discretamente, para que Yellin não ouvisse:

— Sim, sim, mas que cabeça a minha... Sim, todos os navios com exceção de quatro.

E se virou de volta para Yellin.

Porém, com aquele único instante de silêncio e os olhos arregalados, Buttercup tinha visto tudo.

— Esses navios ficarão conosco até eu achar seguro dispensá-los. Claro, Guilder poderá nos atacar, mas é um risco que precisamos correr. Deixe-me pensar se há algo mais.

O príncipe amava dar ordens, sobretudo o tipo de ordem que ele sabia que nunca precisaria ser executada. Além do mais, Yellin era muito lento para fazer anotações, o que só tornava tudo mais divertido.

— Dispensado — disse o príncipe, por fim.

Com uma reverência, Yellin foi embora.

— Os quatro navios nunca foram enviados — disse Buttercup ao ficarem sozinhos. — Nem tente mentir para mim de novo.

— O que quer que tenha sido feito foi feito para seu próprio bem, meu docinho.

— Não acho que seja verdade.

— Você está nervosa, eu estou nervoso. Vamos nos casar amanhã, temos o direito de ficarmos tensos.

— Fique sabendo que você não poderia estar mais errado. Estou muito calma. — Na verdade, ela parecia mesmo. — Não importa se enviou os navios ou não. Westley virá me buscar. Deus existe, sei disso. E o amor existe, também sei disso. Westley me salvará.

— Você é uma menina muito boba. Vá para seu quarto.

— Sim, sou uma menina boba e, sim, irei para meu quarto, e você é um covarde cujo coração tem apenas medo e mais nada.

O príncipe teve que rir.

— Como ousa chamar de covarde o maior caçador do mundo?

— Ousando. Estou ficando mais inteligente com o tempo. Digo que você é um covarde e é mesmo; acho que caça apenas para se convencer de que não é quem é de verdade: a criatura mais fraca que já pisou na Terra. Ele virá me buscar e partiremos, e você ficará impotente com toda a sua habilidade de caça, porque eu e Westley estamos ligados pelo amor, e isso não pode ser caçado nem com mil cães farejadores, e não pode ser partido nem com mil espadas.

Então Humperdinck voou para cima dela aos berros, agarrando seu cabelo cor de outono, levantando-a do chão e carregando-a pelo corredor até o quarto dela. Chutou a porta, jogou Buttercup lá dentro, trancou e correu para a entrada, no subsolo, do Zoológico da Morte…



MEU PAI INTERROMPEU a leitura.

— Continue — pedi.

— Eu me perdi.

Fiquei esperando, ainda fraco da pneumonia e tremendo de medo, até que ele recomeçou a leitura.

— Inigo permitiu que Fezzik abrisse a porta…

— Ei. Espere, não é isso, você pulou uma parte.

Mas então segurei minha língua depois da acusação, porque havíamos acabado de passar por aquela cena de Buttercup, casando com Humperdinck, ocasião em que o acusei de pular um trecho, e não queria repetir o erro.

— Pai, não me leve a mal, mas o príncipe estava meio que correndo para o Zoológico e em seguida você falou sobre Inigo. Talvez, quem sabe, não devesse ter uma página aí no meio?

Meu pai começou a fechar o livro.

— Não vou discutir. Por favor, não feche o livro.

— Não é por isso — disse ele, e olhou para mim durante muito tempo. — Billy — (ele quase nunca me chamava assim; eu amava quando fazia isso; se fosse qualquer outra pessoa, eu odiava, mas quando vinha do barbeiro, não sei, eu me derretia todo) —, Billy, você confia em mim?

— Como assim? Claro que confio.

— Billy, você está com pneumonia. Está levando o livro muito a sério, eu sei, porque já brigamos uma vez por causa dele.

— Não estou mais brigando…

— Preste atenção… nunca menti para você, menti? Então. Confie em mim. Não quero ler o restante do capítulo e quero que diga que tudo bem.

— Por quê? O que acontece no restante do capítulo?

— Se eu contar, será o mesmo que ler. Apenas diga que tudo bem.

— Não posso dizer isso sem saber o que acontece.

— Mas…

— Diga o que acontece e direi se tudo bem, e se eu não quiser ouvir, pode pular para Inigo.

— Não vai me fazer esse favor?

— Vou fugir da cama no meio da noite. Não me importa onde você esconde o livro, vou encontrá-lo e ler o resto do capítulo sozinho, então é melhor me contar.

— Billy, por favor.

— Peguei você, é melhor admitir logo.

Meu pai deu um suspiro que fez um barulho horrível.

Eu sabia que tinha vencido.

— Westley morre — disse meu pai.

— Como assim, Westley morre? Quer dizer, morre de verdade*?*

Meu pai assentiu.

— O príncipe Humperdinck o mata.

— Mas ele está apenas fingindo, não é?

Meu pai balançou a cabeça e fechou o livro.

— Ai, merda — falei, e comecei a chorar.

— Sinto muito — disse meu pai. — Vou deixar você sozinho. — E foi embora.

— Quem pega Humperdinck? — *gritei.*

Ele parou no corredor.

— Não entendi.

— Quem mata o príncipe Humperdinck? *No final, alguém tem que matá-lo. É Fezzik? Quem?*

— Ninguém o mata. Ele sobrevive.

— Está querendo dizer que ele vence, papai? Nossa, por que você está lendo isso para mim?

Enfiei a cabeça no travesseiro e chorei como nunca mais choraria em toda a minha vida. Senti meu coração se esvaziando no travesseiro. O mais impressionante do choro é que, quando estamos aos prantos, achamos que vai durar para sempre, mas na maioria das vezes não dura nem metade disso. Pelo menos não em relação ao tempo de verdade. Em relação às emoções de verdade, é pior do que se imagina, mas não de acordo com o relógio. Quando meu pai voltou, não devia ter passado uma hora sequer.

— Então — disse ele —, podemos continuar ou não?

— Manda ver — falei. Olhos secos, sem aperto na garganta, nada. — Quando estiver pronto.

— Com Inigo?

— Vamos ouvir a parte do assassinato — respondi.

Eu sabia que não abriria o berreiro de novo. Tal como o de Buttercup, meu coração se tornara um jardim secreto cercado por muros muito altos.



HUMPERDINCK VOOU PARA cima dela aos berros, agarrando seu cabelo cor de outono, levantando-a do chão e carregando-a pelo corredor até o quarto dela. Chutou a porta, jogou Buttercup lá dentro, trancou e correu para a entrada, no subsolo, do Zoológico da Morte. Desceu às pressas, um passo gigante após o outro. Quando ele escancarou a porta da jaula do quinto nível, até o conde Rugen ficou um pouco assustado ante a limpidez de qualquer que fosse o sentimento estampado nos olhos do príncipe. O príncipe foi até Westley.

— Ela ama você — bradou. — Ela ainda ama você, e você a ama, então imagine só… Imagine o seguinte: em todo este mundo, você poderia ter sido feliz, feliz de verdade. É quase impossível que em um século um casal tenha essa chance, de fato, não importa o que dizem os livros, mas você podia ter desfrutado disso, então acredito que ninguém jamais sofrerá tamanha perda.

E, com isso, ele agarrou o ponteiro da Máquina e empurrou até o máximo.

O conde gritou:

— No vinte, não!

Mas era tarde demais; o grito da morte começara.

* * *

ERA BEM PIOR que o grito do cão-selvagem. Primeiro, porque o ponteiro para o cão-selvagem chegara somente ao seis, enquanto para Westley havia sido colocado três vezes mais intenso. Assim, é claro, o grito era três vezes mais longo. E três vezes mais alto. Mas não era nenhum desses três motivos o que o tornava de fato pior.

Era o grito produzido por uma garganta humana que fazia a diferença.

Em seus aposentos, Buttercup ouviu aquilo e ficou assustada, mas não fazia a menor ideia do que era.

No portão principal do castelo, Yellin escutou e também se assustou, embora não pudesse imaginar o que era.

Todos os cem brutamontes especiais posicionados no portão principal também ouviram. Ficaram incomodados e falaram sobre o assunto por um tempo, mas nenhum deles entendia o bastante de sons para identificar aquele.

A grande praça estava lotada de plebeus empolgados com o casamento e o aniversário do país, e eles também ouviram, e ninguém nem disfarçou o susto, mas também não sabiam o que significava.

O grito da morte ficou ainda mais alto à noite.

Todas as ruas que levavam à praça também estavam tomadas por cidadãos, que buscavam um lugar em meio à multidão, e eles ouviram, mas assim que admitiram que estavam apavorados, desistiram de adivinhar o que era.

Inigo soube na hora.

Em um beco minúsculo onde ele e Fezzik estavam tentando abrir caminho, ele parou, lembrando-se. O beco levava às ruas que levavam à praça, e o beco também estava lotado.

— Não gosto desse som — disse Fezzik, a pele gelada por um momento.

Inigo agarrou o gigante e as palavras começaram a jorrar:

— Fezzik… Fezzik… esse é o som do sofrimento máximo… Eu conheço esse som… foi o som que meu coração fez quando o conde Rugen assassinou meu pai e eu o vi desabar… é o mesmo som que o homem de preto está fazendo agora…

— Acha que é ele?

— Quem mais tem motivo para passar pelo sofrimento máximo nesta noite de comemoração?

Ele começou a seguir o som.

Mas a multidão estava em seu caminho, e ele era forte porém magro, e

gritou:

— Fezzik… Fezzik… temos que seguir o som, temos que achar a fonte, mas não consigo me mexer, então você vai ter que me guiar. Voe, Fezzik. Inigo está implorando… abra caminho… *por favor!*

Bem, Fezzik quase nunca ouvia ninguém lhe implorar por nada, muito menos Inigo, e quando algo do tipo acontecia, era preciso fazer o possível; então, sem aviso, Fezzik começou a empurrar. Para a frente. Muita gente. Fezzik empurrou mais forte. Muitas pessoas começaram a se mexer. Saindo do caminho do gigante. Com rapidez.

O grito da morte começava a se dissipar, sumindo em meio às nuvens.

— Fezzik, use toda a sua força, AGORA.

O gigante correu pelo beco, e as pessoas gritavam e pulavam para sair de seu caminho, e Inigo mantinha o passo ao seu lado. No final do beco havia uma rua, e o grito estava mais fraco ali, mas Fezzik virou à esquerda e se lançou ao meio da rua tomando-a para si, sem ninguém no caminho, e nada ousava bloquear seu caminho, e o grito estava ficando mais difícil de se ouvir, então, com toda a sua potência, Fezzik rugiu:

— SILÊNCIO!

E a rua ficou prontamente quieta e Fezzik seguiu com Inigo logo atrás, e o grito ainda estava lá, muito de leve, e ao chegar à grande praça e no castelo adiante, o gritou sumiu…

* * *

O CORPO DE Westley estava caído ao lado da Máquina. O príncipe manteve o ponteiro elevado a vinte por muito mais que o necessário, até que o conde disse:

— Está feito.

O príncipe foi embora sem voltar a olhar para Westley. Subiu quatro degraus por vez da escada subterrânea.

— Ela me chamou de covarde na minha cara — disse ele, e sumiu.

O conde Rugen começou a fazer anotações. Em seguida, deixou de lado a caneta-tinteiro. Examinou Westley por um breve instante e então balançou a cabeça. Em termos intelectuais, a morte não lhe interessava nem um pouco; os mortos não reagiam à dor.

— Livre-se do corpo — ordenou o conde.

Embora não pudesse ver o albino, sabia que ele estava ali. Era mesmo uma pena, percebeu o conde enquanto subia as escadas atrás do príncipe. Não era todo dia que se deparava com uma vítima como Westley.

Depois que os dois saíram, o albino apareceu, retirou os copos do cadáver, decidindo queimar o corpo na pira de lixo atrás do castelo. O que significava que precisava de um carrinho de mão. Ele subiu correndo a escada, saiu pela porta secreta e foi até o galpão de ferramentas; todos os carrinhos de mão estavam enterrados na parede dos fundos, atrás de enxadas, ancinhos e serrotes. O albino soltou um grunhido de reclamação e começou a tirar aquele monte de equipamento do caminho. Tinha a impressão de que aquele tipo de coisa sempre acontecia quando estava com pressa. O albino resmungou de novo, trabalho extra, trabalho extra, o tempo todo. Não era de se esperar?

Enfim retirou o carrinho e passava pela entrada falsa — e supostamente mortal — do Zoológico quando ouviu:

— Estou com uma dificuldade dos diabos para rastrear aquele grito.

E o albino se virou e viu que ali, bem *ali* nos arredores do castelo, havia um estranho de corpo esguio com uma espada na mão. A espada de repente saltou para o pescoço do albino.

— Onde está o homem de preto? — perguntou o espadachim.

Ele tinha uma cicatriz gigante que descia em cada lado do rosto e parecia do tipo com quem não se deve mexer.

Num sussurro:

— Não conheço nenhum homem de preto.

— O grito veio dali? — O sujeito indicou a entrada principal.

O albino assentiu.

— E a garganta que o produziu? Preciso desse homem, então seja rápido!

Num sussurro:

— Westley.

Inigo interrogou:

— Um marinheiro? Trazido por Rugen?

O albino assentiu.

— E onde posso encontrá-lo?

O albino hesitou, depois apontou para a entrada mortal. Sussurrou:

— No último andar. Cinco andares subterrâneos.

— Então não preciso de você. Silencie-o por um tempo, Fezzik.

O albino sentiu a imensa sombra se mexer às suas costas. Engraçado, pensou — e essa foi a última lembrança dele —, achei que aquilo fosse uma árvore.

Inigo estava a todo vapor. Não havia como detê-lo. Fezzik hesitou diante da porta principal.

— Por que ele diria a verdade?

— É um zelador de zoológico sob ameaça de morte. Por que mentiria?

— Não faz sentido.

— *Não me importa!* — retrucou Inigo, em tom rude.

E, de fato, não se importava. Em seu coração, ele sabia que o homem de preto estava lá dentro. Não havia motivo para ter sido encontrado por Fezzik, para Fezzik conhecer Rugen, para tudo começar a se encaixar depois de tantos anos de espera. Se Deus existisse, haveria um homem de preto. Inigo sabia disso. *Sabia*. E, claro, ele estava coberto de razão. Mas também havia muitas coisas que ele não sabia. Primeiro, que o homem de preto estava morto. Segundo, que tinham escolhido a entrada falsa, feita para enganar aqueles que, como ele, não eram dali. Tinha cobras venenosas lá, mas o que estava esperando para atacá-los era ainda pior. Essas coisas ele também não sabia.

Mas a morte de seu pai precisava ser vingada. E o homem de preto saberia como fazê-lo. Era o suficiente para Inigo.

E assim, com uma pressa que logo se transformaria em arrependimento profundo, ele e Fezzik entraram no Zoológico da Morte.

7
O CASAMENTO

Inigo permitiu que Fezzik abrisse a porta, não porque quisesse se esconder atrás da força do gigante, mas sim porque a força do gigante era essencial para abri-la: alguém teria que quebrar as dobradiças daquela porta pesada, e aquilo era um trabalho para Fezzik.

— Está aberta — disse o gigante, apenas girando a maçaneta e espiando lá dentro.

— Aberta? — Inigo hesitou. — Feche-a, então. Deve haver algo errado. Por que um espaço tão valioso quanto o zoológico particular do príncipe ficaria destrancado?

— Tem um cheiro terrível de animal lá dentro — comentou Fezzik. — Quase apaguei!

— Deixe-me pensar. Vou descobrir.

E tentou bastante, mas não fazia sentido. Assim como não se deixa diamante dando sopa na mesa do café da manhã, o Zoológico da Morte ficava trancado. Então, aquilo não devia ser à toa; era apenas uma questão de exercitar o poder da mente, e a explicação apareceria.

(A explicação para a porta estar destrancada era a seguinte: a porta ficava assim sempre. E havia um motivo para isso: segurança. Qualquer um que entrasse pela porta da frente jamais sobreviveria para sair. A ideia tinha sido de autoria praticamente exclusiva do conde Rugen, que ajudou o príncipe a arquitetar o lugar. Humperdinck escolhera o local — o ponto mais isolado dentro do castelo, longe de tudo, para que os rugidos não incomodassem os servos —, mas Rugen desenhara a entrada. A entrada verdadeira ficava em uma árvore gigante, da qual uma raiz se erguia revelando uma escadaria que

levava ao quinto andar subterrâneo. A falsa entrada, chamada de entrada verdadeira, conduzia o sujeito pelos andares abaixo do jeito convencional, do primeiro ao segundo, do segundo ao terceiro, ou, melhor, do segundo à morte.)

— Claro — falou Inigo, finalmente.

— Descobriu?

— O motivo para a porta estar destrancada é simples: o albino a teria trancado, ele nunca seria tão burro de deixar aberta, *mas*, Fezzik, meu amigo, nós o *pegamos* antes que o homem pudesse *fazer* isso. Sem dúvida, assim que terminasse de usar o carrinho de mão, ele teria ido trancar. Está tudo certo, não precisa mais se preocupar. Deixe isso para lá.

— Eu me sinto tão seguro com você — disse Fezzik, e abriu a porta uma segunda vez.

Ao fazê-lo, notou que não só não estava trancada como não tinha fechadura, e se perguntou se deveria mencionar aquilo a Inigo, mas decidiu que não, porque Inigo teria que esperar até descobrir algo novo e já estavam cansados daquilo, porque, embora tivesse dito que se sentia muito seguro com Inigo, na verdade estava apavorado. Ouvira coisas estranhas sobre aquele lugar. Os leões não o preocupavam, e quem se importava com gorilas? Grande coisa. Eram os sorrateiros que lhe causavam um embrulho no estômago. E os rastejantes. E os com ferrões. E os… E tudo, concluiu Fezzik, para ser honesto e sincero. Aranhas e cobras e insetos e morcegos e tudo mais… Ele não era muito fã de nenhum desses.

— Ainda sinto o cheiro de animais — comentou, segurando a porta para Inigo, e, juntos, seguiram passo após passo rumo ao Zoológico da Morte, a grande porta fechando-se silenciosamente atrás deles.

— Um lugar bem bizarro — comentou Inigo, passando por diversas jaulas que abrigavam guepardos, beija-flores e outras criaturas ágeis.

No final do corredor havia outra porta com um letreiro que dizia “Segundo andar”. Eles a abriram e viram um lance de escada bem íngreme.

— Cuidado — falou Inigo —, fique por perto e preste atenção para não cair.

Eles começaram a descer.

— Se eu disser algo, promete não rir de mim, ou zombar de mim, ou ser malvado comigo? — perguntou Fezzik.

— Tem minha palavra.

— Estou entrando em pânico.

— Faça como seu amigo hispânico — respondeu Inigo de imediato.

— Ah, que rima maravilhosa…

— Um tanto espalhafatosa — disse Inigo, criando outra rima, sentindo-se bastante inteligente em relação à coisa toda, contente ao ver Fezzik ficar visivelmente mais relaxado enquanto desciam, então sorriu e bateu no grande ombro dele, pensando em como o amigo era um bom sujeito. Mas no fundo, bem lá no fundo, o estômago de Inigo estava embrulhado.

Ficou completamente apavorado e estupefato ao pensar que um homem de força e poder ilimitados pudesse estar morrendo de medo; até que Fezzik abrisse a boca, Inigo estava certo de que era *ele* próprio quem de fato estava morrendo de medo, e a constatação de que ambos estavam mortos de medo não combinaria em nada com um momento de pânico. Alguém teria que manter a cabeça fria, e Inigo deduzira automaticamente que, como Fezzik já não usava muito a cabeça, não teria tanta dificuldade nisso. O hispânico percebeu que a situação não era nada boa. Bem, ele apenas teria que fazer o melhor para evitar o pânico e ponto.

A escada era reta e muito longa, mas logo chegaram ao final. Mais uma porta. Fezzik deu um empurrão. Ela se abriu. Outro corredor com filas de jaulas, dessa vez grandes e, dentro, enormes hipopótamos e jacarés de oito metros debatendo-se com raiva na água rasa.

— Temos que nos apressar — disse Inigo, acelerando o passo —, por mais que nossa vontade seja demorar. — E meio que correu na direção do letreiro que dizia “Terceiro andar”. Inigo abriu a porta, olhou para baixo, e Fezzik

olhou para trás, espiando. — Humm.

A escada era diferente. Muito menos íngreme e fazia uma curva na metade do caminho, então, ali de cima, não dava para ver o que os esperava no final. Havia velas estranhas acesas bem no alto das paredes, inalcançáveis, projetando sombras longilíneas.

— Ora, estou bem contente de não ter sido trazido para este setor — comentou Inigo, tentando fazer graça.

— Pavor — disse Fezzik, rimando sem conseguir se conter.

Inigo perdeu a cabeça.

— Sério! Se não consegue se controlar, vou mandá-lo de volta lá para cima, para esperar *sozinho*.

— Não me deixe. Quer dizer, não me obrigue a deixar você. Por favor. Eu queria dizer "favor", não sei como o *p* foi parar ali.

— Estou perdendo a paciência com você. Venha logo — ordenou Inigo, e começou a descida na curva da escada; Fezzik foi logo atrás, e quando a porta se fechou, duas coisas aconteceram:

(1) A fechadura, sem sombra de dúvida, foi trancada;

(2) Lá se foi a chama das velas no alto das paredes.

— NÃO FIQUE COM MEDO! — gritou Inigo.

— NÃO ESTOU COM MEDO, NÃO ESTOU COM MEDO! — gritou Fezzik de volta. E então, ignorando o coração pulando no peito, ele conseguiu completar: — O que vamos fazer?

— S-s-s-simples — respondeu Inigo após um tempo.

— Também está assustado? — perguntou Fezzik na escuridão.

— Nem… de longe — respondeu Inigo com atitude. — E antes eu queria ter dito "fácil", não sei como todos aqueles "s-s-s-s" foram parar ali. Veja, não podemos voltar e com certeza não podemos ficar aqui, então temos que seguir em frente como estávamos fazendo antes de esses pequenos incidentes acontecerem. Vamos descer. Nosso destino está lá embaixo, Fezzik, mas posso ver que ficou um pouco abalado com tudo isso, *então*, pela bondade do

meu coração, deixarei que você desça, não atrás de mim nem na minha frente, mas bem ao meu lado, no mesmo degrau, passo a passo, e com o braço em volta do meu ombro, porque é possível que isso faça você se sentir melhor, e eu, para que não se sinta bobo, colocarei meu braço em volta do seu ombro e, portanto, desceremos seguros, protegidos e juntos.

— Você vai sacar a espada com a mão livre?

— Já fiz isso. Vai dar socos com sua mão livre?

— Já fechei o punho.

— Então, vamos ver o lado positivo, estamos vivendo uma aventura, Fezzik, e a maioria das pessoas vive e morre sem ter essa sorte.

Eles desceram um degrau. Depois outro. Depois dois, e então três, conforme pegavam o jeito da coisa.

— Por que você acha que eles trancaram a porta? — perguntou Fezzik enquanto avançavam.

— Para apimentar nossa viagem, suspeito — respondeu Inigo.

Era com certeza uma de suas respostas mais fracas, mas foi o melhor em que conseguiu pensar.

— A curva começa aqui — alertou Fezzik, e diminuíram o passo, fazendo a curva acentuada sem tropeçar, ainda descendo. — E eles apagaram as velas pelo mesmo motivo… para apimentar?

— É bem possível. Não me aperte tão forte…

— *Você* que está me apertando forte…

Àquela altura, não tinha mais volta.

Havia muitos anos existia uma disputa entre os zoólogos especialistas em animais selvagens sobre qual das cobras gigantes era a maior. Os defensores da anaconda viviam aclamando o espécime orinoco, que pesava bem mais de duzentos e vinte e cinco quilos, enquanto os defensores da píton não deixavam barato ao apontar a píton-africana, que era encontrada nas margens do Zambeze e media dez metros e meio. A discussão, claro, é uma bobagem, porque "maior" é uma palavra vaga, que não tem peso nenhum em debates, ao

menos não em debates sérios.

No entanto, qualquer entusiasta das cobras, não importa a linha de estudo, admitiria que a garstini-árabe, embora menor que a píton e mais leve que a anaconda, era mais rápida e mais voraz que ambas, e o espécime do príncipe Humperdinck não era apenas impressionante por sua velocidade e destreza, mas também porque não era alimentado com frequência, logo estava sempre faminto; então a serpente caiu neles como um raio, enroscando-se nas mãos para que o punho e a espada ficassem inutilizados, em seguida amarrou-lhes os braços e…

— Faça algo… — implorou Inigo.

— Não consigo… Estou preso… Faça algo você…

— Lute, Fezzik…

— É forte demais para mim…

— Nada é forte demais para você…

O terceiro ato da cobra foi se enroscar nos ombros, o quarto e último golpe foi envolver o pescoço, e Inigo sussurrava apavorado porque ouvia a respiração da fera, sentia a respiração…

— Lute… Estou… Estou…

Fezzik tremia de medo, e sussurrou:

— Me perdoe, Inigo.

— Ah, Fezzik… Fezzik…

— O quê?

— Eu tinha tantas rimas para você…

— Quais rimas?

Silêncio.

O quarto golpe estava finalizado.

— Inigo, quais rimas?

Silêncio.

Respiração de cobra.

— Inigo, quero saber as rimas antes de morrer… Inigo, quero mesmo

saber… *Inigo, me diga as rimas* — insistiu Fezzik.

E então ele já estava muito frustrado e, mais do que isso, estava bastante irritado, e soltou um dos braços de uma volta, o que facilitou um pouco o processo de libertação da segunda volta, e isso resultou em um braço inteiro disponível para soltar o outro, e logo estava gritando:

— *Você não vai a lugar algum antes de me contar quais eram as rimas.*

E o som de sua voz estava muito impressionante, grave e ressonante, e quem aquela cobra achava que era, afinal, entrando no caminho de Fezzik quando havia novas rimas a serem aprendidas?, e naquele momento não somente ambos os braços estavam livres como ele também estava furioso com a interrupção, e estendeu a mão na direção do hálito da cobra, e ele não sabia se cobras tinham pescoço ou não, mas qualquer que fosse o nome daquela parte embaixo da boca, era a parte que ele segurava com as mãos imensas, e ele a atirou na parede, fazendo a cobra sibilar e cuspir, e afrouxar mais uma parte, e com isso Fezzik arremessou-a outra vez e mais uma e depois levantou um pouco as mãos para ganhar vantagem e começou a bater a fera nas paredes como uma lavadeira bate uma saia nas pedras, e quando a cobra morreu, Inigo disse:

— Na verdade, eu não tinha nenhuma rima em mente. Só precisava fazer algo para que você entrasse em ação.

Fezzik estava totalmente sem fôlego.

— Você mentiu para mim, é o que está dizendo. Meu único amigo na vida se revelou um mentiroso.

Ele começou a marchar escada abaixo, Inigo tropeçando atrás dele.

Fezzik chegou à porta na base da escada, abrindo-a e batendo-a com força, Inigo por pouco não conseguiu passar.

Ela se trancou na mesma hora.

No final daquele corredor, a placa que dizia "Quarto andar" estava bem visível. Fezzik correu na direção dela. Inigo o perseguiu, passando depressa pelas cobras venenosas e cuspideiras e víboras-do-gabão e, talvez a mais

rápida e letal de todas, pela amável *stonefish* tropical do oceano que banha toda a costa da Índia.

— Peço desculpas — disse Inigo. — Uma mentira em todos esses anos não é algo tão terrível assim, se pensar que salvou nossas vidas.

— Existe uma coisa chamada princípio. — Foi tudo o que Fezzik respondeu, depois abriu a porta que levava ao quarto andar. — Meu pai me fez prometer que eu nunca mentiria, e nenhuma vez em toda a minha vida me senti tentado a fazer isso. — E começou a descer a escada.

— Pare! Pelo menos olhe para onde está indo.

A escada era reta, mas completamente escura. Não se via onde ia dar.

— Não pode ser tão ruim quanto o que já passamos — retrucou Fezzik, descendo.

De certa forma, ele estava certo. Para Inigo, morcegos nunca eram o pior pesadelo. Sim, claro, tinha medo deles como todo mundo e sairia correndo aos berros se chegassem perto; ainda assim, em sua mente, o inferno não era infestado de morcegos. Fezzik, porém, vinha da Turquia, e dizem que o morcego-da-fruta da Indonésia é o maior do mundo; tente dizer isso a um turco qualquer dia desses. Tente dizer isso a qualquer um que já ouviu a mãe gritando "Os morcegos-reis estão chegando!", seguido de asas venenosas batendo.

— OS MORCEGOS-REIS ESTÃO CHEGANDO! — gritou Fezzik, e ele estava literalmente paralisado de medo no meio da escada escura.

Naquele momento, atrás dele, fazendo o possível para lutar contra a escuridão, vinha Inigo, e ele nunca tinha ouvido aquele tom antes, não vindo de Fezzik, e Inigo também não queria morcegos no cabelo, mas não valia a pena aquele tipo de medo, então começou a dizer:

— Por que os morcegos-reis são tão horríveis…

Mas só teve tempo de chegar ao "por quê", pois Fezzik gritou:

— Raiva! Raiva!

E isso era tudo que o hispânico precisava saber, então gritou:

— Abaixe-se, Fezzik!

E Fezzik continuava sem conseguir se mexer, então Inigo sentiu pena dele ali no escuro conforme a agitação ficava mais barulhenta, e, com toda a sua força, deu um soco no ombro do gigante, gritando:

— *Abaixe-se!*

E dessa vez Fezzik caiu de joelhos, obediente, mas não bastou, nem de longe, então Inigo bateu nele de novo, gritando:

— De barriga, de barriga, deitado no chão!

Até que Fezzik se deitou, tremendo, na escada escura, e Inigo se ajoelhou por cima dele, a grande espada de seis dedos voando em suas mãos, e aquele era o momento, aquele era o teste que diria o peso dos noventa dias de conhaque, quanto havia sobrado do grande Inigo Montoya, pois, sim, ele havia estudado a esgrima, era verdade, tinha passado mais da metade de sua vida aprendendo o ataque Agrippa e a defesa Bonetti e, claro, ele havia estudado a Thibault, mas ele também tinha, em certo momento de desespero, passado um verão com o único escocês que entendia de espadas, o aleijado MacPherson, e tinha sido MacPherson quem desdenhara de tudo que Inigo sabia, e tinha sido ele a dizer: "Thibault, a Thibault presta se estiver lutando em um salão, mas e se encontrar seu inimigo em um terreno inclinado e estiver abaixo dele?", e por uma semana Inigo estudou todos os movimentos de baixo para cima, e então MacPherson o fez treinar em uma colina na posição superior, e quando aqueles movimentos estavam dominados, MacPherson não se contentou, pois era aleijado, as pernas amputadas na altura dos joelhos, e assim tinha um gosto especial por adversidades. "E se seu inimigo cegá-lo?", indagou. "Se ele jogar ácido em seus olhos e partir para o golpe final, o que você faz? Diga-me, hispânico, *sobreviva a isso, hispânico*." Então, enquanto aguardava o ataque dos morcegos-reis, Inigo voltou sua mente para os movimentos de MacPherson, e ele dependia dos ouvidos, encontraria o coração pelo som dos batimentos, e naquele instante, enquanto esperava, Inigo sentia acima a massa de morcegos-reis e, abaixo, Fezzik, que

tremia como um filhote de gato em água gelada.

— Fique parado! — ordenou Inigo.

E foi o último som que emitiu, porque precisava dos ouvidos, e inclinou a cabeça na direção do bando, a grande espada firme na mão direita, a ponta letal girando devagar. Inigo nunca tinha visto um morcego-rei, não sabia nada sobre eles; que velocidade atingiam, como e de que ângulo o atacavam, quantos participavam de um ataque. Naquele momento, o adejo estava todo sobre a cabeça dele, a três metros de altura ou talvez mais, e será que os morcegos enxergavam no escuro? Será que tinham mais essa carta na manga? "Andem logo!", Inigo estava prestes a dizer, mas não precisou, porque, batendo as asas, como já era esperado, e soltando um guincho agudo, que não era esperado, o primeiro morcego-rei voou na direção dele.

Inigo esperou, esperou, o adejo estava em algum ponto à esquerda, o que era estranho porque o espadachim sabia onde ele próprio estava, assim como as feras, então isso queria dizer que deviam estar preparando algo para ele, uma incisão, uma guinada repentina. Com todo o controle que ainda tinha, manteve a espada exatamente como estava, girando devagar, sem seguir o som até que o bater de asas parou e o morcego-rei se virou, em completo silêncio, para o rosto de Inigo.

A espada de seis dedos atravessou o bicho como se cortasse manteiga.

O som que fazia um morcego-rei ao morrer era semelhante ao que faz um humano, apenas um pouco mais agudo e curto, e só prendeu a atenção de Inigo por alguns segundos, porque logo ele ouviu um adejo duplo; eles o encurralaram, um vindo pela direita e outro, pela esquerda, e MacPherson tinha ensinado a sempre ir do ponto forte para o fraco, então Inigo golpeou primeiro à direita, depois à esquerda, e outros dois sons quase humanos se fizeram ouvir. A espada ficara pesada, três criaturas mortas mudavam o equilíbrio e Inigo queria limpar a arma, mas surgiu mais um tremular, único, sem mudança de direção, certeiro e mortal, no rosto dele, e Inigo conseguiu se abaixar e teve sorte; a espada subiu entrando no coração do morcego, e

então havia quatro criaturas espetadas na arma lendária, e Inigo soube que em hipótese alguma perderia aquela luta. De sua garganta saíram as palavras:

— Eu sou Inigo Montoya e continuo sendo o bruxo. Venha me enfrentar!

E quando ouviu três morcegos voarem, desejou ter sido um pouco mais modesto, porém era tarde demais, então precisava pegá-los de surpresa, e o fez, mudando de posição ao atacá-los, levantando-se, golpeando muito antes que o esperado pelos morcegos, e então tinha sete deles, a espada estava totalmente desequilibrada. Aquilo podia ser ruim, perigoso, exceto por um aspecto importante: a escuridão ficara silenciosa. O adejo havia parado.

— Que belo gigante você é — disse, então, Inigo, e passou por cima de Fezzik, descendo às pressas o restante da escada escurecida.

Fezzik se levantou e seguiu a passos pesados atrás do hispânico, dizendo:

— Inigo, escute, cometi um erro, você não mentiu para mim, você me pregou uma peça, e meu pai sempre disse que pregar peça não era um problema, então não estou mais chateado, tudo bem? Por mim, tudo bem.

Eles giraram a maçaneta da porta no fim da escada escura e adentraram o quarto andar.

Inigo olhou para Fezzik.

— Está querendo dizer que vai me perdoar por ter salvado sua vida se eu o perdoar por ter salvado a minha?

— Você é meu amigo, o único.

— Você é patético, isso sim — disse Inigo.

— Atlético.

— Essa foi boa — comentou Inigo, e assim Fezzik soube que estava tudo bem entre os dois.

Seguiram para o que o letreiro indicava como “Quinto andar”, passando por jaulas estranhas.

— Este é o pior de todos até agora — falou Inigo, e deu um pulo, porque viu, em uma gaiola de vidro, uma águia-vermelha comendo algo parecido com um braço.

Do outro lado havia uma grande piscina preta, e dentro havia algo escuro com muitos braços, e a água parecia estar sendo sugada para o centro onde estava a boca da coisa.

— Depressa — disse Inigo, e se viu tremendo ao pensar na possibilidade de cair na piscina preta.

Eles abriram a porta e olharam para o quinto andar.

Ficaram surpresos.

Em primeiro lugar, a porta que eles abriram não tinha fechadura, então não podia prendê-los. Em segundo, as escadas eram bastante iluminadas. Em terceiro, as escadas eram completamente retas. E em quarto lugar, não eram nem um pouco longas.

E no centro não havia nada. Era iluminado, limpo e, sem a menor dúvida, completamente vazio.

— Não confio em nada disso — concluiu Inigo e, empunhando a espada, desceu o primeiro degrau. — Fique perto da porta… as velas se apagarão a qualquer momento.

Desceu o segundo degrau.

As velas permaneceram acesas.

O terceiro degrau. O quarto. Havia apenas uma dúzia no total, e ele desceu mais dois, parando no meio do caminho. Cada degrau tinha mais ou menos um pé de largura, então ele estava a seis pés de Fezzik, a dois metros da grande porta adornada que dava para o último andar.

— Fezzik?

Da porta de cima:

— O quê?

— Estou com medo.

— Mas parece que está tudo bem.

— Não. É essa a intenção, enganar a nós dois. Não importa o que derrotamos antes, agora deve ser pior.

— Mas não estamos vendo nada, Inigo.

O hispânico assentiu.

— Por isso mesmo estou tão assustado.

Ele desceu outro degrau na direção da última porta adornada de maçaneta verde. E mais outro. Faltavam quatro degraus. Faltava um metro.

Cem centímetros para a morte.

Inigo desceu mais um degrau. Estava tremendo, quase descontrolado.

— Por que está tremendo? — perguntou Fezzik do alto da escada.

— A morte chegou. A morte chegou.

Ele desceu mais um degrau.

Cinquenta centímetros para a morte.

— Posso ir até você agora?

Inigo balançou a cabeça.

— Não tem por que você morrer também.

— Mas não tem nada aqui.

— Não. A morte está aqui. — Perdera o controle de vez. — Se eu pudesse vê-la, lutaria contra ela.

Fezzik não sabia o que fazer.

— *Sou Inigo Montoya, o bruxo. Venha me encarar!*

Ele girou algumas vezes, com a espada em punho, examinando a escada perfeitamente iluminada.

— Agora você está me assustando — disse Fezzik, deixando a porta se fechar atrás dele e começando a descer a escada.

Inigo correu na direção dele, dizendo:

— Não.

Eles se encontraram no sexto degrau.

Cento e cinquenta centímetros para a morte.

A loxosceles-reclusa não destrói tão rápido quanto a *stonefish*. E muitos pensam que a mamba causa um sofrimento maior, por causa das úlceras e tal. No entanto, examinada de perto, nada no universo se compara à loxosceles-reclusa; entre as aranhas, a viúva-negra parece uma boneca de pano perto

dela. A reclusa do príncipe Humperdinck vivia atrás da maçaneta verde adornada da porta inferior. Quase nunca se mexia, a não ser quando a maçaneta era girada. Aí, atacava como um raio.

No sexto degrau, Fezzik passou o braço em volta do ombro de Inigo.

— Vamos descer juntos, degrau por degrau. Não há nada aqui, Inigo.

No quinto degrau:

— Há de ter.

— Por quê?

— Porque o príncipe é um monstro. E Rugen é seu comparsa. E isto aqui é a obra-prima deles.

Eles desceram para o quarto degrau.

— Raciocínio maravilhoso, Inigo — disse Fezzik em tom alto e calmo, mas por dentro começava a desmoronar.

Porque ali estava ele, naquele lugar agradável e iluminado, e seu único amigo no mundo inteiro estava entrando em estado de choque. E no lugar de Fezzik, sem dispor de muito raciocínio, a quatro andares subterrâneos no Zoológico da Morte procurando um homem de preto que talvez nem estivesse ali, e com seu único amigo no mundo inteiro enlouquecendo rapidamente, o que fazer?

Mais três degraus.

No caso de Fezzik, o mais apropriado era entrar em pânico, porque, se Inigo estivesse mesmo em choque, o turco se tornaria o líder da missão, que, no caso, era a última coisa que ele iria querer. Então Fezzik fez o que sempre fazia em um momento de pânico.

Fugiu.

Gritou e se jogou contra a porta para abri-la, sem se dar à delicadeza de girar a maçaneta verde e bonita, e quando a porta cedeu, ele continuou correndo até se deparar com a jaula gigante, e lá dentro, imóvel, estava o homem de preto. Fezzik então parou, bastante aliviado, porque a visão daquele corpo silencioso significava uma coisa: Inigo estava certo, e se Inigo

estava certo, não podia estar louco, e se não estava louco, Fezzik não precisava liderar ninguém em missão nenhuma. E, quando aquele pensamento chegou ao seu cérebro, o gigante sorriu.

Por outro lado, Inigo estava chocado com o estranho comportamento de Fezzik. Não viu motivo algum para aquilo e estava prestes a gritar pelo turco quando viu uma aranha verde minúscula descendo da maçaneta da porta, então pisou nela com sua bota e correu até a jaula.

Fezzik já estava do lado de dentro, ajoelhado ao lado do corpo.

— Não fale — disse Inigo ao entrar.

O gigante tentou não falar, mas estava estampado em seu rosto. "Morto."

Inigo examinou o corpo. Ele já tinha visto muitos cadáveres na vida. "Morto."

Em seguida, sentou-se arrasado no chão, botou os braços em volta dos joelhos e se balançou para a frente e para trás feito um bebê, para a frente e para trás, para a frente e para trás.

Era muito injusto. Qualquer um que respirasse esperava injustiça, mas aquilo ia além. Ele, Inigo, que não era nenhum pensador, não tinha encontrado o homem de preto? Ele, Inigo, com medo de feras, seres rastejantes e qualquer coisa com ferrão, havia levado os dois até o Zoológico ilesos. Ele dera adeus à cautela e ultrapassara todas as barreiras que poderia imaginar. E então, depois de tanto esforço, depois de se juntar a Fezzik naquele fatídico dia em nome de um só propósito, que era encontrar o homem que o ajudaria a criar um plano de vingança pela morte de seu pai, estava tudo acabado. Tudo acabado. Esperança? Acabada. Futuro? Acabado. Todas as forças motoras em sua vida. Acabadas. Sugadas. Destroçadas. Mortas.

— *Eu sou Inigo Montoya, filho de Domingo Montoya e não aceito isso.*

Ele deu um pulo e correu para a escada, parando apenas para dar ordens.

— Venha, venha logo. Traga o corpo. — Vasculhou os bolsos por um instante, mas estavam vazios, por conta de todo o conhaque. — Tem

dinheiro, Fezzik?

— Um pouco. Eles pagam bem no Esquadrão de Brutamontes.

— Bem, espero que seja suficiente para comprar um milagre. Só isso.

* * *

QUANDO OUVIU A batida na porta de sua choupana, Max quase não atendeu. "Vá embora", ele quase disse, porque, nos últimos tempos sempre vinham crianças zombar dele. Mas já era um pouco tarde demais para as crianças estarem acordadas — quase meia-noite —, e, além do mais, a batida era alta, barulhenta e, ao mesmo tempo, ansiosa, como se o cérebro dissesse ao punho: "Depressa, quero ver você em ação."

Então Max abriu uma frestinha da porta.

— Não conheço você.

— Você não é o Max Milagreiro que trabalhou para o rei durante muitos anos? — perguntou o sujeito magrelo.

— Fui demitido, não ficou sabendo? É um assunto muito doloroso para mim, você não deveria ter tocado nele, então boa noite, e da próxima vez, tenha mais modos.

E fechou a porta.

Tá-tá-tá… tá-tá-*taaaá*.

— Vá embora. Olhe que chamo o Esquadrão de Brutamontes.

— Eu sou do Esquadrão de Brutamontes — respondeu uma voz do lado de fora, uma voz grossa de alguém que ninguém gostaria de contrariar.

— Precisamos de um milagre. É muito importante — falou o magrelo na porta.

— Eu me aposentei — respondeu Max —, e, de qualquer forma, você não iria querer usar os serviços de alguém que foi dispensado pelo rei, não é? Sou capaz de acabar matando quem você gostaria que eu salvasse.

— Ele já está morto — disse o magrelo.

— Está, é? — retrucou Max, com um pouco mais de interesse na voz. Abriu de novo uma fresta na porta. — Sou bom com coisas mortas.

— Por favor — pediu o magrelo.

— Tragam ele para dentro. Não prometo nada — avisou Max Milagreiro, após um momento de hesitação.

O sujeito enorme e o magrelo entraram com um homem grande e o puseram no chão da choupana. Max cutucou o cadáver.

— Não está tão duro quanto alguns — disse ele.

O magrelo disse:

— Temos dinheiro.

— Então vá buscar um grandioso especialista genial, por favor. Por que perder tempo comigo, o cara que foi demitido pelo rei?

Max quase morreu com o acontecido. Nos primeiros dois anos, desejou que o tivessem matado. Rangeu tanto que os dentes quase caíram; arrancou os poucos tufos que permaneceram firmes e fortes na cabeça com uma raiva selvagem.

— É o único milagreiro vivo de Florin — explicou o magrelo.

— Ah, então foi por isso que vocês vieram até mim? Um de vocês perguntou: "O que faremos com o cadáver?" E o outro respondeu: "Vamos zombar daquele milagreiro que foi demitido pelo rei." E o primeiro deve ter acrescentado: "Não temos nada a perder, ele não pode matar um cadáver." E então o outro deve ter dito…

— Você era um bom milagreiro — falou o magrelo. — Foi demitido por politicagem.

— Não me insulte dizendo que eu era bom. Eu era ótimo, eu *sou* ótimo… jamais houve… ouça bem… *jamais*, meu filho, houve um milagreiro à minha altura… metade das técnicas milagrosas fui eu que inventei… e me demitem…

Ele para de falar de repente. Estava muito velho e fraco, e o esforço para fazer um discurso inflamado havia esgotado suas forças.

— Senhor, por favor, sente-se… — disse o magrelo.

— Não me venha com "senhor", filho — advertiu Max Milagreiro. Ele havia sido durão na juventude e continuava assim. — Tenho trabalho a fazer. Eu estava alimentando minha bruxa quando vocês chegaram; preciso terminar.

Ele levantou o alçapão da choupana, desceu a escada que levava ao porão e trancou o alçapão por dentro. Depois de fazer isso, levou o dedo à boca e correu até a mulher velha que preparava chocolate quente no carvão. Parecia fazer um milhão de anos que Max se casara com Valerie, na Escola de Milagres, onde ela trabalhava como servidora de poções. Claro que ela não era uma bruxa, mas quando Max começou a prática, todo milagreiro precisava de uma bruxa, então, como Valerie não se importava, ele a chamava assim em público, e a mulher aprendera o necessário para desempenhar aquele papel quando estivesse sob pressão.

— Preste atenção! Preste atenção! — sussurrou Max, apontando vezes seguidas para o teto. — Nunca vai acreditar no que tenho lá em cima… um gigante e um latino.

— *Um gigante latindo?* — perguntou Valerie, levando as mãos ao peito. Ela estava ficando meio surda com a idade.

— Um latino! Latino! Um sujeito que fala espanhol. Com cicatriz e tudo, um sujeito bem durão.

— Deixe que roubem o que quiserem. O que temos que valha uma briga?

— Eles não querem *roubar*, querem *comprar*. A mim. Estão com um cadáver e querem um milagre.

— Você sempre foi bom com mortos — disse Valerie.

Ele não via o marido assim, tentando disfarçar o entusiasmo, desde a demissão, que acabara com ele. Mas Valerie conteve o próprio entusiasmo cuidadosamente. Se ele ao menos tivesse uma nova oportunidade... Seu Max era tão genial que todos voltariam, cada um de seus pacientes. Max recuperaria a honra e os dois poderiam ir morar num lugar melhor, sair

daquela choupana. Antigamente, a choupana era onde eles faziam experimentos, mas depois tiveram que se mudar para lá.

— Você não tem nada urgente a fazer esta noite, então por que não aceita o caso? — insistiu Valerie.

— Eu poderia, admito, sem problema, mas e se eu aceitasse? Você conhece a natureza humana; é capaz que tentem ir embora sem pagar. Como posso forçar um gigante a pagar o que não quer? Quem precisa desse tipo de problema? Vou mandá-los embora, e você me traz uma boa xícara de chocolate quente. Além do mais, eu estava no meio de um artigo muito bom sobre garras de águia.

— Peça pagamento adiantado. Vá. Exija. Se disserem não, mande-os embora. Se disserem sim, traga o dinheiro para cá, e darei de comer ao sapo, eles nunca o encontrarão se mudarem de ideia e tentarem roubar o dinheiro de volta.

Max começou a subir a escada.

— Quanto devo pedir? Não faço um milagre há… sei lá, três anos. Os preços podem ter subido muito. Cinquenta, acha? Se tiverem cinquenta, penso no caso. Se não, mando-os embora.

— Certo — concordou Valerie, e assim que Max fechou o alçapão, ela subiu os degraus em silêncio e encostou a orelha no teto.

— Senhor, estamos com muita pressa, então… — começou um dos homens.

— Não me apresse, filho. Quem apressa um milagreiro acaba tendo um serviço porco, é isso que quer?

— Vai fazer o trabalho, então?

— Não disse que faria, filho. Não pressione um milagreiro, não este aqui. Se tentar me pressionar, mando vocês embora. Quanto dinheiro têm?

— Dê seu dinheiro para mim, Fezzik — disse a voz mais uma vez.

— Aqui está tudo que tenho — falou a voz grave. — Conte, Inigo.

Um minuto de silêncio.

— Sessenta e cinco é tudo que temos — disse o homem chamado Inigo.

Valerie estava prestes a bater palmas de alegria quando Max falou:

— Nunca trabalhei por tão pouco na vida. Devem estar de brincadeira. Com licença, mais uma vez. Preciso pôr minha bruxa para arrotar, ela já deve ter acabado de comer.

Valerie desceu a escada correndo e esperou Max.

— Nada feito. Eles só têm vinte.

Valerie mexia a sopa na panela no fogo. Ela sabia a verdade, mas detestava ter que admitir que ouvira as conversas às escondidas, então tentou uma tática diferente:

— Estamos quase sem chocolate em pó, não lembra? Vinte já ajuda bastante no mercado.

— Estamos sem chocolate em pó? — indagou Max, visivelmente aborrecido.

Ele adorava chocolate, só não mais que balas de menta.

— Quem sabe, se for por uma boa causa, você possa se rebaixar, só dessa vez, e trabalhar por vinte? — disse Valerie. — Descubra por que eles precisam do milagre.

— É provável que mintam.

— Use o fole, se ficar em dúvida. Olhe, eu detestaria conviver com minha consciência se não operássemos um milagre quando pessoas de bem estão envolvidas.

— Você é uma dama muito durona — disse Max.

E voltou para o andar de cima.

— Muito bem — disse ao magrelo. — O que há de tão especial neste sujeito que preciso trazê-lo de volta, justo ele, entre as outras centenas de pessoas que me incomodam todos os dias pedindo milagres? É bom que valha a pena.

Inigo estava prestes a falar: “Para que ele possa me dizer como consigo matar o conde Rugen”, mas um milagreiro mal-humorado não interpretaria

tal coisa necessariamente como uma boa ação, então respondeu:

— Ele tem esposa e quinze filhos, que não têm nada para comer. Se não voltar a viver, a família morrerá de fome, então…

— Ah, meu filho, você é um mentiroso — disse Max, depois foi a um canto da casa e buscou um fole gigante. — Vou perguntar a ele — resmungou, erguendo o fole na frente de Westley.

— É um cadáver, ele não pode falar — disse Inigo.

— Tenho meus métodos — foi o que Max respondeu, enfiando o instrumento gigante na garganta de Westley e começando a bombear. — Sabe — explicou o milagreiro, enquanto bombeava —, existem tipos diferentes de morto: existe o meio morto, o quase morto e o totalmente morto. Este sujeito aqui está apenas meio morto, portanto ainda existe alguma memória dentro dele, alguns pedaços de cérebro. Se aplicarmos um pouco de pressão aqui e ali, talvez dê certo.

Westley começava a parecer um pouco inchado.

— O que está fazendo? — perguntou Fezzik, que começava a ficar incomodado.

— Não se preocupe, estou apenas enchendo os pulmões dele. Garanto que não dói. — Ele parou de bombear o fole por alguns instantes e começou a gritar no ouvido de Westley: — O QUE É TÃO IMPORTANTE? O QUE HÁ DE TÃO VALIOSO? QUEM ESPERA POR VOCÊ? — Max levou o fole de volta para o canto e pegou papel e caneta. — Demora um pouquinho para funcionar, então, enquanto isso, me responda algumas perguntas. Você conhece bem esse sujeito?

Inigo não fazia questão de responder, uma vez que pareceria estranho admitir que o vira vivo apenas uma vez, e para um duelo mortal.

— Seja mais específico… — respondeu ele.

— Bem, por exemplo — disse Max —, ele sentia cócegas ou não?

— Cócegas? — Inigo explodiu de raiva. — *Cócegas!* A vida e a morte nos cercam e você fala de cócegas!

— Não grite comigo e não zombe de meus métodos. Cócegas podem servir muito bem nas devidas circunstâncias. Tive um cadáver uma vez, pior do que este aqui, praticamente morto, e fiz cócegas sem parar nele. Fiz cócegas nos dedos dos pés, nos sovacos, nas costelas, depois peguei uma pena de pavão e fui até o umbigo dele; trabalhei o dia e a noite inteiros, e na manhã seguinte… *lembre-se bem, na manhã seguinte*… o cadáver disse: "Odeio isso." E eu perguntei: "Isso o quê?" E ele respondeu: "Cócegas. Voltei da morte apenas para pedir que pare." Então falei: "Está querendo dizer que o que estou fazendo agora com a pena de pavão incomoda você?" E ele disse: "O senhor não faz ideia." E, claro, continuei fazendo perguntas sobre cócegas, instigando-o a falar comigo, a responder, porque, nem preciso dizer isso, mas basta prender o cadáver em uma conversa e terá metade da batalha vencida.

— Mooor… veerr… dadeiro….

Fezzik agarrou-se a Inigo com medo, e ambos saltaram, encarando o homem de preto, que voltou a ficar em silêncio.

— Ele disse "amor verdadeiro"! — gritou Inigo. — Você ouviu… é pelo amor verdadeiro que ele quer voltar. Isso com certeza vale a pena.

— Filho, não venha me dizer o que vale a pena… O amor verdadeiro é a melhor coisa do mundo, depois das balas de menta. Todo mundo sabe disso.

— Então vai salvá-lo? — perguntou Fezzik.

— Sim, com certeza eu o *teria* salvado *se* ele tivesse dito "amor verdadeiro", mas você ouviu errado, porque, na verdade, como sou especialista no fole, devo dizer o que qualquer linguista de respeito teria o prazer de confirmar, isto é, o som da letra *F* é modificado pelo fôlego do cadáver e, portanto, soa como *V*, e o que seu amigo disse foi "mor, ferradeiro", o que quer dizer, obviamente, "morra, ferreiro". Sem dúvida estava envolvido em algum negócio escuso ou mesmo em atividades ilícitas e quer se vingar do tal ferreiro, e isso certamente não é motivo para milagre. Sinto muito, nunca mudo de ideia depois de formá-la, então adeus, levem o cadáver daqui.

— *Mentiroso! Mentiroso!* — Veio um grito agudo do alçapão, agora aberto.

Max Milagreiro se virou.

— Para trás, bruxa! — ordenou.

— Não sou uma bruxa, sou sua esposa… — Ela agora avançava para cima dele, uma pequena anciã raivosa. — E depois do que acabou de fazer, acho que nem isso quero ser mais…

Max Milagreiro tentou acalmá-la, mas ela não ia aceitar.

— Ele disse "amor verdadeiro", Max. Até eu ouvi… "Amor verdadeiro", "amor verdadeiro".

— Pare — disse Max, e havia um tom de súplica vindo de algum lugar.

Valerie se virou para Inigo.

— Ele está rejeitando vocês porque está com medo… está com medo de que seu fim tenha chegado, de que os milagres tenham se esvaído de seus dedos outrora majestosos…

— Não é verdade… — retrucou Max.

— Tem razão — concordou Valerie —, não é verdade… Eles nunca foram majestosos, Max… você nunca foi bom.

— A cura das cócegas… você estava lá… você viu…

— Foi sorte…

— Todos os afogados que ressuscitei…

— Puro acaso…

— Valerie, somos casados há oitenta anos. Como pode fazer isso comigo?

— Porque o amor verdadeiro está morrendo e você não tem a decência de dizer por que não quer ajudar… Bem, pois eu tenho, e digo mais: o príncipe Humperdinck estava *certo* em demitir você…

— Não diga esse nome em minha choupana, Valerie… Você jurou para mim que nunca sequer sussurraria esse nome…

— Príncipe Humperdinck, príncipe Humperdinck, príncipe Humperdinck… Pelo menos ele sabe reconhecer uma farsa…

Max correu na direção do alçapão tapando os ouvidos.

— Mas este homem aqui é o amor verdadeiro da noiva dele — disse Inigo.

— Se o trouxer de volta à vida, ele impedirá o casamento do príncipe Humperdinck…

Max tirou as mãos das orelhas.

— Este cadáver… Se ele voltar à vida, o príncipe Humperdinck sofrerá?

— Uma humilhação sem fim — disse Inigo.

— Ah, *isso* é o que chamo de motivo válido — disse Max Milagreiro. — Entregue-me os sessenta e cinco, vou começar os trabalhos. — Ele se ajoelhou ao lado de Westley. — Humm.

— O quê? — perguntou Valerie.

Ela conhecia aquele tom.

— Enquanto vocês falavam sem parar, ele evoluiu de meio morto para praticamente morto.

Valerie cutucou Westley em algumas partes.

— Rigidez — disse ela. — Você terá que contornar isso.

Max também deu algumas cutucadas.

— Acha que o oráculo está acordado?

Valerie olhou para o relógio.

— Acho que não, é quase uma. E não confio muito nela hoje em dia.

— Eu sei, mas seria bom ter algum indício prévio se isso vai funcionar ou não. — Ele esfregou os olhos. — Já estou cansado. Queria ter ficado sabendo com antecedência sobre este trabalho, teria tirado um cochilo à tarde. — Ele deu de ombros. — Não há nada a fazer, agora já foi. Pegue a Enciclopédia de Feitiços e o Glossário de Bruxaria.

— Achei que você soubesse tudo sobre esse tipo de coisa — falou Inigo, que começava a ficar incomodado.

— Estou fora de forma, aposentado. Faz três anos. Não posso brincar com essas receitas de ressurreição. Um ingrediente errado e tudo explode na minha cara.

— Aqui estão o glossário e seus óculos — disse Valerie, sem fôlego, subindo a escada do porão.

Enquanto Max começava a folhear o volume, ela se virou para Inigo e Fezzik, que espiavam atrás dele.

— Vocês podem ajudar.

— O que precisarem — respondeu Fezzik.

— Digam qualquer coisa que possa ser útil. Quanto tempo temos para operar o milagre? Se operarmos…

— *Quando* operarmos… — corrigiu Max, a cara enfiada no glossário.

Sua voz ficava mais forte.

— *Quando* operarmos o milagre — prosseguiu Valerie —, quanto tempo teremos para conseguir a eficiência máxima? O que exatamente vai ser feito?

— Bem, isso é difícil de prever — disse Inigo —, porque precisamos primeiro invadir o castelo, e nunca se sabe ao certo como serão essas coisas.

— Uma pílula de uma hora deve funcionar — disse Valerie. — Ou será suficiente, ou ambos morrerão, então por que não arriscar uma hora?

— Nós três lutaremos — corrigiu Inigo. — Depois de invadirmos o castelo, precisaremos impedir o casamento, sequestrar a princesa e fugir, reservando uma brechinha no meio de tudo isso para meu duelo com o conde Rugen.

Era visível que a energia de Valerie havia se esvaído por completo. Exausta, ela se sentou.

— Max — chamou ela, batendo no ombro dele. — Não vai dar.

— O quê?

— Eles precisam de um cadáver combatente.

Max fechou o glossário.

— Não vai dar — disse ele.

— Mas eu paguei por um milagre — insistiu Inigo. — Sessenta e cinco.

— Olhe aqui… — Valerie afundou o dedo no peito de Westley. — Nada. Já viu algo tão vazio? A vida do homem foi sugada. Ele levará meses para recuperar as forças.

— Não temos meses… já passou de uma da manhã e o casamento é hoje,

às seis da tarde. Quais partes podemos esperar que estejam funcionando em dezessete horas?

— Bem — disse Max, ponderando —, seguramente a língua e o cérebro. Com sorte, talvez um lento caminhar, se você der um empurrãozinho na direção que desejar.

Inigo olhou desesperado para Fezzik.

— O que querem que eu diga? — indagou Max. — Vocês precisariam de uma fantasmagoria.

— E nunca conseguiriam isso com sessenta e cinco — acrescentou Valerie, tentando consolá-los.



UM PEQUENO CORTE aqui, de umas vinte páginas. O que acontece é basicamente uma alternância de cenas: o que está acontecendo no castelo, depois a situação com o milagreiro, em um vai e volta, e em cada troca ele diz a hora, tipo "e então restavam apenas onze horas para as seis da tarde". Morgenstern usa esse artifício sobretudo porque o que de fato interessa a ele é a sátira antirrealeza, mostrar que as tradições por vezes ultrapassavam os limites da estupidez, como beijar o anel sagrado do tataravô Fulano de Tal etc.

Cortei algumas cenas de ação, coisa que não fiz em nenhuma outra parte, e eis minha lógica: Inigo e Fezzik precisam atravessar uma boa dose de desafios para arranjar os ingredientes necessários para a pílula de ressurreição. Por exemplo, Inigo vai procurar pó de sapo, enquanto Fezzik sai atrás de uma porção de lama do holocausto — essa última requer, em primeiro lugar, que o gigante adquira uma capa do holocausto para que ele não morra queimado coletando a lama. Bem, tenho a convicção de que esse é o mesmo tipo de coisa de quando o Mágico de Oz envia os amigos de Dorothy para o castelo da bruxa má; trata-se da mesma "sensação", se é que me entende, e não quis correr o risco de, bem no clímax do livro, o leitor dizer: "Ah, isso é igual a O mágico de Oz.*" Eis a graça: a versão florinense de*

Morgenstern foi criada antes de Baum escrever O mágico de Oz, *então, embora ele seja o original, parece exatamente o oposto. Seria legal se alguém, quem sabe um candidato a ph.D. qualquer por aí, fizesse algo pela reputação de Morgenstern, porque, acredite, se o ostracismo dói, esse cara sofreu muito.*

Tenho um segundo motivo para o corte: o leitor sabe que a pílula da ressurreição vai funcionar. Ninguém passa tanto tempo com um casal de malucos feito Max e Valerie para não ter o resultado desejado. Pelo menos não um gênio como Morgenstern.

Uma última coisa: Hiram, meu editor, achou que a parte sobre Max Milagreiro soava judaica demais, muito contemporânea. Eu realmente bati de frente com ele por causa disso; é um assunto muito delicado para mim, porque, apenas como exemplo, tem uma cena em Butch Cassidy and the Sundance Kid *em que Butch diz: "Eu tenho visão e o resto do mundo usa lentes bifocais." E um dos meus produtores geniais disse: "Precisamos cortar essa fala. Não vou colocar meu nome no filme se não cortarem a fala." E eu perguntei por quê, e ele respondeu: "Bem, Franklin usava lentes bifocais… Ty Cobb era o melhor rebatedor da Liga Americana quando esses caras existiram…* minha mãe *estava viva quando esses caras estavam vivos e* ela *usava lentes bifocais." Nós nos despedimos e viramos inimigos, pois a fala continuou no filme.*

E a questão é: se Max e Valerie soam como judeus, qual é o problema? Alguém acha que um cara chamado Simon Morgenstern era um irlandês católico? Um fato curioso: os pais de Morgenstern chamavam-se Max e Valerie e o pai era médico. A vida imitando a arte, a arte imitando a vida; eu confundo os dois, assim como nunca lembro se clarete é vinho de Bordeaux ou da Borgonha. Os dois são saborosos, e isso é a única coisa que importa, acredito, e Morgenstern pensa o mesmo, e voltaremos à história um tempo depois, mais precisamente treze horas depois, às quatro da tarde, faltando duas horas para o casamento.



— ENTÃO É ISSO? — perguntou Inigo, escandalizado.

— É isso — afirmou Max, orgulhoso.

Ele não ficava acordado durante tantas horas assim havia muito tempo. A sensação era incrível.

Valerie estava orgulhosíssima.

— Linda — disse ela. E se virou para Inigo. — Você parece decepcionado… como imaginou que seria uma pílula da ressurreição?

— Com certeza não imaginei uma pedra de lama do tamanho de uma bola de golfe.



(EU DE NOVO, última interrupção deste capítulo. Não, isso também não é anacronístico, existiam bolas de golfe na Escócia setecentos anos atrás, e não apenas isso, lembre-se de que Inigo havia estudado com MacPherson, o escocês. Aliás, tudo que Morgenstern escreveu é historicamente correto; pode conferir em qualquer livro decente sobre a história florinense.)



— EM GERAL, PASSO uma camada de chocolate no final. Ficam bem melhores — disse Valerie.

— Devem ser quatro horas — disse Max. — Melhor preparar o chocolate, para dar tempo de endurecer.

Valerie seguiu para a cozinha levando a pedra de lama.

— Você nunca fez um trabalho tão bom. Sorria.

— Funcionará sem problema? — perguntou Inigo.

Max assentiu com bastante firmeza. Mas não sorriu. Algo lá no fundo o incomodava; ele nunca esquecia as coisas, pelo menos não as importantes, e também não esqueceu dessa vez.

Só não lembrou a tempo…

* * *

ÀS 16H45, O príncipe Humperdinck convocou Yellin a seus aposentos. Yellin veio no mesmo instante, embora temesse o que estava prestes a acontecer. Na verdade, Yellin já tinha a carta de demissão guardada em um envelope no bolso.

— Vossa alteza — saudou Yellin.

— Relate — disse o príncipe Humperdinck.

Ele estava com um traje branco deslumbrante, sua vestimenta de casamento. Ainda parecia um barril imenso, porém mais brilhante.

— Todos os seus desejos foram cumpridos, majestade. Supervisionei cada detalhe pessoalmente. — Ele estava muito cansado, Yellin, com a mente esgotada.

— Seja mais específico.

Faltavam setenta e cinco minutos para seu primeiro assassinato feminino, e ele se perguntava se conseguiria apertar o pescoço de Buttercup tão rápido que não daria tempo nem mesmo para um grito. Havia passado a tarde inteira treinando com salsichas gigantes, e os movimentos já estavam bastante dominados, mas salsichas gigantes não são pescoços, e nem toda a vontade do mundo poderia transformá-las em pescoços.

— Todas as passagens para o castelo foram bloqueadas novamente hoje de manhã, com exceção do portão principal. É o único meio de entrar e sair. Troquei a fechadura do portão principal. Existe apenas uma chave para a nova fechadura, e eu a levo comigo para todos os lugares. Quando estou em ação com os cem homens, a chave fica do lado de fora da porta e ninguém pode sair do castelo. Quando estou com você, como agora, a chave fica do lado de dentro da porta, e ninguém consegue entrar.

— Prossiga — exigiu o príncipe, indo até a grande janela do quarto e

apontando para fora.

Abaixo da janela ficava um lindo jardim. Depois do jardim, os estábulos particulares do príncipe. Depois dos estábulos, naturalmente, ficava o muro que cercava o castelo.

— É assim que eles virão. Pulando o muro, cruzando os estábulos, passando pelo jardim, até alcançarem minha janela. Estrangularão a rainha e voltarão pelo mesmo lugar de onde vieram e nem perceberemos.

— Eles? — perguntou Yellin, embora soubesse a resposta.

— Os guilderianos, claro.

— Mas o muro a que se refere é o mais alto de todos… tem quinze metros de altura naquele ponto; me parece que seria o alvo menos provável para um ataque. — Estava tentando desesperadamente manter a calma.

— Por isso mesmo que escolherão esse ponto. E todo mundo sabe que os guilderianos são alpinistas imbatíveis.

Yellin nunca tinha ouvido falar naquilo. Sempre pensou que fossem os suíços os alpinistas imbatíveis.

— Majestade — disse ele, em uma última tentativa —, ainda não ouvi, de nenhum dos meus espiões, nem uma só palavra a respeito de uma possível conspiração contra a princesa.

— Fontes incontestáveis me garantem que haverá uma tentativa de estrangulamento à princesa hoje à noite.

— Nesse caso — disse Yellin, ajoelhando-se numa perna só e entregando o envelope —, devo apresentar minha demissão.

Era uma decisão difícil; os Yellin tinham comandado as forças de Florin por gerações e levavam o trabalho muito a sério.

— Não estou fazendo um bom trabalho, majestade. Por favor, perdoe-me e acredite quando digo que minhas falhas foram provenientes do corpo e da mente, não do coração.

O príncipe Humperdinck se viu, muito de repente, em uma verdadeira cilada, pois assim que a guerra estivesse encerrada, precisaria de alguém que

ficasse em Guilder para comandar o país, já que não poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo, e os únicos homens em que confiava eram Yellin e o conde, e o conde jamais aceitaria a posição, porque andava obcecado com aquela máquina idiota Manual da Dor.

— *Não* aceito sua demissão, você *está* fazendo um bom trabalho, *não* há nenhuma conspiração, sou *eu* quem vai assassinar a rainha hoje à noite e *você* comandará Guilder para mim depois da guerra. Agora, levante-se.

Yellin não sabia o que dizer. "Obrigado" parecia bastante inadequado, mas foi o que conseguiu dizer.

— Assim que terminar a cerimônia de casamento, vou pedir que ela suba para se arrumar. Enquanto isso, farei, com um par de botas já providenciado, as pegadas que indicam o caminho do muro até o quarto, e do quarto, ao muro. Como você é o encarregado pelas forças armadas, deduzo que não levará muito tempo para confirmar minhas suspeitas de que as pegadas só poderiam ter sido feitas por botas de soldados de Guilder. Assim que tivermos a confirmação, precisaremos de uma ou duas proclamações da família real. Meu pai pode abdicar do trono por estar incapacitado de lutar na guerra e você, caro Yellin, logo estará vivendo no Castelo de Guilder.

Yellin sabia reconhecer muito bem um discurso de dispensa.

— Parto com o único desejo em meu coração de servi-lo.

— Obrigado — disse Humperdinck, satisfeito, porque, afinal, lealdade era a única coisa que não se podia comprar. E, com esse mesmo espírito, ele disse a Yellin, já à porta: — Ah, se vir o albino, diga a ele que pode assistir ao casamento dos fundos, tudo bem por mim.

— Direi a ele, majestade — respondeu Yellin, e acrescentou: — Mas não sei onde está meu primo… fui procurar por ele há menos de uma hora e não o encontrei em lugar algum.

O príncipe sabia identificar uma notícia importante, porque não era o maior caçador do mundo à toa. Além disso, se havia uma coisa a se dizer sobre o albino era que ele *sempre* podia ser encontrado.

— Meu Deus, não acha que pode haver uma conspiração *de verdade*, acha? É o momento perfeito, o país está celebrando. Se Guilder estivesse prestes a comemorar seu quinto centenário, sei que *eu* estaria planejando um ataque.

— Correrei até o portão e lutarei, até a morte se necessário — disse Yellin.

— Bom homem — gritou o príncipe para seu comandante.

Se houvesse um ataque, ele chegaria no horário mais atribulado, durante a cerimônia, então teria que adiantar o casamento. As questões de Estado evoluíam com lentidão, mas ele tinha autoridade. Seis horas da tarde estava fora de cogitação. Ele se casaria no máximo às cinco e meia, ou não se chamava Humperdinck.

* * *

ÀS CINCO HORAS, Max e Valerie estavam no porão tomando café.

— É bom você ir logo dormir — disse Valerie —, está parecendo preocupado. Não pode mais passar a noite acordado como se fosse um jovenzinho.

— Não estou cansado — retrucou Max. — Mas você está certa em relação à outra coisa.

— Conte para a Mama.

Valerie foi até ele, acariciou o local onde um dia tivera cabelo.

— É só que andei pensando na pílula.

— Foi uma linda pílula, querido. Fique orgulhoso.

— Mas acho que confundi as medidas. Eles não queriam uma hora? Quando dobrei a receita, não coloquei o suficiente. Duvido que funcione por mais de quarenta minutos.

Valerie se sentou no colo dele.

— Sejamos honestos. Claro, você é um gênio, mas até os gênios ficam enferrujados. Passou três anos sem praticar. Quarenta minutos vão ser mais que suficientes.

— Acho que você está certa. Além do mais, o que podemos fazer? O que passou, passou.

— Com a pressão que anda sofrendo, só de funcionar já será um milagre.

Max era obrigado a concordar.

— Uma fantasmagoria.

Ele assentiu.

* * *

O HOMEM DE preto era praticamente uma pedra quando Fezzik chegou ao muro. Eram quase cinco horas e o gigante estava carregando o cadáver desde a casa de Max Milagreiro, de viela em viela, beco em beco, e era uma das coisas mais difíceis que já fizera. Não por causa do peso. Nem estava ofegante. Mas se a pílula fosse realmente o que parecia, uma pedra de chocolate, então ele, Fezzik, teria pesadelos pelo resto da vida com corpos endurecendo em suas mãos.

Quando chegou enfim à sombra do muro, disse para Inigo:

— E agora?

— Temos que ver se ainda é seguro. Talvez haja uma armadilha.

Era a mesma parte do muro que dava no Zoológico, no canto mais distante das terras do castelo, mas se o corpo do albino tivesse sido descoberto, quem poderia dizer o que esperava por eles?

— Quer que eu suba, então? — perguntou Fezzik.

— Vamos os dois. Apoie-o no muro e me ajude.

Fezzik escorou o homem de preto para que não corresse o risco de cair e esperou enquanto Inigo subia em seus ombros. Em seguida, Fezzik iniciou a escalada.

Qualquer rachadura no muro era suficiente para seus dedos; a menor das imperfeições era tudo de que ele precisava. Subiu depressa, já familiarizado, e em um instante Inigo conseguiu alcançar o topo.

— Muito bem, agora desça de volta.

Fezzik voltou ao homem de preto e aguardou.

Inigo seguiu com cuidado pelo alto do muro, em silêncio. Ao longe, podia ver a entrada do castelo e os soldados armados que a cercavam. E mais perto estava o Zoológico da Morte. E distante, no canto mais distante do muro, ainda podia ver o corpo imóvel do albino. Nada havia mudado. Eles estavam, pelo menos até o momento, seguros. Sinalizou para Fezzik na base do muro, que segurou o homem de preto entre as pernas e começou a subida sem emitir nenhum som.

Quando estavam todos juntos no alto do muro, Inigo estendeu o morto e correu para conseguir uma visão melhor do portão principal. A caminhada do muro externo até o portão principal do castelo era um pouquinho nivelada para baixo, não exatamente uma inclinação, mas uma descida estável. Devia ter — Inigo fez uma contagem rápida — pelo menos cem homens em posição de combate. E devia ser — ele estimou — cinco minutos depois das cinco, quem sabe quase dez. Cinquenta minutos até o casamento. Inigo deu meia-volta e correu até Fezzik.

— Acho que a gente precisa dar a pílula para ele — disse o hispânico. — Devem faltar uns quarenta e cinco minutos para a cerimônia.

— Isso significa que ele tem apenas quinze minutos para escapar — disse Fezzik. — Acho que devemos esperar pelo menos até cinco e meia. Meia hora antes, meia hora depois.

— Não. Nós vamos impedir que o casamento aconteça… é a melhor estratégia, pelo menos a meu ver. Antes que eles estejam preparados. Na confusão que antecede a cerimônia, é quando devemos atacar.

Fezzik não tinha outro argumento.

— De qualquer jeito — disse Inigo —, não sabemos quanto tempo leva para se engolir algo desse tipo.

— Eu nunca conseguiria engolir isso. Certeza.

— Teremos que dar à força — disse Inigo, desembrulhando a pedra cor de

chocolate. — Como um ganso recheado. Vamos pôr as mãos no pescoço dele e meio que empurrá-lo rumo ao que quer que tenha pela frente.

— Concordo com você — disse Fezzik. — Apenas me diga o que fazer.

— Vamos botá-lo sentado, acho que é melhor, não? Sempre acho mais fácil engolir sentado que deitado.

— Teremos que nos esforçar bastante — afirmou Fezzik. — Ele já está todo duro Acho que não vai se dobrar fácil.

— Você consegue — disse Inigo. — Sempre tenho fé em você, Fezzik.

— Obrigado — respondeu o turco. — Só não me deixe sozinho, nunca.

Fezzik ergueu o cadáver entre os dois e tentou dobrá-lo ao meio, mas o homem de preto estava tão enrijecido que o gigante teve que suar para conseguir posicioná-lo nos ângulos certos. Então perguntou:

— Quanto tempo acha que teremos que esperar para saber se o milagre aconteceu ou não?

— Sei tanto quanto você — disse Inigo. — Abra bem a boca dele, vire um pouco a cabeça para trás e vamos jogar a pílula para ver no que dá.

Fezzik se concentrou por um tempo na boca do morto e deixou-a do jeito que Inigo queria, dessa vez virando o pescoço de forma perfeita. Inigo se ajoelhou diretamente sobre a cavidade, soltou a pílula e assim que ela atingiu a garganta, ele ouviu:

— Não conseguiram me destruir sozinhos, seus desgraçados! Mas eu destruí um de vocês de cada vez, agora destruirei os dois juntos.

— Está vivo! — gritou Fezzik.

O homem de preto estava sentado imóvel, como um boneco de ventríloquo; somente a boca se mexia.

— Essa talvez seja a observação mais infantil e óbvia que já ouvi, mas o que mais se poderia esperar de um estrangulador? Por que meus braços não estão se mexendo?

— Você estava morto — explicou Inigo.

— E não estávamos estrangulando você — disse Fezzik —, estávamos

apenas fazendo a pílula descer.

— A pílula da ressurreição — acrescentou Inigo. — Eu a comprei de Max Milagreiro, e funciona por sessenta minutos.

— O que acontece depois de sessenta minutos? Morro de novo?

(Não eram sessenta minutos; isso era o que ele achava. Na verdade, eram quarenta; mas eles já tinham gastado um desses minutos naquela conversa, então restavam trinta e nove.)

— Não sabemos. É provável que tenha um ataque e precise de cuidados por um ano ou seja lá qual for o tempo necessário para recuperar as forças.

— Eu queria conseguir me lembrar de como era quando estava morto — disse o homem de preto. — Escreveria tudo. Poderia ganhar uma fortuna com um livro assim. Também não consigo mexer as pernas.

— Vai conseguir. Deve recuperar os movimentos. Max disse que a língua e o cérebro eram moleza e que é provável que consiga andar, mas devagar.

— A última coisa que me lembro é de quando estava morrendo; então, por que estou neste muro? Somos inimigos? Vocês têm nome? Eu sou o Infame Pirata Roberts, mas podem me chamar de Westley.

— Fezzik.

— Inigo Montoya da Espanha. Permita-me contar o que está acontecendo… — Ele parou e balançou a cabeça. — Não, é muita coisa, demoraria demais, então vou resumir para você: o casamento é às seis, o que nos dá aproximadamente meia hora para entrar lá, roubar a garota e sair; mas não antes que eu mate o conde Rugen.

— Quais são os desafios?

— Existe apenas um portão do castelo operando, e está sendo vigiado por cerca de cem homens.

— Humm — disse Westley, não tão insatisfeito quanto ficaria normalmente, porque naquele instante começou a mexer os dedos dos pés.

— E nossos aliados?

— Sua mente, a força de Fezzik e minha espada.

Westley parou de mexer os dedos dos pés.

— Só *isso*? Acabou? Mais nada?

Inigo tentou explicar:

— Estamos operando sob tremenda pressão desde o começo. Ainda ontem de manhã, por exemplo, eu era um bêbado sem esperança e Fezzik trabalhava para o Esquadrão de Brutamontes.

— Impossível! — exclamou Westley.

— *Meu nome é Inigo Montoya e não aceito a derrota*… Você vai pensar em algo; tenho total confiança em você.

— Ela vai se casar com Humperdinck e então não me restará *nenhuma esperança* — disse Westley, desesperado. — Deitem-me de novo. Deixem-me em paz.

— Está se entregando muito fácil; nós enfrentamos monstros para chegar até você, arriscamos tudo porque você tem a mente de quem resolve problemas. Tenho completa e total confiança de que…

— Quero morrer — sussurrou Westley, e fechou os olhos. — Se eu tivesse um mês para planejar, talvez inventasse algo, mas assim… — Ele balançava a cabeça de um lado para outro. — Sinto muito. Deixem-me em paz.

— Você acabou de mexer a cabeça — disse Fezzik, tentando ao máximo soar animador. — Isso não melhora seu ânimo?

— Minha mente, sua força e essa espada contra cem soldados? E você acha que uma mexida de cabeça vai me deixar feliz? Por que não me deixaram morto? Isto é pior. Ficar deitado aqui sem poder fazer nada enquanto meu amor verdadeiro se casa com um assassino.

— Assim que superar essa crise emocional, você vai pensar em alguma saída…

— Quer dizer, se tivéssemos um carrinho de mão, já seria alguma coisa — disse Westley.

— Onde você botou aquele carrinho de mão que estava com o albino? — perguntou Inigo.

— Ao lado do albino, acho.

— Talvez a gente consiga um carrinho de mão — disse Inigo.

— Por que não contou antes que contávamos com esse recurso? — perguntou Westley, sentando-se e encarando a multidão de soldados ao longe.

— Veja, você acabou de se sentar — disse Fezzik, ainda tentando soar animador.

Westley continuou olhando para as tropas e para a inclinação que levava até o portão principal. Então, balançou a cabeça.

— O que eu não daria por uma capa do holocausto... — disse ele.

— Não vamos poder ajudar com isso — disse Inigo.

— Isso serve? — perguntou Fezzik, sacando a capa do holocausto.

— Onde…? — começou Inigo.

— Enquanto você foi buscar o pó de sapo… Ela me serviu tão bem que a guardei.

Nessa hora, Westley se levantou.

— Muito bem. Em algum momento, precisarei de uma espada.

— Por quê? — perguntou Inigo. — Você mal consegue levantar o braço.

— Verdade. Mas eles não sabem disso. Agora, escutem, talvez a gente tenha problemas lá dentro…

— Não me diga — interrompeu Inigo. — Como impedimos o casamento? Assim que impedirmos, como encontro o conde? Depois que o encontrar, onde encontrarei vocês? Quando estivermos juntos de novo, como escaparemos? Após escaparmos…

— Não o incomode com tantas perguntas — disse Fezzik. — Vá com calma, ele estava morto.

— Está bem, está bem, perdão.

O homem de preto se mexia muuuuito devagar pelo alto do muro. Sozinho. Fezzik e Inigo o seguiam no escuro até o carrinho de mão. Não havia como negar que existia certa empolgação no ar.

* * *

BUTTERCUP, POR SUA VEZ, não sentia empolgação alguma. Na verdade, ela não se lembrava de um dia ter sentido tamanha calma. Seu Westley estava a caminho, e isso significava o mundo para ela. Desde que o príncipe a havia jogado no quarto, Buttercup passava as horas pensando em diferentes maneiras de fazer Westley feliz. Não tinha a menor chance de ele não impedir a cerimônia de casamento. Aquele era o único pensamento que sobrevivia em sua mente.

Então, quando ela soube que o casamento havia sido adiantado, não ficou nem um pouco incomodada. Westley estava sempre preparado para emergências, e se ele podia resgatá-la às seis, poderia alegremente resgatá-la sem problemas às cinco e meia.

Na verdade, o príncipe Humperdinck conseguiu ajeitar tudo bem mais rápido do que esperava. Eram 17h23 quando ele e a noiva se ajoelharam diante do velho arcediago de Florin. Eram 17h24 quando o arcediago começou a falar.

E eram 17h25 quando começaram a ouvir os gritos diante do portão principal do palácio.

Buttercup sorriu discretamente. Lá vem Westley, pensava.

* * *

CONTUDO, NÃO ERA seu Westley quem estava causando a comoção lá fora. Ele estava fazendo o possível para andar em linha reta na ponte que levava ao portão principal. À frente dele, Inigo carregava, com certa dificuldade, o carrinho de mão, que estava muito pesado. O motivo para todo esse peso era Fezzik, de pé dentro do carrinho, braços abertos, olhos fulminantes, a voz ecoando com uma força assustadora:

— EU SOU O INFAME PIRATA ROBERTS E NÃO HAVERÁ

SOBREVIVENTES!

Ele repetia aquilo sem parar, a voz retumbando e reverberando conforme sua raiva aumentava. Estava ali, de pé, deslizando na escuridão, uma figura bastante imponente, quase três metros de altura, e a voz tão imponente quanto. Mas nem isso era o motivo dos gritos.

* * *

YELLIN, DE SEU posto diante do portão, estava razoavelmente incomodado com o gigante rugidor que deslizava na escuridão até eles. Não que duvidasse da capacidade de seus cem homens em despachar o gigante; o que o inquietava era, claro, que o gigante também sabia disso, e, logicamente, deveria haver no meio da escuridão uma cobertura de inúmeros gigantes. Outros piratas, qualquer coisa. Quem poderia dizer? Mesmo assim, seus homens mantinham-se firmes de forma admirável.

Foi só quando o gigante chegou ao meio da ponte que ele, súbita e alegremente, entrou em combustão e continuou sua viagem bradando de um modo que só podia indicar a mais pura sinceridade:

— NÃO HAVERÁ SOBREVIVENTES, NÃO HAVERÁ SOBREVIVENTES!

Foi a visão de Fezzik em chamas, avançando todo contente, que fez o Esquadrão de Brutamontes começar a gritar. E uma vez que isso aconteceu, bem, todos entraram em pânico e saíram correndo…

8
A LUA DE MEL

Uma vez instaurado o pânico, Yellin percebeu que tinha quase chance nenhuma de controlar a situação logo. Além do mais, o gigante já estava muito perto e o grito "NÃO HAVERÁ SOBREVIVENTES" dificultava bastante qualquer tipo de raciocínio, mas, felizmente, ele tivera o bom senso de pegar a única chave que dava acesso ao castelo.

Também felizmente, Westley tivera o bom senso de atentar para um gesto daquele.

— Entregue a chave — exigiu Westley assim que Inigo havia posicionado sua espada de forma precisa no pomo de adão do comandante das forças florinenses.

— Não tenho chave alguma — respondeu Yellin. — Juro pela memória dos meus pais; que a alma de minha mãe arda para sempre nas chamas do inferno se eu estiver mentindo.

— Arranque os braços dele — ordenou Westley a Fezzik, que era quem chamuscava no momento, porque até uma capa do holocausto tinha seus limites, e ele queria se despir, mas antes disso alcançou os braços de Yellin.

— Ah, está falando desta chave? — indagou Yellin, largando-a no chão.

Assim que Inigo confiscou-lhe a espada, deixaram que ele fugisse.

— Abra o portão — ordenou Westley a Fezzik.

— Está tão quente — retrucou Fezzik. — Posso tirar isto antes?

Assim que Westley assentiu, ele arrancou a capa em chamas e jogou-a no chão, destrancando o portão e abrindo-o apenas o suficiente para os três passarem.

— Tranque-o e fique com a chave, Fezzik — pediu Westley. — Já deve ser mais de cinco e meia, temos trinta minutos para impedir o casamento.

— O que faremos depois? — perguntou o gigante, mexendo na chave e

trancando o portão. — Em que lugar nos encontramos? Sou o tipo de sujeito que precisa de instruções.

Antes que Westley pudesse responder, Inigo gritou e empunhou a espada. O conde Rugen e quatro guardas do palácio dobravam uma esquina e corriam na direção deles. Eram 17h34.

* * *

A CERIMÔNIA EM si só acabou às 17h31, e Humperdinck teve que usar todo o seu poder de persuasão. Quando os gritos do lado de fora do portão alcançaram todos os cantos da propriedade, o príncipe interrompeu o arcediago do modo mais delicado e disse:

— Vossa santidade, meu amor simplesmente é maior que minha capacidade de esperar… por favor, adiante para o final da cerimônia.

Naquele momento, eram 17h27.

— Humperdinck e Buttercup — disse o arcediago —, estou muito velho e tenho poucas coisas a dizer sobre casamento, mas sinto que devo exprimi-las nesta ocasião tão feliz.

(O arcediago não ouvia absolutamente nada desde seus oitenta e cinco anos. A única mudança real que havia acontecido nos últimos tempos era que, por algum motivo, sua dicção havia piorado. "Ceuimônia", dizia ele. "Véio demais". Se não prestassem muita atenção a seu título e suas conquistas anteriores, era muito difícil levá-lo a sério.)

— A ceuimônia… — começou o arcediago.

— Mais uma vez, vossa santidade, interrompo em nome do amor. Por favor, adiante esta cerimônia o máximo que puder.

— O mamamento é um monho dento de um monho.

Buttercup mal prestava atenção. Westley devia estar correndo pelos corredores naquele instante. Ele sempre corria de um jeito tão bonito! Mesmo na época da fazenda, muito antes de entender seus sentimentos, ela gostava de

vê-lo correr.

O conde Rugen era a única outra pessoa na sala, e a comoção no portão estava deixando-o agitado. Seus quatro melhores espadachins estavam a postos para que ninguém entrasse na pequena capela, mas ainda assim havia muitas pessoas gritando no local onde deveria estar o Esquadrão de Brutamontes. Os quatro guardas eram os únicos no interior do castelo, pois o príncipe não precisava de espectadores para os eventos que estavam prestes a acontecer. Se apenas o idiota do clérigo andasse logo com aquilo. Já eram 17h29.

— O sunho do amou embuiado no sonho maió du descansu eterno. A eternidade é nussa amiga, embem-se dissu, e o amou us seguirá paga sempe.

Eram 17h30 quando o príncipe se levantou e se aproximou do arcediago com firmeza.

— Marido e mulher! — gritou ele. — *Marido e mulher*. Diga isso!

— Auinda não estô lá — respondeu o arcediago.

— Acabou de chegar lá — replicou o príncipe. — Agora!

Buttercup podia visualizar Westley fazendo a última curva. Quatro guardas esperavam do lado de fora. Dez segundos por guarda, ela começou a fazer as contas, mas parou, porque nunca tinha sido boa com números. Olhou para baixo, para as mãos. Ah, espero que ele ainda me ache bonita, pensou; aqueles pesadelos cansaram minha beleza.

— Mauído e muié, são mauído e muié — disse o arcediago.

— Obrigado, santidade — disse o príncipe, girando na direção de Rugen. — Pare aquela baderna! — ordenou, e antes que tivesse terminado, o conde já corria para a porta da capela.

Eram 17h31.

* * *

O CONDE E os guardas levaram três minutos inteiros para chegar aos portões,

e o conde não acreditou: tinha visto Westley morto, e de repente ali estava ele. Com um gigante e um sujeito moreno com cicatrizes estranhas. Algo naquelas cicatrizes gêmeas fez sua mente iniciar uma busca profunda na memória, mas não era o momento para melancolia.

— Mate-os — ordenou aos soldados —, mas deixe o de tamanho mediano vivo até segunda ordem.

E os quatro guardas sacaram suas espadas…

… porém tarde demais; tarde demais e devagar demais, porque enquanto Fezzik se posicionava na frente de Westley, Inigo atacou, a grande lâmina reluzindo, e o quarto guarda estava morto antes mesmo que o primeiro tivesse caído no chão.

Inigo ficou imóvel por um instante, ofegando. Em seguida, deu meia-volta na direção do conde Rugen e, muito aprumado, executou uma reverência rápida.

— Olá — disse ele —, meu nome é Inigo Montoya. Você matou meu pai. Prepare-se para morrer.

Em resposta, o conde fez algo realmente impressionante e inesperado: virou-se e saiu correndo. Eram então 17h37.

* * *

O REI LOTHARON e a rainha Bella chegaram à capela do casamento a tempo de ver o conde Rugen liderando os quatro guardas pelo corredor.

— Estamos adiantados? — perguntou a rainha Bella ao entrar com o marido na capela e encontrar Buttercup e Humperdinck com o arcediago.

— Há muita coisa acontecendo — disse o príncipe. — Na hora certa, tudo será devidamente esclarecido, mas acredito que existam grandes chances de que, neste exato momento, os guilderianos estejam liderando um ataque. Preciso de um tempo sozinho no jardim para formular meus planos de batalha. Em função disso, posso convencê-los a escoltar Buttercup até os

meus aposentos?

Naturalmente, o pedido foi atendido. O príncipe se apressou, então, após uma parada para destrancar um armário e retirar diversos pares de botas que um dia pertenceram a soldados guilderianos, correu para a parte externa.

Já Buttercup caminhava muito devagar e tranquila entre os antigos rei e rainha. Não havia nenhum motivo para se preocupar, não com Westley presente para impedir o casamento e levá-la embora para sempre. O impacto da situação só a atingiu de verdade quando ela estava na metade do caminho para o quarto de Humperdinck.

Não havia nenhum Westley.

Nenhum amado Westley. Ele não tinha achado que valia a pena buscá-la.

Ela soltou um suspiro pesaroso. Nem tanto de tristeza, mas de adeus. Assim que chegasse ao quarto de Humperdinck, estaria tudo acabado. Ele tinha uma coleção esplendorosa de espadas e cutelaria.

Ela nunca tinha de fato cogitado suicídio. Ah, claro que havia pensado no assunto; toda mulher o faz de tempos em tempos. Mas nunca a sério. Para sua surpresa, achou que seria a coisa mais fácil do mundo. Chegou à porta dos aposentos do príncipe, deu boa-noite à família real e foi sem hesitar até a parede com a coleção de armas. Eram, então, 17h46.

Inigo, às 17h37, pegou-se tão surpreso com a covardia do conde que ficou sem reação por um instante. Então correu atrás dele, e claro que era mais rápido, mas o conde entrou por uma porta e a fechou, trancando-a, e Inigo não tinha condições de derrubá-la.

— Fezzik! — chamou ele, desesperado. — Fezzik, derrube a porta!

Mas Fezzik estava com Westley. Era sua tarefa, ficar com Westley e protegê-lo, e, embora ainda estivesse de olho em Inigo, não havia nada que pudesse fazer; Westley já tinha começado a andar. Devagar. Fraco. Mas andava, com as próprias pernas.

— Invista — respondeu Fezzik. — Bata o ombro com força. A porta vai ceder.

Inigo arremeteu contra a porta. Bateu o ombro vezes seguidas, mas era magro, ao contrário da porta.

— Ele está escapando de mim — disse Inigo.

— Mas Westley está indefeso — Fezzik lembrou a ele.

— Fezzik, eu *preciso* de você! — gritou Inigo.

— Volto em um minuto — disse Fezzik, porque tinha certas coisas que deveriam ser feitas acima de tudo, e quando um amigo precisava, era necessário ajudar.

Westley assentiu e continuou andando, ainda devagar, ainda fraco, mas andava.

— Depressa! — insistiu Inigo.

Fezzik se apressou. Correu desajeitado até a porta trancada e jogou o peso do corpo bruscamente.

A porta se manteve inabalável.

— Por favor — pediu Inigo.

— Vou conseguir, vou conseguir — prometeu Fezzik, e, dessa vez, deu alguns passos para trás antes de bater com o ombro na madeira.

A porta cedeu um pouco. Não muito. Não o suficiente.

Então Fezzik se afastou bastante. Com um rugido, correu pelo corredor e, quando estava próximo, tirou os pés do chão, e a porta se partiu.

— Obrigado, obrigado — disse Inigo, já passando pela porta quebrada.

— Mas o que faço agora?

— Volte para Westley — respondeu Inigo, já a toda velocidade, começando a perseguição por uma série de cômodos.

— Burro! — exclamou Fezzik, punindo a si mesmo, e foi atrás de Westley.

Mas Westley não estava mais ali. Fezzik sentia o pânico se formando em suas entranhas. Havia meia dúzia de corredores em que procurar.

— Qual, qual, qual? — perguntou Fezzik, tentando descobrir, tentando fazer a coisa certa pela primeira vez na vida. — Conhecendo você, vai escolher o errado — disse; em seguida, optou por um dos corredores e correu

o mais rápido que pôde.

Ele de fato escolheu o errado.

Dali em diante, Westley estava sozinho.

* * *

INIGO FECHAVA O cerco. De tempos em tempos, tinha vislumbres do nobre em fuga, e quando o hispânico alcançava o lugar, o conde já tinha chegado ao cômodo seguinte. Mas, a cada passo, Inigo aumentava a vantagem. Às 17h40, estava seguro de que, após uma perseguição de vinte e cinco anos, ficaria sozinho encarando sua vingança.

* * *

BUTTERCUP TINHA FORTES suspeitas de que quando o relógio marcasse 17h48, estaria morta. Ainda faltava um minuto, e ela encarava as facas do príncipe. A mais letal parecia ser a mais usada, a adaga florinense. Pontuda, perfurava com facilidade, e ganhava uma forma triangular no punho. Para um sangramento mais rápido, diziam. Havia armas de diversos tamanhos, e a do príncipe era uma das maiores, com o cabo da grossura de um punho. Ela tirou a adaga da parede e a apontou para o coração.

— Há poucos seios perfeitos no mundo, deixe os seus em paz — ouviu ela.

E lá estava Westley, na cama. Eram 17h48, e ela soube então que jamais morreria.

Westley, no entanto, supôs que tinha até as 18h15 para morrer. Era quando completaria a hora de que ele dispunha, só que ele não dispunha de uma hora; mas sim de apenas quarenta minutos. Na verdade, viveria até 17h55. Mais sete minutos.

No entanto, como já foi dito, ele não tinha como saber disso.

* * *

E NÃO TINHA como Inigo saber que o conde Rugen carregava uma adaga florinense. Nem que ele era um especialista naquela coisa. Somente às 17h41 Inigo conseguiu encurralar o conde. Em uma sala de bilhar. "Olá", ele estava prestes a dizer. "Meu nome é Inigo Montoya. Você matou meu pai. Prepare-se para morrer." O que de fato saiu foi algo bem mais curto:

— Olá, meu nome é Ini…

E a adaga reagrupou suas estranhas. A força do golpe o lançou na parede. O sangue jorrando o enfraqueceu a tal ponto que ele não conseguia mais se manter de pé.

— Domingo, Domingo — sussurrou ele, e então, às 17h42, estava entregue de joelhos…

* * *

BUTTERCUP ESTAVA PERPLEXA com o comportamento de Westley. Correu até ele, esperando ser recebida com um abraço descomedido no meio do caminho, mas ele apenas sorriu e ficou no mesmo lugar, deitado nos travesseiros do príncipe com uma espada ao lado.

Buttercup continuou o percurso sozinha e se jogou sobre seu amado e querido Westley.

— Cuidado — disse ele.

— Em um momento como este, é só o que tem a dizer? "Cuidado"?

— *Cuidado* — repetiu Westley, de forma não tão cuidadosa dessa vez.

Ela saiu de cima dele.

— Está irritado porque me casei?

— Você não se casou — disse ele, baixinho. Sua voz estava estranha. — Não na minha igreja nem em nenhuma outra.

— Mas aquele velho nos declarou…

— Mulheres ficam viúvas. Todos os dias… Não é mesmo, Vossa Majestade?

E sua voz ficou mais forte ao se dirigir ao príncipe, que acabara de entrar, trazendo botas lamacentas nas mãos.

Humperdinck se precipitou na direção das armas, e uma espada surgiu em suas mãos brutas.

— Até a morte — disse ele, avançando.

Westley fez que não com a cabeça, discretamente.

— Não — corrigiu ele. — Até a dor.

Era uma frase estranha, que por um instante deixou o príncipe sem reação. Além do mais, por que o sujeito estava deitado ali? Qual era a armadilha?

— Acho que não entendi muito bem.

Westley continuou deitado sem se mexer, mas com um sorriso maior.

— Será um prazer imenso explicar.

Eram 17h50. Restavam vinte e cinco minutos. (Na verdade, restavam apenas cinco. Ele não sabia disso. Como poderia saber?) Devagar, com cuidado, ele começou a falar…

* * *

INIGO TAMBÉM ESTAVA falando. Ainda eram 17h42 quando sussurrou:

— Perdão… pai…

O conde Rugen ouviu, mas as palavras não faziam sentido, até que viu a espada ainda na mão de Inigo.

— Você é aquele pirralho espanhol a quem ensinei uma lição — disse ele, aproximando-se para examinar as cicatrizes. — Incrível. Passou todos esses anos me perseguindo para fracassar agora? Acho que é a pior coisa que já ouvi; esplêndido.

Inigo não conseguia dizer nada. O sangue jorrava de sua barriga.

O conde Rugen sacou a espada.

— … perdão, pai… perdão…

— NÃO QUERO OUVIR SEU PEDIDO DE "PERDÃO"! EU ME CHAMO DOMINGO MONTOYA E MORRI POR ESSA ESPADA, ENTÃO PODE GUARDAR SEU PEDIDO DE "PERDÃO". SE ERA PARA FRACASSAR, POR QUE NÃO MORREU ANOS ATRÁS E ME DEIXOU DESCANSAR EM PAZ?"

Então MacPherson também começou a atacá-lo:

— Hispânicos! Eu nunca deveria ter tentado ensinar nada a um hispânico; eles são burros, esquecem as coisas. O que se faz com um ferimento? Quantas vezes ensinei a você: *o que se faz com um ferimento*?

— Cobre-se… — disse Inigo, arrancando a faca do corpo e enfiando o punho esquerdo no sangramento.

Os olhos de Inigo recuperaram o foco, não muito bem, mas o suficiente para que visse a lâmina do conde aproximando-se de seu coração, e Inigo não podia fazer muita coisa em relação ao ataque, apenas bloqueá-lo na medida do possível, empurrar a ponta da espada para seu ombro esquerdo, onde não causaria nenhum ferimento insuportável.

O conde Rugen ficou um pouco surpreso de que, àquela altura, a ponta de sua espada tivesse sido desviada, mas não havia mal nenhum em perfurar o ombro de um homem indefeso. Não havia por que se apressar, uma vez que o inimigo estivesse dominado.

MacPherson estava gritando de novo:

— Hispânicos! Prefiro um polaco, da próxima vez; pelo menos os polacos se lembram de usar uma parede se tiverem oportunidade; apenas os hispânicos esqueceriam de usar a parede…

Aos poucos, centímetro a centímetro, Inigo fez força para se erguer apoiado na parede.

O conde Rugen golpeou mais uma vez, mas, por incontáveis motivos, provavelmente por não ter previsto o movimento do outro homem, errou o coração e teve que se contentar em fazer a lâmina atravessar o braço esquerdo

do hispânico.

Inigo não se importou. Nem sequer sentiu o golpe. Seu interesse estava no braço direito; apertou o cabo, sentindo que a mão ainda tinha força suficiente para atacar o inimigo, e o conde Rugen também não esperava por essa, então deu um grito involuntário e um passo para trás, com o intuito de reavaliar a situação.

O poder emergia do coração de Inigo para o ombro direito, do ombro para os dedos e então para a fabulosa espada de seis dedos. Com um impulso, ele se afastou da parede, sussurrando:

— … olá… meu nome é… Inigo Montoya. Você matou… meu pai. Prepare-se para morrer.

E cruzaram espadas.

O conde partiu para uma morte rápida, o Bonetti invertido.

Sem chance.

— Olá… meu nome é Inigo Montoya. Você matou meu pai… prepare-se para morrer…

Cruzaram espadas de novo, e o conde partiu para uma defesa Morozzo, porque o sangue continuava jorrando.

Inigo enfiou o punho ainda mais na própria carne.

— Olá, meu nome é Inigo Montoya. Você matou meu pai. Prepare-se para morrer.

O conde se refugiou atrás da mesa de bilhar.

Inigo escorregou no próprio sangue.

O conde continuava recuando, à espera.

— Olá, meu nome é Inigo Montoya. Você matou meu pai. Prepare-se para morrer.

Ele enfiou ainda mais o punho sem querer pensar no que estava tocando, e empurrando, e mantendo no lugar, mas pela primeira vez se sentiu capaz de fazer um movimento, então a espada de seis dedos reluziu…

… e fez um corte em um dos lados da face do conde Rugen…

… e reluziu de novo…

… outro corte, paralelo, sangrando…

— Olá, meu nome é Inigo Montoya. Você matou meu pai. Prepare-se para morrer.

— Pare de dizer isso!

O conde começava a sentir um declínio em sua paciência.

Inigo golpeou o ombro esquerdo do conde, do mesmo jeito que o conde havia atingido o dele. Depois, mirou o braço esquerdo do conde, no mesmo lugar em que o conde tinha perfurado o dele.

— Olá. — Agora com mais força. — Olá! OLÁ. MEU NOME É INIGO MONTOYA. VOCÊ MATOU MEU PAI. PREPARE-SE PARA MORRER!

— Não…

— Ofereça-me dinheiro…

— Tudo — disse o conde.

— Poder também. Prometa-me poder.

— Tudo que tenho e mais. Por favor.

— Ofereça-me tudo que eu pedir.

— Sim. Sim. É só pedir.

— EU QUERO DOMINGO MONTOYA, SEU FILHO DA PUTA! — E a espada de seis dedos reluziu mais uma vez.

O conde gritou.

— Esse foi um pouco à esquerda do seu coração.

Inigo golpeou de novo.

Mais um grito.

— Esse foi abaixo do coração. Consegue adivinhar o que estou fazendo?

— Arrancando meu coração.

— Você arrancou o meu quando eu tinha apenas dez anos. Agora, eu quero o seu. Somos amantes da justiça, eu e você… O que seria mais justo que isso?

O conde gritou uma última vez e caiu morto de medo.

Inigo o olhou de cima. O rosto congelado do conde estava apavorado e pálido, o sangue ainda escorrendo dos cortes paralelos. Os olhos estavam esbugalhados, tomados pelo pavor e pela dor. Era glorioso. Para quem gosta desse tipo de coisa.

Inigo amava.

Eram 17h50 quando ele saiu da sala, atordoado, sem saber para onde ia ou por quanto tempo andaria, apenas torcendo para que quem quer que o tivesse guiado até ali não o abandonasse naquele instante…

* * *

— DIREI UMA COISA apenas uma vez, e depois, morrer ou não será uma decisão totalmente sua — disse Westley, deitado confortavelmente na cama. Do outro lado do quarto, o príncipe ergueu a espada. — O que vou dizer é o seguinte: largue a espada. Se o fizer, partirei com esta bagagem aqui — ele olhou para Buttercup — e você ficará amarrado, mas não de um modo letal, e logo estará livre para seguir com sua vida. Se escolher lutar, bem, então, nenhum de nós dois sairá vivo.

— Espero continuar respirando por um tempo — disse o príncipe. — Acho que você está blefando… Foi prisioneiro durante meses e eu mesmo o matei ontem mesmo, então duvido que ainda lhe reste alguma força no braço.

— É possível. Quando chegar a hora, lembre-se: posso *mesmo* estar blefando. Posso inclusive estar deitado aqui porque não tenho forças para ficar de pé. Pondere tudo isso com cuidado.

— Só está vivo porque disse "até a dor". Quero que explique essa frase.

— Com prazer. — Eram 17h52. Restavam três minutos. Ele achava que restavam dezoito. Fez uma longa pausa e começou: — Com certeza, deve ter adivinhado que não sou um marinheiro qualquer. Sou, na verdade, Roberts em pessoa.

— Não estou nem um pouco surpreso ou impressionado.

— "Até a dor" significa o seguinte: se duelarmos e você vencer, morte para mim. Se duelarmos e eu vencer, *vida* para você. Mas vida de acordo com os meus termos.

— E isso significa...?

Ainda podia ser uma armadilha. Seu corpo estava pronto para lutar.

— Alguns dizem que você é um caçador habilidoso, embora eu duvide.

O príncipe sorriu. O sujeito estava lançando uma isca. Por quê?

— E se for um bom caçador, quando rastreou sua dama, deve ter começado pelos Rochedos da Perdição. Um duelo aconteceu lá, e, se você tiver notado os movimentos e os passos, sabe que foi uma luta de mestres. De fato. Lembre-se: eu *venci* aquela luta. E sou um pirata. Temos nossos truques especiais com espadas.

Eram 17h53.

— Tenho certa familiaridade com o aço.

— A primeira coisa que perderá serão os pés — disse Westley. — Primeiro o esquerdo, depois o direito. Abaixo do tornozelo. Terá cotos disponíveis para uso em seis meses. Depois as mãos, nos pulsos. Essa parte cicatriza um pouco mais rápido. Cinco meses é uma estimativa justa. — Naquele momento, Westley começava a notar algumas mudanças estranhas em seu corpo e desandou a falar mais rápido, cada vez mais rápido e mais alto. — Depois, o nariz. Não terá o prazer de sentir o odor da manhã. Em seguida, a língua. Cortada bem na raiz. Não sobrará nem um pedacinho. Depois, o olho esquerdo…

— E depois o olho direito e as orelhas. Podemos andar logo com isso? — interrompeu o príncipe.

Eram 17h54.

— *Errado!* — gritou Westley, a voz ecoando pelo quarto. — Ficará com as orelhas, para apreciar cada grito de cada criança assustada ao ver sua feiura… Cada bebê que chorar de medo com sua presença, cada mulher que gritar

"Meu Deus, o que é aquela coisa?" será reverberado para sempre em suas orelhas perfeitas. É isso que "até a dor" significa. Quer dizer que eu o deixarei vivendo na angústia, na humilhação, na infelicidade horripilante até que não aguente mais; então, agora já tem consciência, seu porco, agora já sabe, seu jorro de vômito miserável, e digo isto: viver ou morrer, a decisão é sua: *largue a espada!*

A espada caiu no chão.

Eram 17h55.

Os olhos de Westley reviraram, deixando visível apenas a parte branca, e o corpo se contorceu, metade dele escorregando da cama, e o príncipe viu aquilo e se jogou no chão, agarrou a espada, colocou-se de pé e começou a erguê-la, quando Westley gritou:

— Agora você *vai* sofrer: *até a dor!*

Seus olhos estavam abertos de novo.

Abertos e injetados.

— Sinto muito. Não quis fazer isso, de verdade. Olhe. — E o príncipe largou a espada pela segunda vez.

— Amarre-o — disse Westley a Buttercup. — Seja rápida… Use as faixas da cortina. Parecem fortes o suficiente…

— Você faria bem melhor — respondeu ela. — Vou pegar as faixas, mas acho que você é que deveria amarrá-lo.

— Mulher — rugiu Westley —, você é propriedade do Infame Pirata Roberts e vai… fazer… o que… eu… mandar!

Buttercup juntou as faixas e amarrou o marido da melhor forma que conseguiu.

Humperdinck ficou deitado de bruços enquanto ela o amarrava. Ele parecia estranhamente feliz.

— Eu não estava com medo de você — disse ele a Westley. — Larguei a espada porque será muito mais prazeroso caçá-lo depois.

— Acha mesmo? Duvido que nos encontre.

— Conquistarei Guilder e depois irei atrás de vocês. Quando menos esperar, fará uma curva e eu estarei lá esperando por você.

— *Eu sou o Rei dos Oceanos*… esperarei por você com prazer. — Ele chamou Buttercup. — Está amarrado?

— De certa forma.

Houve um movimento no vão da porta, e Inigo apareceu. Buttercup deu um berro ao ver o sangue. Inigo ignorou-a e olhou ao redor.

— Onde está Fezzik?

— Não está com você? — perguntou Westley.

Inigo escorou-se por um instante na parede mais próxima, reunindo forças. Então disse para Buttercup:

— Ajude-o a se levantar.

— Westley? Por que ele precisa da minha ajuda?

— Porque ele não tem forças. Agora, faça o que estou dizendo — ordenou Inigo.

De repente, no chão, o príncipe começou a lutar furiosamente com as faixas. E se encontrou amarrado, bem amarrado, mas a força e a raiva estavam do lado dele.

— Você *estava* blefando. Eu estava certo! — disse Humperdinck.

E Inigo falou:

— Não foi muito inteligente da minha parte deixar escapar essa informação. Perdão.

E Westley perguntou:

— Você pelo menos venceu sua batalha?

E Inigo respondeu:

— Venci.

E Westley disse:

— Vamos tentar encontrar um lugar para nos defendermos. Pelo menos podemos ir juntos.

E Buttercup disse:

— Vou ajudá-lo, pobre querido.

E Fezzik falou:

— Ah, Inigo, preciso de você, por favor. Estou perdido e infeliz e assustado e preciso ver um rosto amigo.

Os três foram devagar até a janela.

Vagando perdido e desamparado pelo jardim do príncipe estava Fezzik, guiando os quatro gigantes cavalos brancos.

— Aqui — sussurrou Inigo.

— *Três* rostos amigos — disse Fezzik, meio que saltitando, como sempre fazia quando as coisas melhoravam. — Ah, Inigo, estraguei tudo, e me perdi tanto, e quando dei de cara com o estábulo e encontrei estes belos cavalos, pensei que eles são quatro e que nós também seríamos quatro, se encontrássemos a moça. Olá, moça. E pensei: "Por que não levá-los comigo caso eu encontre os outros?" — Ele hesitou por um momento, pensando. — E acho que encontrei.

Inigo ficou bastante animado.

— Fezzik, você pensou sozinho.

Fezzik ponderou por um instante.

— Isso quer dizer que não está irritado porque me perdi?

— Se ao menos tivéssemos uma escada… — sugeriu Buttercup.

— Ah, não vão precisar de uma escada para descer — disse Fezzik. — São só seis metros, eu pego vocês, mas venha um de cada vez, por favor; não tem iluminação suficiente, então se vierem todos de uma só vez, talvez eu erre a mira.

Então, enquanto Humperdinck tentava se soltar, eles saltaram, um de cada vez, e Fezzik os pegou com cuidado, colocando cada um em cima de um cavalo branco, e ele ainda estava com a chave, então podiam sair pelo portão principal, e, não fosse pelo fato de que Yellin havia reunido o Esquadrão de Brutamontes, todos teriam saído sem problema algum. Mas não; quando Fezzik destrancou o portão, tudo o que viram foi uma formação de

brutamontes, com Yellin no comando. E ninguém sorria.

Westley balançou a cabeça.

— Estou sem ideias.

— Moleza — disse Buttercup, entre todas as pessoas ali, e guiou o grupo na direção de Yellin. — O conde está morto. O príncipe corre grave perigo. Corram e talvez consigam salvá-lo. Vão.

Nem um único Brutamontes se mexeu.

— Eles obedecem a mim — falou Yellin. — E estou no comando das forças armadas, e…

— E *eu* — disse Buttercup —, *eu* — repetiu, levantando-se na sela, uma criatura de beleza infinita e olhos que começavam a ficar assustadores —, *eu* — repetiu ela pela terceira e última vez — sou

a

RAINHAAAAAAAAAAA!

Não havia dúvida da verdade de tal informação. Ou de seu poder. Ou de sua capacidade de vingança. Ela encarou o Esquadrão de Brutamontes com um olhar imperial.

— Salvem Humperdinck — gritou um brutamontes, e, com isso, todos eles correram para o castelo.

— Salvem Humperdinck — bradou Yellin, o único que ainda restava, mas claramente sem a menor vontade.

— Na verdade, foi uma espécie de lorota — disse Buttercup enquanto eles cavalgavam rumo à liberdade —, porque Lotharon ainda não abdicou do trono oficialmente, mas achei que "eu sou a rainha" soava melhor que "eu sou a princesa".

— Só posso dizer que fiquei impressionado — afirmou Westley.

Buttercup deu de ombros.

— Frequento a escola da realeza há três anos; devo ter aprendido *alguma* coisa. — Então se voltou para Westley. — Você está bem? Fiquei preocupada com você naquela cama. Seus olhos reviraram.

— Acho que estava morrendo de novo, então pedi ao Senhor da Afeição Permanente que me desse forças para viver o restante do dia. Como pode ver, meu pedido foi atendido.

— Eu não sabia que Ele existia — disse Buttercup.

— Nem eu, para dizer a verdade, mas, se Ele não existir, também não faço questão de estar aqui.

Os quatro grandes cavalos praticamente voavam em direção ao Canal de Florin.

— Parece que estamos fadados — disse Buttercup.

Westley olhou para ela.

— Fadados, minha dama?

— A ficarmos juntos. Até que um de nós morra.

— Eu morri uma vez e não tenho a menor intenção de morrer de novo — retrucou Westley.

Buttercup olhou para ele.

— Isso não terá que acontecer em algum momento?

— Não se prometermos sobreviver um ao outro, e prometo isso agora.

Buttercup olhou novamente para ele.

— Ah, meu Westley, eu também prometo!



— E VIVERAM FELIZES para sempre — disse meu pai.

— Nossa.

Ele olhou para mim.

— Não está contente?

— Não, não é isso, é que aconteceu tão rápido, o final. Fiquei surpreso. Achei que haveria algo mais, só isso. Quer dizer, o navio pirata estava esperando por eles ou era apenas um boato, como estavam dizendo?

— Reclame com o sr. Morgenstern. "E viveram felizes para sempre" é como

termina.

A verdade era que meu pai estava contando uma lorota. Passei a vida inteira achando que terminava daquele jeito, até o momento que escrevi esta versão. Então olhei a última página. Eis como Morgenstern termina o livro.



BUTTERCUP OLHOU PARA ele.

— Ah, meu Westley, eu também prometo!

De repente, atrás deles, mais perto do que imaginaram, ouviram o rugido de fúria de Humperdinck:

— Detenham-nos! Peguem-nos!

Não podiam negar que ficaram assustados, mas não havia motivo para preocupação: montavam os cavalos mais rápidos do reino e já assumiam a dianteira.

No entanto, isso foi antes que o ferimento de Inigo voltasse a se abrir, que Westley tivesse uma recaída, que Fezzik pegasse o caminho errado e o cavalo de Buttercup perdesse uma das ferraduras. E a noite atrás deles foi tomada pelo som cada vez mais ensurdecedor da perseguição…



ESSE É O final de Morgenstern, um efeito como em "A dama ou o tigre?" (isso foi antes de "A dama ou o tigre?", está lembrado?). Mas ele era um satirista, então deixou a história desse jeito, e meu pai era, acho que percebi tarde demais, um romântico, portanto criou outro fim.

Bem, sou um mediador, então tenho o direito de ter algumas ideias próprias. Será que eles conseguem fugir? Será que o navio pirata estava lá? Você pode responder a essas perguntas por conta própria, mas, para mim, sim, estava. E, sim, eles fugiram. E recuperaram suas forças e viveram muitas aventuras e deram muitas risadas.

Mas isso também não significa que tiveram um final feliz. Porque, pelo menos na minha opinião, eles brigavam muito e Buttercup enfim perdeu a beleza, e um dia Fezzik perdeu uma briga, e algum jovem esquentadinho enfiou uma espada em Inigo, e Westley nunca mais conseguiu dormir direito porque ficava sempre pensando que Humperdinck talvez estivesse atrás deles.

Não estou tentando desanimar ninguém, veja bem. Quer dizer, eu realmente acredito que o amor seja a melhor coisa do mundo, com exceção de balas de menta, mas também devo dizer, pela enésima vez, que a vida não é justa. Ela só é mais justa que a morte, e nada mais.

Nova York
Fevereiro de 1973

O BEBÊ DE BUTTERCUP

UM ESCLARECIMENTO



Você deve estar se perguntando por que editei apenas o primeiro capítulo. A resposta é simples: *não me permitiram fazer mais*. O esclarecimento a seguir é um tanto pessoal, e sinto muito por fazê-lo passar por isso. Na época, parte do que conto aqui — grande parte — foi dolorosa, e ainda é no momento em que escrevo isto. Não saio com a imagem favorecida em muitos trechos, mas não há nada que eu possa fazer. Morgenstern sempre foi sincero com seus leitores. Acho que não posso ser nem um pouco menos…

* * *

MEUS PROBLEMAS COMEÇARAM há vinte e cinco anos, com a fatídica cena do reencontro.

Você lembra que em minha versão de *A princesa prometida*, quando Buttercup e Westley se reencontram logo antes do pântano de fogo, expressei minha opinião pessoal de que Morgenstern havia traído seus leitores ao deixar de fora a cena do reencontro dos dois apaixonados, então escrevi minha própria versão e disse que a mandaria para você, caso quisesse uma cópia. Lembra? (Páginas 165-166 desta edição.)

Meu falecido editor, o grande Hiram Haydn, discordou de mim, dizendo que, se você edita a obra de alguém, não pode sair inserindo nada com as próprias palavras. Mas eu gostei bastante da minha cena do reencontro. Então, para minha sorte, ele me deixou incluir uma nota com aquele aviso sobre o envio da cena.

Ninguém — por favor, acredite —, *ninguém* acreditou que fossem pedir a versão. Mas a Harcourt, a editora original do livro, foi soterrada por pedidos, e depois a Ballantine, a editora original da edição popular, foi soterrada ainda

mais. Eu adorei. Editoras sendo obrigadas a gastar dinheiro. Minha cena do reencontro estava pronta — mas nem uma cópia chegou a ser enviada.

A seguir, reproduzo a carta que escrevi, a que *foi* enviada para dezenas de milhares de pessoas que haviam escrito ao longo dos anos, pedindo a cena.

Caro leitor,

Obrigado por escrever. Não, isto não é a cena do reencontro, por causa de certa pedra no sapato chamada Kermit Shog.

Assim que as provas ficaram prontas, recebi uma ligação de meu advogado, Charley (talvez você não lembre, mas foi para Charley que liguei da Califórnia pedindo que saísse no meio de uma nevasca para comprar *A princesa prometida* no sebo). Enfim, ele em geral começa com seu humor talmúdico, piadas inteligentes, mas dessa vez apenas disse:

— Bill, acho melhor você vir até aqui. — E, antes que mesmo que eu pudesse perguntar "por quê?", ele acrescentou: — Se puder, nesse instante.

Em pânico, corri até lá, me perguntando quem teria morrido, se eu tinha me dado mal na auditoria da receita federal, ou o quê. A secretária dele me levou até a sala de Charley.

— Este é o sr. Shog, Bill — disse Charley.

E lá estava ele, sentado no canto, mãos na pasta, semelhante a uma versão ensebada de Peter Lorre. Até fiquei esperando que ele dissesse: "Entregue o Falcão, por favor, ou serei obrigado a mataaaá-lo."

— O sr. Shog é advogado — prosseguiu Charley. E disse o seguinte, em tom enfático: — *Ele representa o espólio de Morgenstern.*

Quem diria? Quem poderia imaginar que tal coisa sequer existia, o espólio de um homem morto há um milhão de anos e de quem ninguém dessas bandas nunca tinha ouvido falar?

— Quem sabe agora me entregará o Falcão — disse o sr. Shog.

Mentira. O que ele disse foi:

— Você gostaria de ficar alguns minutos a sós com seu cliente?

E Charley assentiu, então ele saiu. Assim que ficamos sozinhos, falei:

— Charley, meu Deus, nunca achei que…

E ele disse:

— A Harcourt achou?

E eu respondi:

— Nunca mencionaram nada sobre isso comigo.

E ele disse:

— Ui.

O som que os advogados fazem quando sabem que estão do lado perdedor.

— O que ele quer? — perguntei.

— Uma reunião com o sr. Jovanovich — respondeu Charley.

NO FIM DAS contas, Kermit Shog não queria *apenas* uma reunião com William Jovanovich, o homem brilhante que comandava a firma. Ele queria uma quantidade absurda de dinheiro, e queria *também* que a versão integral de *A princesa prometida* saísse com uma imensa tiragem inicial (cem mil exemplares) e, claro, a ideia de que eu, em toda a minha insignificância, enviaria a cena do reencontro fosse abandonada naquele dia.

As ações judiciais começaram. Com os anos, foi um total de treze — apenas onze enviadas diretamente para mim. Foi horrível. A única coisa boa era que os direitos autorais de Morgenstern entravam em domínio público em 1978. Falei para todo mundo que havia escrito à editora pedindo a cena do reencontro que seus nomes seriam colocados em uma lista e que assim que chegássemos em 1978, *voilà*…. Mas eu estava errado de novo. Aqui está parte do outro bilhete que enviei para as pessoas que pediam para receber a cena do reencontro.

Peço mil desculpas, mas sabe aquela história que acaba com: "Desconsidere o último telegrama, uma nova correspondência está a caminho"? Bem, peço que desconsidere o que falei sobre Morgenstern entrar em domínio público em 1978. Ledo engano. Como o sr. Shog é florinense, é claro que ele tem dificuldades com o nosso sistema numérico. Os direitos autorais expiram em 1987, não 1978.

Pior de tudo: ele morreu. O sr. Shog, quero dizer. (Não queria saber como descobriram. Foi fácil: certa manhã, ele apenas parou de suar, e foi isso.) O que só piora tudo é que agora toda essa questão está nas mãos do filho dele, que se chama — preste atenção — Mandrake Shog. Mandrake se move com a verve e a velocidade de um lagarto exaurido na margem de um rio.

A única coisa boa que aconteceu nessa bagunça toda foi que enfim tive a oportunidade de ler uma parte de *O bebê de Buttercup*. Em Columbia, eles com certeza acreditam que seja muito superior ao livro *A princesa prometida*, em termos de conteúdo satírico. Pessoalmente, não tenho nenhum apego emocional a ela, mas é uma baita história, sem dúvida.

Engraçado. Hoje, ao contar isso, lembro que naquela época eu não tinha interesse algum por *O bebê de Buttercup*.

Por muitos motivos, mas eis o principal: *eu estava escrevendo meus próprios romances*. Para explicar melhor, acho que preciso dizer o que fiz com *A princesa prometida*. Sei que na capa do livro está escrito apenas "editado por" e, sim, só mantive as "partes boas", mas foi bem mais que isso.

A princesa prometida de Morgenstern é um calhamaço de mil páginas. Consegui reduzir a trezentas. No entanto, não só cortei seus interlúdios satíricos; fiz cortes o tempo todo. Havia todo tipo de coisa, algumas brilhantes, das quais me livrei. Por exemplo: a infância terrível de Westley e como ele virou o garoto da fazenda. Por exemplo: como o rei e a rainha

procuraram Max Milagreiro porque sabiam que haviam colocado no mundo um monstro (Humperdinck) e queriam saber se Max seria capaz de mudar aquilo. O fracasso de Max foi o que causou a demissão, o que, por sua vez, lhe provocou uma crise de autoconfiança. (Sua esposa, Valerie, refere-se a isso na conversa com Inigo: "Está com medo de que seu fim tenha chegado, de que os milagres tenham se esvaído de seus dedos outrora majestosos…" (Página 265 desta edição.)

Senti que tudo isso, embora empolgante e comovente, fugia da proposta principal da história. *Segui* a linha do amor verdadeiro e das grandes aventuras e acho que fiz a escolha certa. E creio que os resultados provam isso. Morgenstern *nunca* teve um público para seu livro — exceto em Florin, claro. Levei a história para as pessoas dos quatro cantos do mundo e, com o filme, para um público ainda maior. Então, sim, eu o editei.

No entanto, sinto dizer, dei *uma forma* à história. *Também dei vida a ela*. Não sei como você prefere chamar o que fiz, mas, seja lá qual for o termo, com certeza foi *algo*.

* * *

ENTÃO, *O BEBÊ de Buttercup* simplesmente não me interessou na época. A quantidade de trabalho era um fator. Significaria milhares de horas de dedicação. Mas nada disso se comparava aos ataques constantes dos Shog. Processo atrás de processo, e cada vez mais eu precisava me defender, dar depoimentos, o que eu achava odioso, porque tudo aquilo era um ataque à minha honestidade.

Àquela altura, eu tinha chegado ao meu limite com Morgenstern.

Também nunca cheguei a ler *O bebê de Buttercup*. Estava por acaso na Universidade de Columbia certa tarde — fornecia material para a biblioteca — quando um garoto florinense me parou e me entregou uma tradução para que eu desse uma olhada. O título completo do livro é o seguinte: *O bebê de*

Buttercup: A gloriosa investigação de S. Morgenstern sobre a coragem diante da morte do coração. A página de introdução era ótima, bem chocante, mas eu basicamente não me lembrava de muito mais que isso. Era apenas mais um livro para mim na época, veja só. Não havia se alojado em meu coração.

Ainda não.

* * *

ENTÃO, O QUE mudou?

Para dizer a verdade, nos últimos doze anos, minha vida tem sido... como posso dizer? O contrário de leve. Ah, escrevi muitos roteiros e alguns textos de não ficção, mas nenhum romance, e por favor lembre-se de que isso é doloroso para mim, porque, em meu coração, é o que sou, um romancista, um romancista que por acaso escreve roteiros. (Odeio quando encontro pessoas e elas perguntam: "E aí, quando sai o próximo livro?" e sempre sorrio e minto, dizendo que está quase pronto.) E os filmes dos quais participei — com a exceção de *Louca obsessão* —, todos me trouxeram uma parcela de decepção.

Moro sozinho aqui em Nova York, em um bom hotel, com serviço de quarto ininterrupto, e tudo isso é ótimo, mas sinto que, às vezes, o que quer que um dia eu tenha escrito de alguma qualidade, bem, esses dias ficaram no passado.

Mas, para compensar, sempre posso contar com meu filho, Jason.

Você se lembra de que ele era uma bola quando tinha dez anos, desprovido de graça, uma rolha de poço? Bem, aquela foi a fase *magra* dele. Helen e eu brigávamos toda hora por causa disso.

Ele tinha acabado de ultrapassar a marca dos cento e trinta quilos no aniversário de quinze anos. Eu havia chegado mais cedo do trabalho, berrando para anunciar minha presença, e fui logo pegar um vinho, quando ouvi um som de partir o coração…

… um choro…

… vindo do quarto do garoto.

Respirei fundo, fui até lá e bati à porta. Eu e Jason não éramos próximos naquela época. Na verdade, ele não ligava muito para mim. Mal reconhecia minha existência, desdenhava dos filmes que eu escrevia, nem sonhava em abrir um dos meus livros. Aquilo me deixava arrasado, claro, mas eu nunca demonstrava.

— Jason? — chamei à porta.

O som terrível continuou.

— O que houve?

— Você não pode me ajudar… ninguém pode… nada pode me ajudar… — E a isso se seguiu um desamparado *uaaaaaá*…

Eu sabia que era a última pessoa que ele queria ver. Mas precisava entrar.

— Prometo não contar para ninguém.

Ele veio rolando para os meus braços, o rosto quente, deformado.

— Ai, pai, sou feio, não tenho amigos, todas as meninas riem da minha cara e debocham de mim porque sou gordo.

Eu mesmo tive que conter as lágrimas — porque era tudo verdade, entende? Eu estava encurralado ali, sem saber se ele queria ouvir a verdade ou não. Por fim, falei:

— Quem se importa? *Eu* te amo.

Ele me abraçou forte.

— Papai — ele conseguiu dizer. — Papai.

Era a primeira vez que ele me chamava assim; foi emocionante, suas lágrimas quentes molhando minha pele.

Aquele foi o momento em que tudo mudou para nós dois.

Nos últimos vinte anos, eu não poderia ter pedido um filho melhor. Jason é meu melhor amigo. No entanto, o evento decisivo aconteceu no dia seguinte.

Fui com ele até a livraria Strand, na Broadway com a rua 12, uma loja que frequento muito, na maioria das vezes para fazer pesquisa. Estávamos prestes

a entrar quando ele parou e apontou para a capa de um livro de fotografias na vitrine.

— Quem é esse? — indagou Jason.

— É um fisiculturista austríaco que está tentando engrenar a carreira de ator. Eu o conheci em Los Angeles na última viagem. Quer interpretar Fezzik, caso *A princesa prometida* vire filme. — (Isso aconteceu no final dos anos 1970, quando Schwarzenegger não era ninguém, mas quando *A princesa prometida* enfim foi filmado, ele era uma estrela tão grande que o cachê estava fora de nosso orçamento.) — Gostei dele. Um jovem muito inteligente.

Jason não conseguia tirar os olhos da foto.

Em seguida, falei algo que acabaria se tornando palavras mágicas:

— *Ele também foi gordinho um dia.*

Jason olhou para mim.

— Duvido — disse ele.

Eu também duvidava, mas não custava dizer.

— Surgiu no meio da nossa conversa — falei. — Ele disse que só chegou tão longe no mundo do fisiculturismo porque não gostava de sua aparência quando jovem.

Um parêntese sobre Arnold, que, aposto, você não sabe: ele era amigo de André the Giant. (Acho que todos os caras fortes do mundo se conhecem.) A seguir, uma história que ele me contou. Eu a usei no obituário que escrevi quando André, infelizmente, faleceu.

> Certa vez, no México, André convidou Schwarzenegger para o ringue. Ele estava se apresentando para vinte e cinco mil fãs histéricos. Assim que nocauteou o oponente, André o chamou.
>
> Em meio à gritaria, Schwarzenegger foi até lá. André disse: "Tire a camisa, eles estão ansiosos para que você tire a camisa, eu falo espanhol." Schwarzenegger, envergonhado, fez o que André pediu. Tirou a jaqueta, a camisa, a camiseta, e começou a fazer poses. Depois,

André voltou ao vestiário, enquanto Schwarzenegger voltou para a companhia dos amigos.

Tinha sido uma pegadinha. Só Deus sabe o que a multidão estava gritando, mas não era para que Schwarzenegger ficasse seminu exibindo os músculos: "Ninguém se importava se eu tirasse ou não a camisa, mas eu caí nessa. André era capaz desse tipo de coisa."

— Quanto será que custa esse livro de fotos? — perguntou Jason.

(Ainda estávamos do lado de fora da Strand, lembra? Não sabíamos, mas algo impactante acabava de acontecer.)

Acreditam que comprei o livro para ele?

Eis o que aconteceu com Jason nos dois anos seguintes: ele passou de cento e quarenta quilos para cem. Passou de um metro e setenta para um metro e noventa e dois. Sempre foi um dos melhores alunos de Dalton, mas, em forma e lindo, passou a ser também um dos populares.

Eis o que aconteceu com Jason nos anos que seguiram: faculdade, medicina, a decisão de ser psicanalista, como a mãe. (Com a diferença de que Jason é especializado em terapia sexual.) A *New York Magazine* o classificou como um dos melhores da cidade, e ele também conheceu uma moça adorável de Wall Street, Peggy Henderson, e se casaram.

E... tiveram um filho.

Fui ao hospital assim que o menino nasceu.

— Vamos chamá-lo de Arnold — contou Peggy, com o bebê nos braços.

— Perfeito — falei.

Para dizer a verdade, obviamente, eu tinha esperanças de que considerassem meu nome, mas tudo bem.

— Isso mesmo — disse Jason. — William Arnold.

E pegou Willy e o colocou no meu colo.

O ponto alto da minha vida.

* * *

PARA VOCÊ QUE ainda não jogou o livro longe, frustrado, saiba que tudo isso de fato explica por que há somente o primeiro capítulo de *O bebê de Buttercup*. E prometo que chegarei lá tão rápido que você nem vai acreditar.

Muito bem. Willy, o garoto, Jason e Peggy moram a apenas dois quarteirões de distância de mim e me controlo para não deixá-los doidos, mas nunca tive um neto antes. Nenhum brinquedo passa despercebido por mim. Uma única tosse dele e viro a noite acordado pesquisando tudo que encontro em minhas enciclopédias médicas.

Obviamente, eu não conseguia dizer não para ele.

Por isso meu comportamento no parque foi tão estranho. Um dia lindo de primavera, Peggy e Jason caminhavam à frente de mãos dadas, enquanto eu e Willy, aos sete anos, íamos atrás jogando uma bola de beisebol de plástico um para o outro. A essa altura, já havíamos ido a alguns jogos do Knicks juntos. (Compro ingressos para a temporada inteira de basquete desde que Hubie Brown foi enviado à Terra para me destruir.)

— Queremos pedir uma coisa — disse Jason.

— Adivinhe o que terminamos ontem à noite? — prosseguiu Peggy. — *A princesa prometida*. Nós nos revezamos lendo para ele.

Tentando manter a pose, perguntei ao jovem o que ele tinha achado daquilo tudo.

— Achei bom, tirando o final.

— Também não gosto muito do final — falei. — Culpa do sr. Morgenstern.

— Não, não — explicou Peggy. — Ele não desgostou do final. Ele não gostou de *ter chegado ao final*.

Pausa. Caminhamos em silêncio.

— Falei para ele da sequência, pai — disse Jason.

— Ele ficou muito animado — confirmou Peggy.

Então meu Willy disse as seguintes palavras:

— Pode ler para mim?

Naquele momento, soube que estava ficando nervoso. Lembro-me exatamente do meu medo: e se eu não conseguisse dar vida àquilo dessa vez? E se eu falhasse? Falhasse por nós dois?

— Esse é o pedido, pai. Willy quer que você leia *O bebê de Buttercup* para ele. Nós todos queremos isso.

— Bem, que pena que "nós" todos queremos, não é mesmo? — falei, elevando a voz. — Pena mesmo que "nós" não possamos ter tudo, não é mesmo? É melhor se acostumarem à decepção.

E, antes que eu fizesse algo pior, olhei para o relógio, fiz sinal de que precisava ir embora, me despedi, fui embora para casa, fiquei lá, não atendi o telefone, pedi comida chinesa no Pig Heaven, comecei a beber e apaguei antes de meia-noite.

E acordei de madrugada por um sonho tão vívido; fui para o terraço, andei de um lado para outro, tentei desvendar o sonho e, acho que mais que isso, minha vida e como eu tinha estragado tudo.

Era uma lembrança daquela segunda pneumonia, e Helen estava lendo o roteiro do filme para mim — só que dessa vez estava jovem e maravilhosa, e também chorando.

No terraço eu entendi (nós somos os escritores de nossos sonhos): ela era *eu*, ela era *eu* chorando por *mim*, pelo o que eu tinha me tornado. Então lembrei que ela não estava lendo *A princesa prometida*, estava lendo sobre Fezzik e o louco da montanha, o começo de *O bebê de Buttercup*, e percebi que eu tinha quase morrido duas vezes e Morgenstern havia me salvado e lá estava ele de novo, me salvando de novo, porque naquele momento, olhando a cidade no nascer do sol, eu soube de uma coisa: eu seria um escritor de *verdade* mais uma vez, não apenas um idiota com uma máquina de escrever, como os roteiristas eram chamados em certos lugares.

Eu não achava que estava preparado para começar um romance do zero.

Não tinha a confiança de que podia criar tudo do zero, como tinha feito durante meus trinta anos escrevendo romances.

Permitam-me explicar o que eu *não* estava pronto para fazer.

Veja Szell, o dentista nazista em *Maratona da morte* (interpretado por Lawrence Olivier; ele não estava ótimo? Estão lembrados da cena com "será que é seguro?" com as ferramentas dentárias?). Existe uma rua em Manhattan, a rua 47, entre a Quinta e a Sexta avenidas, e certo dia eu estava caminhando por ali, décadas atrás, não lembro para onde estava indo, não importa, mas aquela quadra é conhecida como "o distrito dos diamantes". É lotada de lojas incríveis de diamantes, a maioria delas de judeus, e em muitos deles ainda era possível ver o número do campo de concentração na pele. Naquele dia, pensei que seria uma cena maravilhosa fazer um nazista atravessar aquela rua.

Qual nazista, eu não sabia, mas provavelmente comecei a fazer uma pesquisa inofensiva, lendo coisas e fazendo perguntas, e, enfim, me deparei com o mais brilhante de todos, Mengele — o médico duplo, ph.D. e Dr. —; naquela época, achavam que ele morava na Argentina, o cara que fez os experimentos cruéis em gêmeos.

Muito bem, ótimo, achei meu sujeito — mas por que ele arriscaria tudo para ir à rua 47? Eu sabia o seguinte: não podia ser o mesmo que ir ao baile de formatura. O homem mais procurado da Terra precisava ter um motivo inabalável.

Anos se passaram, ainda com Mengele preso em algum canto da minha mente e, aos poucos, Babe começou a aparecer, o cara da maratona que dá título à história. Então achei uma brecha: li que um cirurgião havia inventado uma operação cardíaca em algum lugar, talvez em Cleveland, mas eu podia mudá-lo para Nova York.

Issoooo. Mengele viria aos Estados Unidos, a Nova York, seria *obrigado* a vir para salvar a própria vida.

Brilhante.

Fiquei me achando por um tempo, por ter resolvido meu maior problema, até que me dei conta — *tolo*: que tipo de vilão é esse que está *frágil a ponto de precisar de uma cirurgia de coração*? Meu Deus, se fosse perseguido, ele desmaiaria.

Obviamente, alguns anos depois resolvi algumas coisas, escrevi o livro e o filme, e a cena que funciona melhor, assim como a cena dental, é aquela em que Szell caminha entre os judeus.

No terraço, naquela manhã, soube que não estava preparado para começar aquele tipo de aventura. No entanto, o formato de *O bebê de Buttercup* era o meio-termo perfeito para mim. Dar vida àquela história, como eu tinha feito com *A princesa prometida*, me traria a confiança de finalmente voltar a ser o que eu já tinha sido um dia.

Então, eu editaria a sequência e depois escreveria meu próprio romance e caminharia feliz em direção ao maldito pôr do sol, muitíssimo obrigado. No primeiro horário aceitável do dia, liguei para Charley (ainda meu advogado) e falei a ele que queria mais que tudo editar a continuação e perguntei se havia alguma chance de o espólio de Morgenstern dar uma trégua nas hostilidades.

A resposta dele foi a mais incrível:

— *Eles* me procuraram *hoje*. Os Shog. A filha de Kermit. Ela é uma jovem advogada da firma, parecia simpática e inteligente, e nas palavras dela: "Nós queremos chegar a um acordo de paz com o sr. Goldman."

Há um ditado no Tennessee que resume bem: "Às vezes, Deus aparece bem depressa."

* * *

EU ME ENCONTREI com Karloff Shog na manhã seguinte, para tomarmos café da manhã no salão do hotel Carlyle, o mais bonito de Nova York. Charley combinou tudo e decidiu que era melhor não ir, não fazia sentido, aquele era um encontro para testarmos o clima, em que nós dois tentaríamos usar nosso

charme para ver se seria possível fazer um acordo.

Assim, me sentei e esperei que ela chegasse. Com um nome desses, imaginei que certamente teria um bigode e tentei nem pensar nas axilas. (Caso não saiba — e sei que você não sabe, porque ninguém sabe coisas desse tipo —, "Karloff" é o nome feminino mais popular de Florin. Faça o que quiser com essa informação.)

Uma mulher dos sonhos entrou. Trinta e poucos anos, vestida para matar, cabelo louro e comprido e solto, linda. Ela foi até mim e estendeu a mão.

— Oi, sou Carly Shog, é um prazer conhecê-lo. Você é igualzinho às fotos dos seus livros, mas, se me permite dizer, parece mais jovem.

— Fique à vontade para dizer isso quantas vezes quiser. — Tenho tendência a pegar um pouco pesado quando estou perto de belas jovens, então aquilo foi bem discreto para meus padrões. O mais louco era que, naquele momento, quando nos conhecíamos havia dez segundos, *eu achei que ela me queria*. "Queria" no sentido de "desejava". E quem me conhece minimamente sabe que *nunca* acho que alguém me quer. Pelo menos não nesse sentido. — O que traz você aos Estados Unidos?

— Estamos tratando de muitas questões legais aqui nos Estados Unidos agora. Acabei de me mudar para cá. — Ela hesitou por um instante. — Graças a Deus. — Ela olhou para mim. — Vejo que você nunca foi a Florin. — Falei que não. — É um pouco incestuoso. Quer dizer, em Florin, casar com um primo de primeiro grau é algo bom. — Silêncio. — Era para ser uma piada. Desculpe.

Namorei algumas mulheres incríveis desde que Helen me deixou, uma década atrás, mas aquela ali, aquela advogada de olhos azuis com corpo e cérebro perfeitos, seria especial para qualquer pessoa. Naquele momento, ela estendeu o braço sobre a mesa e pegou minha mão…

… permita-me repetir: *ela* pegou *minha* mão!

E olhou nos meus olhos e disse:

— Estou tão feliz que nossos problemas jurídicos tenham chegado ao fim!

— Foi terrível. Só fui processado uma única outra vez em toda a minha vida. — (É verdade.) — E foi por um ator, então nem conta.

Preciso dizer que a risada dela era como música ao ouvido? Em seguida, apenas para aumentar ainda mais a moral dela, veio o seguinte:

— Você não vai acreditar, mas li todos os seus romances. Inclusive o de Harry Longbaugh.

(*No Way to Treat a Lady* foi publicado originalmente sob o pseudônimo Harry Longbaugh, o nome real de Sundance Kid.)

Eu estava tão apaixonado àquela altura que era ri-dí-cu-lo.

— Os processos que vocês abriram… serão encerrados?

— Claro. Os treze. É o que vamos fazer por você, e queremos em troca sua boa-fé.

— Boa-fé?

Se eu estivesse com um anel de noivado ali, teria oferecido a ela.

— Sim. É muito importante que *O bebê de Buttercup* seja publicado. Aqui nos Estados Unidos.

Sinalizei que queria café, e um garçom nos serviu. Ficamos alguns minutos entretidos com adoçantes, leite desnatado e todas as outras coisas deliciosas com as quais maltratamos nosso estômago hoje em dia. Bebemos em silêncio. Olhamos um para o outro. Então, falei a coisa mais insana:

— Quantos anos você tem, Carly?

— Quantos anos quer que eu tenha? Sei tudo sobre você. Sei que nasceu no hospital Michael Reese em Chicago, em 12 de agosto de 1931. Acertei?

Fiz que sim. Ela abriu a bolsa.

— Você precisa saber de apenas uma coisa, Bill. Terminei com meu namorado quando deixei Florin. E ele tinha cinquenta e cinco anos. Tenho uma queda por… — Ela hesitou, sorrindo de um jeito muito doce — … por homens mais velhos e *vigorosos*.

Nem Marco Antônio ficou tão encantado assim um dia.

Ela mexeu na bolsa e me entregou um papel.

— Isso aqui é apenas um procedimento padrão. Entregue para seu advogado, depois assine e mande para mim.

— O que é?

— Chama-se acordo de paz. *Nós* concordamos em retirar os processos. *Você* concorda que não fizemos nada errado e nos deseja boa sorte nos futuros projetos.

— Vou fazer bem *mais* que desejar boa sorte. Vou me matar fazendo *O bebê de Buttercup*.

— Claro que faria — murmurou ela.

Sabe quais foram as seis palavras mais importantes dos últimos trinta anos na Cultura Mundial? Vou dizer quais foram. Peter Benchley criou essa frase enquanto caminhava na praia: "E se os tubarões ficassem territorialistas?" E daí veio o romance *Tubarão*, e depois o filme *Tubarão*, e as coisas nunca mais foram as mesmas.

Bem, as seis palavras de Carly Shog não foram *tão* importantes assim (ainda mais porque, na verdade, foram *quatro* palavras). A não ser, claro, para mim. Antes que ela as dissesse, eu perguntei:

— Por que você disse "claro que *faria*"? Não quis dizer "claro que *fará*"? Eu *vou* fazer *O bebê de Buttercup*.

Naquele instante, enquanto eu esperava uma resposta, olhando para aquela moça divina e seus olhos azul-claros, me lembro de pensar que algo estranho estava acontecendo, até mesmo algo ruim. Mas nem em um pesadelo paranoico eu teria inventado o que ela disse:

— *Stephen King vai fazer.*

* * *

EIS O QUE eu não disse: "Isso é uma piada?" Eis outra: "Você está me matando." Ou: "Ele vai rir da sua cara." Quem sabe: "Sua vaca." Enquanto eu estava ocupado dizendo nada, Carly prosseguiu.

— É isto que você ganha ao assinar aquela carta: segurança. Veja, você não chega aos pés de King em termos de venda, nem você nem ninguém, isso é indiscutível. Mas muita gente liga você a Morgenstern por causa do filme, e o que *não* queremos é que as pessoas se perguntem por que você não quis fazer a sequência. Boa vontade é muito importante, e não podemos correr o risco de que você saia por aí alegando que foi traído. Eu mesma escrevi o acordo. Acho que você vai achar razoável.

Eis o que ela escreveu: "Estou muito animado por Stephen King ter se juntado ao projeto. Sinceramente, estou farto do universo do sr. Morgenstern, então desejo o melhor a todos. Não sei quanto a vocês, mas mal posso esperar para ler *O bebê de Buttercup*."

Olhei para ela por um instante. Ela estava parecendo Bela Lugosi.

— Ele não vai topar. King. Eu o conheço um pouco e sei que nada nesse mundo vai convencê-lo a se meter nisso.

— Steve não sente que está "se metendo" em nada. Está animado de verdade. Nós nos falamos todos os dias. E será assim até que tudo esteja finalizado.

— Não acredito em você. Não sei o que está procurando, mas encontre outro comprador.

Eu me levantei.

— O sobrenome dele nem sempre foi King — disse Carly. — Ele tem ancestrais que viveram em Florin há muito tempo. Visita a cidade todo verão.

Eu me sentei.

— Ele sabe de mim?

— Claro, Bill. E falei a ele exatamente o que diz o acordo… que você está exausto. Não é difícil de acreditar. Afinal, faz uma década que você não escreve um romance.

Ela agora estava parecida com Leatherface, de *O Massacre da Serra Elétrica*.

— A gente se vê no tribunal — falei, jogando algumas notas na mesa e indo embora. Foi uma coisa idiota e fútil a se dizer. Ela podia continuar me

pressionando com os processos. Sem dúvida, tinha todas as cartas na manga.

Todas, menos uma.

* * *

NO FINAL DA manhã seguinte, me vi no aeroporto de Bangor, Maine. Eu conhecia King por causa de *Louca obsessão*, cujo roteiro escrevi baseado em um de seus melhores e mais bem-sucedidos romances. Já tinha visitado Bangor algumas vezes, para fazer pesquisa, conversar com ele, fazer algumas perguntas que achei que seriam mais bem respondidas ao vivo. Fizemos uma sessão privada para ele quando o filme ficou pronto, e eu e Rob Reiner, o diretor, andamos inquietos de um lado para o outro pelo saguão enquanto ele via, torcendo para que gostasse. Agradá-lo era muito importante para nós. A carreira de Rob realmente deslanchou depois de *Conta comigo*, outra obra de King (baseado em um conto chamado "O outono da inocência — O corpo").

Assim que ele saiu da sala, entendemos que estava contente com o que havíamos feito com seu bebê. Ele amou Kathy Bates mais que tudo. (E não foi o único: ela ganhou o Oscar de melhor atriz.) Engraçado, mas minha lembrança mais nítida daquele dia é o momento justo antes de o filme começar, quando ele nos deixou para sentar em seu lugar: o olhar dele era tão esperançoso! Como o de uma criança. Comentei isso com Rob, que disse: "Acho que ele se sente tão vulnerável hoje em dia quanto no começo… e é por isso que continua sendo Stephen King."

Acho que ninguém percebe o tamanho do fenômeno que ele é. Não se trata apenas de vender centenas de milhões de livros — mas de se manter como o escritor mais popular no mundo *por tanto tempo*. *Carrie* foi publicado em 1974 e ainda é um sucesso.

Naquele instante, eu podia vê-lo pela janela. Jeans, camisa de flanela, caminhar trôpego. King é muito maior do que parece. E bastante despretensioso.

Nós nos sentamos em um canto escondido da sala de espera — eu não havia comido nada desde o infame almoço do dia anterior com o Demônio de Florin. E tinha passado a noite acordado preparando tudo, como dizer as coisas de forma racional, de romancista para romancista, contador de história para contador de história, e tudo estava se saindo muito diferente do que eu havia planejando quando ele disse:

— Bill, aquela vaca mentiu para mim, ela disse que *você não queria fazer o livro*. Só topei participar porque ela falou com um monte de parentes que ainda moram lá e eles me pressionaram, mas senti que estavam me metendo em uma furada desde o começo.

O silêncio se prolongou. King olhou para mim. Esperando. Eu percebia que estava deixando-o nervoso só de ficar ali sentado, mas não sabia como começar. Sabia apenas que não queria constrangê-lo. Ou, pior, me humilhar.

Finalmente, ele perguntou:

— Como vai Kathy? Gostei dela em *Titanic*.

Ele está dando brecha, falei para mim mesmo. Fale sobre Kathy Bates. Você tem uma história ótima de Kathy Bates, conte.

— Não a vejo muito, mas já contei para você como ela conseguiu o papel em *Louca obsessão*? É uma história e tanto.

King balançou a cabeça.

— Escrevi o papel para ela. Acompanho sua carreira no teatro há anos… É uma das melhores atrizes que já vi, mas nunca tinha conseguido uma chance no cinema… e antes de começar, falei para Rob: "Vou escrever Annie Wilkes pensando em Kathy Bates." E Rob retrucou: "Ah, que bom. Ela é ótima. Vamos escalá-la."

— E depois? — perguntou King.

— Foi isso. O papel mais cobiçado do ano foi dado para uma desconhecida. Eu adorei ter participado disso. Mudar uma vida.

— É uma história e tanto mesmo — disse King, tentando parecer entusiasmado.

— *Não!* — falei, alto demais, mas eu não estava em minha melhor forma, como os leitores destas páginas verão. — Não — repeti, dessa vez de um modo normal. — Essa não é a história. *Aqui* vai a história incrível.

King esperou.

— Muito bem. Então, Rob chamou Kathy. Somente os dois na sala, e ela nunca tinha estado tão perto de um papel principal, e Rob mandou: "O papel é seu." Kathy não reagiu por um momento e então disse: "O papel. É meu." Rob fez que sim, repetiu a notícia. "É seu." Então veio outro minuto de silêncio, e Kathy disse: "O papel de Annie. Annie Wilkes. Esse papel?" Rob fez que sim de novo. "Annie Wilkes. A protagonista." Agora, Kathy reagiu um pouco mais rápido: "E é meu e está tudo certo?" Rob disse: "Tudo certo." Então ela se inclinou um pouco para a frente. "Deixa só ver se eu entendi: vou fazer o papel de Annie Wilkes, a protagonista, em *Louca obsessão*?" Reiner disse: "Aham." E Kathy continuou: "Está tudo certo, quer dizer, vou interpretar Annie com certeza e está confirmado, sem possibilidade de erro nem nada?" E Rob retrucou: "Está tão certo que você nem imagina." Em seguida, mais um momento de silêncio na sala. E ela perguntou: "*Posso contar para minha mãe?*"

King adorou a história. (Eu também adoro. É uma das minhas histórias favoritas de Hollywood.) Ele riu, abriu um sorriso e olhou para mim questionando a veracidade.

Levantei a mão e disse:

— É verdade, juro. — E, enfim, relaxei.

Naquele momento, eu soube que conseguiria falar com ele, convencê-lo a não fazer a sequência, porque, afinal, eu tinha feito *A princesa prometida* e, mesmo neste mundo, era preciso haver justiça de vez em quando, e ele disse:

— Gostei muito do filme.

E eu respondi:

— Eu também, não só de Kathy. Jimmy Caan estava incrível também.

E ele disse:

— Eu estava falando de *A princesa prometida*.

— Obrigado. Eu também.

E já ia continuar falando quando percebi uma coisa. Algo simplesmente horrível.

Ele não tinha mencionado o livro, apenas o filme. Mas, Deus do céu, ele só podia ter gostado, eu estava sendo paranoico.

— Queria poder dizer o mesmo do livro — murmurou ele, e notei que era doloroso para ele falar aquilo.

O contador de histórias mais popular do século está dizendo que você é um péssimo contador de histórias. Gostaria de informar que lidei de forma muito madura com a situação, mas, infelizmente, o que eu disse, tal qual um idiota completo, foi:

— É mesmo? Bem, muitas pessoas gostam bastante, obrigado.

De repente, ele estava se inclinando na minha direção.

— Bill, você captou o estilo dele com competência, mas a verdade nua e crua é que não gosto de muitas coisas que fez nessa edição. Por exemplo, no capítulo quatro, *você cortou setenta páginas do treinamento de Buttercup*. Como pôde? Tem partes incríveis ali. Você *deve* ter visto a Escola Real. É um dos prédios mais imponentes da Europa. O currículo de Buttercup é incrível. Como pôde deixar tudo aquilo de fora?

— Eu estava mais interessado na história, sabe? Na trama. — E foi então que contei para ele: — Nunca fui lá. Em Florin. Por que era tão importante ir até lá?

— *Por que era tão importante?* Você pegou um avião até aqui só para confirmar coisas para uma adaptação de roteiro.

Não falei nada porque sentia o furacão chegando e sabia que ele ia me derrubar.

— É por isso que *eu* quero fazer *O bebê de Buttercup* — disse ele. — Para que as coisas sejam feitas direito dessa vez.

Era o fim. Eu me levantei, agradeci pelo tempo dele e fui embora,

arrasado.

— Sinto muito, de verdade — disse ele.

Dei um sorriso forçado. Não foi a coisa mais fácil de se fazer naquele momento, mas eu gostava de King, não queria que ele, ainda por cima, me visse naquele estado.

Ele gritou para mim:

— Bill… espere… acabei de ter uma ideia. Olha… eu faço a versão e *você pode fazer o roteiro*. Vou botar uma cláusula obrigatória no contrato.

King estava tentando me ajudar, entendo isso, mas bem ali no aeroporto eu contei para ele sobre meu pai ter lido a história para mim, e sobre Jason não ter gostado, e de quando percebi que meu pai só tinha lido as partes boas, e como agora Jason era eu e ele tinha um filho, o maravilhoso Willy, batizado em minha homenagem, e que Willy queria que eu lesse para ele e que nada daquela história de edição teria começado se não fosse por mim, e o que seria dele se o perdesse, seu poder, o poder de contar histórias, como eu perdera o meu, e se ele gostaria de passar o resto da vida escrevendo papéis perfeitos para as pessoas horríveis que são estrelas do cinema naquele mês, com todo aquele poder…

… e que eu acabei do jeito que mais temia, humilhado, então o deixei ali e me forcei a não sair correndo…

* * *

O VOO PARA Nova York partiria dali a três horas. Peguei um táxi e me escondi em Bangor até que fosse hora de ir, então peguei outro táxi de volta para o aeroporto.

Atrasado. Tempo ruim.

Eu me sentei no banco do aeroporto, fechei os olhos. King perguntou:

— Você precisou vir até o Maine para ter um colapso nervoso? — Ele estava sentado ao meu lado. — Você disse uma coisa que fez sentido, e pensei

bastante a respeito… Essa história de edição não existiria se seu pai não tivesse pulado algumas partes. Então, de certa forma, você está coberto de razão, o filho é seu.

Silêncio.

Então ele disse:

— Tente fazer o primeiro capítulo.

King pôde ver, por minha expressão, que eu não estava entendendo muito bem o que ele queria dizer. Acho que eu era Kathy na conversa com Rob.

— Escute, estamos no vigésimo quinto aniversário de *A princesa prometida*, certo? Da *sua* versão. — Estávamos. — Bem, é provável que seu editor queira fazer algo, talvez uma nova edição de luxo. — Assenti. Já havíamos debatido o assunto. — Bem, faça uma versão do primeiro capítulo de *O bebê de Buttercup*. Inclua no livro, se quiser. Talvez seja bom escrever uma introdução, explicando por que não fez o livro inteiro. Vou ligar para os Shog e informá-los da minha decisão. Eles não vão gostar, mas aceitarão. Querem fazer algo comigo há anos. Os direitos florinenses sobre meus materiais vencem em dois anos.

Ele hesitou por um instante, e pensei que talvez tivesse mudado de ideia. Fiquei esperando, torcendo que não. Ele então balançou a cabeça, e vi um olhar que poderia ter dito: "Será que estou louco em fazer isso?" E aí disse as seguintes maravilhosas palavras:

— *Bill, espero que você se esforce de verdade dessa vez.*

— Vou pesquisar até não ter mais forças — falei. (E pesquisei mesmo.) — Mas o que acontece depois que eu publicar o primeiro capítulo?

— Vamos por partes. Você escreve, eu leio, o público de Morgenstern lê. Vou mandar um monte de cópias para meus primos em Florin, pedir a opinião deles. — Ele se levantou. — Acho que mais importante é Morgenstern. Ele foi um gênio, e seria bom se a gente conseguisse agradar a *ele*, não acha?

— Seria o melhor de tudo — falei, e juro que era sincero.

Nós nos cumprimentamos, dissemos adeus, ele começou a ir embora, olhou de relance para mim.

— Você ainda não leu *O bebê de Buttercup*, não é?

— Ainda não.

— É uma história incrível.

— O que quer dizer com isso? Que nem *eu* posso estragá-la?

— Isso mesmo — falou Stephen King, e sorriu.

* * *

PARTI IMEDIATAMENTE PARA Florin. (Não cheguei imediatamente *em* Florin, claro — os gênios responsáveis pelos horários dos voos da Florin Air certificaram-se disso. Peguei o voo noturno da Air France para Bruxelas, onde fiz conexão para a InterItalia, que pousa em Guilder, e então apenas uma curta escala para a Cidade de Florin.) Eu tinha feito uma lista de lugares para visitar. A Escola Real, claro, porque King tinha destacado o prédio com tamanha ênfase; os Rochedos da Perdição — liguei antes de chegar e fiz uma reserva; hoje em dia; o lugar é lotado de visitantes —; a floresta onde acontece a Batalha das Árvores, e por aí vai. King me dera uma lista de contatos de amigos e estudiosos que ele achava que poderiam ser úteis. Uma prima maravilhosa cuidava do melhor restaurante de Florin, veja que bênção, porque Florin, como você deve saber, é a capital europeia das raízes, o que é ótimo para os fazendeiros locais, mas o nabo é o prato nacional e dá para enjoar muito rápido de nabo se não tiver uma cozinheira habilidosa por perto.

Foram estranhos, aqueles primeiros dias, vendo os lugares reais que, quando eu era criança, pensei serem inventados. Estava com medo de não atingirem minhas expectativas. (Alguns lugares não atingiram, mas a maioria sim.)

Vi o Quarteirão dos Larápios onde Fezzik reencontra Inigo e o cômodo onde Inigo finalmente, *finalmente*, mata o conde Rugen — faz parte do tour

do castelo. A fazenda de Buttercup foi mantida praticamente intocada, mas o que posso dizer? É uma fazenda. E, claro, o pântano de fogo continua mais mortal do que nunca, proibido para todos, mas consegui ver não muito de longe o ponto em que, conforme acreditam os estudiosos, Buttercup e Westley se abraçam depois que ela o empurra barranco abaixo. (É o mesmo local da cena do reencontro e, devo dizer, foi estranho ficar ali, olhando para aquele pedaço de chão.)

Ainda não é possível chegar à Ilha da Árvore de barco por causa do redemoinho ao redor, então aluguei um helicóptero e fiz o passeio. (A ilha é aonde eles vão para recuperar as forças.) Onde Buttercup e Westley fazem amor pela primeira vez, onde nasce a pobre Waverly. Eu, provavelmente, não deveria chamá-la de "pobre", pois ela se divertiu bastante por um tempo, os pais a amavam, o maior espadachim do mundo era seu guarda, e o homem mais forte do mundo, sua babá. Não se pode pedir muito mais que isso.

Claro, tudo mudou com o sequestro, mas é melhor eu calar a boca agora, antes que estrague a história…

O BEBÊ DE BUTTERCUP

A GLORIOSA INVESTIGAÇÃO DE
S. MORGENSTERN SOBRE A CORAGEM
DIANTE DA MORTE DO CORAÇÃO

Versão editada por
William Goldman

1
FEZZIK MORRE

1. Fezzik



Fezzik perseguiu o louco montanha acima. O louco carregava o bem mais valioso do gigante, a coisa mais preciosa que já pisou na Terra: a criança, o bebê de Buttercup.

"Perseguiu" talvez fosse a palavra errada. "Saiu atrás dele derrubando tudo" talvez seja mais preciso. Não importa como for descrito, a perspectiva não era boa: Fezzik, por mais que se esforçasse, ficava cada vez mais para trás. Existiam dois motivos para isso. O primeiro era seu tamanho. Estavam a cinco mil quilômetros de altitude, a subida era íngreme, e Fezzik estava com uma tremenda dificuldade para encontrar apoio para os pés. Seus pés enormes e disformes procuravam abrigo aqui e ali, mas demoravam demais para se firmar.

E o louco se aproveitava daquilo para aumentar a vantagem, de vez em quando olhando para baixo com seu rosto desprovido de pele, para ver a que distância Fezzik se encontrava. Até mesmo para o gigante o plano do louco era claro: chegar ao topo, atravessar o platô correndo e descer do outro lado, deixando Fezzik sem chances de alcançá-lo, ainda tentando subir a todo custo.

O segundo motivo para o fracasso de Fezzik era o medo. Ou, para ser mais preciso, *os medos*. Por ser grande e forte, ninguém desconfiava que ele também tinha sentimentos. Como ele conseguia arrancar uma árvore pela raiz, não notavam seu pânico ao ver os insetos minúsculos que habitavam as raízes. Como tinha derrotado os melhores lutadores de setenta e três países, ninguém acreditava que a mãe dele precisava manter as velas acesas a noite toda, quando Fezzik era relativamente pequeno. Claro que ele nem cogitava

falar em público, mas teria preferido passar o restante de seus anos fazendo discursos a encarar o que estava diante dele naquele momento. A possibilidade da

Q
U
E
D
A

e ainda por cima com nada além de pedras para receber seu corpo lá embaixo.

Tudo bem que ele havia escalado os Rochedos da Perdição, mas era diferente. Na ocasião, tivera uma corda para se segurar e para guiá-lo, e Vizzini para insultá-lo, o que sempre fazia o tempo passar mais rápido.

Se o louco estivesse carregando qualquer outra coisa, Fezzik teria parado e descido de volta à segurança. Mesmo que fosse toda a prata da Pérsia ou uma pílula que bastasse tomar uma única vez para deixar de ser gigante.

Aí seria fácil desistir da perseguição.

Mas era Waverly, sua bênção. E embora lá no fundo soubesse que perderia aquela perseguição, que acabaria escorregando e caindo, Fezzik continuou seguindo, desajeitado.

Olhou de relance para cima. A bebê estava enrolada no cobertor que usava quando foi sequestrada — e isso já fazia quanto tempo? Fezzik preferia nem lembrar, porque o sequestro tinha sido culpa dele. Ele era responsável, porque acontecera sob sua guarda. Fezzik engoliu um choro de remorso. O corpo dela estava imóvel. O louco provavelmente usara alguma droga para conseguir carregá-la com mais facilidade.

Acima dele, o louco parou, empurrou, chutou…

… e pedras gigantes começaram a rolar na direção de Fezzik.

Ele fez o possível para sair do caminho, porém foi lento demais. O turco machucou os pés na pedra e derrapou, saiu rolando morro abaixo e só

conseguiu se segurar com a força de alguns dedos das mãos.

O louco soltou um grito, regozijando, e retomou a escalada, sumindo uma curva da montanha.

Fezzik ficou ali, pendurado, morrendo de medo.

O vento fustigava seu corpo.

A mão esquerda começou a ficar com câimbra, então Fezzik tirou-a do apoio e achou um lugar melhor, três metros acima.

Continuou pendurado ali, pensando — não pensava no medo enorme que sentia, mas no que acabara de subir usando apenas as mãos. Será que conseguiria fazer isso de novo? Subiu mais três metros, encontrou outro apoio. Isso é muito interessante, pensou sozinho. Eu subi *sem usar os pés*. Subi mais rápido que antes, *e sem usar os pés*.

Hummm.

Então, de repente, ele estava se *movendo*. Usando apenas as mãos para procurar, agarrar, depois a outra, procurando, agarrando e tudo isso sem usar os quatro membros, apenas os dois superiores…

… com isso, ele subia *rápido*.

Naquele momento, Fezzik *disparava* montanha acima. Em algum lugar do outro lado estava o louco, provavelmente sem pressa, certo de que o turco tinha sido eliminado. Fezzik aumentou a velocidade, foi até o topo, depois foi até o platô e deu a volta, atravessando depressa com passadas enormes. Quando o louco chegou com a bebê, Fezzik esperava por ele.

— Gostaria que me entregasse a criança — disse Fezzik, com toda gentileza.

— Claro que gostaria.

O louco não tinha boca. O som vinha de algum lugar dentro do rosto sem pele. Ele ainda segurava Waverly.

Fezzik deu um passo à frente.

— *Eu posso cuspir fogo* — anunciou o louco.

Fezzik sabia que era verdade. Mas não tinha medo.

Mais um passo adiante.

— *Posso mudar de forma* — declarou o louco, dessa vez mais alto, e Fezzik sabia que era verdade.

Mas também sabia o seguinte: o medo já havia adentrado o coração do inimigo.

— Esse é meu último aviso — declarou Fezzik. — Se estou mandando que me entregue a criança, você me entregará a criança.

— *Usarei toda a minha mágica contra você!*

— Pode tentar — respondeu Fezzik, muito calmo. — Mas, mesmo sem rosto, posso ver que está muito assustado. Está com medo que eu machuque você. — Ele hesitou. — E vou machucar. — Hesitou mais uma vez. — Bastante.

O medo pulsou dentro do louco.

Fezzik estendeu as mãos enormes para o cobertor.

— Entregue a criança — insistiu, e o louco fez menção de obedecer o gigante, mas no último instante virou as mãos, o cobertor se desenrolando até soltar Waverly montanha abaixo…

… a bebê caiu do precipício. Enquanto girava, se desenrolando do cobertor, arregalou os olhos e olhou ao redor, assustada. Fezzik viu tudo. Estendeu os braços enquanto a menina sumia de vista. Enquanto caía, Waverly o chamou daquele jeito que só ela o chamava:

— Sombra!

Fezzik não teve escolha. Mergulhou no ar atrás dela, entregou sua vida em troca da dela…



O QUE ACHOU?

É empolgante, tenho que dar o crédito a Morgenstern. "Prende a atenção", como dizem na TV. Mas estamos falando de um romance. Aqui há tempo para o

desenvolvimento da trama e dos personagens, e ninguém vai mudar de canal. Então, não estou morrendo de amores. Também não gosto de chamar o primeiro capítulo de "Fezzik morre".

Você acha mesmo que Morgenstern vai matar Fezzik? Eu com certeza não acredito nisso, nem por um segundo. Eu não quero nem mencionar que ele é meu favorito. Mas veja o que ele fez por Buttercup e Westley: tacou fogo no próprio corpo logo antes da invasão do castelo; encontrou os quatro cavalos brancos que todos usaram na fuga para a liberdade; e, de certa forma, salvou Westley (não pense nem por um segundo que Inigo teria sobrevivido ao Zoológico da Morte sem Fezzik ao lado).

E, sinto muito, não se elimina alguém desse jeito. É errado. *Ainda mais se for só para começar a história de modo chocante.*

Em outras palavras, discordo da abertura. Aliás, existem diversas coisas que não me agradam neste capítulo, mas você conhece os motivos que me obrigam a continuar.

E também não tenho certeza se deveria incluir a parte que vem em seguida, sobre Inigo. Tive uma briga feia com meu editor, Peter Gethers. Ele é contra, acha confuso. Antes que eu apresente meus motivos, acho melhor que vejam por si mesmos sobre o que estamos debatendo.

2. Inigo



INIGO ESTAVA EM Desespero.

O lugar era difícil de encontrar no mapa (isso foi depois da invenção dos mapas), e não porque os cartógrafos desconheciam sua existência, mas porque, quando visitaram para tirar as medidas precisas, ficaram tão deprimidos que começaram a beber e a questionar tudo, em especial por que alguém gostaria de seguir uma profissão tão idiota quanto a cartografia? Era

preciso viajar o tempo todo, ninguém nunca sabia seu nome e, o pior de tudo, não fazia muita diferença, já que as guerras estavam sempre mudando as fronteiras? Surgiu ali, então, um acordo de cavalheiros entre os fazedores de mapas daquela época de manterem o lugar o mais secreto possível, para evitar que os turistas fossem até lá e morressem. (Se você faz questão de ir até lá, fica mais próximo às terras Bálcãs do que qualquer outro lugar.)

Tudo em relação a Desespero era deprimente. Nada crescia no solo e o que caía dos céus não gerava uma conversa muito feliz. O país inteiro era úmido e abafado, e por que os locais ainda estavam ali não era apenas uma boa pergunta — era a única pergunta. Os locais não falavam de outro assunto. "Por que não saímos daqui?", perguntavam os maridos às esposas, todos os dias, e elas respondiam: "Nossa, não sei, vamos?" E as crianças saltitavam e gritavam: "Eba, eba, vamos cair fora daqui", mas nada acontecia. Os Bindibus vivem em condições ainda mais horrendas, mas também não viajam muito. Havia certo conforto em saber que não importava o estado das coisas, não poderiam piorar. "Já passamos por tudo", os locais diziam a si mesmo. "No entanto, se formos embora para, digamos, Paris, pegaríamos gota e passaríamos a vida sendo insultados pelos parisienses."

Já Inigo tinha afeto pelo lugar. Fora ali, muitos anos antes, que tinha vencido seu primeiro campeonato de esgrima. Chegara pouco tempo antes do começo do campeonato, com o coração pesado, os olhos constantemente marejados. Não conseguia melhorar seu estado de espírito por causa do que havia acabado de acontecer a ele na Itália, na época. Uma jornada que tinha começado com grandes expectativas…

* * *

QUANDO COMPLETOU VINTE anos, Inigo Montoya, de Arabella, Espanha, havia passado os oito anos anteriores vagando pelo mundo. Ainda não tinha iniciado a caçada pelo homem de seis dedos que matou seu amado pai,

Domingo. Não estava pronto e não ficaria até que o grande forjador de espadas, Yeste, assim declarasse. Yeste, o mais querido amigo de seu pai, jamais o mandaria até lá se houvesse alguma falha. Falhas não trariam apenas a morte, mas também algo bem pior: a humilhação.

Inigo só tinha uma certeza: quando enfim encontrasse seu algoz, quando enfim pudesse confrontá-lo e dizer "Olá, meu nome é Inigo Montoya. Você matou meu pai, prepare-se para morrer", não poderia haver a possibilidade de derrota em sua mente. O homem de seis dedos era um mestre. E, preparando-se para enfrentar tal mestre, Inigo tinha vagado pelo mundo, ficando cada vez mais forte, aprendendo de qualquer pessoa disposta a ensiná-lo os mistérios que necessitavam de solução. Por fim, começara a se especializar. Seus talentos eram mais que fenomenais, mas ainda não eram bons o suficiente para garantirem a bênção de Yeste.

Visitara a Islândia recentemente, onde passara meses com Ardnock, o grande especialista em terrenos congelados. Inigo já dominara o ataque por baixo e por cima, lutando sobre árvores, sobre rochas, em corredeiras. Mas e se o homem de seis dedos fosse do norte, e os dois lutassem na geada ou em gelo derretido? E se Inigo, desamparado, escorregasse e perdesse o equilíbrio, perdesse a batalha, perdesse tudo?

Depois da Islândia, passou meio ano no Equador, estudando com Atumba, o mestre do calor. Afinal, e se o homem de seis dedos viesse de um país escaldante, e duelassem debaixo de sol no dia mais quente, com a temperatura de sessenta e cinco graus, e o cabo da espada ficasse molhado em sua mão por um instante?

Naquela ocasião, quando acabara de completar vinte anos, ele estava na Itália, para ver Piccoli, o ancião minúsculo, o reconhecido rei da mente. (Piccoli vinha da linhagem mais famosa de professores italianos. A outra parte era centralizada em Veneza e ensinava canto para todos os tenores italianos famosos cujos nomes terminavam em vogais.) Inigo sabia que não conseguiria pensar quando o momento do duelo mortal chegasse. Sua mente

precisaria estar limpa como o céu em um dia de primavera, e seus movimentos teriam que agir por conta própria, nos giros e cortes e golpes, tudo precisaria surgir espontaneamente.

Piccoli morava em uma pequena casa de pedra, a serviço do conde Cardinale, o homem estranho e furtivo que controlava a maior parte do país. Piccoli soubera de Inigo porque, embora Yeste fosse o melhor e mais famoso forjador de espadas, havia rumores de que, quando recebia uma tarefa difícil demais até mesmo para suas habilidades, Yeste ia à cidade de Arabella, no alto das montanhas de Toledo, à choupana de um tal Domingo Montoya, viúvo que morava com o filho pequeno.

A espada de seis dedos tinha sido forjada ali.

Será que era verdadeiramente a maravilha deste mundo? Piccoli ouvia falar dela havia uma década, ansiava em vê-la dançando antes que morresse. A maior arma desde Excalibur e onde estava? Desaparecida, com o filho de Montoya, da casa de Yeste. E onde estava a criança?

Piccoli passou a vida inteira treinando a própria mente para conseguir sentar-se por um dia inteiro no meio de uma batalha sangrenta sem ouvir nenhum dos gritos ou ver a matança ao redor. Quando estava dentro da própria mente, era como se estivesse morto. E, sob a aurora de todas as manhãs, ele entrava na própria mente e ficava lá até o meio-dia. Nenhuma força era capaz de perturbá-lo.

Um dia, ao alvorecer, ele entrara em sua mente com a intenção de lá ficar até que o sol estivesse alto no céu. Mas, naquela manhã, às oito horas, houve um estranhamento.

Ele permaneceu dentro da própria mente como sempre às seis e às sete e às sete e meia, e faltando quinze minutos para as oito, e dez minutos, e cinco, e quatro, e três…

… então Piccoli foi tomado por algo tão deslumbrante que mesmo ele precisou abrir os olhos…

… um jovem se aproximava, alto, esguio, musculoso, de pernas compridas.

Era bem bonito, mas seria mais se não fossem as duas cicatrizes paralelas no rosto…

… e segurava tamanho esplendor nas mãos que o sol dançava ali.

Piccoli não conseguia respirar enquanto o jovem se aproximava.

— Quero ver o sr. Piccoli, por favor.

— Quero ver sua espada.

Piccoli tremia ao segurá-la nas mãos minúsculas.

— O que pode querer de mim? — Ele não conseguia tirar os olhos da arma. — Você tem o mundo inteiro aqui.

Inigo respondeu.

— Quer que eu lhe ensine a controlar a mente? — perguntou Piccoli.

Inigo assentiu.

— Vim de muito longe.

— Perdeu seu tempo, sinto dizer. Você é jovem. Os jovens não têm a paciência necessária. São burros. Acham que seus corpos vão salvá-los.

— Deixe-me aprender.

— Um desperdício. Vá travar sua batalha sem mim.

— *Eu imploro*.

Piccoli suspirou.

— Está bem. Permita-me mostrar o tamanho de sua burrice. Responda: *o que você quer mais que tudo na vida?*

— Bem, matar o homem de seis dedos, sem dúvida.

Com isso, Piccoli começou a gritar:

— Errado, errado! Ouça… *veja o que estou falando*. — A voz dele ficou doce, sedutora. — O homem de seis dedos está com a espada na mão; ele golpeia, veja o que estou dizendo, Montoya, observe a espada. Ele estendeu a espada na direção do seu pai, a espada está entrando no coração do seu pai, o coração de Domingo está dilacerado. E você tem dez anos e está parado ali, impotente. Você se lembra desse momento? Estou dando uma ordem, *lembre-se desse momento!*

Inigo não pôde conter as lágrimas.

— Agora você está vendo seu pai cair. Olhe, *olhe para ele*, *veja Domingo morrer*…

Inigo desabou em prantos, descontrolado.

— *Diga o que está sentindo*…

Inigo mal conseguiu pronunciar a palavra:

— Dor…

— Sim, claro. Dor, uma dor mortal. É *isso* que você deve querer mais que qualquer outra coisa: um fim para sua dor.

— … sim…

— Essa dor está em você, a cada momento de cada dia?

— … sim…

— Se você pensar em eliminar sua dor, vai matar o homem de seis dedos. Mas se pensar apenas em vingança, ele matará você, porque já tirou a coisa que lhe era mais preciosa, e ele saberá disso. E quando lutarem, ele dirá coisas, fará provocações, falará sobre seu pai patético e dará risadas de seu amor por um fracassado como Domingo, e você gritará de raiva, e sua vingança subirá à sua cabeça, e você lutará cegamente… e, então, ele o cortará em pedaços.

Inigo viu tudo aquilo, e era verdade. Viu a si mesmo atacando e ouviu a si mesmo gritando, então sentiu a espada do homem de seis dedos entrando em seu corpo, perfurando seu coração.

— Por favor, não me deixe perder para ele — pediu Inigo, por fim.

Piccoli olhou para o jovem abalado diante dele. Devolveu com cuidado a espada de seis dedos.

— Vá secar suas lágrimas, Montoya — disse, por fim. — Iniciaremos seu treinamento pela manhã…

* * *

FOI UM TRABALHO brutal. Inigo nunca tinha imaginado que seria menos que aquilo, mas Piccoli era impiedoso acima de qualquer limite humano. Durante oito anos, Inigo correra duas horas por dia, para deixar as pernas fortes e musculosas. Agora, com Piccoli, ele não podia correr de maneira alguma. Durante oito anos, ele havia apertado pedras do tamanho de maçãs durante duas horas por dia, para que os punhos pudessem dar o golpe mortal de toda e qualquer posição. Agora, apertar pedras estava proibido. Durante oito anos, ele nunca tinha saltado e se esquivado por menos de duas horas ao dia, para que as pernas ficassem extremamente ágeis. Agora, nada de salto, nada de esquiva.

O corpo de Inigo, forte como aço, rápido como um relâmpago, o corpo que ele havia esculpido para o combate letal, o corpo que despertava a inveja da maioria dos homens... Piccoli *odiava* aquele corpo.

— Seu corpo é seu inimigo enquanto estiver comigo — explicou Piccoli. — Precisamos enfraquecê-lo, por enquanto. É o único modo de fortalecermos sua mente. Enquanto pensar que pode se livrar dos problemas lutando, nunca vai conseguir se livrar dos problemas lutando.

Durante oito anos, Inigo havia sobrevivido com quatro horas de sono. Agora, ele *só* fazia isso. Dormir. Cochilar. Descansar. Dormitar. Ele tirava sonecas sob demanda, fazia sestas toda hora. E, enquanto descansava, tinha que pensar sobre a própria mente.

Semanas se passaram. No início, dormia doze horas por dia, depois, quinze. O objetivo de Piccoli era chegar a vinte horas exatas, e Inigo sabia que a tortura não acabaria até que aquele objetivo fosse alcançado. Ele não fazia nada além de ficar deitado, pensando na própria mente.

Seu único trabalho era pensar na própria mente. Familiarizar-se com ela, aprender como funcionava.

Seu único exercício consistia em quinze minutos por dia, enquanto o sol descia no horizonte. Piccoli o mandava para fora com a espada em mãos. Assentindo. Apenas uma vez. E Inigo movimentava a espada na luz fraca, a

espada viva, e seu corpo saltava e desviava, e as sombras se mexiam como fantasmas. Piccoli era muito velho, mas tinha visto Bastia. E ali estava Bastia de novo, vivo na Terra outra vez.

O pequeno ancião assentia mais uma vez, e era hora de voltar para o descanso. Para a cama. Para se deitar e pensar na própria mente.

E seguiu assim até o dia em que Piccoli teve que ir ao vilarejo buscar mantimentos. Inigo estava sozinho na casa, então ouviu passos leves se aproximando, junto uma voz suave, chamando, e então Inigo já não estava mais só. Ele olhou para a figura emoldurada pelo vão da porta e se levantou. E disse as seguintes palavras, impressionantes e inesperadas:

— Não posso me casar com você.

Ela olhou para ele.

— Já nos conhecemos, senhor?

— Em meus sonhos.

— E decidimos não nos casar? Que sonhos estranhos para um sujeito tão jovem.

— Não sou mais jovem que você.

— Você trabalha para Piccoli?

Inigo balançou a cabeça.

— Na maior parte do tempo eu *durmo* para Piccoli. Pode chegar mais perto?

— Não tenho escolha.

— Trabalha no castelo?

— Morei aqui a vida toda. Minha mãe também.

— Inigo Montoya, da Espanha. E você…?

Ele esperou pelo nome dela. Sabia que seria um nome magnífico, um nome do qual se lembraria para sempre.

— Giulietta, senhor.

— Acha que sou estranho, Giulietta?

— Eu seria bem tonta se não achasse — retrucou a mulher. Antes de

acrescentar: — Senhor.

— Está sentindo seu coração neste momento? Eu sinto o meu.

— Eu seria bem tonta se não sentisse — afirmou Giulietta. Seus olhos pretos estudaram o rosto dele atentamente antes de continuar: — Acho melhor me contar sobre seus sonhos.

Inigo começou. Ele falou do assassinato e das cicatrizes e contou como, depois de se recuperar, havia começado sua busca. Revelou que, vagando pelo mundo, de cidades a vilas e vilarejos, sempre tão sozinho, às vezes inventava companhias.

E, talvez aos treze anos, inventava alguém esperando por ele no fim do dia. Quando ficou mais velho, a garota inventada também cresceu. E estava ali, sempre ali, e eles comiam juntos as sobras do jantar e dormiam abraçados em celeiros de feno, e os olhos pretos dela eram tão gentis quando olhavam para ele.

— Assim como seus olhos são gentis agora, quando você olha para mim. E o cabelo preto dela desenrolava do mesmo jeito que o seu agora, e me manteve uma companhia sagrada durante todos esses anos, Giulietta, e amo você, e amarei para sempre, mas não posso, e espero que entenda, porque minha busca vem primeiro, acima de tudo, mesmo com o que vejo em seus olhos, não posso me casar com você.

Ela ficou muito comovida. Inigo sabia. Inigo via que tinha mexido com ela profundamente. Esperou pela resposta.

Enfim, Giulietta disse:

— Você sempre conta a mesma história? Aposto que as garotas do vilarejo ficam *caidinhas*. — Ela se virou para a porta nessa hora. — Tente isso com outra. — E foi embora.

Na manhã seguinte, antes que ele entrasse na própria mente, ela voltou.

— Deixe-me esclarecer uma coisa, Inigo… Nós jantávamos *restos* de comida? *Eu* estou na *sua* fantasia e o melhor que consegue me arranjar são *restos*? — Ela se virou para a porta. — Não tem a menor chance de conquistar

meu coração.

Inigo voltou para a própria mente.

Na tarde seguinte, ela o acordou com uma cutucada.

— Deixe-me esclarecer outra coisa, Inigo… nós dormíamos em *celeiros*? Não conseguiu sequer inventar um quarto limpo em uma pousada? Sabe quanto o feno coça? — Ela se virou para a porta. — Tem menos chance de conquistar meu coração hoje do que tinha ontem.

Inigo voltou para a própria mente.

No anoitecer seguinte, ela apareceu à porta. Foi logo antes dos seus quinze minutos de movimento, e Giulietta disse:

— Como posso saber se vai encontrar esse tal homem de seis dedos? E como posso saber que vai derrotá-lo? E se eu resolvesse ficar com pena de você, esperasse e você perdesse?

— Esse é meu pesadelo. É por isso que estudo.

Ela apontou para a espada dele.

— Sabe o que fazer com essa coisa?

Inigo saiu e dançou com a espada de seis dedos sob o anoitecer. Ele se esforçou para mostrar-se bastante encantador e terminou com um floreio especial, que aprendera anos antes com MacPherson, na Escócia. Envolvia uma pirueta, um arremesso da espada e terminava com uma reverência.

— Impressionante, Inigo, devo admitir — disse Giulietta, quando ele terminou. — Mas o que vai acontecer depois que encontrar esse cara e perfurá-lo? Vai viver do quê? Dessas *acrobacias*? O que espera que eu faça? Toque um pandeiro e chame a multidão? Tem tão pouca chance de conquistar meu coração que não há mais motivo para nos vermos de novo. Adeus.

Ao vê-la partir não havia dúvidas: o coração de Inigo doía…

* * *

ELA NÃO RETORNOU até o baile. Inigo não conseguia deixar de ouvir a música que escoava do castelo pela noite. Os músicos tinham passado dias ensaiando. De repente, Giulietta estava ali, acenando.

— É tão bonito — sussurrou ela. — Achei que poderia querer ver. Posso entrar com você sem que ninguém perceba, mas deve fazer exatamente o que eu mandar… pode dar muito errado se nos descobrirem.

Eles atravessaram as sombras correndo, pararam brevemente do lado de fora da cozinha; então, ela assentiu, e eles entraram. Giulietta apontou para a esquerda, mostrando o caminho, depois para a direita, e ele a seguiu até chegarem ao salão.

Era um cenário além da imaginação de Inigo. Um ambiente tão grande e tão elegante, com flores capazes de preencher uma floresta e músicos que tocavam suavemente. Inigo observou — e continuou observando — até ouvir um arquejo de pavor, e Giulietta sussurrou:

— Ah, não, *o conde está aqui*. Tenho que ir, fique atrás da porta.

Inigo se enfiou no local indicado, perguntando-se quão horrível seria o castigo por se infiltrar em um castelo e espiar cômodos que deveriam ser vistos apenas pela nobreza. Fechou os olhos e rezou em silêncio para que o conde jamais o visse.

Abriu os olhos e se viu em um pesadelo: o conde o encarava. Um homem muito, muito velho, vestido com magnificência, o olhar transparecendo imenso desprezo. E a voz de um *poder destruidor*.

— *Você* — começou ele, a raiva crescente — é um ladrão!

— Jamais roubei…

— *Quem é você?*

Inigo não conseguia pronunciar as palavras.

— Hummm… Montoya. Inigo Montoya, de Arabella, Espanha.

— *Um hispânico? Na minha casa? Terei que dedetizar o lugar!* — O conde se aproximou. — *Como entrou aqui?*

— Alguém me trouxe. Mas jamais revelarei seu nome. Pode me punir, faça

o que quiser comigo, mas lhe garanto que o nome dela permanecerá a salvo de você. — Ele ofegou ao ver Giulietta no vão de uma porta distante. Gesticulou para que ela corresse, mas o conde se virou muito rápido e viu. — Não faça nada a ela! — gritou Inigo. — Ela morou aqui a vida toda, com a mãe.

— *A mãe dela era minha esposa* — rugiu o conde, mais alto que todos. — *Você é um projeto patético de golpista, uma desgraça para o mundo.* — E, com um urro de desprezo, ele se virou e foi embora.

Giulietta surgiu ao lado de Inigo, muito animada, anunciando:

— Papai gostou de você.

* * *

ELES DANÇARAM A noite inteira. Abraçaram-se ao modo dos amantes. Inigo, com toda a sua habilidade de movimento, rodopiava como um pé de valsa. Giulietta havia sido treinada desde a infância para isso. E os músicos, que passaram a vida tocando para duques gordos e comerciantes grotescos, se viram tocando para aquele casal moreno que mal tocava o chão e perceberam que a música precisava estar à altura dos dançarinos.

Até hoje os empregados do castelo Cardinale se lembram do som daquela música.

Claro, antes da dança e dos abraços, houve alguns pormenores que precisaram ser esclarecidos.

— Papai gostou de você — comentou Giulietta, observando o pai deixando o salão, enfurecido.

— Espere um minuto — disse Inigo. — Se você é filha dele, quer dizer que é uma condessa. E, se é uma condessa, é também uma mentirosa, porque falou que era uma serviçal. E, se é uma mentirosa, não posso confiar em você, porque não há desculpa para mentiras, ainda mais quando sabia dos meus sonhos e do meu amor. Sendo assim, devo dizer adeus.

E foi para a porta.

— Posso falar uma única coisa?

— Outra mentira?

— Está me julgando. Sim, sou uma condessa. Sim, menti. Não é tão fácil ser eu. Não espero que tenha pena de mim, mas precisa ouvir meu lado. Sou uma das mulheres mais ricas do mundo. Para muitos homens, uma das mais atraentes. Também sou, por favor acredite, e sei que soa arrogante, inteligente, carinhosa e gentil. Não me vesti como uma serviçal para enganá-lo. Eu sempre me visto dessa maneira, e é para tentar encontrar a verdade. Todo e qualquer nobre solteiro num raio de mil quilômetros veio ao castelo pedir minha mão em casamento a meu pai. Eles afirmam desejar minha felicidade, mas querem apenas meu dinheiro. E eu só quero amor.

Inigo não disse nada.

Giulietta deu um passo adiante. Depois outro, parando ao lado dele. E, então, sussurrou, depressa:

— Quando você chegou com seu sonho, ganhou meu coração. Mas eu precisava esperar. E pensar. Agora já pensei. — Ela gesticulou para que os músicos tocassem de forma ainda mais bela. — Essa festa é *nossa*. Somos os únicos convidados. Fiz tudo isso para agradá-lo e, se não beijar minha boca, Inigo Montoya da Espanha, é muito provável que eu morra.

Como ele poderia não obedecer?

Eles dançaram a noite toda. Nossa, como dançaram. Inigo e Giulietta. E se abraçaram. E ele beijou a boca e o cabelo cacheado dela. E Inigo sentiu, pela primeira vez desde a morte, imensa felicidade. A danada da felicidade havia fugido dele, do pai, e, quando se vive anos sem ela, é fácil esquecer que não existe nada que se compare…



ADIVINHE SÓ? ACABA ali. Bum, uma breve ode à felicidade e fim de história.

Chamo essa passagem de "Trecho inexplicável sobre Inigo". E Peter rebateu que,

além de achar confuso, simplesmente nada acontece.

Ele está certo, no sentido puramente narrativo. Mas sinto que aqui, pela primeira vez, Morgenstern nos mostra o lado humano de Inigo, para que possamos saber que ele é mais que uma simples máquina espanhola de vingança. (Sinceramente, eu queria ter ficado sabendo que essa parte existia antes de ler A princesa prometida*.) Duvido que isso teria feito com que eu gostasse ainda mais dele, mas, Deus do céu, olha de quanta coisa o pobre Inigo abriu mão para honrar o pai! Pense nisso. Todos nós temos fantasias, certo?*

Você acha que, antes que eu conhecesse e me casasse com Helen, eu tinha uma imagem dela, minha esposa psicanalista genial? Claro que não. Mas Inigo criou essa criatura perfeita para seu coração, e a encontrou. *E ela o ama.*

E eles dizem adeus.

Essa é uma suposição minha, eu sei. Mas como ficamos sabendo que Inigo tinha um peso no coração ao chegar em Desespero (e chegou ali vindo da Itália), é a conclusão a que cheguei.

Decidi incluir essa parte por um único motivo: acredito que seja o melhor de Morgenstern. Consultei Stephen King, claro, e ele achou que eu tinha que incluir, uma vez que Morgenstern o fez. Ele também me colocou em contato com o primo professor, que dá aula na Universidade de Florin — o filho da moça que comanda aquele restaurante ótimo. E esse primo, um especialista em Morgenstern, acha que a confusão é culpa minha. E que, se eu tivesse uma formação acadêmica apropriada, entenderia o simbolismo de Morgenstern e saberia, portanto, que bastante coisa acontece nesse trecho. Isto é, pelo menos de acordo com o tal primo, é nessa parte que Inigo descobre que Humperdinck tem um plano em ação para sequestrar a primogênita de Westley e Buttercup, logo depois do nascimento. Então, Inigo precisa voltar correndo à ilha e impedir que isso aconteça. O primo de King disse que esse "trecho inexplicável sobre Inigo" nem sequer é um trecho, mas uma parte completamente fundamental para o romance.

Não vejo nada disso; se você vê, ótimo. E já que está nessa, decida se acha correta ou não a inclusão. Se discordar, tudo bem. Sei que meu coração está em paz…

3. Buttercup e Westley



OS QUATRO GRANDES cavalos praticamente voavam rumo ao Canal de Florin.

— Parece que estamos fadados — disse Buttercup.

Westley olhou para ela.

— Fadados, minha dama?

— A ficarmos juntos. Até que um de nós morra.

— Eu morri uma vez e não tenho a menor intenção de morrer de novo — retrucou Westley.

Buttercup olhou para ele.

— Isso não terá que acontecer em algum momento?

— Não se prometermos sobreviver um ao outro, e prometo isso agora.

Buttercup olhou novamente para ele.

— Ah, meu Westley, eu também prometo!

De repente, atrás deles, mais perto do que imaginaram, ouviram o rugido de fúria de Humperdinck:

— Detenham-nos! Segurem-nos!

Não podiam negar que ficaram assustados, mas não havia motivo para preocupação: montavam os cavalos mais rápidos do reino e já assumiam a dianteira.

No entanto, isso foi antes que o ferimento de Inigo voltasse a se abrir, que Westley tivesse uma recaída, que Fezzik pegasse o caminho errado e o cavalo de Buttercup perdesse uma ferradura. E a noite atrás deles foi tomada pelo som cada vez mais ensurdecedor da perseguição…



VIU O QUE ele fez aqui?

O trecho anterior é, claro, o final de A princesa prometida*, e vou levar apenas*

um instante, mas gostaria de destacar o que ele está fazendo nessa sequência: brincando com o tempo. *Vejam bem, eu infiltrei minha explicação de que Waverly seria sequestrada, esqueçam isso. Morgenstern diz a mesma coisa nas primeiras páginas com Fezzik na montanha.*

Ok, o sequestro já aconteceu. Depois, no "trecho inexplicável sobre Inigo", ele nos diz que o sequestro está prestes a acontecer *(pelo menos segundo o primo de King). Agora, aqui, ele volta no tempo,* antes *de Buttercup e Westley escaparem sãos e salvos de Humperdinck.*

Acho isso interessante, mas alguns leitores podem achar confuso. Willy, meu neto, achou. Eu estava lendo para ele (e como foi incrível, ainda mais para um torcedor como eu) quando ele me disse:

— Espere um segundo.

Então esperei. E ele falou:

— Como assim? Inigo acabou de ficar sabendo do sequestro e praticamente na frase seguinte estamos de volta ao livro A princesa prometida*?*

Expliquei que era o modo como Morgenstern havia escolhido contar aquela história em particular.

Ele perguntou:

— E podem fazer isso?

Espero que sim.



NO ENTANTO, ISSO foi antes que o ferimento de Inigo voltasse a se abrir (*eu de novo, e não, não foi um erro, apenas achei que facilitaria a transição se eu repetisse o último parágrafo, então vamos lá)*, que Westley tivesse uma recaída, que Fezzik pegasse o caminho errado e o cavalo de Buttercup perdesse uma ferradura. E a noite atrás deles foi tomada pelo som cada vez mais ensurdecedor da perseguição…

O erro de Fezzik veio primeiro. Ele estava na dianteira, uma posição que

tentava evitar sempre que possível, mas naquela ocasião não teve escolha, pois Inigo perdia as forças a cada passada, e os dois amantes... bem, eles apenas ficavam dizendo coisas melosas sobre a Eternidade.

O que significava que Fezzik, o amigo perfeito, seguidor fiel, amante das rimas, talvez não o sujeito mais brilhante do mundo, mas com certeza o mais devoto guarda-costas que já se viu, encontrava-se diante de um dos dilemas mais traiçoeiros que a mente humana é capaz de enfrentar:

uma bifurcação na estrada.

— Não é de fato uma estrada (entrada) — disse a si mesmo. — Está mais para um caminho (gominho), nada que cause preocupação (coração).

Eles estavam indo para o Canal de Florin, onde o grande navio pirata *Vingança* esperava para levá-los rumo à felicidade. Então, relaxe, Fezzik pensou, trate a fuga como uma travessura (gostosura), uma lembrança que trará sorrisos no futuro. Afinal, nem era uma bifurcação tão grande.

Era uma bifurcação, por assim dizer, pequena (serena). Um pequeno desvio de pista (lista).

Fezzik quase se permitiu acreditar naquilo. E, então, a realidade o chamou de volta…

… e lá *estava a bifurcação*…

… que exigia *ponderação*, *sabedoria*, *planejamento*…

… e ele sabia que poderia melar tudo em uma situação como aquela a qualquer momento.



SOU EU, E, não, não é uma interrupção, apenas uma nota para explicar que tive muito trabalho para deixar isso perfeito, como sabem, e não queria que ninguém escrevesse para dizer que "melar" é anacronístico. Não é. É uma antiga expressão turca do universo da luta, vem do "melado", uma tática usada para fazer o oponente escorregar, batendo a cabeça. O "melado", claro, tornou-se ilegal há séculos. Em

todos os lugares.



A BIFURCAÇÃO SE aproximava.

Estavam cercados de árvores, árvores por toda parte, e a vegetação ficava cada vez mais densa, e os brutamontes vinham atrás, claramente ganhando vantagem. Embora a bifurcação fosse de fato minúscula, só podia estar ali por um motivo, e Fezzik acreditava que um caminho levaria ao canal, onde o *Vingança* estaria esperando, enquanto o outro levaria a outro lugar. E, como o mar era o único destino vantajoso, o outro lugar, não importava qual fosse, seria o mesmo que a perdição.

Fezzik se virou rápido para pedir a opinião de Inigo, mas o amigo estava com um sangramento horrendo; o sacolejar do garanhão não ajudava em nada quando seu passageiro tinha acabado de ser dilacerado por dentro.

Fezzik se virou para trás seguindo seu instinto, agarrou o companheiro fragilizado, colocou-o no próprio cavalo para ver o que podia fazer para salvá-lo…

… e, enquanto fazia isso, a bifurcação chegou, e Fezzik não estava sequer olhando quando seu cavalo pegou o caminho da esquerda… o que acabou sendo, infelizmente, o Outro Lugar.

— Oi — disse Fezzik, assim que viu Inigo diante de si. — Está animado? Eu estou muitíssimo animado.

Inigo estava fraco demais para responder. Fezzik examinou o ferimento do amigo, empurrou a mão dele ainda mais fundo dentro da ferida, torcendo para que, de algum jeito, aquilo ajudasse a conter o sangramento. Estava claro que salvar Inigo dependia dele e, para isso, ele precisava levá-lo a um bom Coagulador de Sangue. Certamente, o *Vingança* teria um desses a bordo.

De Inigo, veio apenas um gemido.

— Concordo plenamente — murmurou Fezzik, perguntando-se como as

árvores podiam ter se tornado tão densas de uma hora para a outra. Era impressionante. Havia quase um muro diante deles. — Também tenho certeza de que logo depois dessa última parede de árvores estará o Canal de Florin, e todos os nossos sonhos se tornarão realidade.

De Inigo veio o mesmo gemido, apenas mais fraco. Em seguida, seus dedos conseguiram agarrar a imensa mão de Fezzik.

— Agora vou encontrar meu pai… mas Rugen está morto… então não foi uma vida inútil… querido amigo … diga-me que não fracassei…

Ele estava perdendo Inigo, e, enquanto segurava o espadachim ferido nos braços, Fezzik sabia poucas coisas, mas uma delas era que: onde quer que ficasse o fundo do poço, ele com certeza o havia encontrado naquele momento.

— Senhor Gigante? — ouviu ele, então.

Fezzik se perguntou com quem Buttercup estaria falando, até perceber que nunca tinham sido apresentados. Claro, permitiu que ela fosse desacordada, sequestrada, quase morta, então não é que não se conhecessem, mas também não se podia dizer que tinham sido formalmente apresentados.

— Fezzik, princesa.

— *Sr. Fezzik* — gritou ela, mais alto que o necessário, mas foi apenas porque naquele instante seu cavalo havia perdido uma ferradura.

— Pode me chamar de Fezzik. Saberei que está falando comigo — retrucou, observando o rosto dela sob o luar.

Nunca tinha visto nada igual. Ninguém tinha. Só que, naquele instante, na princesa não estava em sua melhor forma; porque não apenas seu cavalo se comportava de maneira errática, mas havia muito sofrimento em seus olhos.

— O que está acontecendo, alteza? Diga para que eu possa ajudar.

— Meu Westley parou de respirar.

Fezzik se deu conta de que estava enganado, como sempre: o poço não tinha fundo. Instintivamente, ele se virou para trás, agarrou o líder que não respirava e o puxou para seu próprio cavalo, para ver o que podia fazer por

ele...

… e, enquanto agarrava Westley, seu cavalo sobrecarregado parou. O gigante não teve opção. Pois agora havia uma parede de árvores bloqueando o caminho…

… e Inigo não parava de sangrar…

… e Westley não voltava a respirar…

… e Buttercup não parava de olhar para ele, o rosto iluminado com a esperança de que, de todas as criaturas restantes na Terra, ele, Fezzik, era o único que podia salvar seu amado e, portanto, impedir que seu coração fosse dilacerado.

Fezzik, diante daquele momento heroico, sabia o que mais queria fazer: chupar o próprio dedão para sempre. Mas, como isso estava fora de questão, ele optou pela segunda melhor coisa que poderia fazer. Um poema.

Fezzik está em apuros, tudo está escuro, escuro,
Seu cérebro não está no melhor momento.
Sua mente está em pedregulhos, em duplo apuro,
Porque todos precisam dele, mas só se ouve um lamento.

Um ótimo trabalho, sem dúvida, ainda mais se levarmos em conta que ele segurava praticamente dois cadáveres no cavalo parado, enquanto a princesa chorava, rezando por um milagre. Hum. Fezzik escolheu outra sequência de rimas, torcendo que saísse algo útil.

Fezzik de grandes braços, bloqueado pelas árvores,
Esqueça que ela está sofrendo.
Embora tudo esteja acabado (e você seja *o culpado*)
Esqueça que dois estão morrendo.

Poderoso Fezzik, de força muscular

Embora muitos o considerem desmiolado,
Precisa apenas formular
Um plano que será descomplicado.

Fezzik, o destemido, Fezzik, o sábio,
Fezzik, a maravilha do seu tempo,
Fezzik, que…

* * *

O "QUE" ESTAVA perdido para sempre.

Porque foi naquele momento de inspiração poética que a afiada flecha de metal do príncipe Humperdinck atravessou a roupa de Fezzik, a caminho de seu enorme coração…

* * *

ASSIM QUE PERCEBEU que eles haviam virado à esquerda, Humperdinck soube que seriam seus. Ele se virou para Yellin, o comandante-chefe de Florin, tapando a boca com o dedo. Yellin ergueu a mão, e os cinquenta membros do Esquadrão de Brutamontes atrás dele diminuíram o passo.

O amarelo perfeito da lua tingia as árvores. Humperdinck não pôde deixar de observar a beleza delas. Apenas as árvores de Florin podiam interromper, mesmo que por pouco tempo, uma caçada. Haveria outro lugar na Terra com árvores como aquelas?, Humperdinck se perguntou. Não; sem a menor dúvida, *não*. Aquelas belezuras figuravam entre os grandes tesouros do universo.

Durante o momento contemplativo do príncipe, Yellin sinalizara pedindo que o Esquadrão de Brutamontes formasse grupos de ataque: os combatentes a faca de um lado, os estranguladores de outro, os de combate corporal no

meio.

O príncipe dobrou a última curva — e lá, diante dele, tão perfeitamente emoldurado pela beleza das árvores, estava o *tableau* da morte. Sua noiva em fuga, os dois homens imóveis sobre o cavalo arqueado, amparados por um gigante.

— Maldição — disse a si mesmo. — Se ao menos eu tivesse trazido o retratista da família real.

Bem, teria que guardar aquela imagem na memória.

No mundo do príncipe, um mundo de flagelo e sofrimento, ainda havia bastante controvérsia sobre quem deveria ser atacado primeiro. Será que o alvo mais próximo? Ou o líder?

Sem dúvida, Westley era o líder, mas no momento estava fragilizado, para dizer o mínimo. E o outro homem imóvel devia ter sido poderoso, uma vez que matara Rugen — tarefa nada fácil. Era de praxe deixar as mulheres por último: além de não serem especialistas em combate, elas também choramingavam e olhavam para os céus procurando uma saída — o que era sempre bom para dar umas risadas em volta de uma futura fogueira de acampamento.

Restava o gigante.

O príncipe pegou o arco, escolheu a flecha mais afiada, colocou-a no lugar. Era um arqueiro excelente, mas à noite, com o luar e as sombras, era ainda melhor. Não perdia uma presa noturna havia muito tempo.

Uma inspiração profunda para dar equilíbrio.

Um último sorriso para as árvores.

Em seguida, puxar e soltar, e a flecha estava no caminho certo. O príncipe prendeu a respiração até ver a flecha rasgar a roupa do gigante, na altura do coração.

O gigante gritou, assustado, e caiu do cavalo batendo de costas no chão.

Com a queda, Yellin liderou o ataque dos brutamontes e deu-se início, embora tenha sido breve, a Batalha das Árvores — os cinquenta brutamontes,

gritando a plenos pulmões, atacavam os três homens no chão, a única mulher tentando, de algum jeito, segurar todos eles em seus braços…

Enquanto os agressores se aproximavam, algo ocorreu a Buttercup: se teria de morrer, haveria melhor forma de morrer do que abraçada ao seu amor verdadeiro, ambos acolhidos pela beleza das árvores florinenses? Desde criança não havia nada que gostasse mais que as gloriosas árvores que cercavam a fazenda, e, quando suas tarefas do dia estavam concluídas, era para lá que ela ia passear. Quanta paz transmitiam! E continuavam tão eternamente acolhedoras para seus queridos florinenses e…



Pausa. Dá para acreditar nesse último parágrafo? Buttercup, prestes a morrer, pensando em árvores*? Horrível, horrível. Então, não criem muitas expectativas para essa Batalha das Árvores idiota. Fiquei louco quando li isso pela primeira vez. Provavelmente estava como você, com a cara enfiada no livro, ansioso. Morgenstern era mesmo um mestre da narrativa, mas aposto que neste instante você está se perguntando:* O que aconteceu?

Meu Deus, Fezzik levou uma flechada no coração, os outros dois estão por um fio, Buttercup está tentando manter a calma enquanto CINQUENTA BRUTAMONTES ARMADOS chegam correndo — todos nós queremos saber o que aconteceu, certo?

Eis o que você não está lendo: sessenta e cinco páginas sobre as árvores florinenses, sua história e sua importância. *(Morgenstern já tinha começado, caso não tenha notado: assim que ele percebe que capturou suas presas, o príncipe Humperdinck medita um parágrafo inteiro sobre essas árvores idiotas.) Até os editores florinenses dele imploraram para que aquilo ficasse de fora. Então, não me importa que tipo de encrenca eu vá arrumar com os puxa-sacos de Morgenstern, se algum dia algo precisou ser cortado, foi isso.*

Quer saber por que ele incluiu tudo isso?

Na verdade, tem a ver com A princesa prometida. *Ou melhor, com o sucesso do livro em Florin. Morgenstern se viu cheio da grana, então comprou uma casa de campo afastada e rodeada por uma reserva florestal do governo. Ele se dedicava mesmo a objetos de estudo.*

No entanto…

Havia sido informado erroneamente. Uma madeireira tinha o título de propriedade e não muito tempo depois que ele se mudou, adivinhem, começaram a cortar todas aquelas árvores. Morgenstern pirou. *(De verdade. Toda a correspondência dele com a empresa madeireira está lá no Museu Morgenstern, logo à esquerda da Praça de Florin.)*

Ele não conseguiu que parassem, e dentro de um ou dois anos a área ficou nua, isolada e perdeu totalmente a graça, então Morgenstern vendeu a propriedade (levando prejuízo, o que simplesmente acabou com ele) e voltou para a cidade.

Porém, dali em diante, ele se tornou o mais renomado defensor das árvores do país. (Parece que estava de olho em outra casa de campo, quase tão isolada quanto a anterior, mas se recusava a comprá-la sem ter certeza de que estava seguro dos interesses dos lenhadores.)

Então, o que ele fez aqui em O bebê de Buttercup *foi criar cuidadosamente uma grande cena de suspense, pois assim seus leitores teriam que passar pelo ensaio sobre árvores para descobrir quem vive e quem morre.*

De forma resumida, em termos narrativos, eis o que se descobre: (1) Fezzik sobrevive à flecha de metal de Humperdinck graças à capa do holocausto de Max Milagreiro, que o gigante guardara dentro da túnica, e as dobras amortecem o impacto da flecha, salvando sua vida. (2) Os piratas do navio Vingança *estavam escondidos nas árvores, então quando os brutamontes estão prestes a massacrar o quarteto, uma tempestade de piratas cai nos inimigos com a fúria dos céus e acaba com eles em alguns minutos; quando Humperdinck e Yellin veem aquilo, ambos fogem. Em seguida, (3) os piratas, comandados por Pierre — seu líder e sucessor do Infame Pirata Roberts —, pegam os quatro e correm até o* Vingança *com eles, torcendo para que todos ainda estejam vivos quando chegarem lá.*

Fim da pausa.



ASSIM QUE OS quatro estavam seguros a bordo, Pierre sinalizou para que levantassem a âncora, e o grande navio pirata navegou pelo Canal de Florin rumo ao mar aberto. Foi só estalar os dedos que o Coagulador de Sangue surgiu ao seu chamado e começou os trabalhos com Inigo, enquanto o próprio Pierre, socorrista e segundo em comando, focava em Westley — ou como ele sempre tinha sido conhecido no navio, o Infame Pirata Roberts. Fezzik e Buttercup ficaram por perto. Buttercup não parava de tremer, então estendeu as mãos e tentou segurar a de Fezzik, mas percebeu a discrepância do tamanho e acabou segurando o polegar do gigante.

O Coagulador arrancou a camisa de Inigo, examinando os sangramentos. Havia dois ferimentos menores perto de cada ombro, mas não eram nada. O abdômen que era mais alarmante.

— Uma adaga florinense de três pontas — disse ele a Pierre, e depois se virou para Fezzik. — Quando?

— Algumas horas atrás — respondeu o turco. — Quando invadimos o castelo.

— Posso estancar o ferimento — disse o Coagulador. — Mas ele não vai mais conseguir usar *isso*. — Ele apontou para a espada de seis dedos, que Inigo ainda segurava com força. — Pelo menos por um bom tempo. — Com isso, ele saiu apressado e voltou um instante depois com farinha e purê de tomate, misturou os dois com destreza e começou a tampar o ferimento.

Depois, olhou para Pierre, balançou a cabeça na direção de Westley.

— Quer que eu cuide dele?

— Não é uma questão de sangue. Escute. — Ele bateu no peito de Westley, ouviu um terrível som oco. — A vida dele foi sugada.

— Isso foi ontem — disse Fezzik, hesitante, tentando não chatear

Buttercup ainda mais. — Se estava na cidade, talvez tenha ouvido seu grito de morte.

— Aquilo foi *ele*? — perguntou Pierre. — Fizeram aquilo com meu mestre? Onde foi isso?

— Nas profundezas do Zoológico da Morte. — Fezzik apontou para Inigo. — Nós o encontramos lá.

Pierre estudou Westley por mais um instante antes dar um longo suspiro desanimado.

— Ele deve ter sido torturado para além da compreensão humana. — O pirata balançou a cabeça — Se ao menos eu estivesse com vocês, saberia o que fazer. Teria *corrido* com ele até o Max Milagreiro.

Fezzik começou a saltitar.

— Mas *foi* o que fizemos. Fomos direto para lá, em busca de uma pílula da ressurreição.

Pierre sentiu a energia voltando ao corpo.

— Se Max cuidou dele, há esperança.

— Temos mais que esperança — declarou Buttercup. — Temos amor verdadeiro.

— Princesa — interveio Pierre —, faça sua parte que eu faço a minha. — Ele olhou para Fezzik, pensativo. — Max disse quão morto ele estava?

— "Meio morto". Mas depois passou para "praticamente".

— "Praticamente" não é ideal, mas posso dar um jeito. Era uma pílula da ressurreição nova ou velha, que ele tinha por lá?

— Feita na hora… tive que buscar a lama do holocausto — contou o turco.

Pierre começava a se animar. Voltou os olhos arregalados para Fezzik.

— A última e mais importante pergunta: *Valerie teve tempo de passar a camada de chocolate?*

— Ela me deixou lamber a panela — disse Fezzik, feliz porque sabia que estava dando as respostas certas. — Estava uma de-lí-cia.



UM PEQUENO CORTE. (Eu já disse, em meu texto de esclarecimento, que eles foram para a Ilha da Árvore para recuperar as forças, então não há motivo para apreensão pela vida de Westley.)

O que você não vai ler é uma sequência de seis páginas nas quais Pierre — e todos nós queremos muito passar mais tempo com ele, não é mesmo? — faz todas essas coisas maravilhosas e modernas da medicina florinense para ajudar Westley. Nenhuma delas funciona, é claro, porque, àquela altura da vida, Morgenstern tinha ódio de médicos — ele havia desenvolvido gases (e sinto muito se isso é nojento para você, mas prometi a King que me dedicaria de verdade à pesquisa, e tive muito trabalho até descobrir que todos os registros médicos de Morgenstern estão em exibição no museu, mas nem todo mundo pode ver coisas pessoais desse tipo, é preciso ter certo interesse acadêmico para receber autorização para ler esses registros, e mesmo assim não é possível retirá-los do arquivo). Esqueci como comecei essa frase, perdão, mas enfim, ele sofria de gases, não conseguia se livrar desse problema, e deu essa sequência a Pierre para se vingar.

(Aliás, quando nada funcionou, Fezzik levantou Westley e o pendurou pelos pés na lateral do barco até que seus pulmões ficassem cheios de água do mar, um tratamento popular na Turquia — não para a morte, mas para gota, doença que acometia o pai de Fezzik. Westley tossiu muito, mas depois disso voltou a falar.)



INIGO CONTINUAVA INCONSCIENTE, mas havia parado de sangrar quando Westley enfim abriu os olhos. No meio da noite. Buttercup estava deitada ao lado dele no convés, enquanto Fezzik vigiava a todos. Pierre se aproximou, ajoelhou-se e disse, baixinho:

— Tenho a pior notícia de todas.

— Não existe "pior" — sussurrou Westley, e observou o rosto de Buttercup. — Estamos juntos.

Pierre respirou fundo, então disse:

— Precisam deixar o navio. Esta noite.

Antes que Buttercup pudesse expressar sua raiva, Westley levou um dos dedos aos lábios dela.

— Claro. Entendo. Humperdinck está atrás de nós.

— A armada inteira. Podemos fugir por um tempo, mas alguma hora, enquanto estiverem aqui…

— Não estamos nas melhores condições para fazer uma viagem — argumentou Buttercup. — Precisamos de alguns dias. Meu marido é o homem mais poderoso em um raio de mil quilômetros. Nenhum lugar na Terra está seguro dele.

— É impossível. Por mais que eu quisesse. A tripulação entraria em pânico, e ninguém poderia julgar. E não posso colocar em risco a esperança e a fé deles em mim.

Westley assentiu. E então ficou em silêncio. Em seguida, chamou Fezzik. Fezzik esperou.

— Você se lembra da subida dos Rochedos da Perdição?

— Não quero voltar para lá — disse Fezzik. — Tenho medo de altura.

— Fezzik — argumentou Westley, com paciência —, também não quero morar lá. Só me responda uma coisa. Você subiu aquilo carregando três pessoas. Por favor, pense antes de me responder: *você se cansou?*

Fezzik esperou para garantir que daria a resposta certa.

— Não.

— Por que não? Nossas vidas dependem disso, então leve o tempo que precisar.

Fezzik não precisava de tempo.

— Meus braços — disse ele, baixinho.

Westley observou Fezzik por apenas mais um segundo, depois se virou para Pierre.

— Vamos precisar de correntes e de um barco pequeno. — Ele hesitou

antes de continuar: — Seja rápido. Precisamos chegar à Ilha da Árvore ao amanhecer.

* * *

O *VINGANÇA* FEZ o percurso em um tempo espetacular, com todas as velas abertas e um vento favorável, e logo estavam velejando pela parte mais remota do mar de Florin. Antes do amanhecer, o pequeno barco foi baixado na água, e os quatro, todos fortemente acorrentados a Fezzik, embarcaram. Nem Westley nem Inigo eram capazes de se movimentar muito. Fezzik pegou os remos, Westley assentiu e o gigante começou a remar.

Da ponte de comando, Pierre disse:

— Rezarei para encontrá-lo de novo.

— Faça isso — falou Westley.

Buttercup o aninhou no colo.

— Muito gentil da parte dele — comentou. — Ele não me pareceu um homem de muita convicção religiosa.

— Será a primeira reza dele. E não poderia ser para um grupo mais necessitado.

— Por que diz isso? — perguntou Buttercup.

— Vamos ficar abraçados — disse Westley. — Enquanto podemos.

— Você não acha que está sendo agourento demais?

Fezzik prestava atenção. Estava apavorado. Mas tinha tantas perguntas que não sabia por onde começar. Portanto, continuou remando. E, de vez em quando, sorria para Inigo. Que, de vez em quando, conseguia retribuir o sorriso.

Os quatro ficaram em silêncio pelo que pareceu um bom tempo. A noite era a mais bela possível. O clima, agradável. As ondas, praticamente inexistentes. Uma leve brisa confortante soprava.

Aaaaaah.

Fezzik continuava remando, imprimindo um bom ritmo, seus braços enormes felizes com o passeio. Ele remou com ainda mais intensidade por um tempo e, claro, o barquinho aumentou de velocidade. Depois, de volta ao ritmo normal e, claro, o barquinho diminuiu de velocidade. Fezzik gostava daquilo — acabava com o tédio; mais forte, mais rápido, normal, mais devagar, mais forte, mais rápido, normal. Mais rápido.

Hummm, pensou Fezzik, por que será que isso acontece?

Ele remou mais forte de novo e dessa vez a embarcação quase saiu voando. Foi então que Fezzik retirou completamente os remos da água…

… e o barco seguiu ainda mais rápido que antes.

Bem mais rápido. E, então, ao longe, mas se aproximando rápido, veio o *rugido*. E Fezzik disse:

— Ai, Westley, fiz algo errado, desculpe, eu não queria ir rápido desse jeito. Eu só estava tentando quebrar o tédio, indo mais rápido, mais devagar, esse tipo de coisa, e minha intenção nunca foi que isso acontecesse.

— Não é você — respondeu Westley, mantendo a voz o mais estável possível para não piorar a situação dos seus companheiros. — Fomos apanhados pelo redemoinho.

Inigo abriu os olhos ao ouvir aquela palavra.

— Fezzik… reme ao redor dele.

— Não podemos fazer isso — retrucou Westley.

Buttercup falou o que todos estavam pensando:

— Westley, meu herói e salvador, o que está planejando?

— Serei muito breve. A armada de Humperdinck está atrás de nós. Precisamos desaparecer e nos recuperar. A Ilha da Árvore, pelo que ouvi dizer, talvez seja o melhor lugar do mundo para isso.

— E o que ela tem de tão especial? — perguntou Buttercup, dessa vez mais alto, porque o barco disparava, e o *rugido* era ensurdecedor.

— Não posso dizer com certeza, porque nunca estive lá — explicou Westley, quase gritando, segurando com força na lateral do barco para não ser

jogado para fora. — Ninguém nunca esteve lá. A ilha é cercada por névoa com apenas a copa de uma única árvore visível sobre as nuvens. A névoa é causada pelo redemoinho. A ilha fica cercada pelo redemoinho. E por pedras. Nenhum barco consegue chegar lá; ou quebram nas pedras, ou são sugados para o fundo do mar. Agora entendem por que é o lugar perfeito para nós? Humperdinck não pode chegar lá e logo cansará de tentar.

— Deixe-me ver se entendi — disse Buttercup. — A armada inteira não consegue chegar à ilha, mas *nós* conseguiremos?

— É o que eu acho.

— Não quero parecer insistente, mas não me agrada ser esmagada *ou* afogada. Westley, *o que nós temos que eles não têm?*

— Fezzik.

— Sem dúvida! — gritou Fezzik, feliz que a resposta tivesse saído tão fácil. — Ele está bem aqui dentro da minha pele.

— Mas, meu querido, o que Fezzik pode fazer?

— Ora, ele pode atravessar o redemoinho a nado, nos puxando junto, é claro.

Ninguém respondeu por um instante, porque, naquele momento, o pequeno barco começou a rachar com a pressão da água, e o *rugido* do redemoinho começou a cercá-los, o que significava que estavam muito perto. Westley conferiu as correntes de Buttercup e Inigo e também as suas, certificando-se de que estavam bem presas ao corpo de Fezzik. Restava pouco do barco, que levara a todos eles bem para perto da ilha, mas agora, adiante, as rochas estavam visíveis, e Westley gritou, acima de todo o barulho:

— *Salve-nos, Fezzik! Salve-nos ou morreremos.*

Fezzik, como todo mundo sabe, sofria de autoestima baixa. Então, acreditava totalmente na teoria de Westley. Salvar as pessoas. Que maravilha. O que no mundo seria melhor do que salvar as pessoas, ainda mais aqueles três que estavam com ele ali? Nada. Sendo assim, em tese, deveria ter se preparado para o mergulho.

Na prática, ficou sentado no fundo do barco, tremendo.

— Fezzik, *agora*! — gritou Westley.

Fezzik tremeu ainda mais.

— Ele precisa de uma rima — explicou Inigo. Então disse a Fezzik: — Fezzik não é um *perdedor*.

Fezzik tremeu ainda mais.

— Quer uma dica? — gritou Inigo, enquanto o barco começava a se partir.

Ainda tremendo.

— Ele é um *vencedor* — prosseguiu o hispânico.

Fezzik não estava nem aí e colocou a cabeça entre as mãos.

— Do que ele poderia ter medo? — gritou Buttercup.

— Fezzik! — gritou Westley, bem no ouvido do gigante. — Você tem medo de tubarão?

Ele tremeu ainda mais e fez que não com a cabeça.

O redemoinho começava a girá-los.

— É a lula sugadora?

Piorou a tremedeira. Ele fez que não de novo.

O redemoinho começava a sugá-los.

— São os monstros marinhos?

Mais tremedeira, mais negativa.

E Westley, ciente de que, pelo andar da carruagem, não tinham quase nenhuma chance de sobrevivência, gritou:

— Diga!

Fezzik enterrou a cabeça nas mãos.

E então Westley deu o maior grito que já se ouviu por ali:

— Não há nada pior que monstros marinhos. *Do que você tem tanto medo?*

Fezzik ergueu a enorme cabeça e conseguiu olhar para eles.

— De entrar água no meu nariz — sussurrou. — Odeio muito quando isso acontece. — E afundou a cabeça mais uma vez.

A essa altura, o barco estava se desfazendo. Nos instantes finais, eles se

agarraram aos destroços, e Westley declarou:

— Estou fraco demais para a tarefa, Inigo, faça você.

E Inigo rebateu:

— Sou hispânico… Não seguro o nariz de outro sujeito.

E Buttercup, não pela última vez, resmungou, com um suspiro:

— Homens…

E então, conforme o redemoinho os dominava com toda a força, ela agarrou o nariz de Fezzik com ambas as mãos.

* * *

ASSIM QUE OS pegou, o redemoinho pensou em como não tinha perdido uma batalha havia séculos, desde que um soldado voltando das Cruzadas encontrou o redemoinho em um momento excepcionalmente calmo e quase conseguiu passar, a apenas alguns metros das margens da ilha quando, exausto, caiu de costas. O redemoinho não cometeu o mesmo erro, mantendo aquele grupo sob a água por mais tempo que jamais havia mantido alguém, antes de soltar sua pegada, deixando que ele subisse flutuando e encontrasse tubarões à sua espera.

Os tubarões também aguardavam dessa vez, animados, com quatro pessoas para dilacerarem, e nadavam logo à margem do redemoinho, observando os corpos afundarem. Fezzik não apresentou qualquer resistência, não fez nenhum movimento até ter certeza de que Buttercup o segurava firme. O redemoinho sugou o grupo, girando depressa para o fundo, e Fezzik deixou que aquilo acontecesse, torcendo apenas para que os outros conseguissem prender a respiração como nunca, e logo tocou os pés no chão. Não era tão fundo, redemoinhos não eram fãs de águas profundas, e Fezzik encolheu o corpo gigante e *deu impulso* com as pernas fortes; nunca tinha usado tanta força na vida. Assim que seu corpo começou a trajetória para cima, ele usou os braços, os braços potentes e incansáveis, girando-os com a maior

ferocidade já vista pelo redemoinho, que fez o que podia — aumentou seu rugido, girou com ainda mais força —, mas os braços não paravam, nada os faria parar, e as correntes aguentaram, e os outros ficaram inconscientes durante a batalha, mas Fezzik soube, assim que chegaram à superfície, do outro lado do redemoinho, que Inigo tinha acertado a rima: ele com certeza não era um perdedor, pelo menos não naquele dia…

Ainda estavam presos uns aos outros quando chegaram à margem da Ilha da Árvore, e ficaram assim por dois dias, imóveis, quase mortos em razão dos ferimentos, da tortura e da exaustão. Depois, soltaram a corrente e, juntos, começaram a explorar seu novo lar.



EU DE NOVO, claro, e sinto muito, mas você não quer ler dez páginas sobre vegetação. (A obsessão de Morgenstern por árvores nos assombra mais uma vez. O que ele tenta mostrar nessa parte é que a Ilha da Árvore lembra bastante o Éden, ou seja, olha o que Florin poderia ser se as pessoas não derrubassem tudo.) Os quatro recuperam as forças bem aos poucos. Buttercup cuida deles, e Fezzik se encarrega da comida, preparação e limpeza dos peixes, que era a maior parte da alimentação deles. (Certo dia, Buttercup, não tendo nada melhor para fazer, prepara um presente para o nariz do gigante: um prendedor de roupa. *Bem, Fezzik fica jubilante. Serve perfeitamente, nunca anda sem ele etc. etc., e, em posse daquilo, se torna o terror da área, nadando para todos os cantos, enfrentando tubarões e lulas sugadoras — que têm gosto de galinha, achei que os leitores mais sensíveis gostariam de saber —, levando a pesca do dia para o jantar.) Enfim, esta parte termina com a lua alta no céu, uma noite perfeita, muito romântica e tudo mais. Inigo e Fezzik estão dormindo cada um em sua tenda, Buttercup e Westley estão sentados sozinhos em frente a uma fogueira.*



— SABE QUE APENAS nos beijamos — comentou Buttercup, observando as brasas.

— Claro — respondeu Westley.

Sem receber a resposta pela qual esperava, Buttercup fez outra tentativa.

— Com certeza tivemos uma boa parcela de aventuras, ninguém pode negar. E o amor verdadeiro… com isso, devemos ser criaturas abençoadas.

— As mais abençoadas — concordou Westley.

— Mas — argumentou Buttercup, tentando ser leviana —, até agora, o fato concreto que se destaca é o seguinte: *nós apenas nos beijamos.*

— O que mais poderíamos fazer? — perguntou Westley. Ele encostou os lábios no rosto dela e suspirou. — Decerto não pode haver mais nada.

Isso, de certa forma, não era sincero da parte dele; Westley havia sido o Rei dos Mares por muitos anos e, bem, essas coisas aconteceram.

— Rapaz bobo — disse ela, sorrindo. — Tenho conhecimento suficiente para nós dois. Claro que tenho, levando em conta todas as lições sobre como fazer amor que tive na escola real. — Ela havia frequentado as aulas, mas como Humperdinck instruíra os professores que não a ensinassem absolutamente nada, Buttercup, apesar de sorridente, estava apavorada.

— Estou ansioso para que me ensine o que aprendeu.

A princesa olhou para o rosto perfeito dele. Pensou que, mais que tudo, gostaria que aquilo acontecesse como seu coração esperava. Mas e se fosse um fracasso? E se ela fosse mais uma dessas que fala muito e faz pouco, e ele acabasse se cansando e a abandonasse?

— Sei de tantas coisas que fica difícil escolher por onde começar. Se eu estiver indo rápido demais, levante a mão.

Ele esperou e, quando viu o desespero no olhar dela, percebeu que nunca a amara tanto ou tão profundamente.

— Vai tentar não rir de mim?

— Eu jamais constrangeria um iniciante como você. Seria cruel demais zombar da sua ignorância quando eu, é claro, sei de tantas coisas.

— Começamos de pé ou deitados?

— É uma ótima pergunta! — exclamou Buttercup sem ter a menor ideia de como responder. — Existe grande controvérsia quanto a isso.

— Bem, talvez seja melhor explorar ambas as possibilidades. Por que não pegamos um cobertor, caso acabemos deitados?

O cobertor que ele trouxe e abriu para os dois era macio, e o travesseiro, ainda mais.

— Se deitássemos — disse Westley, acomodando-se —, deitaríamos próximos um ao outro ou distantes?

— De novo, outra grande questão. Veja, um dos problemas de saber tanto é poder enxergar os dois lados do dilema.

— Você está sendo muito paciente comigo. Eu agradeço. — Ele estendeu a mão para ela. — Podemos fazer o seguinte: *tentamos* nos deitar próximos um do outro no cobertor e fazemos uma experiência.

Buttercup segurou a mão forte dele.

— Meus professores eram muito favoráveis a experimentações.

Finalmente estavam deitados muito próximos. A brisa, vendo a cena, e ciente do que haviam passado para chegar até aquele momento, achou que seria simpático de sua parte acariciá-los. As estrelas, vendo a cena, acharam que seria simpático se diminuíssem o brilho por um tempo. A lua apreciou a ideia, escondendo-se pela metade atrás de uma nuvem. Buttercup ainda segurava a mão dele. Ela se perguntava se seria prudente parar por ali, dizer a verdade, e tentar de novo outra noite. Estava prestes a sugerir isso, e então olhou no fundo dos olhos dele. Eram da cor do mar antes de uma tempestade, e o que ela viu neles lhe deu forças para continuar…



Quer saber algo chocante? Willy gostou *dessa cena. Eu me lembro de que, quando meu pai leu* A princesa prometida *para mim, detestei as cenas de beijo.*

Antes de começar a leitura, falei que talvez ele sentisse um pouco de falta de cenas de bravura, então talvez isso tenha ajudado. Depois ele só perguntou que tipo de "coisas" aconteceram quando Westley era Rei dos Mares. Respondi que Morgenstern teria dito se quisesse que soubéssemos. (Willy acreditou. Ufa.)

De qualquer jeito, você não deve ficar surpreso de saber que os obrigatórios nove meses seguintes passaram voando…



— ACHO QUE NO pôr do sol seria muito agradável — disse Buttercup. — Acho que ele gostaria disso, de abrir os olhos diante do mundo naquela hora. Sim, será no pôr do sol.

Ela conversava com o restante do grupo no café da manhã, e todos concordaram. Na verdade, como nenhum deles tinha a mínima experiência com partos, não podiam argumentar. E ninguém conseguia argumentar com as decisões de Buttercup em relação a si mesma. A mulher havia florescido nos nove meses anteriores desde que ela e Westley fizeram amor pela primeira vez, e tinha lidado com a gravidez de forma incrivelmente serena para alguém tão jovem. Claro que, nos primeiros meses, ela teve um caso leve de enjoos matinais e, sim, era desconfortável. Mas, para melhorar, ela apenas precisava olhar para Westley e dizer a si mesma que estava trazendo ao mundo outra criatura como ele. E *pronto*: o enjoo acabava.

Buttercup sabia que o primogênito seria um menino. Sonhara isso no primeiro mês de gestação. O sonho aconteceu outras duas vezes. E, depois disso, ela não teve quaisquer dúvidas. E se comportou durante toda a gravidez como se aquilo fosse a condição mais normal do mundo. Ficava inchada, claro, mas aquilo não a impedia de seguir com sua rotina, que, no caso dela, envolvia ajudar Fezzik a cozinhar, ajudar Inigo a curar o coração, caminhar e conversar com Westley, debatendo o futuro, e pensar onde construiriam um lar, ponderar o que fariam pelo resto de suas vidas, levando em consideração

que o homem mais poderoso do mundo queria matá-los.

Depois da refeição, ela estava pronta. Westley havia feito uma cama especial para o parto, da palha mais macia e com travesseiros ainda melhores. Estava virada para o oeste, com uma fogueira próxima, e havia chaleiras com água fervendo. Uma hora antes do pôr do sol, quando ela estava tendo contrações de cinco em cinco minutos, ele a carregou até a cama e a acomodou com muito cuidado, sentando-se ao seu lado e massageando o corpo dela. Buttercup estava muito feliz, assim como ele, e, quando o sol começou a descer no horizonte, as contrações já estavam com intervalos de dois minutos.

Buttercup observou o sol e sorriu, pegando a mão dele, e sussurrou:

— É tudo o que eu mais quis na Terra, trazer seu filho ao mundo em um momento como esse, com você ao meu lado.

Ambos estavam muito felizes, e Westley respondeu:

— Somos apenas um coração.

E ela o beijou delicadamente e completou:

— E sempre seremos.

Enquanto isso acontecia, Inigo duelava com as sombras, um treino excelente para quem não tinha um oponente com quem se entreter. Westley, claro, era primoroso, e eles haviam passado muitas horas trocando golpes. Mas, naquela hora, com o sol se pondo, Inigo se preparava para encerrar o treinamento em breve e ir recepcionar o bebê.

Fezzik em geral tomava conta deles, ou de Inigo, quando era necessário. Mas não naquela noite. Ele estava escondido no outro lado da árvore da Ilha da Árvore, a mais alta de todas. E tentava não gemer e incomodar, mas eis a verdade: para o homem mais forte da Terra, para alguém que ganhava a vida causando dor, Fezzik era muito sensível. Ele aguentava sangue como todo lutador, quando era o sangue do oponente. Mas havia perguntado a Westley e a Inigo como seria quando o filho de Buttercup nascesse e, embora nenhum dos dois fosse especialista, ambos disseram que talvez tivesse sangue, entre

outras coisas.

Fezzik caiu no chão quando a expressão "entre outras coisas" entrou em sua cachola. Havia uma palavra em turco que descrevia tais coisas — *byuk*. Fezzik agarrou a barriga e pensou em *byuk* sem parar. Ele sabia, ao olhar as estrelas no céu, que o menino logo chegaria.

Porém, à meia-noite, eles sabiam que havia algo errado.

As contrações aconteciam a cada minuto à medida que o céu mostrava o brilho do início da noite — mas continuou assim. Às dez da noite, ainda se encontravam nesse estado, e Buttercup teria cuidado de tudo em silêncio, como tinha feito nas horas anteriores…

… mas, à meia-noite, ela começou a sentir fisgadas nas costas. E conseguiria aguentar aquilo; Westley estava ao seu lado, o que eram fisgadas? Ela se acomodava para uma visita demorada…

… até que a dor desceu das costas para os quadris, para uma das pernas, depois para a outra, deixando ambas ardendo…

… a queimação nas pernas foi o começo do tormento.

A cor desapareceu de seu rosto, mas ela ainda era Buttercup e estava iluminada pelo brilho das chamas. Ela ainda era, ali, algo a se contemplar.

Só ao amanhecer eles viram o que a dor havia causado a ela.

Westley ficou ao seu lado, esfregou suas costas, massageou suas pernas, passou uma toalha no suor em sua testa. Ele foi incrível.

Ao meio-dia, todos sabiam que havia algo de muito errado.

Fezzik veio, deu uma olhada e voltou correndo para o esconderijo, impotente. Inigo pegou a espada de seis dedos e lutou contra a brisa até perceber que o sol descia mais uma vez e que entravam no segundo dia.

— Não quero que se preocupe — sussurrou Buttercup ao amado.

— Não há nada fora do comum até agora — respondeu Westley. — Pelo que ouvi, trinta horas é perfeitamente normal.

— Que bom. Fico feliz de saber isso.

Quando chegou o amanhecer seguinte e ela estava claramente

enfraquecida, conseguiu dizer:

— O que mais ouviu?

E Westley contou:

— Todo mundo concorda: quanto mais longo o parto, mais saudável será o bebê.

— Seremos muito sortudos de ter uma criança tão saudável.

No segundo pôr do sol, a coisa toda havia se tornado apenas questão de sobrevivência.

Fezzik soluçava atrás da árvore, enquanto Westley deliberava com Inigo. Eles conversaram em tom normal, mas o pavor começava a rondá-los.

— Não entendo do assunto — disse Inigo.

— Nem eu.

— Ouvi dizer de um corte que pode salvar a vida. Corta-se a mulher de algum jeito.

— E matar minha amada? Eu mataria qualquer um que tentasse.

Foi então que Buttercup gritou, e Westley correu até ela, caindo ao seu lado.

— … perdão por ser… tamanho incômodo…

— Por que gritou?

Buttercup pegou na mão dele e apertou muito forte.

— … minha coluna está pegando fogo…

Westley sorriu.

— Como somos sortudos. Quando isso acontece com a coluna, bem, é um sinal claro de que o filho está prestes a nascer.

— A dor na coluna não é nada, já me acostumei. Eu senti dor de verdade quando fiquei sabendo que Roberts tinha matado você. Aquilo foi difícil. Ali eu sofri. Mas isso aqui… — Ela tentou estalar os dedos, mas seu corpo não obedecia. — Não é nada.

— Inigo e eu estávamos conversando sobre para onde vamos assim que virarmos uma família. Lembra-se de que, quando deixei a fazenda do seu pai,

eu estava pensando na América? Ainda me parece uma boa opção, o que acha?

Ela sussurrou:

— América?

— Sim, em algum lugar do outro lado do oceano. Sabe quando foi que descobri que eu amava você?

— … conte…

— Bem, éramos jovens, e você tinha acabado de me dar um sermão terrível, me chamando de bronco e tolo, como fazia naquela época: "Garoto da fazenda, por que não consegue fazer nada direito? Garoto da fazenda, você é um caso perdido, um bronco, um tolo e nunca será nada na vida."

Buttercup conseguiu abrir um sorriso.

— … eu era terrível…

— Em um dia *bom* você era terrível, mas conseguia ser bem pior que isso, e, quando os rapazes começaram a aparecer, piorou ainda mais. Certa noite, quando todos haviam partido, e eu estava no estábulo penteando o Cavalo, você apareceu, cantarolando toda boba e disse: "Posso ter qualquer garoto do vilarejo, lalalá." E eu fui até minha choupana e disse a mim mesmo: "Chega, pode ficar com aqueles idiotas se quiser, cansei." Então, arrumei as malas, segui para a fazenda e olhei para sua janela, pensando: "Você vai se arrepender de ter me humilhado, porque um dia voltarei com toda a riqueza da Ásia. Adeus para sempre."

— … você realmente me deixou?…

— Era a ideia. Mas, na prática, foi assim: virei, dei um passo na direção do portão e pensei: "Para que serve toda a riqueza da Ásia sem o sorriso dela?" E dei outro passo e pensei: "E se ela enfim sorrir e eu não estiver aqui para ver?" Fiquei ali embaixo da sua janela e percebi que precisava ficar por perto, para caso você sorrisse para mim. Porque eu era tão impotente em relação a você, eu estava tão embriagado do seu esplendor, eu estava tãããão extasiado de estar por perto, mesmo você me oferecendo apenas insultos. Eu jamais poderia

partir.

Ela abriu o sorriso mais doce.

Westley gesticulou para que Inigo se aproximasse.

— Acho que estamos fora de perigo — sussurrou.

— Estou vendo — sussurrou Inigo de volta.

Mas estavam vivendo à base de esperança, e ambos sabiam disso. Westley segurou Buttercup com delicadeza nos braços à medida que sua respiração enfraquecia. Inigo apertou o ombro de Westley, como um amigo faz em outro, e assentiu, como se dissesse que ficaria tudo bem. E Westley assentiu também. Mas, em seu âmago, Inigo sabia: logo tudo estaria acabado.

E, atrás da árvore, Fezzik, sozinho, arfou, porque *ele* sabia o seguinte: de repente, não estava mais sozinho. Tentou lutar, porque algo o estava invadindo, invadindo seu cérebro, e Deus sabe que o cérebro dele precisava de uma ajudinha, mas Fezzik continuou lutando, porque, quando se era invadido, nunca se tinha certeza de quem estava entrando, alguém para ajudar ou para atrapalhar, alguém bom ou, ainda mais assustador, alguém que causaria sofrimento. A mãe de Fezzik havia sido invadida no dia em que conhecera o pai dele, pois era tímida demais para se aproximar e flertar do modo que se esperava das moças turcas naquela época, então ficava de lado enquanto as outras garotas do vilarejo o cortejavam. E ela queria o pai de Fezzik, desejava passar o restante da vida com ele, tinha certeza, mas não conseguia fazer coisa alguma a respeito, então ela se lamentava, deixando o caminho livre para garotas mais corajosas — mas aí veio a invasão e, de repente, a mãe de Fezzik ficou sem-vergonha, e sua visita temporária lhe deu a confiança para fazer coisas maravilhosas, assim, se juntou às outras moças namoradeiras do vilarejo e superou a todas com seu sorriso exibido e o modo mágico que seu corpo se mexia — ou pelo menos se mexeu naquele dia. O pai de Fezzik se apaixonou por ela e, mesmo a invasora partindo naquela mesma noite, eles se casaram, e sua mãe foi tão feliz, e seu pai sempre se perguntou com o passar dos anos o que teria acontecido com aquela criatura assanhada e

gloriosa que conquista seu coração…

Fezzik podia sentir seu poder se esvaindo à medida que o invasor assumia o controle. Seu último pensamento foi, na verdade, uma prece: por favor, quem quer que seja, se for machucar a criança, mate-me primeiro.

E, próximo ao fogo, Westley segurava Buttercup cada vez mais apertado e dizia palavras otimistas, e Inigo sempre as repetia no mesmo tom.

Até que, na terrível quinquagésima hora de trabalho de parto de Buttercup, Inigo não pôde mais mentir e declarou as temidas palavras:

— Nós a perdemos.

Westley olhou para o rosto imóvel da amada, e era verdade. E não havia feito nada para salvá-la. Nenhuma vez em toda a sua vida, com exceção de quando estava na Máquina, permitira que as lágrimas o visitassem, nem mesmo quando seus amados pais foram torturados na sua frente, nem uma vez, jamais, nem uma só vez.

Naquele instante, ele virou uma cachoeira. Caiu sobre a amada e Inigo podia apenas observar, impotente. E Westley se perguntava o que faria até morrer, porque continuar sozinho não seria possível. Tinham sobrevivido ao pântano de fogo. Se soubesse como terminaria, Westley pensou naquele momento, teria deixado que morressem. Pelo menos estariam juntos.

E, então, atrás deles, um som mais estranho que qualquer outro já ouvido por eles, um som etéreo, como a voz de um cadáver, e o som **ribombou** até eles:

— O corpo é nosso.

Inigo virou-se e gritou para a noite. E Westley, desesperado, ficou tão surpreso com o grito de Inigo que virou-se e, também, gritou para a noite.

Algo vinha até eles na escuridão.

Ambos estreitaram os olhos para ter certeza. Seus olhos não estavam enganados.

Fezzik ia até eles na escuridão.

Ao menos algo que parecia Fezzik ia até eles. Mas os olhos brilhavam, e os

passos estavam apressados, e a voz… eles nunca tinham ouvido uma voz como aquela. Tão grave, retumbante e controlada. E o sotaque era algo que nunca tinham ouvido antes. Não até enfim chegarem à América. (Ou, mais precisamente, quando os sobreviventes chegaram lá.)

— Fezzik — chamou Inigo. — Não é hora para isso.

— **O corpo é nosso** — repetiu Fezzik. — **Temos uma criança saudável e forte dentro. Ela ficou esperando por tempo demais.**

Então o gigante se ajoelhou ao lado da mulher imóvel, gesticulou para que Westley se afastasse, colocou o ouvido no corpo dela e bateu as mãos com força.

— **Você** — disse, apontando para Inigo —, **traga sabão e água para desinfetar minhas mãos.**

— Onde ele ouviu essa palavra? — perguntou Westley.

— Não sei, mas acho melhor obedecer — disse Inigo, correndo até o fogo.

Então Fezzik apontou para a grande espada.

— **Esterilize-a no fogo.**

— Por quê? — perguntou Inigo, trazendo o sabão e a toalha para Fezzik.

— **Para fazer o corte.**

— Não — interveio Westley. — *Não vou deixar que ele lhe dê a espada.*

E agora a voz assumiu um poder ainda mais assustador que antes.

— **Essa criança está sendo delongada. É como chamamos aqueles que demoram demais para nascer. Mas essa criança é mais que isso… ela está ao contrário. E o cordão umbilical está apertando seu pescoço. Agora, se quiser passar o resto da vida sozinho, fique com a espada. Se quiser uma esposa e uma filha, faça o que estou mandando.**

— Faça o melhor que puder — disse Westley e sinalizou para que Inigo entregasse a grande espada ao gigante.

Fezzik marchou até o fogo, aqueceu a ponta até ficar vermelha, voltou para a moça e se ajoelhou.

— **O cordão umbilical já está muito apertado. A respiração está**

fraquíssima. Temos pouco tempo.

Por um instante, Fezzik fechou os olhos e respirou fundo. Então seguiu em frente.

Suas mãos enormes estavam tão macias, seus dedos gigantes, tão habilidosos, e, enquanto Westley e Inigo observavam, as mãos de Fezzik cumpriram seu trabalho, e a espada tocou a pele de Buttercup, abrindo o corte, comprido, porém preciso, e o sangue brotou, mas os olhos de Fezzik apenas brilharam mais intensamente, e seus dedos dançaram, e ele inseriu a mão e retirou a criança, uma menina. Buttercup estivera errada, era uma menina, e ela enfim havia chegado, rosada e branca como uma vela…

… *eis que chegava Waverly…*

4. A queda de Fezzik

NO INÍCIO, ELA estava consideravelmente abaixo dele, girando e rodando em razão do ímpeto e o do vento. Fezzik nunca tinha visto o mundo daquele jeito, daquela altura, cinco mil metros sem nada lá embaixo para amortecer a queda, nada, apenas as formações rochosas.

Ele chamou por Waverly, mas, claro, ela não podia ouvir. Fezzik havia pulado atrás dela, mas, claro, aquilo não diminuía a distância entre os dois. Existem leis científicas que explicam por que dois corpos caem na mesma velocidade sem importar a diferença de peso ou tamanho, mas os criadores dessa lei nunca explicaram a Fezzik por que seus pés, tão inúteis para encontrar apoio nas rochas das montanhas, eram inigualáveis no quesito chute no vazio em queda livre. Ele juntou os dedos, as mãos formando conchas perfeitas, e iniciou os trabalhos, balançando os braços e dando chutes de tal forma que, se alguém tentasse observá-los, não conseguiria, e então Fezzik usou um pouco mais de força…

… e a distância entre os dois começou a diminuir. De trinta metros para metade disso, depois a outra metade e, quando ele estava perto, gritou para o bebê sua palavra…

— *Meniiiiina!*

Ela ouviu e olhou para cima, e, quando seus olhos se encontraram, Fezzik fez a careta favorita dela — em que a língua encostava a ponta do nariz —, e Waverly viu, claro, e riu alto de felicidade.

Porque ela sabia o que estava acontecendo naquele instante. Era apenas mais uma das brincadeiras gloriosas entre os dois, que sempre acabavam de modo tão feliz…

* * *

DESDE O COMEÇO, eles eram diferentes. Às vezes, quando ela era muito pequena e estava dormindo e Fezzik estava ajudando Buttercup, ele dizia:

— Ela tem que fazer pipi.

E Buttercup respondia:

— Não, não tem, ela está… — Então, ela se segurava antes de dizer "bem" porque Waverly havia acordado ensopada, e Buttercup olhava para Fezzik com um olhar maravilhado.

Outras vezes, Waverly e Buttercup estavam brincando felizes, enquanto Fezzik observava, sempre por perto, tão perto, e Buttercup dizia:

— Fezzik, por que parece tão triste?

E o gigante respondia:

— Odeio quando ela fica doente. — E, à noite, a febre chegava.

Ele sabia quando Waverly sentia fome ou cansaço, sabia por que ela sorria. E sabia quando ela estava prestes a ficar de mau humor.

O que, para Buttercup, fazia dele a melhor babá — afinal, o que poderia ser melhor que uma babá que sabia o que estava prestes a acontecer? Então, Fezzik cuidava dela o tempo todo. Quando a bebê adormecia, ele se sentava

entre Waverly e o sol — e por isso, quando ela começou a falar, esse era o motivo pelo qual ela o chamava de "Sombra"; porque Fezzik era isso, sua sombra, em seus primeiros dias.

Mais tarde, quando ela aprendeu a brincar, mal precisava piscar para que ele soubesse, não só que ela queria brincar, mas também de quê. Westley concordava com Buttercup que, embora a relação dos dois fosse, sim, uma relação incomum de enfermeiro-criança, era uma bênção, porque permitia que ela tivesse tempo para se recuperar e, ainda melhor, que o casal ficasse junto. Então, Fezzik e Waverly aprendiam um com o outro e desfrutavam da companhia um do outro. Aconteciam desentendimentos ocasionais, claro, mas, como Buttercup explicou ao gigante certo dia, aquilo fazia parte da maternidade.

— Waverly pode brincar comigo no redemoinho? — perguntava Fezzik constantemente.

Buttercup hesitava.

— Ela fica cansada demais, Fezzik.

— Por favor, por favor, por favor.

Buttercup cedia, naturalmente, e lá iam os dois: primeiro pegavam o prendedor de roupa, depois partiam para a água, Waverly montada na corcunda dele, as mãos dele agarradas aos pés da menina, e *tibum*! Era mesmo mágico ver os dois juntos, Inigo e os pais dela sempre paravam para observá-los. Porque Fezzik, depois de domar o redemoinho, também o conquistara. Ele nadava com velocidade, depois entrava no redemoinho, se deixava ser levado, com Waverly gritando de alegria e Fezzik mantendo o equilíbrio enquanto eles giravam juntos na água, a brincadeira favorita dos dois, e que sempre acabava tão feliz…

* * *

FEZZIK ESTAVA PERTO o bastante para alcançá-la, e foi isso o que fez: trouxe a

criança para seus braços, fez outra careta, afastando os medos dela.

— Sombra — disse ela, tão feliz.

Um quilômetro.

Ele a trouxe para mais perto.

Quinhentos metros.

Ele soube, ao ver as rochas se aproximando depressa, que nunca conseguiria sobreviver. Mas, se ele conseguisse protegê-la com o corpo, se virasse de barriga para cima e segurasse Waverly de forma que suas costas fortes sofressem o impacto inicial, ela poderia, sim, ficar abalada, extremamente abalada.

Mas talvez sobrevivesse.

Esticou o corpo de costas contra o vento. Abraçou Waverly com toda a força, mas muita ternura.

— Menina — sussurrou, por fim —, sempre que precisar de sombra, pense em mim.

Uma última careta.

Uma última risada encantadora como resposta.

Então Fezzik fechou os olhos, pensando apenas em uma coisa. Enfim agradeço a Deus por ter sido um gigante…



WILLY FICOU QUIETO quando terminei. Recolheu sua bola de beisebol e o frisbee, apertou o botão do elevador. Era quase hora do jantar, e eu precisava levá-lo para casa. Ele não falou nada até chegarmos à rua.

— Impossível Fezzik ter morrido, não importa o nome do capítulo.

Assenti.

Caminhamos em silêncio, e sabe como Fezzik sabia o que estava acontecendo com Waverly? Bem, eu tenho isso com Willy, pelo menos nos dias bons, e sabia que havia uma pergunta importante chegando.

— Vovô — disse ele, enfim.

Você acha que eu gosto disso? Lembram quanto dinheiro Westley ia ganhar quando decidiu deixar Buttercup, depois que ela cansou de atormentá-lo por causa dos garotos do vilarejo? Gosto tanto assim.

— Fale no microfone — pedi, fazendo um microfone com a mão.

— Está bem… aquela coisa que invadiu Fezzik. Não entendi uma coisa: como a coisa sabia que era a hora de invadir, bem naquele instante*? Quer dizer, se tivesse chegado um dia antes, teria ficado esperando dentro dele por vinte e quatro horas feito um idiota.*

Eu respondi que eu duvidava que alguém no planeta tivesse feito aquela pergunta antes.

Jason e Peggy estavam esperando na porta.

— Foi legal, pai — comentou Willy. — Brincou bastante com o tempo.

— Precisamos mesmo de outro romancista na família — disse Jason, e eu ri, abracei todo mundo e voltei para casa.

Era uma tarde espetacular de primavera, então deixei o parque me conquistar por um tempo, caminhei em silêncio, pensando.

A primeira coisa que deve ser dita: Morgenstern não perdeu muito a mão. Este texto é claramente um trabalho diferente de A princesa prometida*, mas ele também estava bem mais velho quando o escreveu.*

E, como talvez este seja o fim da minha participação, tenho alguns pensamentos finais.

Assim como Willy, não acredito que Fezzik tenha morrido ali. Aposto um bom dinheiro que Morgenstern o salva. Ele o salvou da flecha de Humperdinck com a capa do holocausto, o homem vai inventar alguma coisa.

O "trecho inexplicável sobre Inigo". O que foi aquilo? Ele não podia ter, ao menos, dado algumas dicas de seu propósito? Será que tudo fará sentido depois?

Quem era o louco na montanha? Será que ele nasceu sem pele? Como pegou Waverly? Será que ele mesmo era o sequestrador, ou apenas o membro de uma gangue? E se fosse apenas um capanga, quem era o líder?

E quem *invadiu Fezzik?*

Um belo e jovem casal passou por mim. A mulher estava grávida e desejei que ela tivesse uma Waverly. Foi quando me dei conta de uma coisa:

Vivemos muita coisa, eu e vocês desde quando Buttercup apenas figurava entre as vinte mulheres mais bonitas do mundo (por causa de seu potencial), cavalgando o Cavalo e atormentando o garoto da fazenda, e Inigo e Fezzik foram contratados para matá-la. Vocês escreveram cartas, entraram em contato e não fazem ideia de quanto isso foi importante para mim. Certa vez, eu estava na praia em Malibu, anos atrás, e vi um rapaz abraçando uma garota, e os dois estavam com uma camiseta que dizia westley nunca morre.

Eu amei aquilo.

E querem saber? Eu gosto desses quatro. Buttercup e Westley, Fezzik e Inigo. Todos sofreram, foram punidos, ninguém desse grupo nasceu em berço de ouro. E posso sentir forças terríveis se unindo contra eles. Simplesmente sei que as coisas serão mais difíceis que nunca. Será que todos vão sobreviver? "Morte do coração", diz o subtítulo. Morte de quem? E, talvez ainda mais importante, coração de quem? Morgenstern nunca lhes dera uma oportunidade fácil de serem felizes.

Dessa vez, espero de verdade que lhes permita chegar lá…

Cidade de Florin/Nova York
16 de abril de 1998

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO COMEMORATIVA DE 25 ANOS

William Goldman



Continua sendo meu livro preferido.

E, mais do que nunca, eu queria tê-lo escrito. Às vezes, gosto de fingir que fui eu que criei Fezzik (meu personagem favorito), que a cena do iocano, a sequência da batalha de inteligência frutos da *minha* imaginação.

Mas não, foi Morgenstern, e devo me contentar com o fato de que minha versão editada (embora *massacrada* por todos os especialistas florinenses em 1973 — as resenhas nos jornais especializados foram cruéis; em toda a minha carreira de escritor, apenas *Boys and Girls Together* recebeu uma crítica ainda mais destruidora) pelo menos difundiu Morgenstern entre os não florinenses.

O que há de mais forte que as lembranças da infância? Nada, pelo menos não para mim. Ainda tenho um sonho recorrente de meu triste e pobre pai lendo o livro em voz alta — só que, no sonho, ele não é pobre nem triste; meu pai tinha uma vida maravilhosa, que condizia com sua postura, e, durante a leitura, o inglês dele, bem precário, era esplêndido. E ele era feliz. E minha mãe, muito orgulhosa…

Mas é graças ao filme que estamos juntos mais uma vez. Duvido que meus editores tivessem bancado esta edição se a adaptação cinematográfica não tivesse acontecido.* Se você está lendo isto, aposto que é porque viu o filme, que teve relativo sucesso nos cinemas, mas o boca a boca só fez efeito mesmo quando saiu em VHS. Foi um grande hit nas locadoras. Se você tiver filhos, é provável que tenha visto com eles. Robin Wright, intérprete da personagem citada no título do filme, começara sua carreira como Buttercup, e tenho certeza de que todos nós nos apaixonamos por ela mais uma vez em *Forrest Gump*. (Particularmente, acredito que Robin tenha sido a responsável pelo

fenômeno que foi *Forrest Gump*. Ela estava tão amável e carinhosa, impossível não torcer para que o coitadinho do Tom Hanks não vivesse feliz para sempre com alguém feito ela.)

A maioria das pessoas ama as histórias por trás dos filmes. Quem sabe na época em que a Broadway estava em alta, as pessoas amassem as histórias dos bastidores teatrais, mas acho que hoje em dia não mais. E aposto que ninguém implora para Julia Louis-Dreyfus contar como foi a gravação do episódio 89 de *Seinfeld*. E as histórias dos romancistas? Consegue imaginar alguém encurralando Dostoiévski e pressionando-o a contar algo engraçado sobre *O idiota*?

Enfim, existem algumas curiosidades sobre *A princesa prometida* que talvez você não conheça.

Eu havia tirado uma folga do roteiro de *Esposas em conflito* para editar a história de Morgenstern quando alguém da Fox ficou sabendo, arranjou uma cópia do manuscrito, gostou e ficou interessado em produzir um filme. Isso aconteceu no início de 1973. Esse "alguém" da Fox era o *Cara da Aprovação*. (Daqui em diante, "CA".)

Você já leu em algumas revistas, como *Premiere*, *Entertainment Weekly* e *Vanity Fair*, listas intermináveis sobre as "cem pessoas mais poderosas" da indústria cinematográfica. Esses idiotas ocupam todo tipo de cargo: vice-presidente encarregado disso, diretor-executivo encarregado daquilo etc.

Na verdade, é tudo fachada.

Apenas uma pessoa por estúdio tem algo parecido com poder, e essa pessoa é o CA. O CA, veja bem, pode fazer um filme acontecer. É quem libera cinquenta milhões de dólares caso seu filme tenha Sundance como objetivo. E o triplo disso se precisar de efeitos especiais.

Enfim, o CA da Fox gostou de *A princesa prometida*.

O problema era que ele não tinha certeza de que daria um filme. Então, fizemos um acordo peculiar: eles comprariam os direitos do livro, mas só comprariam os do roteiro se decidissem fazer o filme. Resumindo, cada um

ficou com sua metade da torta. Então, mesmo cansado após terminar a versão editada da história, entrei em um estado de agitação nervosa e escrevi o roteiro logo em seguida.

Meu agente, que é incrível, Evarts Ziegler, veio me visitar. Foi ele quem orquestrou a negociação para *Butch Cassidy*, que, assim como *The Temple of Gold*, meu primeiro romance, mudou minha vida. Fomos almoçar no Lutèce, conversamos, rimos juntos e fomos embora; eu, para meu escritório no Upper East Side, que ficava em um prédio com piscina. Eu nadava todos os dias, porque tinha um problema nas costas naquela época. Estava a caminho da piscina quando percebi: não queria nadar.

Só queria voltar para casa *correndo*. Porque, naquele momento, eu tremia violentamente. Cheguei em casa, me deitei e a tremedeira deu lugar a um calor terrível. Quando Helen, minha esposa e celebridade da psicanálise, chegou do trabalho, olhou para mim e me levou ao hospital.

Todo tipo de médico apareceu para ver meu estado; todo mundo sabia que havia algo de muito errado comigo, mas ninguém fazia ideia do que era.

Acordei às quatro da manhã. E eu *sabia* qual era o problema. A pneumonia terrível que quase me matou quando eu tinha dez anos — meu pai leu *A princesa prometida* para mim para que eu sobrevivesse àqueles primeiros dias angustiantes depois que saí do hospital —, bem, ela havia voltado para terminar o trabalho.

E bem ali, naquele hospital (ok, entendo se você achar loucura), quando acordei com dor e delirando, de algum jeito eu *soube* que, se sobrevivesse, teria que voltar ao lugar onde estivera quando criança. Comecei a chamar pela enfermeira…

… porque, de certo modo, minha vida e *A princesa prometida* estavam ligados para sempre.

Quando a enfermeira veio, pedi que lesse Morgenstern para mim.

— Ler o quê, sr. Goldman?

— Comece com o Zoológico da Morte. Não; comece com os Rochedos da

Perdição.

Ela olhou no fundo dos meus olhos, assentiu e falou:

— Ah, claro, começarei dali mesmo, mas deixei meu Morgenstern na mesa, vou pegá-lo.

E, de repente, Helen havia chegado. E muitos outros médicos.

— Fui ao seu escritório, acho que peguei as páginas certas. Mas me explique o que é isso que você quer que eu leia.

— Eu não quero que *você* leia nada, Helen, você nunca gostou do livro, não quer ler para mim, só quer me agradar, sem contar que você não tem nenhum personagem…

— Eu posso fazer a Buttercup…

— Ah, pelo amor de Deus, ela tem vinte e um anos…

— É um roteiro? — perguntou, então, um médico bonitão. — Sempre quis ser ator.

— Você vai ser o homem de preto — falei para ele. Depois, apontei para o médico grandalhão à porta. — Tente fazer Fezzik.

Foi assim que ouvi o roteiro pela primeira vez. Aqueles *médicos* e minha genial esposa dando tudo de si no meio da madrugada enquanto eu congelava de frio, suava e ardia em febre por dentro.

Apaguei depois de um tempo. E a última coisa que me lembro de pensar foi que o médico grandalhão não era nada mau e que Helen, mesmo no papel errado, era uma Buttercup razoável. E quem se importava se o médico bonitão fosse péssimo? Eu ia sobreviver.

Bem, foi aí que nasceu o roteiro.

O CA da Fox enviou o texto para Richard Lester, em Londres — Lester dirigira, entre outros filmes, *Os reis do ié, ié, ié*, o maravilhoso primeiro longa dos Beatles. Nós nos encontramos, trabalhamos, solucionamos problemas. O CA ficou animado, havíamos recebido o sinal verde…

… e aí ele foi demitido, e um novo CA chegou para substituí-lo.

Eis o que acontece Naquele Mundo nesses casos: o antigo CA perde seu

distintivo e o direito de entrar no Morton's nas noites de segunda-feira, e lá se vai, muito rico — ele recebeu uma proposta financeira em troca dessa inevitabilidade —, porém derrotado.

E o novo CA assume o trono com apenas uma regra, ainda que irrevogável: *nada* que seu predecessor tinha em andamento poderá seguir adiante. Por quê? Digamos que um projeto seja continuado. Digamos que seja um sucesso. Quem levará o crédito? O *antigo* CA. E quando o novo CA, que então terá acesso ao Morton's às segundas-feiras, for lá dar a cara a tapa, ele saberá que todos os seus colegas estarão desdenhando: "Aquele babaca, o filme nem era dele."

Seria o fim.

Então, o filme foi cancelado, possivelmente para sempre.

E me dei conta de que não tinha controle sobre isso. O livro era da Fox. Não fazia diferença se o roteiro fosse meu. Eles poderiam encomendar outro roteirista. Poderiam mudar o que quisessem. Então, fiz algo que me deixou muito orgulhoso: comprei de volta os direitos do livro, *com meu próprio dinheiro*. Acho que eles suspeitavam de que eu tivesse alguma negociação ou algum plano, mas não. Eu só não queria que algum idiota destruísse o que, como havia percebido, era meu projeto mais importante.

Após um tempinho de negociação, ele era meu mais uma vez. Então eu era o único idiota que poderia destruí-lo.

* * *

LI RECENTEMENTE QUE o ótimo romance de Jack Finney *Time and Again* foi comprado há quase vinte anos e ainda não chegou às telonas. *A princesa prometida* não demorou tanto tempo assim, mas foi quase. Não tenho nada anotado, então o relato é baseado na minha memória. Entenda que, para se fazer um filme, são necessárias duas coisas: paixão e dinheiro. Para minha surpresa, muitas pessoas amavam *A princesa prometida*. Conheço pelo menos

dois CAs diferentes que ficaram enlouquecidos com a história. E que estavam dispostos a fechar negócio comigo. E que queriam fazer esse filme mais do que qualquer outro.

E ambos foram demitidos no *fim de semana* anterior ao primeiro dia de filmagem. Um estúdio (pequeno) chegou a fechar negócio no fim de semana anterior ao início do projeto. O roteiro começou a ganhar certa reputação — um artigo de revista o listou entre as melhores histórias nunca filmadas.

Para falar a verdade, depois de mais de uma década, eu achava que jamais aconteceria. Toda vez que alguém se interessava, eu ficava esperando a má notícia chegar com tudo — e ela sempre chegava. Mas, sem que eu soubesse, alguns acontecimentos iniciados uma década antes viriam a ser minha salvação.

Quando *Butch Cassidy* ficou pronto, me afastei do show business por um tempo. (Estamos de volta ao final dos anos 1960.) Queria tentar algo que nunca tinha feito: não ficção.

Escrevi um livro sobre a Broadway chamado *The Season*. No período de um ano, fui ao teatro centenas de vezes, tanto em Nova York quanto em outras cidades, e vi de tudo pelo menos uma vez. Porém, a peça a que assisti mais vezes foi uma comédia brilhante chamada *Something Different*, escrita por Carl Reiner.

Reiner me ajudou muito e eu gostava bastante dele. Quando terminei de escrever *The Season*, enviei uma cópia a ele. Alguns anos depois, quando o romance *A princesa prometida* ficou pronto, enviei-lhe também um exemplar. E, um dia, ele o deu ao filho mais velho. "Pegue esse livro", disse Carl ao menino, chamado Robert. "Acho que você vai gostar."

Rob estava a uma década de começar sua carreira de diretor, mas nos conheceríamos em 1985, e Norman Lear (muito generosamente) nos daria o dinheiro para fazer o filme.

Sempre mantenha viva a chama da esperança.

Fizemos a primeira leitura do roteiro em um hotel em Londres, na

primavera de 1986. Rob estava lá, assim como seu produtor, Andy Scheinman. Cary Elwes e Robin Wright, respectivamente Westley e Buttercup, também estavam presentes. Além de Chris Sarandon e Chris Guest, os vilões Humperdinck e Rugen, e Wally Shawn, o gênio malvado Vizzini. Mandy Patinkin, que interpretava o papel de Inigo, sem dúvida estava lá. E, sentado sozinho, em silêncio — ele sempre tentava ficar em silêncio —, encontrava-se André the Giant, que *era* Fezzik.

Um grupo nada comum.

Sentado discretamente em um canto estava *moi*. Duas das figuras mais importantes do show business da minha época — Elia Kazan e George Roy Hill — disseram a mesma coisa para mim em entrevistas: quando chegasse o momento da primeira leitura, o principal já teria sido feito. Se houvesse um roteiro que funcionasse e um elenco bem escolhido, eram grandes as chances de obter algo de qualidade. Mas se não tivesse, não importava quão eficiente fosse no restante do processo: o filme morreria na praia.

Isso tudo deve parecer insano para os leigos, não sem razão, porém é a mais pura verdade. E parece maluquice pelo seguinte: a revista *Premiere* não está presente quando o roteiro está sendo preparado. O *Entertainment Tonight* não participa da escolha do elenco. Eles só aparecem durante a filmagem, que é a parte menos importante da realização de qualquer filme. Lembre-se: *a filmagem é apenas a montagem das peças do carro.*

A.R. Roussimoff era nossa maior aposta naquela manhã de ensaio. Sob o nome de André the Giant, ele era o lutador mais famoso do mundo. E eu tinha me convencido de que, se um dia fizéssemos o filme, ele, Fezzik, seria o homem mais forte de todos.

Rob também achou que André seria bom para o papel. Só havia um problema: ninguém conseguia encontrá-lo. Ele lutava trezentos e trinta dias por ano, estava sempre viajando.

Então, seguimos com a ideia de encontrar outra pessoa. Foi o teste de elenco mais estranho que já vi. Apareceram uns caras enormes — imensos

mesmo —, mas que não eram gigantes. De vez em quando encontrávamos um gigante, mas ou não sabiam atuar ou eram magros, e um gigante magrelo era o oposto do que precisávamos.

Tudo isso e nada do André.

Um dia, Rob e Andy estavam em Florin fazendo um último reconhecimento da locação quando receberam uma ligação; André estaria em Paris na tarde seguinte. Os dois pegaram um avião para se encontrar com ele. Algo nada fácil, uma vez que a Cidade de Florin tem zero voo direto para qualquer capital da Europa. Sem falar que os horários dos voos são agendados de acordo com a demanda — todos os aviões da Florin Air ficam lotados, porque só decolam se todos os lugares estiverem ocupados. Eles permitem até que as pessoas viajem de pé nos corredores. (Eu só tinha visto isso uma vez, na Rússia, em uma excursão terrível de Tbilisi a São Petersburgo.) Por fim, Rob e Andy tiveram que fretar um monomotor. Foram ao Ritz, onde o concierge disse, com uma voz estranha:

— Tem um *homem* esperando por vocês no bar.

Para mim, André era como o Pentágono: por mais que avisem que é enorme, quando você chega perto, vai descobrir que é ainda maior.

André era ainda maior.

Seu peso oficial era duzentos e cinquenta quilos, e sua altura, dois metros e vinte e oito. Mas ele não tinha certeza dessas medidas e não se dava ao trabalho de se pesar todas as manhãs. Ele me disse que uma vez ficou doente e perdeu quarenta e cinco quilos em três semanas. Porém, fora isso, nunca falava sobre seu tamanho.

Eles conversaram no bar e depois subiram para o quarto de Rob, onde fizeram uma leitura do roteiro. Duas coisas ficaram claras: André tinha um sotaque francês carregado e, o pior de tudo, sua voz vinha do subterrâneo.

Rob aceitou correr o risco e deu o papel a ele. Também gravou as partes do André para ele — fala por fala, destacando a pronúncia —, para que André levasse durante as viagens e estudasse por alguns meses até os ensaios.

O ensaio naquela manhã em Londres foi propositadamente leve: algumas leituras do roteiro, poucos comentários. A tarde estava muito bonita, fizemos uma pausa para o almoço e encontramos um bistrô ali perto com mesas ao ar livre. Era perfeito, com exceção da cadeira, pequena demais para André — a largura era para pessoas normais, os braços muito apertados. Tinha uma mesa interna com um banco, e alguém sugeriu que comêssemos lá. Mas André não quis nem saber. Então, nos sentamos do lado de fora. Ainda consigo vê-lo entortando os braços de metal da cadeira, sentando-se apertado e, em seguida, os braços voltando ao lugar, esmagando-o até o fim da refeição. Ele comeu muito pouco. E os utensílios pareciam brinquedos de bebê, minúsculos em suas mãos.

Depois do almoço, ensaiamos de novo, dessa vez encenando, e André contracenava com nosso Inigo, Mandy Patinkin. André claramente havia estudado as fitas de Rob, mas era inegável que sua leitura era lenta, um tanto mecânica.

Eles estavam fazendo uma das cenas do reencontro. Mandy tentava extrair alguma informação de André, que fazia uma de suas leituras lentas, com o texto decorado. Mandy, no papel de Inigo, tentou acelerar Fezzik. André deu mais uma de suas respostas lentas e mecânicas. Refizeram algumas vezes. Mandy, como Inigo, pediu que André, como Fezzik, fosse mais rápido, e mais uma vez André reproduziu o texto na mesma velocidade…

Foi então que Mandy disse: "Mais rápido, Fezzik!" E, sem nenhum aviso, deu um tapa na cara do gigante.

Ainda posso ver os olhos arregalados de André. Acho que desde criança ele não apanhava fora do ringue. Ele olhou para Mandy… e houve uma pequena pausa. Um silêncio mortal tomou conta da sala.

E André começou a falar mais rápido. Ele apenas respondeu ao chamado, dando mais ritmo e energia. Quase dava para ler a mente dele: "Ah, é assim que se faz fora do ringue, vamos tentar." Na verdade, aquele tapa deu início à época mais feliz da vida dele.

Foi uma época incrível para mim também. Depois de mais de uma década de espera, o livro mais importante da minha juventude ganhava forma diante dos meus olhos. Quando terminamos, e eu finalmente assisti ao filme, percebi que, em toda a minha carreira, só tinha amado de verdade duas produções de que participei: *Butch Cassidy* e *A princesa prometida*.

Mas o filme fez muito mais do que me deixar feliz. Ele trouxe o livro de volta à vida. Voltei a receber cartas incríveis de novo. Recebi uma hoje — palavra de honra —, de um cara em Los Angeles que levou um pé na bunda de sua Buttercup e, depois de uma década de separação, ficou sabendo que ela estava passando por problemas e enviou um exemplar do romance para ela, e, bem, é óbvio que eles ficaram juntos. Não é maravilhoso mudar a vida de outro ser humano? Ainda mais para alguém como eu, que passa a vida dentro de uma toca, escrevendo. Não há nada melhor.

Claro que, mesmo com todas as coisas boas, tenho arrependimentos. Sinto muito por todos os problemas com o espólio de Morgenstern, sobre o qual falarei mais depois. Sinto muito que Helen e eu tenhamos *pffft*. (Não que a gente não soubesse que isso estava prestes a acontecer, mas ela precisava ter me deixado no *dia* em que o filme estreou em Nova York?) E sinto muito que os Rochedos da Perdição sejam agora a maior atração turística de Florin, transformando a vida dos guardas florestais em um inferno.

Mas assim é a vida na Terra, não se pode ter tudo.

---

* O livro foi publicado originalmente em 1973. A adaptação para o cinema estreou em 1987. (N da E.)

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO COMEMORATIVA DE 30 ANOS

William Goldman



Até algumas semanas atrás, esta apresentação teria sido bem curta. Eu perguntaria: "Por que está comprando este livro?" Ou melhor: "Por que está comprando *esta edição*?"

Compre a *edição comemorativa de vinte e cinco anos*, eu teria aconselhado. Ela apresenta um longo prefácio escrito por este que vos fala, no qual explico sobre o espólio de Morgenstern e os terríveis problemas legais que tive com ele. Ainda é possível encontrar a edição à venda, e o que interessa a você é o mesmo que interessa a mim, isto é, conseguir, finalmente, publicar *O bebê de Buttercup*.

Diria *também* que não havia nada a ser acrescentado. Tudo na mesma. Bem, foram outros tempos.

Porque sem dúvida há uma novidade.

* * *

PERMITA-ME CONTAR como eu soube da existência do Museu Morgenstern.

Voltemos a 1986, em Sheffield, Inglaterra, nas gravações do filme *A princesa prometida*. Era uma época muito feliz para mim, pois enfim Morgenstern ganharia as telonas. Eu havia escrito o roteiro mais de uma década antes — mas, até então, o texto nunca tinha sido "selecionado", como dizem por aí.

Em geral, não gosto de estar presente em gravações. Uma vez escrevi que o melhor dia da vida de uma pessoa é a primeira vez que ela vai a um set de filmagem, e o pior são todos os outros que vêm em seguida. São dias tediosos

e terríveis, por muitos motivos: (1) porque são tediosos e terríveis (mas você não vai acreditar em mim, eu sei) e (2) porque, se você for o roteirista, seu trabalho já está terminado.

Eu deixo os atores nervosos, mas, para piorar (e se já falei isso antes, pule esta parte), tenho um talento incrível para estragar as filmagens. Nos sets, procuro me instalar em algum lugar bem longe das câmeras, mas já perdi a conta de quantas vezes o diretor, prestes a começar a gravar, pediu que eu saísse dali porque era o ponto exato em que terminaria a cena.

Alguns dias antes de acontecer o que vou contar agora, estávamos filmando a sequência do pântano de fogo. E há um momento em que Cary Elwes (Westley) começa a guiar Robin Wright (Buttercup) pelo pântano.

Eu sabia o que ia acontecer: uma erupção, que colocaria fogo no vestido dela. Como posso ser tão esperto? Porque Morgenstern escreveu isso, eu adaptei para o romance e usei a cena em todas as versões do roteiro, que, acredite, foram muitas.

Muito bem, lá estava eu, no set, e Rob Reiner gritou "Ação, Cary", e eles entraram em quadro, aqueles dois atores maravilhosos, e eu estava num canto assistindo à cena. Ele a conduziu, deu um passo, depois outro…

… e uma erupção colocou fogo no vestido dela.

E nessa hora (tão humilhante) eu comecei a gritar:

— O vestido dela está pegando fogo! *O vestido dela está pegando fogo!*

E assim arruinei tudo.

— Corta! — gritou Rob. — Ele se virou para mim e disse, com a maior paciência do mundo (até hoje me lembro de seu tom de voz) — Bill, o vestido dela *tem que* pegar fogo.

Acho que respondi algo muito inteligente, como "eu sabia, desculpa", e me escondi.

Pois então, agora você já pode voltar a ler.

Na noite seguinte, estávamos em uma externa, o ataque ao castelo, e fazia frio. Um frio cruel, britânico. A equipe toda estava agasalhada, mas o vento

nos acertava em cheio. Pelo que lembro, foi a noite mais fria que já passei em um set de filmagem. Todo mundo estava congelando.

Com exceção de André.

Não tenho como explicar, mas André nunca sentia frio. Talvez seja coisa de gigante, nunca perguntei. Ele estava sentado ali apenas com sua legging de sempre e uma simples toalha *muito* fina cobrindo os ombros e o peito. (Claro que não chegava a cobrir o peito inteiro, porque era uma toalha de tamanho normal.) Enquanto conversávamos, sem exagero, *dezenas* de pessoas foram até ele, o cumprimentaram e se ofereceram para pegar um casaco, um cobertor ou qualquer outra coisa para mantê-lo aquecido, e ele sempre dizia: "Não, chefe, obrigado, chefe, estou bem." E voltava a falar comigo.

Eu adorava a companhia dele. Estou no início da minha quinta década na loucura do cinema, e ele foi, de longe, a figura mais popular de qualquer set em que já estive. Muita gente do ramo — acredito que isso inclua Billy Crystal — cogitava a ideia de criar uma série de TV para André, para que ele pudesse fugir da cota de mais de trezentos dias ao ano viajando por causa de lutas. Acho que ia se chamar algo do tipo *Here Comes André* [Lá vem o André] e contaria a história de um lutador que, depois de abandonar o ringue, decide virar babá.

A garotada ficava doida com ele. Sempre que eu entrava no set do pântano de fogo, lá estava André com uma criança na corcunda, mais duas em cada ombro e uma em cada mão. Eram filhos do pessoal da produção e ficavam sentados em silêncio, assistindo à filmagem.

— Biiiil?

Em plena noite congelante, eu sabia, pelo tom de voz dele, que entrávamos em um território complicado. Ele hesitou antes de continuar:

— U que você ache de meo Fehzík?

Falei a verdade, que o personagem havia sido escrito para ele. Em 1941, quando meu pai me contou a história de Morgenstern pela primeira vez, eu não fazia ideia de que se escreviam filmes; eram apenas coisas que eu amava

ver no cinema. Mais tarde, quando comecei a trabalhar com isso e escrevi a adaptação cinematográfica, não fazia ideia de quem deveria interpretar o papel de Fezzik se o filme saísse mesmo do papel. Então, certa noite, lá estava André, lutando na televisão. Ele ainda era jovem, acho que não tinha mais de vinte e cinco anos.

Helen (minha esposa na época, a psicanalista famosa) e eu estávamos na cama, vendo TV. Ou melhor, *eu* estava vendo TV, Helen estava traduzindo um de seus livros para o francês. Gritei:

— Helen, meu Deus, olhe; é *Fezzik*!

Ela sabia do que eu estava falando, sabia como um filme de Morgenstern era importante para mim, *compreendia* quantas vezes eu tinha chegado perto disso, quanto estava chateado porque o projeto parecia cada vez mais impossível. Ela havia tentado inúmeras vezes me convencer a encarar os fatos: talvez o filme nunca fosse realizado. Acho que ela começou o mesmo discurso de novo, e então notou minha expressão enquanto eu via André destruindo um monte de caras malvados.

— Ele vai ser ótimo — disse Helen, tentando muito me confortar.

* * *

E LÁ ESTAVA eu, mais de uma década depois, batendo um papo com aquele francês incrível, que ficou imortalizado na minha mente com um monte de crianças pendurado nas costas.

— O seu Fezzik é maravilhoso — falei.

E era. Sim, tinha um sotaque francês um pouco carregado, mas era apenas questão de costume.

— Eu trrabalhei muuite pessado. Esse é papel muuite mais prrrofunde que Pé-Grrrande.

(Um de seus poucos papéis que não envolviam luta tinha sido o de Pé-Grande, muitos anos antes, acredito que em *O Homem de Seis Milhões de*

Dólares.)

— Fiz muuite pesquise. Parra o sonage.

Percebi na hora que "sonage" era "personagem" na língua do André.

— Que tipo de pesquisa?

Achei que ele ia me dizer que tinha lido a edição francesa diversas vezes.

— Eo subi as montanhe.

— *Os Rochedos da Perdição*?

Fiquei chocado. Você não tem ideia de como são altos.

— Ah, *oui*, muuite vezes, sobi, desci, sobi, desci, parra baixo.

— Mas, André, e se você tivesse caído?

— Eo fui com muite medo na prrimerra vez, e enton eo percebe: Fehzík non escorregarrria.

De repente, parecia que eu estava conversando com Lee Strasberg.

— Ê lutei com grrrupos tambeim. Fezík luta com grrrupos, eo luto com grrrupos. Foi supér.

E então ele disse o crucial:

— Você visitô o musseu? Minia melhor pesquise foe lá.

Respondi que não sabia de qual museu ele estava falando.

Nos minutos seguintes, André me contou…

Mas eu tinha ido? Não. Nunca tinha pisado em Florin, nunca tinha pensado muito no assunto. Não, não é verdade, eu pensava bastante, mas não cheguei a visitar a cidade por um motivo: medo de me decepcionar.

Minha primeira viagem aconteceu quando Stephen King basicamente me mandou para lá quando eu estava fazendo a pesquisa para o primeiro capítulo de *O bebê de Buttercup*. Naquela primeira viagem, passei diversos dias tanto na Cidade de Florin quanto nos arredores, correndo de um lado para outro feito doido, e vi um monte de coisas incríveis — mas o museu estava fechado para reformas durante minha estadia.

Pensei que o visitaria da vez seguinte. Não importava quando isso iria acontecer.

Acabou que aconteceu bem mais cedo do que eu imaginava.

Você deve saber disso, uma vez que meu nome apareceu em jornais de todo o mundo. Ganhei mais uma vez o prêmio de Avô do Ano. Eu estava tão à frente na competição que decidiram encerrá-la logo. Um velhaco na Índia afirmou que eu mimava Willy, mas era, como dizem, recalque.

O grande momento do aniversário de dez anos se aproximava, uma ótima oportunidade para esbanjar no presente, e eu estava visitando meu filho, Jason, e sua esposa, Peggy, outro dia, então pedi umas dicas. Geralmente, eles têm listas de coisas. Mas não foi o caso. Os dois estavam agindo de forma estranha e balbuciaram: "Você vai pensar em alguma coisa." E mudaram de assunto.

Bati à porta do quarto do garoto. Ele a abriu em silêncio, o que era estranho; na maioria das vezes, apenas me mandava entrar aos gritos.

— Queria conversar sobre seu aniversário — falei.

Eis o que você precisa saber: Willy é ótimo em ganhar presentes. Ele fica muito empolgado. Mesmo que seja algo que tenha escolhido, o menino tem as melhores reações ao abrir o embrulho.

Dessa vez, só falou que eu tinha sido tão incrível em todos aqueles anos que qualquer coisa estava bom.

— Você não tem ideia nenhuma? — perguntei, insistindo.

Ele respondeu que não. E, para completar, disse que tinha uma pilha de dever de casa para fazer e perguntou se eu me importaria de ir embora.

Eu me levantei para ir, mas sentei de novo, porque percebi algo: ele sabia exatamente o que queria, mas, por algum motivo, estava com vergonha de dizer.

Esperei.

Willy ficou sentado à escrivaninha em silêncio. Então respirou fundo uma vez. E mais outra. Naquele momento, eu soube o que estava por vir. Falei, de forma casual:

— Seja o que for, a resposta é não.

— Bem — começou Willy, as palavras sibilantes —, dez é uma idade importante na nossa família, porque dez é a idade que você tinha quando ficou doente e seu pai leu para você, e quando meu papai tinha dez anos você deu o livro para ele, e foi quando você percebeu que tinha que começar a reescrever a história e, bem, agora vou fazer dez anos e só vou ter essa idade uma vez, e… e…

Ele estava tão envergonhado de dizer o restante que apontei para meu ouvido e sussurrei:

— Sussurre.

E foi o que ele fez.

Não quero contar vantagem, mas nossa primeira manhã em Florin, naquela luz milagrosa pós-crepúsculo me mantendo completamente acordado, o garoto Willy roncando na cama ao lado, foi sem dúvida o grande momento da minha vida. Eu e meu único neto, tão querido, juntos no início da aventura de seu décimo aniversário na cidade natal de Morgenstern. Seria imbatível.

Willy estava exausto da viagem — a Florin Air não havia mudado nada —, então tive que o sacudir um pouco para que ele abrisse os olhos, piscasse, dissesse "hã?" diversas vezes e enfim se reintegrasse à raça humana.

— Para onde vamos? — começou, e em seguida respondeu à própria pergunta. — À Ilha da Árvore, não é?

Eu lhe havia prometido um passeio de helicóptero, para que ele pudesse ver onde Fezzik tinha sido invadido, feito a incisão com a espada e salvado a vida de Waverly.

Balancei a cabeça.

— Eu sei, eu sei, não me conte… O quarto do castelo onde Inigo matou o conde!

Ele saltou da cama e começou seus movimentos de esgrima enquanto dizia:

— Olá, meu nome é Inigo Montoya, você matou meu pai, prepare-se

para… — e lançou a espada para a frente — MORRER.

Willy adorava fazer isso — ele e os amigos competem para ver quem faz melhor —, e eu amo isso nele. Porém, mais uma vez balancei a cabeça.

— A gente vai fazer o passeio, mas não hoje.

Ele gesticulou para que eu continuasse.

— O Museu Morgenstern abre daqui a pouco, melhor se aprontar.

Ele resmungou e subiu de volta na cama.

— Ah, vovô, por favor, por favor, por favor, a gente precisa começar pelo museu? Eu odeio museus, você sabe que odeio museus.

— Você gostou do Hall da Fama.

Eu o levara a Cooperstown no ano anterior.

— Era *beisebol*.

— Tenho que ir — falei. — Acordo é acordo. Você sabia que a viagem estava planejada.

A verdade? Eu estava prestes a mandá-lo voltar a dormir. Nada me impedia de fazer a visita ao museu sozinho.

Mas não falei nada, e agradeço a Você aí em cima por isso.

* * *

O MUSEU MORGENSTERN fica logo à esquerda da praça de Florin. É uma mansão antiga adorável, datada de sabe-se lá quando. Na hora em que chegamos, Willy já estava empolgado de novo, no seu estado normal, saltitando à minha frente pela calçada. Ele abriu a porta para mim e se curvou…

… então soltou um "Meu Deus" e congelou. Porque diante dele, no centro daquele cômodo antigo e imponente, em um grande display de vidro graciosamente iluminado, lá estava…

… a espada de seis dedos.

Eu sabia que ela estaria lá, André havia me dito, ele me contara em

detalhes naquela noite congelante em Sheffield…

… mas mesmo assim eu não estava preparado para o impacto que aquilo teve em mim. Fazia tanto tempo que ouvia falar dela! Desde que tinha dez anos, décadas antes, perguntava para meu pai o que fazia dela uma espada tão especial, tão mágica, como devia ser?…

E então ali estava ela. O pai de Inigo havia morrido por ela, a vida inteira de Inigo havia mudado de rumo por causa dela, aquela lâmina mágica, a maior espada desde Excalibur.

Willy pegou minha mão, e, juntos, fomos até ela, e sei que não faz sentido, mas ali, naquele momento, quando a vi pela primeira vez, a espada parecia dançar.

— Ela está se mexendo? — sussurrou Willy. — Porque parece que sim.

— Acho que é a luz. Mas você tem razão.

Havia inúmeras pessoas em volta do display, crianças, idosos, todo tipo de gente, e o mais estranho era que enquanto estávamos ali olhando, nenhum de nós ia embora, só mudávamos de posição para ver a espada de todos os ângulos.

Uma criança menor que Willy sussurrou, com um sotaque francês, para a moça que imaginei que fosse sua mãe:

— *Allô, mon nom é Inigô Montoyá…*

— Fica bem melhor no original — cochichou Willy.

Foi quando eu percebi: o display de vidro estava rodeado de crianças gesticulando como se empunhassem a espada, reproduzindo as palavras de Morgenstern, e não sei afirmar quando o museu montara suas diversas exposições…

… mas que coisa teria sido se o grande homem pudesse ter visto com os próprios olhos o que eu estava vendo naquele instante.

A outra peça em exposição que enlouqueceu as crianças era um molde dos dedos de Fezzik. (André havia falado sem parar daquilo, ele achava que seus dedos eram maiores, até que viu o modelo em tamanho real.) Willy examinou

com cuidado.

— O polegar é maior que minha mão inteira — anunciou ele.

Assenti. Era mesmo.

A seguir, uma parede inteira enfileirada de roupas do Fezzik, perfeitamente passadas. Willy ficou encarando a gola das camisas balançando a cabeça, maravilhado.

O vestido de casamento de Buttercup estava ao lado, mas era difícil chegar perto, por causa da quantidade de garotas em volta.

Havia tanta coisa a ser vista! Uma seta apontava para outro cômodo onde a máquina de sugar vida do conde Rugen se encontrava sozinha. Mas eu estava ansioso para ver o Curador — Stephen King havia escrito uma carta sobre minha visita.

O Curador me deixaria entrar no lugar mais importante para mim: o Santuário, como era chamado. O local onde eram guardadas as cartas e anotações de Morgenstern. Não era aberto ao público, apenas a estudiosos, que era exatamente meu caso naquele dia.

Fiz algumas perguntas, fui levado primeiro a um lugar, depois a outro, até que finalmente encontramos o Curador — mais jovem do que se pode pensar, muito inteligente, e no brilho de seus olhos havia certa doçura genuína.

Ele estava sentado à sua mesa no canto do terceiro andar. Um escritório perfilado de livros, nada surpreendente. Quando entramos, ele sorriu para mim.

— Vocês devem estar procurando o toalete masculino — disse. — Fica uma porta depois. É nisso que a maioria dos visitantes está interessada.

Sorri, me apresentei e disse que tinha vindo dos Estados Unidos para estudar durante um tempo no Santuário.

— Mas isso é impossível — respondeu o Curador. — Está aberto apenas para bolsistas.

— William Goldman — falei novamente. — Stephen King escreveu uma carta sobre minha visita.

— O sr. King é um descendente famoso do meu país, quanto a isso não há dúvidas, mas não recebi carta alguma.

(Você precisa saber algo sobre mim: posso ser muito paranoico em momentos como esse. O que vem a seguir é verdade: quando atuei como jurado no Festival de Cannes, fui convidado a um jantar formal. Era uma ocasião bem importante para mim, pois meu casamento estava em crise e eu estava prestes a ficar sozinho no mundo pela primeira vez na vida. Cheguei à festa onde as pessoas falavam todo tipo de língua, poucas falavam inglês. Eram três mesas redondas, felizmente com lugares marcados por cartões, e, quando disseram que era hora de nos sentarmos, saí do meu lugar, sozinho no canto, e dei uma volta na primeira mesa.

Nenhum cartão com meu nome.

Zanzei pela segunda mesa.

Nada.

Quando comecei a rondar a terceira e última mesa, minha paranoia aflorou, porque eu *sabia* que não haveria um cartão com meu nome. Ainda sinto o suor começando a escorrer discretamente quando caiu a ficha de que meu nome não estaria ali.

Dá para imaginar alguém tão maluco?

Adivinhe só: também não havia um cartão com meu nome na terceira mesa. Acabou que tinha sido um erro da hostess. Esta é uma história real.)

Muito bem, comecei a desmoronar. Será que só na minha imaginação Stephen King tinha escrito uma carta? Não, não era imaginação, ele havia me dito que queria um roteiro para *O bebê de Buttercup*. Por isso eu tinha viajado aquela distância toda.

Então pensei: por que ele simplesmente não me deu o maldito bilhete para que eu o entregasse em mãos? (A essa altura, eu já estava enlouquecido, pensando que, se tivesse levado o bilhete de King e o mostrado em pessoa, o Curador teria me devolvido alegando não ser especialista na caligrafia de Stephen King, então, não, eu não seria aceito no Santuário, muito obrigado

pela visita.)

Eu me senti tão impotente parado ali na frente do meu querido neto que de fato me virei para ir embora.

E foi quando ele disse:

— Vovô, é um engano, *ligue para ele*.

Eu odeio celular, mas tinha feito um plano internacional para a viagem. Nós inclusive havíamos ligado para Jason e Peggy na noite anterior, quando chegamos ao hotel.

Então telefonei para King, no Maine, e expliquei a situação. Ele foi ótimo.

— Nossa, Bill, sinto muito, eu devia ter dado o maldito bilhete para você. Florin tem o pior correio da Europa, deve chegar aí na semana que vem.

(Chegou duas semanas depois.)

— É Vonya que está trabalhando hoje? Passe o telefone para ele.

Acho que o Curador ouviu seu nome, porque assentiu e estendeu a mão para o telefone. Entreguei o aparelho e ele se levantou da cadeira, foi até o corredor, andou um pouco de um lado para o outro e o ouvi dizendo "claro, sr. King" e "ajudarei o máximo possível, sr. King, fique tranquilo".

Willy olhou para mim enquanto falava, fez sinal de positivo (discretamente, devo dizer) e logo depois Vonya estava de volta.

Ele indicou que o seguíssemos, balbuciando:

— O que posso dizer? O senhor sabe como são os correios.

Falei que estava feliz por tudo ter sido resolvido.

— Estou tão envergonhado, sr. Goldman. Stephen King me disse quem foi o senhor.

Eu deveria ter me preparado para o que estava por vir. O "foi" deveria ter servido de alerta.

E veio a frase fatal:

— Sabe, li muitos livros seus, posso dizer que era um fã, o senhor *já foi* um escritor maravilhoso.

Isso não deveria ter me afetado tanto. Mas sei por que me afetou. Porque

tive medo de que fosse verdade. Eu havia escrito boas obras. Aquilo, porém, tinha ficado em outra era, em outro país. Era um dos fatores que me fizeram mergulhar no mundo de *O bebê de Buttercup*. *A princesa prometida* tinha me deixado com vontade de escrever romances. Eu esperava que Morgenstern me ajudasse a ser um romancista *novamente*.

Então, Willy gritou:

— *Ele ainda é ótimo.*

— Shh, não tem problema — falei. — De verdade.

Quando ele olhou para mim, tentei esconder, mas sei que ele percebeu pelo meu olhar.

O malvado Vonya nos levou por mais alguns degraus, abriu uma porta, indicou que entrássemos, foi embora…

E então estávamos sozinhos no Santuário.

Willy continuava espumando de raiva.

— *Odeio* esse cara.

Você acha que eu não quis abraçá-lo? Mas me contive e apenas sussurrei:

— Hora de trabalhar um pouco — falei, começando a examinar o cômodo.

Não era muito grande. Milhares de cartas, todas classificadas, álbuns de família, cada imagem com uma legenda embaixo, contextualizando-a.

Eu queria mesmo era ver os cadernos. Morgenstern era conhecido por sua natureza meticulosa, mas enquanto eu me ambientava, examinei os álbuns de fotografias, tentando captar um pouco como era sua vida quando ele estava no auge de sua produção literária.

Então, ouvi Willy dizer a coisa mais impressionante:

— Você sabia que o conde Rugen mata Inigo?

Eu me virei para ele.

— Do que está falando?

Ele apontou para o caderno que havia tirado de uma prateleira e começou a ler:

— *Hoje de manhã, acordei com a ideia de que Rugen deve mesmo matar Inigo.*

Sei que perco o "Olá, meu nome é Inigo Montoya", e sei que isso faria falta, mas se Inigo morresse aqui, Westley teria que derrotar tanto *Humperdinck* quanto *Rugen, e tudo isso tendo morrido pouco antes, e lembre-se, por favor, de que Westley é nosso herói principal.*

A essa altura, já estávamos sentados à mesa, olhando para o diário de *A princesa prometida*.

Quem sabia que tal coisa existia?

Que milagre… eu sentado ali, no Santuário de Morgenstern, com meu neto, enquanto as lembranças do meu pai vinham à tona, lendo para mim com seu vocabulário limitado, mudando minha vida para sempre.

Willy virou a página e continuou:

— *Decidi que* Inigo não deve morrer. *Passei metade da noite acordado e enfim tentei escrever a cena em que ele mata Rugen e repete aquela frase sem parar, até finalmente gritar: "Quero meu pai de volta, seu filho da puta"…*

… e quando escrevi essas palavras, percebi que o que mais queria no mundo, e que jamais poderia ter, era meu pai de volta…

… só então Inigo vencerá e viverá, e Westley terá que se contentar em derrotar apenas Humperdinck.

— Nossa… ele quase estragou o próprio livro — disse Willy.

Assenti, pensando se um dia aquilo tinha me ocorrido. Lembro que odiei matar Butch e Sundance, mas não tinha opção, porque retratei como aconteceu na vida real, e eu não podia mudar a história em nome de um final feliz.

E então lá estava ele, Morgenstern, o homem que estava entranhado em minha vida, fazendo pela primeira vez algo que eu não aprovava — *estava considerando mudar o curso da história* —, e aquilo me incomodou.

Veja bem, Florin deixara de ser uma potência séculos antes. Mas o país fora importante um dia, assim como todas as verdades são importantes. Se você ler sobre a história de Florin, como eu fiz, saberá que, sim, existiu um Vizzini, embora nunca tenha sido provado, para a satisfação da maioria dos

acadêmicos, que ele era corcunda. Uma perna mais curta, sim, até onde sabemos. Siciliano, sim, até onde sabemos.

E, sim, ele contratou Fezzik e Inigo. E Fezzik quebrou recordes, alguns deles ainda imbatíveis, no mundo da luta turca. E Inigo Montoya ainda é lembrado como o maior espadachim da história. Qualquer livro sobre a arte da espada de aço pode confirmar isso.

Ok. Vizzini os contratou, sabe-se lá por quê; eles falharam, o homem de preto os impediu, Buttercup sobreviveu. Agora o ponto crucial: Inigo matou o conde Rugen. Isso faz parte da história florinense. Eu estava no mesmo cômodo em que o nobre malvado morrera.

(Mais uma vez, os especialistas discordam sobre o local exato do aposento em que a morte ocorreu. Pessoalmente, não me importa se ele estava ou não próximo à mesa de sinuca, no canto oposto.)

— *Mas não se pode reverter a história do mundo em nome de sua própria narrativa e fazer com que Inigo morra daquele jeito, como um fracasso, depois de tudo que passou para vingar a morte do pai.*

— Pule essa parte — falei ao meu companheiro. — Qual é o próximo assunto importante que ele menciona?

Willy passou algumas páginas, parou e resmungou:

— Shakespeare. Preciso mesmo?

Gesticulei para que ele continuasse com o texto de Morgenstern.

— *Passei grande parte da noite inquieto. Pensando em quando eu era criança e meu pai me levou à Dinamarca, ao castelo de Elsinore. E me disse que bem ali, entre aquelas paredes, havia se passado o maior drama de todos:* Hamlet. *(Na saga islandesa, o nome dele era Amleth.) E explicou como o tio havia envenenado o pai do príncipe e depois casado com sua mãe, e como eu ia gostar de ler aquela história quando eu fosse um pouco mais sábio…*

… E Shakespeare usou aquele pedaço de história, transformou em algo grandioso, mas não a alterou de acordo com sua necessidade. Ele não permitiu, por exemplo, que Hamlet morresse como um fracasso…

… Como quase fiz ao deixar que Inigo sucumbisse ao terrível Rugen…

… Sinto vergonha por quase ter feito isso. Inigo merece seu lugar em nossa história. Westley é o maior herói que temos. Não devo banalizar seus triunfos…

… Prometo ser mais cuidadoso no futuro.

Você não faz ideia de como me senti melhor naquele instante.

Então, de repente, como uma surpresa, era hora do almoço. Estávamos sentados ali havia mais de duas horas, virando cada página do diário devagar, e não tínhamos lido nem um décimo do total.

— Eu queria poder levar o diário para o hotel — disse Willy.

Mas ele sabia que era impossível; havia letreiros nas paredes dizendo de forma enfática em todas as línguas que *nada* podia ser retirado da sala, e *não* havia exceções.

— Você por acaso viu um diário sobre *O bebê de Buttercup*? — perguntei. — Eu não vi.

Ele balançou a cabeça.

— Não havia muitos diários. Pode ser que ele não tinha escrito nada sobre *O bebê de Buttercup*.

Willy foi até a prateleira de diários e guardou *A princesa prometida*.

— Talvez eu pergunte para Vonya, pode estar na mesa dele ou algo do tipo.

— Vovô, não acho isso muito inteligente.

— Uma perguntinha só, que mal pode fazer?

Ele me lançou um olhar que só o Garoto Willy sabia fazer.

— O quê?

— Não fale com aquele cara, não lhe dê chance de dizer nada.

Willy estava certo. Deixamos o Santuário, o museu, começamos a procurar um lugar para comer, mas fazia frio e meu neto usava apenas uma jaqueta; seu casaco mais quente tinha ficado no quarto e ele quis ir para lá, então fomos.

Deitei na cama enquanto Willy, ainda de jaqueta, foi ao banheiro, saiu depois de um tempo, foi à sala de estar do quarto, zanzou por um minuto e

me chamou:

— Vovô?

— Com quem está falando?

Ele nunca gostava quando eu era infantil.

— Cáaa, cáaaa, cáaaa.

— Vovô o quê?

— O que acharia de um pássaro gigante? — E então ele apareceu na porta. — Lembra no final daquele capítulo em *O bebê de Buttercup*, quando Fezzik está caindo rumo à morte segurando Waverly? Bem, o que acharia se um pássaro falante gigante voasse sob eles e os salvasse?

— Um pássaro falante? Ah, pelo amor de Deus. Talvez os historiadores não tenham certeza de como Fezzik sobreviveu, mas sei que Morgenstern nunca se rebaixaria a algo tão idiota. Quer dizer, por que as pedras no solo não se revelariam de borracha para que Fezzik pulasse durante um tempo e os salvasse assim? Faria tanto sentido quanto sua ideia.

— Ah é, espertinho? — Ele saiu apressado e voltou lendo: — *Eu queria ter pensado em um jeito de salvar Fezzik antes que ele pulasse no precipício. Ele podia ter estendido a mão e segurado Waverly no último instante. Por que me coloco nessas situações? É a questão do Hamlet de novo. Até que ponto a verdade pode ser manipulada em nome da arte?* — Willy virou a página. — *Acho que meu principal problema com o resgate de Fezzik é que, no fundo, não sei lidar muito bem com a ideia de um pássaro gigante. Embora eu tenha visto o esqueleto, embora nosso maior cientista me assegurasse que ele sobrevoava nossos céus, ainda assim sinto que o resgate lendário parece muita coincidência. Quem sabe como eu resolverei o problema?*

Antes que Willy terminasse, eu já estava fora da cama, olhando o que ele estava lendo.

Naquele momento, soube o que meu neto fizera — tinha enfiado o diário na jaqueta — e soube por que o fizera — para que eu pudesse ter aquele presente e não fosse insultado mais uma vez —, e eu soube que voltaríamos

em algumas horas e ninguém notaria o sumiço.

Peguei o diário das mãos dele com delicadeza, dei uma olhada.

Vi que aprenderia sobre a infância de Westley, quando ele ainda não trabalhava na fazenda, sobre o grande amor de Fezzik, a mágoa de Inigo e os pesadelos de Buttercup, que começaram a se tornar realidade, sobre os problemas de memória de Max Milagreiro e o monstro marinho faminto que descobre que existem humanos, humanos suculentos habitando A Ilha da Árvore.

Eu tinha *O diário de Buttercup* nas mãos. Que coisa espetacular.

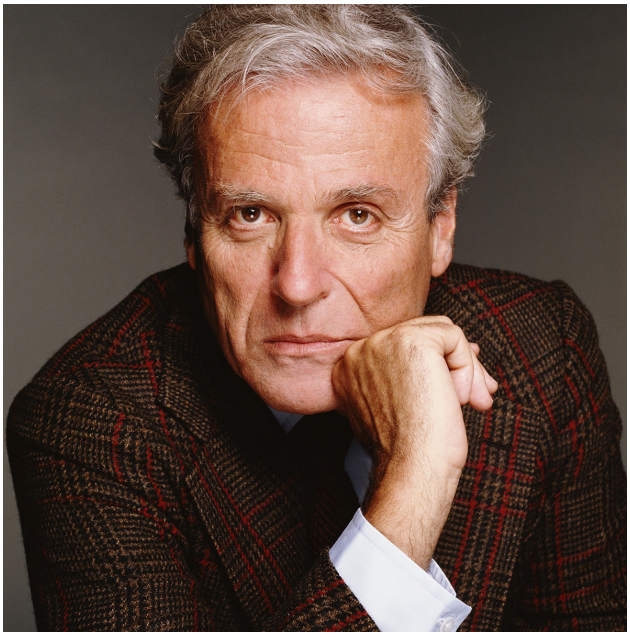
Só precisava virar a página…

Nunca trabalhei tanto como nos últimos dias, às vezes sozinho, às vezes com a criança maravilhosa que está mais ansiosa que você para que eu termine minha pesquisa e conclua o livro.

Já não faço mais promessas, mas desta vez vou prometer o seguinte (o mesmo que prometi a Willy quando o levei ao túmulo de Fezzik; André tinha visitado o local anos antes — mais pesquisa para seu *sonage*, ele me dissera): antes que chegue a (aff) edição comemorativa de cinquenta anos, *O bebê de Buttercup* estará em suas mãos.

Espero desde já que goste… E, se não gostar, não me conte…

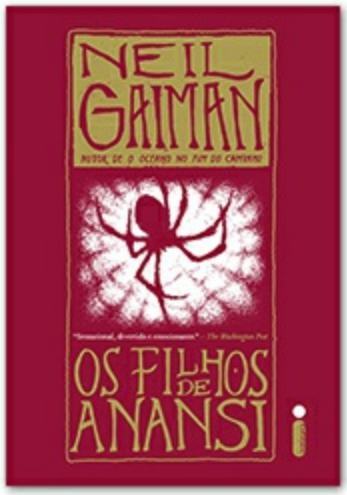
SOBRE O AUTOR



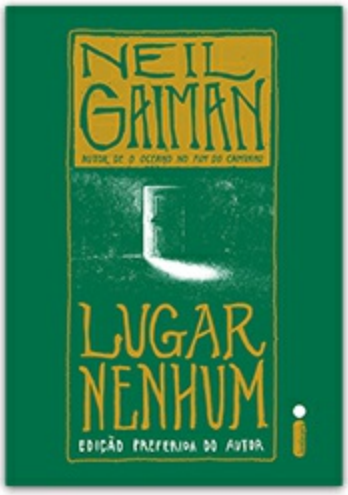
© Terry O'Neill / Iconic Images

WILLIAM GOLDMAN é autor de romances, peças de teatro e roteiros de cinema. Ganhou o Oscar de melhor roteiro original pelo filme *Butch Cassidy*, de 1969, e de melhor roteiro adaptado por *Todos os homens do presidente*, de 1976. Escreveu também o roteiro do filme *A princesa prometida*, de 1988.

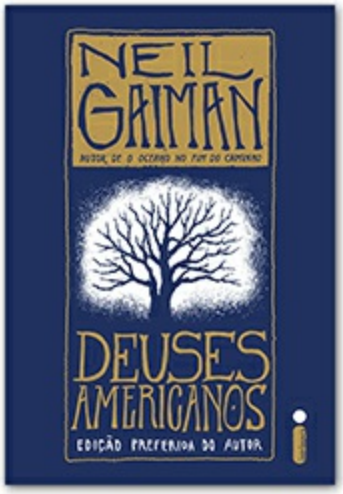
LEIA TAMBÉM



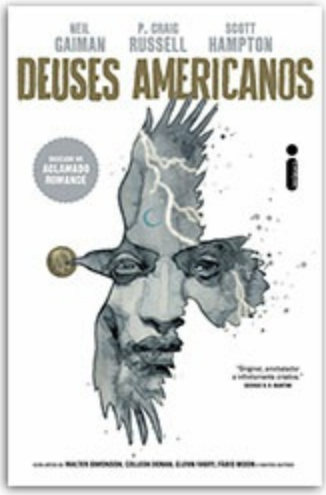
Os filhos de Anansi
Neil Gaiman



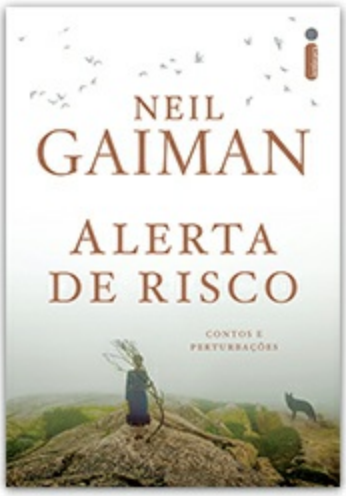
Lugar nenhum
Neil Gaiman



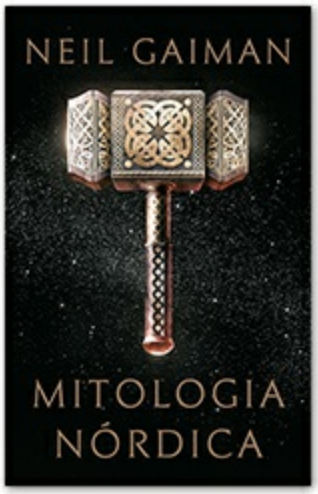
Deuses americanos
Neil Gaiman



Deuses americanos: Sombras
Neil Gaiman



Alerta de risco
Neil Gaiman



Mitologia nórdica
Neil Gaiman